

1 OS QUATRO EVANGELHOS

Revelação da Revelação

J.-B. Roustaing

E V A N G E L H O S

SEGUNDO MATEUS, MARCOS E LUCAS

REUNIDOS E HARMONIZADOS

*

"O Espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são espírito e vida."

João, VI, v. 64.

"A letra mata e o espírito vivifica."

PAULO, II Epíst. aos Coríntios. cap. III v.6.

*

LUCAS, Cap. I, v.1- 4

*

Evangelhos

V. 1. Muitas pessoas tendo empreendido escrever a história das coisas realizadas entre nós, - 2, de acordo com o que nos transmitiram aqueles que, desde o começo, as viram com seus próprios olhos e foram os ministros da palavra, - 3, pareceu-me, excelentíssimo Teófilo, conveniente, depois de me ter informado exatamente de todas essas coisas desde o seu início, narrar-vos toda a série delas, - 4, a fim de que conheçais a verdade acerca do que aquelas pessoas hão dito, o que tudo sabeis.

N. 1. Os evangelistas eram, sem o saberem, médiuns historiadores inspirados mas dentro dos liames da humanidade, guardando, em face da aptidão mediúnica, a independência da natureza que lhes era peculiar.

Assim, escrevendo, recebiam a intuição, que os auxiliava na revelação. E escreviam, ou de acordo com

o que tinham visto, ou com o que lhes fora revelado "por aqueles que - como diz *Lucas* - viram com seus próprios olhos as coisas desde o começo e eram os ministros da palavra".

A intuição lhes vinha da inspiração divina por intermédio de Espíritos superiores, que desempenhavam o papel de ministros de Deus agindo sobre a natureza humana, livre e falível de cada um deles.

O homem precisa compreender que, seja qual for o objetivo que se lhe dê por meta, forçoso é se *humanizem* os meios postos à sua disposição e que, conseguintemente, esses meios se tornam imperfeitos; que nada há de impecável nas obras humanas.

A cada evangelista cabia, no quadro geral, uma parte da narração. Os tradutores e interpretadores freqüentemente falsearam a intenção primitiva. As palavras dos apóstolos passaram de boca em boca durante muito tempo antes que fossem escritas, o que deu lugar, de certo modo, às diferenças que se notam nas narrativas. Levado em conta o que, nas relações mediúnicas, há de humano e, por isso, de molde a embaraçá-las, ter-se-á desvendado o segredo dessas diferenças, aliás pouco importantes em si mesmas. Não podendo deixar de ser assim, os evangelistas, em certos casos que vos serão assinalados, ficaram privados da inspiração, entregues ao próprio critério, nalguns pontos da narrativa oriundos da voz pública e que, ao tempo da nova revelação, da revelação da revelação, teriam que ser explicados e compreendidos.

As divergências apontadas servem exatamente para atestar a autenticidade dos Evangelhos. Se eles tivessem sido falsificados, que não somente pela errônea interpretação dos tradutores, nada mais fácil houvera do que pô-los acordes todos quatro. As divergências, repetimos, pouco importantes de si mesmas,

devem ser consideradas como a característica da veracidade deles.

Visto que em tudo o que é humano há erro, as diferenças, nos Evangelhos, são devidas à condição humana dos narradores, que conservavam a independência da natureza que lhes era particular, ainda quando sob a inspiração que os auxiliava na revelação. Aliás, essas disparidades não atingem absolutamente nem a base, nem os elementos da revelação messiânica, isto é: nem a origem, senão divina no sentido próprio da palavra, ao menos perfeitamente pura e imaculada do Cristo[1]; nem sua missão de devotamento e de amor; nem a doutrina moral que pregou, doutrina que não é sua, mas daquele que o enviara; nem as verdades eternas que ensinou; nem suas predições e promessas; nem o modo, velado pela letra da revelação que o anjo ou Espírito superior fez a Maria e a José, do seu aparecimento e de sua passagem pela Terra; nem sua vida humilde, pura, irrepreensível, quer debaixo do ponto de vista humano, quer debaixo do ponto de vista espiritual; nem os fatos, chamados milagres, operados por ele durante a sua permanência entre os homens; nem sua "morte" infamante; nem o desaparecimento do seu corpo de dentro do sepulcro, não obstante estar selada a pedra que o fechava; nem sua "ressurreição"; nem suas aparições às mulheres e aos discípulos; nem sua volta definitiva à natureza espiritual que lhe era própria, na época denominada da "ascensão".

Sendo assim fiéis, cada uma dentro do seu quadro as narrações se explicam e completam mútuamente, formando o conjunto da obra da revelação messiânica.

---

[1] Ver *infra*, para compreensão do sentido e alcance destas palavras, os ns. 55 e 56, referentes à genealogia espiritual de Jesus e à origem do Espírito.

Não vos agarreis às contradições de palavras, às diferenças de minúcias, todas secundárias, sem valor e que não afetam a obra do Mestre. Olhai com mais amplitude para a tarefa que vos está confiada. Cumpre-vos revelar os mistérios, que darão a conhecer aos homens, *em espírito e verdade, quem* é o *Filho* e os prepararão a saber *quem* é o *Pai.* Tendes que patentear *aos olhos de todos* a verdade tal como precisa ser vista, mas no tocante aos fatos principais, não a respeito de particularidades sem importância alguma.

O tempo corre, vossas horas estão contadas, não as desperdiceis em tardanças inúteis. Ocupai-vos, repetimos, com os fatos graves, que possam alterar a fé, ou que tenham sido adulterados pela tradição. Passai, sem vos deterdes, pelas críticas baseadas em minudências só dignas de prender a atenção das crianças ou de Espíritos pueris, evitando assim entrar em minuciosidades que nada valem.

Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, as palavras ditas pelo Mestre, os atos por ele praticados, as revelações, os acontecimentos, com o que, em tais narrativas, reflete e reproduz, *como havia de suceder,* as impressões, opiniões e interpretações dos homens da época, feitas de acordo com os seus preconceitos, ou com as tradições relativas a essas palavras, atos, revelações e acontecimentos, à natureza e ao caráter que revestiam.

Reuni e concordai os versículos que, em Mateus, Marcos e Lucas, se correspondem, a fim de, submetendo a um só comentário os três primeiros Evangelhos, evitardes as repetições. Os Evangelhos são uma reunião de fatos ocorridos, ligados entre si, sem estarem sujeitos a uma ordem cronológica. Ao comentardes separadamente o de João, ainda para evitar repetições, reportar-vos-eis às explicações neces-

sárias que já tiverdes recebido com relação aos pontos correspondentes nos três primeiros. A este respeito, todavia, seguireis a direção que vos dermos e fareis sob as nossas vistas a classificação.

LUCAS, Cap. I, v. 5-25

Aparição do anjo a Zacarias. - Predição do nascimento de João. - Mudez de Zacarias

V. 5. Havia, sob o reinado de Herodes, rei da Judéia, um sacerdote chamado Zacarias, da turma de Abias [2]; e sua mulher pertencia também à raça de Aarão e se chamava Isabel. 6. Eram justos aos olhos de Deus e obedeciam a todos os mandamentos e ordens do Senhor, de modo irrepreensível. - 7. Não tinham filhos por ser Isabel estéril e estarem ambos avançados em anos. - 8. Ora, desempenhando Zacarias suas funções de sacerdote perante Deus na vez da sua turma[1], - 9, sucedeu que, tirada a sorte, conforme ao que se observava entre os sacerdotes, lhe tocou entrar no santuário do Senhor para oferecer os perfumes, - 10, enquanto a multidão, do lado de fora, orava no momento em que se ofereciam os perfumes. - 11. Um anjo do Senhor apareceu a Zacarias, conservando-se de pé à direita do altar dos perfumes. - 12. Vendo-o, Zacarias ficou todo perturbado e o pavor se apoderou dele. 13. Mas o anjo lhe disse: "Não tenhas medo, Zacarias, porquanto a tua súplica foi ouvida e Isabel, tua esposa, terá um filho ao qual darás o nome de João. - 14. Exultarás com isso de alegria e muitos rejubilarão com o seu nascimento; 15, pois que ele será grande aos olhos do Senhor, não beberá vinho, nem bebida alguma espirituosa, será cheio de um Espírito Santo[3] desde o seio materno; - 16, converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus; - 17, e irá à sua frente, com o Espírito e a virtude de Elias, para atrair os corações dos pais aos filhos e os incrédulos à sabedoria dos justos, a fim de preparar para o Senhor um povo perfeito." - 18. Zacarias disse ao anjo: "Como me certificarei disso, sendo já velho e estando minha mulher em idade avançada?"- 19.O anjo, respondendo, lhe disse: "Sou Gabriel, sempre

---

[2] A oitava das vinte quatro que David sorteara para servirem no templo, cada uma por sua vez.

[3] O qualificativo “santo” não tinha o significado que hoje tem, mas o de elevado, superior, bom.

presente diante de Deus, e fui enviado para te falar e te dar esta boa nova. - 20. Vais ficar mudo e não poderás mais falar até ao dia em que estas coisas acontecerem, por não haveres acreditado nas minhas palavras que a seu tempo se cumprirão." - 21. O povo esperava Zacarias e se admirava de que estivesse demorando tanto no templo. - 22. Mas, quando ele saiu sem poder falar, todos compreenderam que tivera uma visão no santuário, pois que lhes dava a entender isso por sinais, e ficou mudo. - 23. Decorridos os dias do seu ministério sacerdotal, voltou para sua casa. - 24. Tempos depois, Isabel, sua mulher, concebeu; e se ocultou durante cinco meses, dizendo: - 25. "Esta a graça que o Senhor me fez quando se dignou de tirar-me do opróbrio diante dos homens."

N. 2. O nascimento de João, como filho de Isabel, tinha por fim impressionar desde logo o espírito público.

Isabel era estéril, isto é, não havia concebido até então, e tal se dera por ser da sua missão servir aos desígnios do Senhor.

A esterilidade aqui se deve entender no sentido de que Isabel, que ainda não chegara em idade aos limites extremos além dos quais cessa a fecundidade segundo as leis naturais da reprodução em vosso planeta, estivera até aquele momento sem filhos. É o que se verifica pelas palavras do anjo a Maria (v. 36), falando de Isabel: "ela que é chamada estéril..."

De qualquer efeito, na humanidade, se deve procurar a causa nos antecedentes da vossa existência, visto que nenhum ato praticado em encarnação precedente deixa de ter conseqüência. O homem, como sabeis, nasce e morre muitas vezes, antes de chegar ao estado de perfeição no qual gozará, em toda a plenitude, das faculdades espirituais, isto é, em que possuirá a caridade e o amor perfeitos, o conhecimento de Deus e de suas obras, o conhecimento da verdade sem véu na ordem física (material e fluídica) e na

ordem espiritual (moral e intelectual), pela ciência adquirida de tudo o que vive, se move, existe na imensidade da criação. Tal sucede quando o Espírito atingiu a culminância da perfeição, a perfeição sideral, que ainda lhe deixa aberto e por percorrer, do ponto de vista da ciência universal, o caminho do infinito.

Cada uma das existências que se sucedem é solidária com a que a precedeu e, se os atos não foram culposos, muitas vezes o Espírito, aceitando uma missão no vosso planeta, aceita uma série de fatos que se hão de realizar mau grado à repugnância que à sua condição de encarnado devam causar e causem.

Assim que Isabel, fazendo parte do grupo de Espíritos que pediram e obtiveram a missão de auxiliar a Jesus na sua obra regeneradora, aceitara a condição de mulher e mulher estéril (o que era tido por opróbrio entre os JuDeus), a fim de tornar mais ruidoso o nascimento de João. Assim que, igualmente, Zacarias aceitara viver sem filhos.

Porque a libré da carne lhes tenha feito esquecer os compromissos tomados, estes não se tornaram menos reais e haviam de produzir as devidas conseqüências.

Acontece com a fecundidade da mulher o que se dá com a da planta. Os fluidos que transportam o pólen para a flor depositam o gérmen no seio materno; mas, assim como o pólen se perde no espaço se não é chegada a hora da reprodução, também o gérmen humano se aniquila sem produzir frutos.

Não acrediteis haja, para cada planta, para cada ser organizado, um Espírito especialmente incumbido de lhe superintender a reprodução.

Há a ação espírita, mas geral, exercendo-se sobre as massas. Os fluidos que vos cercam são divididos conforme às necessidades, tanto da planta presa ao solo, como do homem que procura elevar-se para o céu. O nascimento de cada novo ser se verifica a seu tempo e só a seu tempo.

Quer com relação à planta, quer com relação aos animais, a formação dos corpos materiais e o nascimento se dão na ocasião precisa e obedecem às leis gerais. Ocorre o mesmo relativamente ao homem, com apenas a diferença de que aí a formação do corpo e o nascimento são conseqüência de resoluções tomadas, antes da encarnação, pelo Espírito, cujo invólucro material terá que reproduzir ou não, ou reproduzir somente em certas épocas, conforme àquelas resoluções.

Como se vos há muitas vezes ensinado e bem o sabeis, o Espírito escolhe suas provações. Não lhe cabe compor a matéria do corpo que há de revestir; mas, de acordo com as provações escolhidas, ele pede, antes da encarnação, que esse corpo seja adequado às provas por que lhe cumpre passar. É, pois, o Espírito quem, pela ação da sua vontade, congrega os elementos necessários e repele os impróprios ao fim visado. Preparam esses elementos os Espíritos prepostos à formação dos corpos materiais em geral. Eles atraem as matérias animais para as condensar e formar os corpos, desempenhando assim, segundo as leis gerais, o encargo que lhes toca na obra humana dos encarnados, a fim de que os ditos corpos sejam apropriados ao gênero de provas que hajam de suportar os Espíritos que, no ato de encarnar, tenham de vesti-los. *Daí as diversas posições no seio da humanidade.*

O Espírito que vai continuar suas provas pede, antes de encarnar, seja a fecundidade material, seja a esterilidade durante todo o tempo da existência, seja ainda a esterilidade ou a fecundidade temporárias,

que cessem em épocas determinadas, de acordo com o gênero das provações escolhidas. Resulta que o Espírito, desde os primeiros momentos da encarnação, atrai ou repele os fluidos favoráveis à procriação. Donde os nascimentos inoportunos, conforme aos desejos, ou a ausência da concepção, mau grado aos desejos do encarnado.

Em tais casos, a influência, a ação espíritas apenas se verificam como resultado do pedido do Espírito, da sua vontade, no momento em que escolheu as provas.

Os Espíritos, prepostos à formação dos corpos materiais em geral, agem, desde o primeiro momento, para dar-se a fecundidade ou a esterilidade, congregando ou dispersando os fluidos necessários à fecundação, até ao instante em que as condições do encarnado devam mudar.

Uma vez disposto e preparado o corpo para o gênero de provas escolhido, quer se trate da esterilidade, quer da fecundidade, antes que o ocupe o Espírito para quem ele se formou, submetidos os fluidos respectivos à direção dos Espíritos prepostos, estes se limitam a exercer a vigilância precisa para que cada provação siga o seu curso, para que os acontecimentos se realizem convenientemente.

Assim, o Espírito que escolheu a prova da esterilidade temporária, tomando o corpo com que a suportará, repele, durante certo tempo, os fluidos que servem à fecundidade e, expirado esse tempo, passa a atrair os mesmos fluidos, sempre sob a vigilância dos Espíritos prepostos.

Refleti agora: Zacarias, marido de Isabel, no uso dos seus direitos, rogara muitas vezes ao Senhor que o libertasse do opróbrio que pesava sobre o seu lar, concedendo-lhe um filho do sexo masculino. Isabel, por seu lado, pedira, dentro das linhas da missão que escolhera e para servir aos desígnios do Senhor, a es-

terilidade temporária. Dai vem que as condições humanas não se mostraram de molde a favorecer à maternidade, até ao momento em que aqueles desígnios se haviam de cumprir.

Aos olhos dos homens, a súplica de Zacarias foi escutada, pois que o nascimento desejado se verificou. Do ponto de vista espírita, porém, o que se deu foi a cessação da prova da esterilidade. Tendo soado a hora da concepção e do nascimento, nasceu João.

Zacarias era, inconscientemente, médium, como bem o compreendeis: - vidente, intuitivo pela consciência que tinha da sua visão, e audiente. Assim se explica que tenha visto o Espírito e lhe haja falado. Foi condenado ao silêncio, não por haver duvidado, porquanto é avisado o homem que se põe em guarda contra o desconhecido, mas para que aquela enfermidade momentânea corroborasse as predições que lhe vinham de ser feitas.

Insistimos nas palavras do anjo a Zacarias a respeito de Elias, palavras essas repetidas e confirmadas mais tarde pela opinião e pela voz públicas. Sim, Elias seria João e João fora Elias.

Os Espíritos do Senhor vestem muitas vezes - visando erguer a humanidade - uma libré que, aos olhos dos homens, é tida por ínfima, de acordo com os seus preconceitos no tocante às condições sociais. É que o devotamento desses Espíritos sabe ser eficaz sob todas as formas.

São raras as manifestações dos grandes Espíritos, por meio de encarnações ou de aparições conformes ao grau de elevação que já atingiram e à natureza espiritual que lhes é própria; mas, há épocas de transição em que elas são necessárias no vosso, como em todos os outros planetas. Muitos destes, mais adiantados do que a terra, existem, onde Espíritos ainda mais elevados vão reavivar as aspirações do belo e do bem, sempre que se enfraquecem.

No futuro, reconhecereis a origem do Espírito pelo seu presente como encarnado: "Mácula alguma se lhe notará na vida; o amor a Deus e ao próximo presidirá a todos os seus atos e dominará todos os seus pensamentos. A infância té-la-á tranqüila, isenta dos maus pendores que geralmente se manifestam nas crianças, e laboriosa a juventude, sobrepujados todos os instintos materiais pelo amor ao trabalho e ao progresso. Na virilidade, será irrepreensível, pois que nenhum abuso, nenhum excesso a conspurcará. Na velhice, ver-se-á respeitado, venerado, adorado, no sentido humano da vossa linguagem. Essa velhice será o reflexo de uma vida sem mancha aos olhos do Senhor. Nele encontrarão indulgência todas as fraquezas; amparo, proteção, auxílio todos os desfalecimentos. Esperará serenamente a libertação pela morte".

Eis aí, ó bem-amados, os sinais que vos farão conhecer que um Espírito superior desceu ao vosso meio para dar novo impulso ao progresso ou ativá-lo.

N. 3. Pretendeu-se, de modo absoluto, que a ciência humana pode, mediante um tratamento humano, por termo à esterilidade.

Não vedes que muitos doentes morrem apesar de tratados pela ciência médica e que outros recobram a saúde? Por que isso? Porque para uns soou a hora, enquanto que os outros têm que prosseguir a sua jornada.

O tratamento que, *para os homens,* fez com que a mulher até então estéril concebesse, não falhou em outros? Por quê? Porque a hora de uma soou, ao passo que a outra deve continuar estéril, ou por toda a vida, ou até que chegue a época e se verifiquem as condições e as circunstâncias de que resulte a cessação da esterilidade.

Não vejais, nestes dois pontos de vista, nenhuma fatalidade; não concebais, sobre os fatos, ne-

nhuma idéia de fatalismo, de predestinação, de escravidão moral. Reportai-vos à escolha da natureza e da duração das provas.

As coisas se passaram do mesmo modo, tanto pelo que toca ao nascimento, como pelo que respeita à morte; tudo é determinado, dentro da harmonia universal, pelas leis imutáveis que regem a natureza.

No que se refere à morte, nada há de fatal senão o natural limite fixado por essas leis como sendo o momento irrevogável do fim humano. Assim, o instante da morte é fatal no sentido de que o livre arbítrio humano não pode prolongar o curso da vida *além* desse limite natural e imutável, estabelecido para sua duração. Mas, o livre arbítrio do homem pode deter o curso da sua própria vida em certo ponto - entre o nascimento e aquele limite natural e imutável, que só raramente é atingido. As resoluções espíritas, isto é, as resoluções que o Espírito tomou antes de encarnar, quanto ao gênero das provações, à extensão e ao termo delas, quanto à duração da existência e quanto aos atos que praticará durante a encarnação, assim como o emprego, o uso ou o abuso que ele faz da vida terrena, quase sempre o impedem de atingir esse limite. Dentro da latitude que lhe é concedida, pode o Espírito mover-se à vontade; e da maneira por que usa do seu livre arbítrio, quer antes da encarnação ao fazer a escolha das provas, quer no decurso da existência terrestre, depende o soar para ele, ao fim de determinado tempo, a hora da morte, sob o império das leis naturais que regem a vida humana.

Portanto, para o doente, que morre mau grado ao tratamento médico, o momento chegou, ou porque tenha atingido o limite natural e imutável estabelecido para a duração do homem, ou porque tenha atingido o limite restrito que ele próprio, usando do seu livre arbítrio, traçou, seja ao tomar as suas resoluções antes de encarnar,seja na utilização que fez

da existência terrena, isto é, pelos atos que praticou durante a encarnação, ou pelo não preenchimento das condições necessárias ao prolongamento da vida do corpo até ao termo das suas provações[4].

No tocante ao nascimento, nada há de fatal senão tempo e as condições determinadas para que ele se dê segundo as leis naturais e imutáveis que regulam a reprodução em vosso planeta. Mas o livre arbítrio do homem ou da mulher, pelas resoluções assentadas antes da encarnação, pode obstar ao nascimento em absoluto, ou temporariamente: em absoluto, subtraindo-se à aplicação da lei de reprodução pela escolha da prova de esterilidade persistente durante a vida toda; temporariamente, escapando ao influxo dessa lei durante um lapso de tempo determinado, pelas resoluções anteriores à encarnação, caso este em que a cessação da esterilidade ficará dependendo de atos ou circunstâncias, que se hão de verificar como conseqüência daquelas resoluções.

De modo que, quando uma mulher até então estéril se tornou, no *pensar dos homens,* capaz de conceber por efeito do tratamento da ciência, o que se deu foi que se verificaram os atos ou circunstâncias que haviam de fazer cessar a sua condição de estéril, de acordo com as resoluções que seu Espírito tomara antes da encarnação, objetivando passar pela prova da esterilidade temporária.

Com relação àquela em quem o tratamento da ciência nenhum resultado produziu, o que se deu foi que o momento não chegou, ou porque a esterilidade deva ser uma condição de toda a sua existência terrena, conformemente às deliberações tomadas pelo

[4] Tudo o que se refere ao instante da morte está tratado nos comentários feitos ao Quinto Mandamento e o que acaba de ser dito não se deve separar desses comentários.

seu Espírito antes de encarnar; ou porque, devendo ter uma duração limitada a esterilidade, não se verificaram os atos ou circunstâncias, que, ainda como conseqüência de tais deliberações, lhe haviam de ocasionar a cessação.

A ciência de que dispõe a vossa humanidade material nada pode produzir *contrariamente* às leis da natureza, às leis da encarnação, da escolha e duração das provas. Se o Espírito se submeteu, por provação, a uma esterilidade permanente, *nada* será capaz de destruí-la. Se, porém, preferiu a alternativa: ou ficar estéril, ou tornar-se fecundo, conforme a tal ou tal circunstância, a tal ou tal merecimento, ser-lhe-á dado ver modificar-se o seu futuro humano. Figuremos um exemplo: certo Espírito negligenciou dos seus deveres de chefe de família ou de mãe dedicada. Toma a firme resolução de reparar seus erros, mas não ousa entrar na esfera da família antes de estar seguro de que terá a perseverança necessária, ou se condena a uma longa espera, que lhe torne ainda mais caro o nascimento do filho desejado. Dele, portanto, da sua resolução, dos seus progressos, dependerá enveredar pelo caminho da constituição do lar. Só então lhe será possível empregar os meios capazes de determinarem a satisfação dos seus desejos.

Então e só então poderá a ciência auxiliá-lo na consecução de seu objetivo, uma vez que, conformes às determinações que tomou antes de encarnar, seus atos, ou uma circunstância, um acidente estranho, na aparência, à sua vontade, o colocam na situação propícia à cessação da esterilidade. Assim, em certos casos, o auxílio da ciência será eficaz, no sentido de que concorrerá para facilitar, no encarnado, o desenvolvimento dos fluidos necessários à reprodução.

Mas, o certo é que, em tais casos, a esterilidade cessaria sem a intervenção da ciência. De sorte que os casos nos quais a esterilidade haja de cessar cons-

tituem para a ciência, cujo auxílio não é de modo algum indispensável, apenas motivo de estudo dos meios a empregar com o fim de desenvolver os fluidos necessários à concepção.

Não há como inferir dai que se deva renunciar às pesquisas da ciência, não. Ela é um dos meios de realização dos desígnios providenciais. À ciência, pelas suas investigações, compete levar o homem à descoberta de tudo quanto até hoje se considerou como segredo da natureza, como mistério. Assim é que muitos encarnados se apresentam, na marcha do tempo e do progresso, *sujeitos a provações* que confirmam os resultados obtidos, as conquistas feitas.

Compreendei bem o nosso pensamento quanto ao mistério da fecundação humana. Esse mistério será um dia explicado; mas, só a poder de provações, de estudos, de perseverança chegará o homem a ler correntemente no livro misterioso. Ora, é exatamente para facilitar as indagações, animar os investigadores, que muitos Espíritos encarnam, trazendo por missão servir de objeto de estudos, ou de experimentações, se o preferis. Daí vem que alguns resultados imprevistos, encorajando o homem a tentar pesquisas mais profundas, o levarão, seguindo a marcha progressiva do vosso planeta e da sua humanidade no caminho da purificação, a compreender as combinações fluídicas que formam a matéria. E, novo Prometeu, ele saberá materializar os fluidos; porém, mais prudente e humilde, não procurará animá-los, deixando ao Criador o cuidado de lhes enviar a centelha vivificadora. Não vos equivoqueis sobre o sentido destas palavras. Não se vos diz que o homem, como o oleiro que manipula a argila para fazer uma imagem que se lhe assemelhe, manejará os fluidos para, à sua vontade, os condensar e formar corpos materiais idênticos aos vossos. Diz-se apenas que saberá compreender, definir, atrair a si os fluidos, para atingir

esse resultado da formação dos corpos, conforme sucede em planetas mais adiantados do que o vosso, onde os fluidos necessários são atraídos uns para os outros pela só ação de um duplo e uniforme pensamento. O mesmo sucederá no planeta terreno, quando houver alcançado esse grau de elevação.

N. 4. Quais o sentido e o alcance destas palavras que haveis ditado mediunicamente, falando da dúvida de Zacarias: "porquanto é avisado o homem que se põe em guarda contra o desconhecido?"

É de bom aviso não abraçar cegamente qualquer idéia nova, não acolher como boas todas as máximas pregadas com mais ou menos eloqüência. Deve-se sempre sondar cada fato, cada idéia. Deve-se procurar ver tudo, não com os olhos do corpo, mas com os da inteligência; escutar, não com os ouvidos materiais, mas com os da alma. O homem deve raciocinar, estudar, apreender bem todas as coisas. Eis por que dissemos que não foi por haver duvidado que Zacarias ficou mudo.

Que pedia ele? Uma prova de que a aparição não era um erro, uma alucinação do seu Espírito. Recebeu, pois, uma prova e não um castigo. Poderá o Senhor considerar crime a ignorância do homem?

N.5. Tendo-se em vista estas palavras de Zacarias (v. 18): "De que modo me certificarei disso, sendo eu já velho e estando minha mulher em idade avançada?", como devem ser entendidas, na resposta do anjo ou Espírito enviado (v. 19 e 20), estes dizeres: "por não haveres acreditado nas minhas palavras, que a seu tempo se cumprirão?"

Zacarias pedia, já o dissemos, simplesmente uma prova, sem prevenções de dúvida ou de negação. Pedir uma prova era não querer acreditar, unicamente pelas

palavras ouvidas, que o fato ocorresse como lhe fora dito.

N.6. Considerando esta frase: "Insista-mos nas palavras do anjo ou Espírito que se manifestou a Zacarias, a respeito de Elias, palavras repetidas e confirmadas mais tarde pela opinião e pela voz públicas: "Sim, Elias seria João e João fora Elias".

1º Que se deve entender por isto: "palavras repetidas e confirmadas mais tarde pela opinião e pela voz públicas"?

João era tido geralmente pelos JuDeus como sendo o profeta Elias que voltara. Precisamente porque a opinião geral via em João o reaparecimento de Elias, é que tantas interpelações lhe foram dirigidas sobre esse ponto no curso de sua missão, repetindo mais tarde os discípulos a Jesus o que, a tal respeito, diziam os fariseus.

2º Tendo-se em vista estas palavras: "Sim, Elias seria João e João fora Elias", será lícito dizer-se que as do v. 17: "Ele irá à sua frente com o espírito e a virtude de Elias", tinham por sentido oculto e único verdadeiro, no pensamento e na linguagem do anjo, indicar que o Espírito do profeta Elias viria reencarnar no corpo daquele menino que ia nascer de Isabel e de Zacarias?

Sim, certamente.

Que esse sentido oculto só mais tarde seria explicado pela revelação espírita, destinada a explicar *em espírito e em verdade* a lei natural da reencarnação em seu princípio e suas conseqüências?

Sim; mas esse *sentido oculto* fora entrevisto desde a origem.

Nº 7. Na frase: "Os Espíritos do Senhor vestem muitas vezes - visando erguer a humanidade - uma libré que, aos olhos dos homens, é tida por ínfima, de acordo com seus preconceitos no tocante às condições sociais. É que o devotamento desses Espíritos

sabe ser eficaz sob todas as formas", que sentido se deve atribuir a estas palavras: "Uma libré que, aos olhos dos homens, é tida por ínfima, de acordo com seus preconceitos no tocante às condições sociais"?

Falávamos de João. Notai a condição humílima de Jesus, do *ponto de vista do vosso mundo.* Que categoria social ocupava ele? Qual a que ocupavam os apóstolos, os discípulos zelosos e fiéis do Mestre? - Homens, não observais ainda agora, nas classes mais abjetas *segundo o vosso ponto de vista,* exemplos de abnegação, de nobreza d'alma que o vosso orgulho não desejara ver senão nas classes elevadas da sociedade, no seio das quais, entretanto, é que geralmente, para vergonha delas, menos se produzem esses exemplos?

Nº 8. Qual o sentido destas palavras (v. 15): "Ele não beberá vinho, nem bebida alguma espirituosa?"

Os homens consagrados ao serviço de Deus se obrigavam a uma existência especial. Entre os compromissos que assumiam estava o da abstenção das bebidas espirituosas ou fermentadas. Os Hebreus ofereciam muitas vezes um filho ao Senhor, sobretudo se o tinham desejado durante largo tempo e se se tratava do primogênito, como, entre vós, muitas mães oferecem seus filhos à Virgem.

E o destas palavras (v. 15): "será cheio de um Espírito Santo desde o seio materno?"

As vozes de além-túmulo vos hão revelado, ensinado, a vós espíritas, quais as angústias por que passa o Espírito que vai encarnar de novo para suportar as provações que lhe são necessárias, quais as suas inquietações sobre o resultado dessas novas provas, qual a perturbação que isso lhe causa, perturbação que aumenta de contínuo até ao instante do nascimento

e que vai mais longe, ainda que enfraquecendo durante o primeiro período da infância material.

Vós o sabeis: o Espírito, depois de haver expiado, na erraticidade, as faltas ou crimes cometidos, experimentando sofrimentos ou torturas morais adequados e proporcionados a esses crimes e faltas, entra na fase da reparação. Escolhe então as provações que julga mais apropriadas ao seu adiantamento; mas, essas provações se lhe afiguram sempre terríveis. Tão fraco se sente, examinando o passado, que duvida de suas forças no futuro. Começa aí a perturbação, o estado de ansiedade, a princípio bem nítido, mas que depois perde em nitidez o que ganha em intensidade, à medida que no seio materno se forma o invólucro que lhe cumpre revestir e ao qual ele se acha ligado, desde o início da concepção, por um laço fluídico, uma espécie de cordão, que gradualmente se encurta, aproximando-o cada vez mais do seu cárcere. Operado o nascimento, completa é a ligação entre o Espírito e o corpo, do qual não mais pode aquele separar-se. Principiam as suas provações. Sofre logo o efeito da perturbação, que, entretanto, muda de caráter. Já não é a angústia dos primeiros momentos, é o torpor produzido pela matéria, até que, desenvolvendo-se esta, lhe seja a ele possível adquirir, pouco a pouco, relativa liberdade.

Não suponhais, porém, que o mesmo ocorra com um Espírito elevado, que toma a veste carnal como se vestira um uniforme dentro do qual se achasse bem aparelhado para prestar bons serviços à pátria.

Esse é com alegria que recebe os amplexos da carne e mesmo no seio materno, enquanto não se apertaram inteiramente os laços que o prendem ao corpo, ele, livre, aprecia a importância da obra de que foi incumbido, a extensão da confiança de que o Senhor por essa forma lhe dá prova e daí tira motivo

de grande júbilo! Não lhe sucede ficar desde a concepção submetido totalmente ao jugo da carne; conserva uma tal ou qual independência. Sem sofrer as angústias que precedem a encarnação, experimenta apenas o entorpecimento que a matéria causa por ocasião do nascimento, quando o corpo constringe por completo o Espírito, e que se prolonga até que, com o desenvolvimento gradual da matéria, aquele readquire relativa liberdade. João *era cheio de um Espírito Santo desde o seio materno*, porque, sendo o seu um Espírito muito elevado, *atraía a si os que lhe eram iguais ou superiores, para assistí-lo.*

Nº 9, Que se deve entender por "Espirito Santo"?

Segundo o modo de ver dos tempos hebraicos e dos tempos evangélicos, *durante a missão de Jesus na terra,* essa locução *Espírito Santo* era uma expressão familiar aos Hebreus, significando a manifestação mesma de Deus por um ato qualquer e a inspiração divina - "o sopro do próprio Deus".

Para exprimir que um homem era como que inspirado por Deus, dizia-se que ele estava *cheio de Espírito Santo,* que um *Espírito Santo estava nele,* que era impelido pelo *Espírito,* que obrava *"por um movimento do Espírito de Deus".*

Semelhante expressão foi empregada com relação a Jesus. Era própria da época em que os homens não compreendiam que aquele que supunham um homem igual aos demais, de cuja origem, essência e natureza nada sabiam, pudesse libertar-se tanto da fraqueza humana, *sem estar cheio de Espírito Santo,* sem que um Espírito Santo *estivesse nele, sem ser impelido pelo Espírito,* isto é, sem ser inspirado por Deus *do mesmo modo* que os profetas.

Segundo a maneira de ver dos tempos posteriores à missão de Jesus na terra e segundo a opinião católica, o *Espírito Santo* era uma parte individualizada do próprio Deus. Uma fração de Deus, inteligência suprema

que reina sobre todas as massas, revestira a forma humana para descer visivelmente ao meio dos humanos, sendo uma outra fração a inteligência, a inspiração divinas, que se transmitiam aos homens para os inspirar, capaz, se necessário fosse, de tomar uma forma material a fim de se lhes tornar visível.

No âmago dessas interpretações falsas havia uma mistura de idéias hebraicas, de idéias politeístas, acidentalmente panteístas, e de uma reminiscência confusa de idéias espíritas, alguns de cujos traços a tradição conservara e das quais a imaginação do homem se apropriou, adaptando-as às suas necessidades.

Do ponto de vista espírita e conforme à verdade que a nova revelação vem pôr em foco aos olhos de todos, o Espírito Santo, de modo geral, não era e não é um Espírito especial; mas, uma designação figurada, que indicava e indica o conjunto dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos.

É a falange sagrada, instrumento, na ordem hierárquica da elevação moral e intelectual, e ministra de Deus, uno, indivisível, eterno, infinito, que irradia por toda parte sem jamais se fracionar e cujas inspirações e vontades só os Espíritos puros recebem diretamente, para as transmitir aos Espíritos superiores, e, por meio destes, aos bons espíritos, que, através da escala espírita, as fazem chegar até vós.

É a falange sagrada que promove a execução e executa, de acordo com as leis gerais estabelecidas, imutáveis e eternas, as inspirações e a vontade de Deus nos planos físicos, intelectual e moral, objetivando a organização, o funcionamento e a realização da vida e da harmonia universais, do universal progresso, na imensidade dos mundos mais ou menos materiais, mais ou menos fluídicos, de todos os

universos; na infinidade dos Espíritos, quer errantes, quer fluídica ou materialmente encarnados, quer fluidicamente incorporados e investidos do livre arbítrio; na multiplicidade de todos os seres, em todos os remos da natureza.

É a falange sagrada, verdadeira providência divina, executora, pelas vias hierárquicas de elevação moral e intelectual, na imensidade, nos mundos espíritas e em todos os planetas, inferiores e superiores, da justiça, da bondade e da misericórdia infinita de Deus, pai de todos e de tudo o que existe.

Assim, estar *cheio do Espírito Santo, ter em si um Espírito Santo,* ser *impelido pelo Espírito,* obrar *por um movimento do Espírito de Deus,* era e é ser assistido, inspirado, guiado pelos Espíritos do Senhor, Espíritos estes que o encarnado atrai a si, na conformidade da sua elevação moral e intelectual, conforme à natureza e à importância da missão ou da obra que lhe cumpre executar.

Espírito perfeito, puro entre os mais puros que presidem, sob a sua direção, aos destinos, ao desenvolvimento e ao progresso do vosso planeta e da sua humanidade, encaminhando-os, Jesus, cuja pureza, cuja perfeição se perdem na noite da eternidade, Espírito protetor e governador do vosso mundo, vosso e nosso Mestre, obrava, não sob influencia *estranha,* mas por si mesmo. Poder-se-ia, pois, dizer que era *"impelido pelo Espírito"* no sentido de que, permitindo-lhe a sua elevação e a sua pureza aproximar-se do centro da onipotência, ele recebia diretamente as inspirações divinas.

Nº 10. A aparição do anjo a Zacarias (v. 11) se produziu tal como os Hebreus a figuravam, sob forma humana?

Sim, os Hebreus representavam os anjos vestidos de branco, com o semblante nimbado de raios lu-

minosos, cujo foco não percebiam e, por vezes, lhes punham asas para que o povo compreendesse que podiam percorrer o espaço.

Quanto às aparições que se tem dado em outras épocas e no seio de outros povos, todas se produziram sempre nas mesmas condições, isto é, o Espírito tomou sempre a aparência mais apropriada a ferir a imaginação do homem, ou a lhe lembrar aquela que ele desejara ter diante da vista.

Nº 11. Qual o sentido destas palavras do anjo, falando de si mesmo(v. 19): "Sou Gabriel, sempre presente diante de Deus"?

Não se deve concluir destas palavras que esse Espírito estivesse continuamente diante de Deus, como um ministro humano que aguarda as ordens de seu monarca. Sendo um Espírito elevado, um dos mensageiros do Senhor, estava, por isso mesmo, em relações contínuas com ele. A inspiração divina lhe vinha como a do vosso anjo de guarda vos chega, levada em conta a diferença das naturezas espirituais e das relações que delas decorrem.

N. 12. Por que meios se operou a mudez de Zacarias?

Pela ação fluídica resultante da vontade do anjo. Conforme vos explicaremos mais tarde, assim como há um magnetismo humano, também há um magnetismo espiritual. Por efeito da ação espírita; a língua de Zacarias foi carregada de fluidos, que a tornaram pesada, determinando uma espécie de paralisia aparente, da mesma forma que, quando o magnetizador quer imobilizar um dos membros do magnetizando, o torna extremamente pesado. O magnetismo, ainda muito imperfeito entre vós outros, é um derivado da nossa natureza. Vossos fluidos atuam

mais ou menos, conforme se acham menos ou mais comprimidos ou desnaturados pela carne.

No Espírito, os fluidos são livres e vos influenciam mais ou menos conforme à vossa matéria, do mesmo modo que a influência do magnetizador se faz sentir mais ou menos, conforme o magnetizando é mais ou menos impressionável, mais ou menos lúcido.

Esta explicação deve bastar para todos os casos da categoria dos milagres. Toca-vos tirar dela o partido conveniente.

Nº 13. Em face do v. 25: Porque se ocultou Isabel durante cinco meses após a concepção (v. 24), desde que, cessando a sua esterilidade, desaparecera o opróbrio que sobre ela pesava, segundo os preconceitos hebraicos?

Por ato de humildade, a fim de prolongar voluntariamente o opróbrio em que vivia.

LUCAS: Cap. I, v. 26-38

Anunciação

V. 26. Estando Isabel no seu sexto mês de grávida, o anjo Gabriel *foi* enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré, - 27, a uma virgem, noiva de um varão chamado José, da casa de David, e essa virgem se chamava Maria. - 28. O anjo, aproximando-se dela, disse-lhe: "Eu te saúdo, ó cheia de graça; o Senhor está contigo; és bendita entre as mulheres", - 29. Ela, porém, ouvindo-o, se turbou do seu falar e consigo mesma pensava no que significaria aquela saudação. - 30. O anjo lhe disse: "Nada temas, Maria; porquanto caíste em graça perante Deus. - 31. É assim que conceberás em teu seio e que de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesus. - 32. Ele será grande e será chamado o filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de David, seu pai, e ele reinará eternamente sobre a casa de Jacob. - 33. E seu reino não terá fim." - 34. Então disse Maria ao anjo: "Como sucederá isso, se não conheço varão?" - 35.0 anjo respondeu: "O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, e por isso o santo que nascerá de ti[5] será chamado Filho de Deus. - 36. E eis que tua parenta Isabel concebeu na velhice um filho e está no Sexto mês de gravidez, ela que é *chamada* estéril. - 37. É que nada será impossível a Deus". - 38. Então Maria disse: "Aqui está a serva do Senhor, faça-se em mim conforme às tuas palavras". E o anjo se afastou dela.

Nº 14. O homem, desde que habita a terra, não tem ouvido em todos os tempos a mesma linguagem. Em cada época de transição só lhe é dito e dado aquilo que ele pode suportar. A humanidade precisa ser preparada para o que lhe cumpre saber. A cada idade sua necessário é que se lhe fale a linguagem

---

5 O original grego diz: "...que nascerá será..."- *(Nota da Editora).*

conveniente, a fim de que ela compreenda e atenda.

Homens, não esqueçais que éreis criancinhas quando Jesus desceu à terra para vos traçar os caminhos da regeneração e lançar-lhe as bases e que agora quase que ainda o sois.

Curvai-vos diante da sabedoria infinita que preside ao vosso progresso e o dirige por intermédio do Cristo, vosso Mestre, protetor e governador do vosso planeta e da sua humanidade, dando-vos pouco a pouco a luz e a verdade, conduzindo-vos gradualmente, através dos séculos, para a perfeição.

O aparecimento de Jesus, segundo o anjo o anunciou a Maria, depois a José, por efeito de uma concepção e de um nascimento que os homens trataram de sobrenaturais, miraculosos, divinos, *como obra do Espírito Santo,* isto é, por um ato do próprio Deus, pois que o Espírito Santo era, *para os JuDeus,* já o sabeis, a inteligência divina manifestando-se por um ato qualquer, *tinha* que permanecer e *permaneceu* secreto durante todo o tempo da sua missão terrena.

Maria confiou a revelação aos discípulos preferidos de Jesus. Preferidos quer dizer que o seguiam mais assiduamente e com a virtude dos quais sabia ele poder contar. Dóceis às inspirações de seus guias, esses discípulos compreenderam que, divulgada, semelhante revelação acarretaria, *da parte dos homens,* a descrença na pureza de Maria e na origem de *seu filho.*

Esperaram, para espalhá-la no seio das multidões, que, com o desempenho completo da missão terrena de Jesus, o tempo houvesse amadurecido os frutos.

Assim que, só depois do sacrifício do Gólgota, do reaparecimento do Mestre, reaparecimento a que se deu o nome de "ressurreição", do seu regresso à vida espírita, fato que se chamou a "ascensão", se radicou

a crença na divindade que lhe atribuíram.

Nesses últimos tempos seus discípulos prestaram fé a essa divindade, interpretando, ao pé *da letra,* as palavras - *meu pai* - de que usava Jesus ao referir-se a Deus e achando que só uma tal origem e a sua vida sem mácula explicavam os fatos surpreendentes chamados *milagres,* que lhes feriam, de continuo, os sentidos materiais.

Durante a sua missão terrena, Jesus, *e assim devia suceder,* foi tido, pelos homens, como fruto da concepção humana, como um homem igual aos outros, tendo Maria por mãe e por pai José. *Para seus discípulos e para a multidão que* o *acompanhava,* era um profeta revestido da libré material humana, qual os profetas da lei antiga. Para os príncipes dos sacerdotes, para os escribas, os fariseus e seus adeptos, era um impostor, por isso que, segundo eles, declarando-se "o filho de Deus", Jesus se atribuía a si mesmo a divindade, se fazia passar pelo próprio Deus.

Maria tinha que ser e foi, *aos olhos de todos,* a mãe de Jesus: primeiro, porque o consideraram um homem como outro qualquer, de acordo com as leis materiais da concepção e do nascimento humanos, da reprodução no vosso planeta; em seguida, porque o consideraram como Deus encarnado no seio de uma virgem, mediante uma concepção, uma gravidez e, por conseguinte, um nascimento, que eram obras do Espírito Santo.

Compreendei bem a necessidade, que havia então, de, primeiramente, se materializarem todos os fatos, a fim de os tornar acessíveis à matéria; de, depois, desempenhada a missão terrena de Jesus, idealizar-se a matéria, dando-se-lhe uma origem divina, a fim de que os homens se curvassem ao jugo e a fim de que, graças à divindade atribuída ao Cristo, sua missão fosse aceita e suas leis obedecidas.

Jesus, *como Espírito,* não teria sido compreendido, suas dores morais, sua abnegação não teriam sido apreciadas. Para que o homem compreendesse o sofrimento, preciso era que o sofrimento fosse físico. A carne tinha necessidade de um sacrifício de carne. Àqueles que vertiam o sangue dos touros e dos cordeiros era preciso que se apresentasse um sacrifício de carne e sangue. Eles jamais compreenderiam o devotamento sem limites do *Espírito luminoso* descido à terra para lhes trazer o exemplo da vida preparatória da eternidade.

O homem é orgulhoso; a descida de um Espírito do Senhor à terra não lhe teria bastado; era-lhe mister um Deus.

Não esqueçais que os JuDeus se achavam em contacto direto com os Romanos; que as idéias e costumes dos conquistadores se infiltram sempre nos da nação conquistada. Assim, as idéias politeístas vieram a encontrar-se em face do monoteísmo. A vida e os atos de Jesus durante a sua missão terrena; sua "morte" e sua "ressurreição"; os fatos que se seguiram; a interpretação humana dada "às suas palavras"; a divulgação feita pelos discípulos, uma vez terminada essa missão, do que o anjo ou Espírito anunciara a Maria, depois a José, acerca daquela concepção, daquela gravidez, *obras do Espírito Santo* no seio de uma virgem e como tal consideradas "sobrenaturais", "miraculosas", "divinas", criaram para os JuDeus a necessidade de multiplicarem a divindade, tentando manter a unidade na pluralidade. Dai o que os homens chamaram o dogma das três pessoas.

O materialismo, como hoje, esmagava o mundo com o seu peso carnal e o mundo perecia, porquanto toda a carne apodrece. Cumpria erguer o Espírito e dar-lhe a força de lutar contra a matéria. Para se conseguir isso, era indispensável que o mundo tivesse an-

te os olhos um exemplo imaterial, imaterial sob o ponto de vista da divindade atribuída ao Cristo, não durando a sua materialidade, para os homens, mais do que um tempo muito restrito e não passando de um meio de comunicação.

Na apresentação deste exemplo em vosso mundo é que está, segundo as vistas humanas, o *milagre,* por isso que, *aos olhos dos homem,* ela importou numa derrogação das leis estabelecidas.

Não há aí, entretanto, "milagre" algum. A vontade imutável de Deus jamais derroga as leis naturais por ele promulgadas desde toda a eternidade.

Como vereis pela explicação que dentro em pouco vos daremos, na medida do que a vossa inteligência obscurecida pela carne pode receber e comportar, o que houve foi aplicação das leis que regem os mundos superiores e adaptação dessas leis aos vossos fluidos, no planeta em que habitais.

Maria era um Espírito muito puro, Espírito superior, que descera à terra com a missão sagrada de cooperar no preparo da regeneração humana.

Em comunhão espiritual com os Espíritos do Senhor, mas submetida à lei da encarnação material humana tal qual a sofreis, médium inconsciente, ela recebeu, como médium vidente, audiente e intuitivo, no sentido de ter consciência do ser que se lhe apresentava, a predição que lhe era feita.

Sua inteligência, entorpecida pelo invólucro material, não se achava em estado de lembrar-se. É o que explica tenha feito sentir ao anjo, ou Espírito, a impossibilidade de conceber durante a virgindade. Cumpria que, tanto quanto os homens, a Virgem desconhecesse a *origem espírita* do filho que se lhe anunciava. A explicação que daremos da concepção, da gravidez e, consegüintemente, do parto de Maria,

como obra do Espírito Santo, vos fará compreender que, não devendo conhecer aquela origem, ela de fato não a tenha conhecido e haja acreditado na sua maternidade.

Os JuDeus, de acordo com as suas tradições e com as interpretações dadas ao Antigo Testamento, criam que o *próprio* Deus se comunicava diretamente com os homens; que o *Espírito Santo* era a inteligência mesma de Deus manifestando-se por um ato qualquer. Isso explica a resposta do anjo ou Espírito ao anunciar a Maria, depois a José, a concepção no seio de uma virgem, a gravidez e o parto - como obras do Espírito Santo. A resposta era adequada, segundo as vontades do Senhor, ao estado das inteligências, de modo a poder ser compreendida e escutada, apropriada às necessidades da época, tendo-se em vista os acontecimentos que iam *ocorrer,* preparando a humanidade para o que teria de saber *mais tarde,* mediante uma nova revelação, quando fossem chegados os tempos em que a pudesse suportar.

Para homens que esperavam um chefe temporal capaz de lhes reanimar a nacionalidade, de lhes reavivar as glórias e de os constituir em povo livre, preciso era um chefe que, afastando-se do programa humano, os fizesse compreender não ser deste mundo o seu reino. Tinham necessidade de oferecer um sacrifício ao Deus terrível que, segundo eles, se deleitava com o fumo dos holocaustos. E, para que o sacrifício fosse bastante grande, aqueles a quem era defeso sacrificar homens a Deus, sacrificaram Deus *a si mesmo.* O valor do homem precisava ser realçado; seus deveres tinham que lhe parecer maiores. Depois de haver tido Jesus, durante todo o tempo da sua missão, na conta de um homem igual aos outros, de um profeta revestido da libré material humana, como os profetas da antiga lei, os homens não o tomaram pelo próprio Deus senão após o sacrifício do Gólgota, à

vista desse sacrifício, senão após o seu reaparecimento conhecido pelo nome de "ressurreição", senão em presença e por efeito dos atos que ele praticara e aos quais os mesmos homens deram o nome de "milagres", senão quando se divulgou a revelação que o anjo fizera a Maria e a José.

Dar-lhes a conhecer os segredos de além-túmulo fora atraí-los para um terreno perigoso. Não estavam ainda bastante fortes para se preservarem do perigo das relações com o mundo invisível, para receberem e aceitarem a revelação da lei natural da reencarnação, com seus princípios e suas conseqüências. Por tanto tempo tinham tremido sob o bastão de ferro de Moisés, que o Deus paternal e sempre pronto a lhes perdoar houvera inspirado uma confiança tal, que nenhum esforço tentariam. O redentor *Espírito* não lhes teria falado aos sentidos. Materiais, eles precisavam da matéria, mas de matéria *idealizada,* que os pudesse preparar para a compreensão da vida espiritual e, assim, para serem mais tarde conduzidos, pouco a pouco, à vida espírita.

O tempo, cerca de vinte séculos, e as reencarnações sucessivas, trazendo consigo a expiação, a reparação, o progresso, vos prepararam para a compreensão da vida espiritual; deveis achar-vos agora preparados e sereis conduzidos pouco a pouco à vida espírita.

À matéria - a *letra;* à *inteligência* - o *espírito.*

São chegados os tempos de se vos revelar a origem espírita de Jesus. A *letra,* já tendo produzido seus frutos, agora *mata.* Soou a hora do *espírito que vivifica.*

O aparecimento de Jesus entre os homens não foi um fato aberrante das leis da natureza. Escrutai essas leis, sondai-as com o sentimento de humildade que deve dominar a criatura em face do seu Criador. A

rota está traçada, avançai; nós vos ajudaremos.

Há, como sabeis, mundos inferiores e mundos superiores; mundos materiais e mundos fluídicos.

Quanto mais o Espírito se depura, tanto mais se afasta dos instintos materiais. Quanto mais perto se encontra das encarnações primitivas, tanto mais se entrega às necessidades que o aproximam do animal. O mesmo se dá com todas as necessidades da existência material, que se diversificam e mesmo desaparecem à medida que o Espírito se purifica.

À proporção que sobe na escala dos mundos, mais as necessidades da carne e, por conseguinte, os meios de reprodução se depuram e espiritualizam. A união da matéria com a matéria para formar a matéria é uma das condições inerentes à vossa inferioridade e só existe nos mundos materiais, em cujo número ainda se conta o vosso.

Nos mundos superiores, fluídicos, suficientemente elevados, a *vontade* constitui a base da lei de reprodução. A vontade é que a provoca, operando, sob a ação magnética, a reunião dos fluidos adequados, no seio da família onde a aludida vontade se manifesta.

Em tais mundos, o Espírito surge por encarnação fluídica, ou, melhor: por incorporação. Ao chegar ao planeta, encontra os fluidos necessários a essa incorporação e, por si mesmo, a executa, com o auxílio daqueles fluidos, na família destinada a *tutelá-lo.* A vontade ou o desejo dos pais o chama e essa mesma vontade exerce atração sobre os fluidos constitutivos da incorporação, os quais, associando-se-lhe ao perispírito e sendo por este assimilados, compõem, *conforme ao planeta,* um corpo *relativamente* semelhante ao vosso.

Os laços que ligam os pais aos filhos são mais fortes do que entre vós e não são suscetíveis, como no vosso mundo, de se desfazerem ou afrouxarem, por isso que pais e filhos compreendem toda a extensão deles.

Lá nesses mundos elevados não há macho e fêmea no sentido que dais a estas expressões. Os instintos experimentam algumas variações, mas nada têm de comum com os vossos sentidos materiais. É difícil e mesmo inútil dar-vos explicações que não podereis apreender. Sabei unicamente que há diferença de sexos sob o ponto de vista moral e fluídico. Essa diferença provém da que existe na natureza e na propriedade dos fluidos, assim como no emprego que se lhes dá no estado de encarnação ou incorporação. Sabei também que o moral e o físico estão sempre ligados um ao outro em todas as esferas e que os fluidos servem para exprimir os sentimentos e as propriedades do Espírito. Não tendes disso ai um exemplo, ainda que muito material? O Espírito que encarna não sofre a influência da matéria? E a matéria não é senão fluidos *espessados* e solidificados, do mesmo modo que o gelo dos rios não é senão uma concentração do leve vapor que deles se desprende sob a ação dos raios solares.

Nos mundos elevados, o amor, palavra que profanais, existe com grande desenvolvimento, mas sempre em condições de pureza.

Quanto mais o Espírito se eleva, tanto mais viva se lhe desenha na memória a miragem do passado.

Somente o Espírito puro, não mais sujeito a encarnação alguma em qualquer planeta que seja, por já haver atingido a perfeição sideral, dispõe de todos os fluidos, como possuidor que é de uma ciência completa, goza de inteira liberdade e independência e tem a consciência exata da sua origem, seja qual for o perispírito ou corpo fluídico que tome e assimile às regiões que percorra. Esse perispírito ou corpo fluídico, apropriado ao planeta, ele o toma, deixa e retoma, conservando-lhe os princípios constitutivos sempre prontos a se separarem ou reunirem, por

efeito da sua vontade, segundo as condições e as necessidades da missão superior que lhe caiba desempenhar.

Lembrai-vos destas palavras de Jesus, aludindo, antes e depois do sacrifício do Gólgota, à sua missão terrena e a este sacrifício, referentes essas palavras ao corpo que ele revestira e que constituía sua vida *aos olhos dos homens:* "Deixo a vida *para* a retomar; *ninguém ma tira;* sou eu que *por mim mesmo* a deixo; tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar"*(João,* X, v. 18).

Jesus houvera podido, unicamente por ato exclusivo da sua vontade, atraindo a si os fluidos ambientes necessários, constituir o perispírito ou corpo fluídico tangível que vestiu para surgir no vosso mundo sob o aspecto de uma criancinha. Maria, porém, antes da sua encarnação, pedira, por devotamento e por amor, a graça de participar da obra de Jesus, atraindo, pela emanação de seus fluidos perispiríticos, os fluidos ambientes necessários a constituição daquele perispírito. Dessa maneira se tinha que verificar a sua cooperação, mas de forma para ela inconsciente, porquanto o estado de encarnação humana lhe não permitia *lembrar-se.* Assim, ao aproximar-se o momento final da sua gravidez *aos olhos dos homens,* ela, inconscientemente, mas ardendo no desejo de cumprir a missão que o Senhor lhe revelara por intermédio do anjo ou Espírito superior que lhe fora enviado, estabeleceu, pela emanação dos fluidos do seu perispírito, uma irradiação simpática, que atraiu os fluidos necessários à formação do corpo fluídico de Jesus. Nenhum efeito, entretanto, teria produzido a ação inconsciente de Maria, sem a intervenção da vontade daquele que ia descer ao vosso mundo. Jesus, pois, constituiu, ele próprio, pela ação da sua vontade, o perispírito tangível e quase material, que se tornou, tendo-se em vista o planeta em que habitais, um corpo *relativamente* semelhante ao vosso.

Falando desse invólucro fluídico, a que chamamos, para sermos percebidos pelo vosso entendimento humano, perispírito tangível, dissemos: e *quase material.* Era quase material, no sentido de que Jesus assimilara, para formá-lo, os fluidos ambientes que servem à formação dos vossos seres.

Não esqueçais que o Espírito assimila seu perispírito às regiões que percorre; que a terra é um dos mundos inferiores e que, por conseguinte, os elementos de tangibilidade podem aí reunir-se tanto mais facilmente, quanto mais poderosa seja a vontade do Espírito.

A ciência humana acha cômodo rir toda vez que é incapaz de compreender. Sim, o perispírito do homem, sobretudo no estado de tangibilidade, é semi-material. A ciência já encontrou porventura meio de comparar o ambiente que vos cerca com os dos outros planetas? Já pôde acaso o sábio descer aos planetas inferiores, para sentir que o ar que os envolve o sufocaria pelo seu peso, lhe toldaria a vista pela sua espessura e se lhe afiguraria um véu estendido por sobre tudo o que em torno dele se encontrasse? Já subiu às regiões superiores, a fim de experimentar a vertigem que lhe causaria a sutileza do ar? Já sentiu seus olhos se dilatarem com o auxílio das camadas de ar superpostas e, varando distâncias para ele incomensuráveis, ir a sua vista perceber objetos em dimensões tais, que os vossos telescópios não lograriam divisar? Qual a razão dessas diferenças? É que as camadas de fluidos são apropriadas às vossas necessidades. Vós o sabeis e dizeis, mas não compreendeis as causas e não procurais compreender os *efeitos.* O perispírito humano, como perispírito tangível, *com relação a vós,* é semimaterial, assim como o vapor é semilíquido e a fumaça semi-aérea.

Relativamente à natureza que vos é peculiar, o corpo dos habitantes dos mundos superiores, bem

como o perispírito humano do vosso planeta, é um corpo fluídico. Quando vos é dado vê-lo, tem toda a aparência de *material.*

O corpo perispirítico de Jesus era mais material do que o corpo perispirítico do Espírito superior, nenhuma comparação podendo, entretanto, ser estabelecida a esse respeito. Maior ainda era a diferença entre esse corpo de Jesus e os vossos corpos de lama. Aquele participava em grande escala do corpo do homem nos mundos superiores, por isso que se compunha dos mesmos elementos, mas modificado, solidificado por meio dos fluidos *humanos* ou *animalizados,* de modo a manter-se, segundo a vontade do Mestre e as necessidades da sua missão terrena, visível e tangível para os homens, com todas as humanas aparências corporais do vosso planeta.

Que o homem não se insurja contra a possibilidade desses fatos, por não poder *ainda* compreender e explicar uma composição que se efetua fora das leis materiais da sua natureza.

Não diremos, como os que, por estas palavras: "Tudo é possível a Deus", explicam o que não compreendem. Dizemos ao contrário: o que o homem, na sua ignorância, considera uma derrogação das leis imutáveis não é, *sequer,* um deslocamento das leis universais; é, sim, uma aplicação delas. Quando ele tenha vencido as dificuldades que o impedem de se elevar no espaço, quando tiver chegado a decompor as camadas de ar superpostas nas alturas que um dia atingirá, quando compreender as propriedades e os efeitos dos fluidos, o uso que deles pode fazer, verá que o que hoje provoca a zombaria da ignorância e da incredulidade se tornará um *fato patente, analisado,* decomposto pela ciência, que se admirará de que tão poderosos agentes não hajam estado sempre submetidos ao seu império, como se admira de não ter empregado sempre a eletricidade, cujos efeitos visíveis

admite, mas cujas causas ainda não determinou. A cada dia basta o seu labor.

Repetimos: o que o homem considera uma *derrogação* das leis imutáveis da natureza não chega mesmo a ser uma deslocação das leis universais; é, ao contrário, uma *aplicação* dessas leis. Não acrediteis seja impossível a produção no vosso planeta, de efeitos semelhantes aos que são próprios dos planetas superiores, atendendo a que tais *efeitos,* subordinados todos aos mesmos princípios, se encontram *modificados,* de acordo com a esfera onde se produzem.

Certamente as encarnações fluídicas, idênticas às que se verificam em mundos tais como Júpiter e outros planetas superiores, mais ou menos elevados, seriam uma deslocação das leis estabelecidas, e nada há *que jamais* derrogue essas leis. Mas, uma tal encarnação, modificada pela aplicação dos fluidos terrenos, se torna uma aproximação, um laço entre os dois graus da escala. E uma *adaptação* e não uma derrogação.

Entramos em tantas minúcias, a fim de suprimir qualquer escrúpulo, de afastar todas as dúvidas. Não censuramos a desconfiança que inspirem estas palavras, tão novas para o homem. Queremos apenas tranqüilizar aqueles a quem elas inquietam.

Assim, pois, compreendei-o bem: houve *modificação.* Os fluidos, que servem para a encarnação ou incorporação nos mundos superiores e que vos são *invisíveis,* foram materializados, tornados opacos às vossas vistas pela associação dos fluidos animalizados que vos cercam, isto é, dos vossos fluidos ambientes, próprios para a formação dos seres terrenos. Houve, portanto, *apropriação* dos fluidos superiores ao planeta inferior que ocupais.

Que há nisto que vos possa repugnar, quando admitis os fatos de tangibilidade acidental ocorridos em todas as épocas no vosso planeta e que ainda se

produzem sob as vossas vistas, com todas as aparências de forma corporal humana e, em casos raros, mas verificados, com as aparências de vida e de palavra humanas?

Ora, se Espíritos da vossa categoria podem operar essa combinação fluídica, onde a impossibilidade de ser ela operada, com mais latitude, pela vontade poderosa de um Espírito superior?

Imaginais que sejamos sensíveis à duração do tempo, que com tanto esforço apreciais, ou que contamos as miríades das eternidades como contais os segundos da vossa existência?

Porque a Jesus, Espírito perfeito, que conhece, na imensidade, todos os fluidos, todas as suas propriedades, todos os seus efeitos, todas as suas combinações e transformações, todos os modos de empregá-los, todos os segredos da vida e da harmonia universais nos mundos superiores, ainda os mais elevados, como nos inferiores e no vosso; que conhece a formação, a produção e a manifestação, *a priori,* de todos os seres em todos os mundos superiores e inferiores, seria impossível *materializar,* pela associação e apropriação dos fluidos ambientes que servem para a formação dos seres terrenos, os fluidos perispiríticos dos mundos superiores e compor desse modo, para o desempenho da sua missão na terra, um corpo perispiritico tangível com as faculdades aparentes do homem, as fases aparentes do seu desenvolvimento?

Este fato, único até hoje nos anais do vosso planeta, se produzirá de novo, *quando o tempo for chegado.* Então, melhor o compreenderão os homens, que pelo progresso físico, moral e intelectual realizado sob os auspícios e a prática do amor, da humildade e do desinteresse, terão aprofundado suficientemente as ciências e avançado grandemente no estudo da verdade e das leis eternas. É novo este ponto de vista, mas precisa não con-

tinuar ignorado, pois que, pelo trabalho que vos levamos a empreender, ele conduzirá os homens à unidade nas crenças.

Não sois, oh! bem amados, os únicos a encarar Jesus por este aspecto. Momento virá em que, publicada esta obra, todos os Espíritos que não ousam divulgar uma idéia nova virão juntar-se a vós e confirmar estes ensinos, apoiados nas revelações que já tiveram.

Há perto de vinte séculos, falou-se, é certo, a crianças. Julgais, porém, que já chegastes à maturidade, pobres filósofos, cuja sabedoria consiste em solapar um edifício que sois incapazes de *reparar* e que não basta às necessidades da vossa época?

Não, Jesus não nasceu do homem. A matéria perecível não entrou por coisa alguma no conjunto das suas perfeições.

Que os que têm ouvidos de ouvir ouçam, que os que negam procurem compreender. Jesus, Espírito perfeito, que nunca faliu, pertencente ao pequeno número daqueles que trabalharam afanosamente por progredir sem se desviarem do caminho reto que seus guias lhes mostraram e que assim atingiram a perfeição; Jesus, cuja perfeição se perde na noite das eternidades, protetor e governador do planeta onde cresceis e passais pelas vossas provas, tendo presidido à sua formação, desceu à terra para vos dar um *exemplo* de amor, de caridade, de devotamento.

Mas, não o esqueçais: todo aquele que reveste a carne e sofre, como vós, a encarnação material humana é *falível.* Jesus era demasiadamente puro para vestir a libré do culpado. Sua natureza espiritual era incompatível com a encarnação material, tal como a sofreis. Sua encarnação foi qual vos temos anunciado. Ele não esperou, sepultado no seio de uma mulher, a hora do nascimento. Tudo, conforme vo-lo explicaremos, *como obra do Espírito Santo,* isto é, dos

Espíritos do Senhor, foi aparência, imagem, no *"nascimento"* do Mestre, na *"gravidez"* e no *parto* de Maria.

O aparecimento de Jesus na terra foi uma aparição espírita tangível. O Espírito tomou - segundo as leis naturais que vos acabamos de explicar - todas as aparências do corpo. O perispírito que o envolvia foi feito mais tangível, de maneira a produzir a ilusão, na medida do que o reclamavam as necessidades. Mas, Jesus, Espírito puro entre os mais puros de quantos trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade e pela realização dos seus destinos, era sempre *Espírito.* Notai que, contrariamente a todas as leis a que se acha submetido o Espírito encarnado, ele tinha consciência exata da sua origem e a certeza do seu futuro. Isto por si só, espíritas, devia e deve fazer-vos compreender que seu Espírito não fora submetido às leis da encarnação, tal como a suportais.

Ele não estava sujeito a nenhuma das necessidades da existência material humana. Só na aparência, exteriormente, *para exemplo,* as experimentava, conforme vos explicaremos quando chegar o momento de falarmos da figura emblemática do *Jejum* e da *Transfiguração.* Conforme também vos explicaremos então, a natureza do corpo que Jesus tomou não foi mais do que um espécime precoce do organismo humano, tal como será daqui a muitos séculos, em certos centros do vosso planeta, e tal como é em planetas mais elevados; mas, sem a ação da vontade para decompor ou reconstituir o perispírito tangível ou corpo de natureza perispirítica. Esse poder só o tem o Espírito puro.

Deixai que os materialistas envolvam o Mestre numa veste de carne igual à vossa. Por mais que façam, não conseguirão nunca igualá-lo, nesta desgraçada era. Deixai que os deístas recusem a divindade a Jesus. Eles se aproximam de vós outros, espíritas.

Sim, é tempo de ser arvorado o estandarte da verdade e da fé simples, raciocinada e racional. Sim, Deus é a única potência criadora que reina sobre todos os universos. Deus é o único princípio universal, mas não divisível, que cria, mas não pela divisibilidade de sua essência. Deus é UNO. Jesus, a quem podeis e deveis chamar seu filho bem-amado, de quem podeis e deveis dizer: nosso divino modelo, divino por ser o órgão do Senhor todo poderoso e estar em relação direta com ele; Jesus é a maior essência depois de Deus, porém não é a única essência espiritual desse grau. Cada planeta tem o seu Espírito fundador, protetor e governador, infalível, por se achar constantemente em relação direta com Deus, recebendo diretamente a inspiração divina, *e que nunca faliu.* Explicar-vos-emos mais tarde o sentido e o alcance destas últimas palavras.

Nenhum de vós, nenhum de nós, que vos dirigimos na vossa marcha, pode dizer que jamais faliu; mas todos podemos alimentar a esperança de participar da pureza de Jesus, da sua felicidade, pela nossa perseverança na prática do bem e no estudo constante das verdades eternas.

Nosso pai é justo e bom. Todos somos filhos pródigos; voltemos à casa paterna. Apressemo-nos, apressemo-nos, irmãos bem-amados. O divino modelo reacende o facho, cuja luz os vapores deletérios do vosso globo tinham ensombrado. Ele arde com mais vivo brilho. Fixai nele os olhos; acelerai o passo, que se faz tarde. Vosso pai está no limiar, esperando-vos de braços abertos.

Mateus, Marcos, Lucas e João,

Assistidos pelos Apóstolos.

Nº15. Neste trecho: "Deixai que os materialistas envolvam o Mestre numa veste de carne igual à vossa; por mais que façam, não

conseguirão nunca igualá-lo nesta desgracada era" - quais o sentido e o alcance das palavras: *nesta desgraçada era?*

Não há e não haverá por longo tempo ainda um homem que viva a vida de Jesus. Tendes muitíssimo que fazer para lá chegar. Podeis, entretanto, aproximar-vos dela. O homem do vosso planeta, todos os Espíritos, sejam quais forem, quer habitem os mundos inferiores para um fim de provação ou de expiação, ou para o desempenho de uma missão, quer tenham alcançado os mundos superiores, participarão, já vo-lo dissemos e repetimos, da pureza de Jesus, da sua felicidade. Mas, sob que condição e por que caminhos? Adquirindo a perfeição pela prática constante do amor, que, através de todos os séculos, em todos os tempos, na eternidade, é a fonte e o meio de todos os progressos, dá acesso a todas *as* ciências e conduz a Deus.

Nº16. Nestas frases: "Deus é a única potência criadora, que reina sobre todos os universos, é o único principio universal, mas não divisível, que cria, mas não pela divisibilidade da sua essência", que sentido se deve dar às seguintes palavras: "MAS NÃO *divisível* – MAS NÃO pela *divisibilidade da sua essência"?*

Elas encerram a resposta ao dogma das três pessoas.

Nº 17. Estas palavras do anjo (v. 28), *"O Senhor está contigo, és* bendita *entre* todas as *mulheres",* tomadas ao pé da letra e confrontadas com os v. 31, 32, 33, 34, 35 e 38, justificam a divindade atribuída a Jesus, por efeito da encarnação do *próprio* Deus no seio de Maria?

A matéria humana materializa, a seu mau grado, tudo em que toca. Tirar semelhantes conclusões não é aviltar a divindade? O Senhor estava com Maria, mulher entre todas bendita, por ser ela, entre todas,

Espírito muito puro no desempenho de uma missão na terra. Eis tudo.

Nº 18. Qual, despojado da letra o espírito, a significação destas palavras do anjo a Maria (v. 30): *"caíste em graça perante Deus"?*

Obtiveste de Deus a missão que pediste.

Nº19. Que é o que motivou estas palavras do anjo a Maria (v. 31): *"É assim que conceberás em teu seio e que de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesus"* palavras nunciativas de uma concepção material humana em o seio de uma mulher, de uma virgem, *contrariamente* às leis imutáveis de reprodução no nosso planeta, com *derrogação* dessas leis, quando é certo que a vontade imutável de Deus jamais derroga as leis da Natureza, por ele estabelecidas de toda a eternidade, dando isso lugar a que aquela concepção fosse considerada *sobrenatural, miraculosa, divina,* como obra do Espírito Santo?

Não era ainda conveniente que os homens erguessem o véu que lhes ocultava os segredos de além-túmulo. Convinha que acreditassem na matéria sensível e impressionável, na dor *física,* para terem noção do sacrifício. Convinha, já o temos dito e repetimos, que acreditassem na origem divina do Cristo para se curvarem ao seu jugo, para que a missão de Jesus pudesse ser e fosse aceita e suas leis obedecidas.

Nº*20.* Quais os motivos destas outras palavras do anjo a Maria (v. 32): "O Senhor Deus lhe dará o trono *de David, seu pai"* e "ele reinará eternamente *sobre a casa de Jacob"?*

Era necessário um fio que ligasse as promessas do Antigo Testamentoe as interpretações que lhe tinham sido dadas às necessidades do momento, às promessas feitas para o futuro. Constituiu esse fio o parentesco

aparente por descendência de tribo. Eis por que José encarnou na tribo de David e não em outra. Tudo é concatenado nos desígnios do Senhor e nos acontecimentos sucessivos que *preparam e efetuam,* em cada época de transição, o vosso progresso e a obra da vossa regeneração.

Nº21. Qual, tirado da letra o espírito, a significação destas palavras (v. 33): *"E* o *seu reino não terá fim"?*

Não terá fim, por isso que o vosso protetor vos há de levar à perfeição. Não é ele o emblema da perfeição e o seu reino não estará eternamente assentado quando a houverdes atingido?

Nº 22. Em face destas palavras de Maria (v. 34): "Como sucederá isso se não conheço homem?" qual a significação da resposta do anjo: O *Espírito Santo descerá sobre ti?*

O Espírito superior enviado anunciava *assim* a Maria que seus olhos se abririam e que ela compreenderia um mistério que lhe parecia então impenetrável. Efetivamente, mais tarde, a tempo e a hora, Maria, a exemplo dos homens e sob a inspiração dos Espíritos do Senhor, atribuiu à ação divina, *como convinha que o fizesse,* aquela obra que lhe fora anunciada, tendo em vista as palavras do anjo a José: *"Aquele* que nela se gerou *foi formado pelo Espírito Santo".* Ela então percebeu a missão especial que Jesus ia desempenhar.

"E a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra." Tem-se perguntado o que significavam estas palavras: "a *sombra do Altíssimo"* e como podia essa sombra fazer que Maria concebesse e desse à luz um filho.

A interpretação foi dada falsamente, de um ponto de vista material. Com aquelas palavras o Espírito enviado objetivava tranqüilizar a Maria, que, na sua

condição humana, se atemorizava ante a idéia de ficar a sua vida maculada por uma concepção ilegal *aos olhos dos homens.*

"Eis porque aquele que de ti há de nascer será chamado: "o *Filho de Deus".*

Estas palavras confirmam o que acabamos de dizer.

Aquele que de ti há de nascer *(por obra do Espírito Santo)* - será chamado o "Filho de Deus". Esse título, segundo o espírito, em espírito e em verdade, só se aplica a Jesus em consideração à sua pureza. E todos vós podeis conquistá-lo[6].

Do ponto de vista humano, ele serviria para que os homens se elevassem a seus próprios olhos, para que compreendessem o amor de Deus. De fato: não havendo divindade a que não se oferecessem sacrifícios sangrentos, qual não devera ser, *aos olhos dos homens,* a grandeza de um Deus que não se contentava senão com o holocausto do seu filho bem-amado e único (relativamente a vós outros) e qual não devera ser, *aos olhos desse Deus,* o valor dos homens, uma vez que, para os resgatar, era indispensável tal sacrifício!

Homens, não esqueçais (temo-lo dito e repetimos) que éreis criancinhas e que quase ainda o sois; que a cada época se deve falar a linguagem conveniente, para ser-se compreendido e sobretudo escutado.

Não vos deixeis desviar pelos filósofos sem filosofia, que, não compreendendo os meios transitórios e necessários da revelação, empregados para a efetivação do vosso progresso, negam a realidade e o objetivo das manifestações espíritas, manifestações que, em obediência à vontade do Senhor Supremo, se hão

---

6 É o que foi predito e prometido em a revelação feita a João na ilha de Patmos. (Apocalipse cap. 22, v. 6 e 7)

produzido e se produzem para o fim de preparar a vossa regeneração e se produzirão ainda para realizá-la. Eles são instrumentos. Preparam os caminhos sem o saberem e muitas vezes sem o quererem. A estrada se achava impedida; eles removem os materiais que a obstruíam. Nós construiremos um edifício que o homem não tentará destruir, porque nele encontrará a paz, a esperança, a felicidade.

Nº 23. Qual a significação das seguintes palavras que o anjo dirigiu a Maria (v. 37): *"É que nada será impossível a Deus"?*

Referem-se, *do ponto de vista espírita,* à manifestação, ao aparecimento de Jesus; *do ponto de vista de Maria* - ao que ela considerava um "milagre", isto é, um fato impossível.

Nº24. Como devem ser entendidas estas palavras humanas tantas vezes repetidas: "Nada é impossível a Deus"?

Deus, só e único princípio universal, só e única potência criadora, na imensidade, no infinito, é imutável e eterno. Ele tudo previu, tudo quis e tudo regulou desde toda a eternidade. Assim, tudo emana da sua vontade e nada se realiza sem a sua permissão. Não há *"acaso",* nem *"milagre".*

As palavras humanas *"acaso"* e *"milagre"* não têm, para Deus, sentido. Deveis considerá-las apenas como exprimindo a ignorância dos homens quanto às verdadeiras causas dos fenômenos e dos fatos, devidos sempre a uma aplicação das leis universais, naturais e imutáveis, à ação dessas leis ou à apropriação delas aos diversos planetas, sob a ação espírita.

As palavras humanas *"possível"* e *"impossível"* são igualmente, como estoutras *"espaço", "tempo"* e *"duração",* desprovidas, para Deus, de significação. Só têm sentido para as criaturas na vida e harmonia

universais, por causa e em conseqüência da ignorância e da incapacidade dos Espíritos encarnados, ignorância e incapacidade resultantes da carência, neles, de elevação moral e intelectual, de conhecimento científico das leis universais, dos poderes do Espírito, da ação e dos efeitos espíritas nos limites dessas leis e sob a vigência delas.

Nada há contingente, nem facultativo sob a ação espírita com relação ao que é físico. Os efeitos são todos os mesmos e se sucedem regularmente. Tudo é imutável na natureza. Apenas nem tudo está ao vosso alcance. Se à vossa inteligência, como à vossa vista, causam espanto muitos dos efeitos que uma e outra percebem, é simplesmente por lhes serem novos esses efeitos. Todos eles, porém, estão na ordem da natureza. Vós é que não vos achais ainda em estado de os apreender.

Somente o que é moral e intelectual é contingente e facultativo sob a ação espírita e por ato do livre arbítrio dos encarnados, mas sempre nos limites das provações por que devam passar, a título de expiação.

O Espírito, porém, encarnado ou errante, nada pode fazer nem produzir senão pela simples aplicação das leis universais, naturais e imutáveis, ou pela apropriação delas ao meio onde os efeitos se operam.

Unicamente nos limites e sob a ação de tais leis é que, entre vós e em conseqüência da vossa ignorância, tomam o nome de *"milagres"* as suas aparentes derrogações, que, entretanto, não passam de aplicações, desconhecidas para os homens, das mesmas leis, de efeitos dessas aplicações, apropriadas as leis ao vosso planeta.

Não há nada *"sobrenatural".* Tudo emana, por toda a parte e sempre, da vontade imutável de Deus, conforme às leis universais, naturais e inalteráveis por ele estabelecidas desde toda a eternidade e que desse modo participam da sua essência mesma.

LUCAS, Cap. 1, v. 39-45

Visita de Maria a Isabel

V. 39, Ora, por aqueles dias, Maria, levantando-se, tomou apressadamente a direção das montanhas, indo a uma cidade de Judá. - 40, E, entrando na casa de Zacarias, saudou a Isabel, - 41. Sucedeu que, ao ouvir Isabel a saudação de Maria, o menino lhe saltou no ventre e ela ficou cheia de um Espírito Santo, - 42. Exclamou então em altas vozes: "És bendita entre todas as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre, - 43, E donde me vem a dita de ser visitada pela mãe do meu Senhor? - 44, Sim, que, mal me chegaram aos ouvidos as palavras com que me saudaste, meu filho saltou de alegria dentro de mim, - 45, Bem-aventurada tu que acreditaste, porquanto o que te foi dito da parte do Senhor se cumprirá."

N. 25.0 Espírito de Jesus estava ao lado de Maria em casa de Isabel. Ele a acompanhava então, como o fazem os vossos anjos de guarda. O de João não precisou *ver chegar* Jesus para sabê-lo lá, pois também lá se achava. Era livre. Os preliminares penosos da encarnação (já o dissemos) não o afetavam. Nenhuma perturbação experimentava e não perdeu a consciência de si mesmo e da sua origem, senão um momento antes de nascer. Não tendo que suportar as angústias da encarnação, a relação entre João-Espírito e o feto se estabeleceu desde a concepção e a ação do Espírito se podia fazer sentir, *quando fosse preciso,* para dar novo testemunho dos fatos. A ação que produziu o estremecimento no seio de Isabel visava aumentar o número das provas do fato anunciado.

As palavras que Isabel dirigiu a Maria foram um efeito mediúnico, fruto da inspiração dos Espíritos do

Senhor. Isabel as pronunciou como médium inspirado e, assim, cheia de um Espírito Santo.

Dizendo: "Bendito é o fruto do teu ventre" falava a Maria em termos que ambas pudessem compreender e se exprimiu desse modo, sob a inspiração do Alto, de acordo com a crença que ambas e todos haviam de partilhar, crença que se tornaria e que, por efeito da revelação apropriada ao estado das inteligências e às necessidades da época, se tornou comum, vulgar e que estava destinada a subsistir até ao dia em que, mediante a revelação futura, se verificasse a exatidão destas palavras: *a letra mata e o espírito vivifica,* uma vez explicado, em espírito e em verdade, o que da parte do Senhor fora dito a Maria.

LUCAS, Cap. 1, v. 46-56

Cântico de Maria

V. 46. Disse então Maria: "Minh'alma glorifica o Senhor; - 47, - e meu Espírito se arrebata de alegria em Deus, meu salvador. - 48. Pois que ele deu atenção à humildade da sua serva, eis que daqui por diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada; - 49, porquanto, grandes coisas me fez o Todo Poderoso, cujo nome é santo; - 50, e cuja misericórdia se espalha, de idade em idade, por sobre os que o temem. - 51. Manifestou a forca do seu braço; dispersou os que se elevavam cheios de orgulho nos seus pensamentos íntimos; - 52. derribou de seus tronos os poderosos e elevou os humildes; - 53. cumulou de bens os que estavam famintos e despediu os ricos com as mãos vazias; - 54, recebeu a Israel como seu servo, lembrando-o da sua misericórdia; - 55. conforme o disse a nossos pais, a Abraão e à sua posteridade na sucessão dos séculos." - 56. Maria ficou em companhia de Isabel cerca de três meses; depois regressou à casa.

N. 26. (V. 46, 47, 48): "Não há aqui o que explicar. É um transporte de reconhecimento e de amor, que deveis imitar.

(V. 49 e 50): Podeis aplicar as palavras destes versículos ao tempo em que viveis, no qual desponta a aurora da regeneração da humanidade terrena. Glorificai o Senhor que vos envia seus bons Espíritos como portadores do facho do Espiritismo, os quais, agitando-o sobre a terra, espargem ao mesmo tempo, por toda parte, sua luz suave e pura, espalhando entre vós a verdade, a caridade e o amor. GIorificai o Senhor que por vós faz grandes coisas e susta os desígnios dos maus. Ele detém a corrupção que ameaçava de fazer-vos perecer e vos dá o bálsamo que cura as chagas. Agradecei, glorificai o Senhor, pois que imensos são a sua misericórdia e o seu amor.

(V. 52, 53, 54, 55): Ainda por amor de vós, o Senhor mostra o seu poder, servindo-se de instrumentos bem fracos para abater os muito poderosos. Vai ter fim o reino do orgulho. Glorificai o Senhor. O homem é um instrumento; o espírita, o médium, sobretudo, é o instrumento de que se servem hoje os bons Espíritos para rebaixar o orgulho, a ambição, a cupidez, a tirania (sem fazermos qualquer alusão).

Israel é uma palavra simbólica, que designa a humanidade terrestre. Os homens são um aos olhos do Senhor. Para ele não há povos nem nacionalidades. Deus usa de misericórdia para com aqueles que o amam e observam seus mandamentos; Sua mão potente destrói, porém, os orgulhosos que pretendam levantar demasiado a fronte altiva. Dá o pão à criancinha que o implora com o coração cheio de sinceridade; mas, despoja o orgulhoso que só confia nas suas riquezas. É o apoio do fraco, o terror dos maus. Glorificai o Senhor.

N. 27. Estes termos do v. 50: "Sua misericórdia se espalha, de idade em idade, por sobre os que o temem". encerram, no seu sentido, oculto então para todos, mas que a revelação espirita havia de vir e vem pôr a descoberto, uma alusão à reencarnação, lei imutável da Natureza e que é a expressão sublime e harmônica da justiça de Deus e da sua misericórdia infinita?

Sim; mas também se referem ao mandamento que diz (Êxodo, cap. 28, v. 5 e 6): "Puno a iniqüidade dos pais nos filhos, na terceira e na quarta gerações daqueles que me odeiam; uso de misericórdia, em mil gerações, para com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos".

O pensamento é o mesmo: a mão do Senhor pesa sobre o homem, de gerações em gerações*, por meio da*

reencarnação, objetivando seu aperfeiçoamento moral e seu progresso, mediante a expiação e a reparação, até que ele se tenha despojado de todas as impurezas.

O homem, na sua cegueira, entendeu que o Senhor feria os pais nos filhos. Assim era na aparência. A letra dessa linguagem convinha aos Hebreus, que só pelo terror podiam ser levados. Mas, o conhecimento do Deus de amor mostrava não ser assim. O homem, entretanto, não procurou compreender o desacordo que havia entre a bondade e tais vinganças. A letra era para os povos primitivos. Buscai sempre o espírito.

LUCAS, Cap. 1, v. 57-66

Nascimento de João

V. 57. Entrementes, chegou a época em que Isabel havia de parir e ela deu à luz um filho. 58. Seus vizinhos e parentes, tendo sabido que o Senhor usara para com ela de misericórdia, a felicitavam. - 59. No oitavo dia, como trouxesse o menino para a circuncisão, todos lhe chamavam Zacarias, dando-lhe o nome do pai. - 60. A mãe, porém, disse: "Não, ele se chamará João." 61. Responderam-lhe: "Não há na vossa família quem tenha esse nome. - 62. E ao mesmo tempo perguntavam ao pai do menino como queria que este se chamasse. - 63. Zacarias pediu uma tabuinha e escreveu: "João é o seu nome"; o que encheu de espanto a toda gente. - 64. No mesmo instante se lhe abriu a boca, soltou-se-lhe a língua e ele entrou a falar bendizendo de Deus. - 65. Todos os que habitavam nas vizinhanças se encheram de temor; e a noticia dessas maravilhas se espalhou por toda a região e montanhas da Judéia; - 66, e todos os que as ouviram narrar guardaram delas lembrança e diziam entre si: "Quem pensais venha a ser fim dia este menino? "pois que sobre ele estava a mão do Senhor.

N. 28. Estes versículos não precisam de comentários.

Tudo, nos desígnios do Senhor, se encadeia. Todos os acontecimentos estavam preparados e haviam de concorrer para a execução da obra.

A resposta de Isabel aos vizinhos e parentes:

"Não, ele se chamará João", não foi efeito de mediunidade audiente, ou de inspiração espírita. Por meio da escrita em tábuas, Zacarias cientificara a Isabel das palavras proferidas pelo anjo ou Espírito que lhe aparecera no templo.

Pelo que já vos dissemos, explicando como se

produzira a mudez de Zacarias, deveis compreender por que modo se lhe soltou a língua, isto é, por que modo cessou para ele a mudez e lhe foi restituída a palavra. Pela ação espírita, por efeito do magnetismo espiritual, houve dispersão dos fluidos que tinham servido para tornar pesada a língua e provocar uma paralisia aparente.

LUCAS, Cap. 1, v. 67-80

Cântico de Zacarias

V. 67. E Zacarias, seu pai, cheio do Espírito Santo, profetizou, dizendo: - 68. "Bendito seja o Senhor Deus de Israel, por ter visitado e resgatado o seu povo; - 69, por nos ter suscitado um poderoso salvador na casa do seu servo David, - 70, conforme prometera pela boca de seus santos profetas, que existiram em todos os séculos passados: - 71, para nos livrar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam; - 72, para usar de misericórdia com os nossos pais, lembrando-se da sua santa aliança, - 73, conforme jurara a Abraão nosso pai, quando nos prometeu a graça - 74, de que, livres dos nossos inimigos, o serviríamos sem temor, - 75, na santidade e na Justiça em sua presença, por todos os dias da nossa vida. -76. E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo; porquanto irás adiante do Senhor para lhe preparar os caminhos, 77, - para dar a seu povo o conhecimento da salvação pela remissão dos seus pecados; - 78, e pelas entranhas de misericórdia do nosso Deus, graças às quais este sol que vem do alto nos visitou, - 79, para iluminar todos aqueles que estão assentados nas trevas e na sombra da morte e dirigir nossos passos pelo caminho da paz." - 80. E o menino crescia e se fortificava no Espírito, permanecendo nos desertos até ao dia em que havia de aparecer diante do povo de Israel.

N. 29. Podeis, como Zacarias, bendizer do Senhor pela graça que vos fez, de visitar e resgatar agora novamente o seu povo pelo advento da verdade, depois de o ter visitado e resgatado uma primeira vez pela vinda de Jesus.

Os Hebreus contavam que o prometido Messias fosse um libertador material. Atribuindo tudo ao presente, os homens não compreenderam que seus vícios eram os inimigos de cujas mãos deviam ser libertados. Compreendei-o vós, espíritas, e empregai

todos os esforços para facilitar essa libertação, como o devem fazer discípulos de Jesus, para os quais às verdades que ele ensinou foram tirados os mentirosos véus com que as tinham coberto. Os discípulos de Jesus, hoje, são aqueles que lhe seguem as pegadas e que, esclarecidos pelo facho do Espiritismo, isto é, assistidos pelos Espíritos do Senhor, por essas virtudes dos céus, que se abalaram de lá e vieram à terra, e por eles guiados, buscam a verdade nas suas palavras. Ainda uma vez o sol luziu para vós. O Senhor vos ilumina: não fecheis os olhos. Preparai as sendas, a fim de que ele possa caminhar e conduzir-vos ao seu reino, isto é: à perfeição moral e intelectual.

Acabamos de dizê-lo e repetimos: o Senhor, ainda uma vez, visita e resgata o seu povo pelo advento da verdade. Jesus disse a verdade, *mas não toda a verdade,* declarou-o ele próprio. Só deu aos homens o que estes podiam suportar e da maneira por que o podiam suportar. Se os homens se houvessem *contentado* com o que *receberam,* a verdade não teria de *conquistar* o seu reino que as tradições, os preconceitos, os dogmas, provocados, encorajados e conservados por espírito de dominação, de tirania mesmo e de cupidez, se conluiaram para destruir.

Estamos, pois, na época do advento da verdade. Ela se despoja de todas as mentiras que a furtavam aos olhos dos homens e a afogavam em trevas, quando é certo que a banham as ondas da luz divina.

Deus não abandonou seus filhos nas garras da mentira. Deixou seguissem o caminho que haviam escolhido, porque assim ganhariam experiência e verificariam a inutilidade dos seus esforços. Hoje, estais crescidos. Vossos olhos, fatigados de tatear nas sombras, pedem a luz e se voltam para ela. A luz, quem a sustém nas mãos é a verdade. Para tudo é preciso um começo. O Espírito da Verdade, como já vos foi dito,

descera até vós e o seu advento marcará o fim do mundo, isto é, o fim da vossa fraqueza e da vossa ignorância. Mas, para todo advento é indispensável uma era preparatória. Nela entrais.

João, Precursor de Jesus, concitava os homens ao arrependimento e os batizou com água. Veio Jesus e lhes ensinou o modo de se arrependerem e os batizou *com o Espírito Santo,* isto é, fez que descessem sobre eles *os Espíritos do Senhor,* desenvolvendo-lhes as faculdades mediúnicas, que os punham em condições de receber a inspiração.

O batismo com o *Espírito Santo é* a comunhão com *os Espíritos elevados que velam por vós;* mas, para chegar a essa comunhão, era preciso, ao tempo da missão terrena de Jesus, e o é ainda, ser puro, cheio de zelo, de amor e de fé, como o eram os apóstolos fiéis.

Vem agora o Espiritismo, que vos convida ao estudo da verdade e vos ensina a distingui-la da mentira; vem estimular e desenvolver a vossa experiência, a vossa perspicácia, o vosso devotamento, clarear-vos as inteligências, iluminar-vos os corações, tornar-vos dignos da assistência dos Espíritos elevados e dignos de ser por eles conduzidos à verdade inteira. Vem como precursor do estado de perfeição que deveis atingir.

Tem por objetivo preparar-vos para esse estado, abrindo-vos pouco a pouco os olhos à luz, desenvolvendo-vos gradualmente as inteligências e pondo-vos assim em condições de romper francamente e para sempre com todas as fraquezas da vossa humanidade, a fim de estardes prontos a receber o *"Espírito da Verdade*" quando começar o seu reinado, isto é, a fim de compreenderdes a verdade em toda a sua extensão.

Para alcançardes essa meta, necessário se faz que trabalheis sem cessar sobre vós mesmos, destruindo

tudo o que pertence ao homem velho, repelindo as fraquezas e as faltas, couraçando-vos contra a carne, para não mais sucumbirdes às suas tentações (dentro em pouco, a fim de evitarmos exageros, explicaremos o que designamos por tentações da carne), trabalhando de contínuo pelo vosso progresso moral de modo a auxiliardes o progresso dos vossos irmãos, recebendo a luz que vos é dada e agitando-a por sobre as vossas cabeças, para que as suas centelhas iluminem ao longe, auxiliando por essa forma o advento do "Espírito da Verdade".

O Espiritismo tem, pois, este objetivo: a perfeição humana; e três meios a empregar para alcançá-lo: o amor, o estudo, a caridade.

Vamos explicar agora o que queremos dizer por estas palavras: "couraçando-vos contra a carne, a fim de não sucumbirdes às suas tentações". Nós vos exortamos a couraçar-vos contra as tentações da carne. Não concluais daí que vos forcemos, como fizeram vossos pais, às macerações materiais, à abstinência de apetites humanos quaisquer que sejam, impostos pelas leis da vossa natureza. Longe disso.

Não é cobrindo-vos de cilícios que vencereis a carne; não é recusando atender às exigências do corpo, negando-lhe o que for *justo* e *necessário,* que a dominareis. É mantendo-vos constantemente em guarda contra seus *desvios,* contra seus *excessos.*

Não esqueçais estas palavras do Mestre: "O Espírito (pela tentação) é pronto e a carne é fraca". Tende-vos, pois, em guarda contra a tentação, concedendo ao vosso corpo tudo o que a matéria exige, mas sempre nos limites de uma prudente sobriedade.

Não vos martirizeis visando agradar ao Senhor; deveis, ao contrário, manter o vosso corpo num equilíbrio necessário ao curso das vossas provações.

Não vos abandoneis à indolência. Vigiai e orai sem cessar, isto é, pensai sem cessar, oh! homens de pouca inteligência e de pouca fé, que estais sob as vistas do vosso Pai, o qual julga não só as vossas mais secretas ações, como também os pensamentos mais ocultos do vosso coração. Vigiai, portanto, a fim de que os vossos pensamentos e ações possam ser postos a nu, não somente diante do vosso Pai, mas também diante de cada um de vossos irmãos; orai, a fim de que os vossos atos estejam sempre em relação com os vossos pensamentos. A oração agradável a Deus é o trabalho: trabalho da inteligência, trabalho do corpo. Cada um de vós deve trabalhar conforme à tarefa que lhe está confiada. Cada um de vós deve, pois, orar continuamente. Trabalhai, eis a oração; vigiai, isto é, garanti-vos, exercendo constante vigilância sobre vós mesmos. Assim, vossa carne se tornará forte, e não mais temereis a tentação. *Vigiai e orai,* irmãos nossos. O Mestre conta convosco.

O Espírito da Verdade virá e vos dará o conhecimento de tudo o que, ainda por muito tempo, terá que permanecer oculto e vos ensinará a fitar a luz santa, sem serdes por ela ofuscados.

O anunciado Espírito da Verdade não é um ser corporal ou fluídico. É o conhecimento integral da verdade, conhecimento que não podereis adquirir senão pelo vosso aperfeiçoamento e o vosso aperfeiçoamento não pode ser operado senão pelos Espíritos do Senhor, quer errantes quer encarnados em missão, sob a direção do vosso protetor. Tal a razão por que Jesus toma o título de *Cristo* ou *enviado* e de *Espírito da Verdade,* como complemento e sanção da verdade.

Esta, personificada em Jesus, não pode descer até vós, senão quando fordes dignos de recebê-la, e não podeis tornar-vos dignos disso sem o auxílio e o apoio dos missionários errantes e encarnados.

Também deveis entender pelo anunciado Espírito da Verdade, de modo complexo e simbólico ao mesmo tempo: - os Espíritos elevados que auxiliam a Jesus na sua missão, como seus precursores, e que vos conduzem gradualmente, através da era nova e preparatória do Espiritismo, ao conhecimento integral da verdade; e o mesmo Jesus, que virá dar aos homens esse conhecimento integral, quando estiverem prontos a recebê-lo e forem dignos e capazes de suportá-lo.

MATEUS Cap. 1, v. 18-25

Aparição do anjo, em sonho, a José.

Geração de Jesus.

V.18. A geração de Jesus-Cristo se deu assim: Quando Maria, sua mãe, desposou José, verificou-se que ela concebera *pelo Espírito Santo,* antes que houvessem coabitado. - 19. José, seu marido, sendo justo e não querendo expô-la à desonra, resolveu mandá-la embora secretamente. - 20. Mas, quando pensava nisso, um anjo do Senhor lhe apareceu em sonho e disse: "José, filho de David, não receies receber Maria por tua esposa, porquanto o *que nela se gerou foi formado pelo Espírito Santo.* - 21. Ela terá um filho e tu lhe darás o nome de Jesus, porque ele próprio libertará seu povo dos pecados. - 22. Tudo que há sido feito o foi para cumprimento do que o Senhor disse pelo profeta nestes termos: - 23. "Uma virgem conceberá e parirá um filho a quem será dado o nome de Emanuel, que quer dizer Deus conosco." - 24. José, então, despertando, fez o que o anjo do Senhor lhe ordenara e aceitou Maria por esposa. -25. E. sem que tivessem tido trato carnal, ela deu a luz o seu primogênito [7] e lhe pôs o nome de Jesus.

N.30. José não se recordava da sua origem, como Jesus se recordava, e não tinha consciência de seus destinos. Sofria os efeitos da encarnação humana. Assim, como encarnado, estava, mau grado à superioridade do seu Espírito, submetido às leis e aos preconceitos da humanidade. Era homem justo, mas homem. Eis porque, sob a influência dessas leis e desses preconceitos, resolvera a principio desquitar-se de Maria, secretamente.

A revelação que lhe fez em sonho o anjo ou Espírito enviado tinha por fim retirar, em parte, o véu que lhe cobria a inteligência. Homem de Espírito elevado, ele compreendeu, por essa revelação, a santidade da sua missão. Missionário também para

---

[7] O original grego não fala em primogênito, mas – "a seu filho"- (Nota da Editora).

cooperar na obra de Jesus, aceitou com alegria, tal como devia ela ser, a tutela humana que o Senhor lhe confiava.

Não vos espanteis de que o Evangelista haja espalhado pelas multidões a resolução secreta de José e a revelação que o levou a revogá-la. Cumpria que todos compreendessem, na época determinada pela vontade do Senhor, que Jesus não era fruto da concepção humana. E as palavras do anjo a José:

"Aquele que nela se gerou foi formado pelo Espírito Santo", servindo para aquela época segundo a letra, salvaguardavam o futuro, no qual teriam que ser, segundo o espírito, a base e o elemento da revelação então vindoura, da revelação da revelação.

Quanto à aparição do anjo, em sonho, a José, da qual a ignorância humana, nos seus mais culposos desvios, tem abusado tantas vezes, para fazer tristes gracejos, insultuosos ao que de mais sagrado há para o homem - o seu Deus - essa aparição vós, espíritas, deveis compreendê-la. Aquele que ainda não percebeu a luz de que é portadora a revelação espírita deve inclinar-se e calar-se - em vez de negar o que não sabe explicar.

Durante o sono, o Espírito muitas vezes se desprende bastante da matéria para poder juntar-se, no espaço, aos amigos, que o cercam. Quando o desprendimento é completo, o Espírito se eleva e, desde que seja de certa ordem, se associa às falanges felizes, sem todavia deixar a zona do planeta. Se o desprendimento não é completo, os Espíritos simpáticos descem e se aproximam dele.

Qualquer que seja a condição moral em que vos encontreis, essas relações se estabelecem, mas geralmente com Espíritos que guardam paridade com os vossos. Por vezes, contudo, Espíritos mais elevados vêm a vós, para vos instruir durante esses momentos de liberdade, para vos mostrar os obstáculos que tereis de vencer.

Toda comunicação obtida durante o sono deve ser classificada entre os sonhos, com a diferença, porém, de que os sonhos ordinários provem *geralmente* de recordações, ou da luta da matéria com o Espírito, ao passo que os sonhos da natureza do de José são revelações. Não imagineis, contudo, que, partindo deste princípio, vos seja dado achar a significação de todos os vossos sonhos. O mesmo fora que procurardes o sentido racional das balbúcies de uma criança.

Assim, pelo que diz respeito à revelação que o anjo fez a José, houve com comunicação de *Espírito a Espírito.* Da mesma forma que conservais muitas vezes a lembrança dos vossos sonhos, ainda os mais insignificantes e ridículos, não sendo completo o desprendimento, também José ao despertar se lembrou do sonho que tivera.

Quando o desprendimento foi completo, a lembrança só se verifica em casos excepcionais e nesses casos há, por ocasião do despertar, uma ação espírita que, mediante a inspiração, renova a impressão recebida, a lembrança. Muitas das vossas recordações humanas são igualmente fruto de uma ação dessa natureza, que vos recorda fatos passados, a fim de que sirvam ao vosso futuro.[*]

---

[*] Nota da Editora – O versículo 25, conforme à tradução brasileira do Novo Testamento, não fala em primogênito: “enquanto ela não deu à luz um filho”. A tradução em Esperanto também não diz primogênito, mas somente: “gis si naskis filon”.

LUCAS, Cap. II, v. 1-7

Concepção, gravidez e parto de Maria,

por obra do *Espírito Santo.*

Aparecimento de Jesus na terra

V.1. Sucedeu que, por aqueles dias, se publicou um edito de César Augusto para o recenseamento dos habitantes de todo o orbe. - 2. Esse primeiro recenseamento foi feito por Quirínio, governador da Síria. - 3. Todos iam fazer suas declarações, cada um na sua cidade. - 4. José partiu da cidade de Nazaré, que fica na Galiléia, e veio à Judéia, à cidade de David, chamada Belém, por isso que ele era da casa e da família de David, - 5, a fim de fazer-se registrar com Maria, sua esposa, que estava grávida. - 6. Enquanto ali se achava, sucedeu que se completou o tempo ao cabo do qual devia ela parir; - 7, e Maria deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o em panos e o deitou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria.

N. 31. Para todos, já o dissemos e repetimos, Maria *tinha que ser* a mãe de Jesus. Para todos, sua gravidez era visível. Decorrido o tempo que ela devia durar, igual ao da duração de qualquer gravidez, o simples fato da presença do menino nos braços de Maria bastou para dar lugar à crença no parto. Para todos, pois, houve "parto", "nascimento".

Por isso, já o temos dito e repetimos ainda, durante todo o tempo da sua missão terrena, Jesus foi tido *pelos homens, pelos apóstolos, pelos discípulos,* pela *multidão que se premia em torno dele,* como um homem *igual aos demais,* como fruto da concepção humana, por obra de Maria e de José. *Mais tarde,* depois de finda aquela missão, isto é, depois da época designada pelo nome de "ascensão"; em conseqüência da revelação cujos frutos haviam amadurecido e que, conservada *até então* secreta, se tor-

nara conhecida do povo; isto é, em conseqüência da anunciação feita a Maria e da advertência recebida por José, Jesus passou a ser considerado um homem concebido por uma mulher e ao mesmo tempo um Deus encarnado, pois que formado *miraculosamente* no seio de uma *virgem pelo Espírito Santo.*

Dessa crença vulgar, relativa à "concepção", "ao nascimento" de Jesus, à "gravidez" e "ao parto" de Maria, crença que se originou, segundo as vontades do Senhor, de uma revelação espírita apropriada às necessidades dos tempos, ao estado das inteligências e às exigências da época, como *meio* e *condição* do vosso progresso, de preparo da vossa humanidade para a compreensão da vida espiritual, dessa crença, dizemos, *partilharam* os evangelistas, do mesmo modo que os apóstolos, os discípulos e o povo. *Era necessário* que assim fosse, porquanto, se eles houveram conhecido *a origem espírita,* de Jesus, teriam sido impostores, representando essa origem como carnal nas condições da vossa humanidade e, ao mesmo tempo, como fruto de uma encarnação divina.

Os evangelistas, bem como os apóstolos e os discípulos, eram simples de coração, eram, na condição de encarnados, criancinhas pela humildade e pela inteligência. Submeteram-se à revelação espírita recebida por Maria e por José, considerando-a emanada de Deus e feita por um de seus enviados. Instrumentos do Senhor, eles transmitiram essa revelação e os fatos. Médiuns historiadores, cada um desempenhou a sua tarefa dentro do quadro que lhe traçaram a influência e a inspiração mediúnicas.

Já o explicamos (n.14): Convinha que fosse assim, pois que os homens precisavam de um exemplo frisante. Por perto de vinte séculos, a matéria idealizada vos preparou, com o auxílio do tempo e das reencarnações sucessivas, mediante as quais se efetuaram a expiação, a reparação e o progresso, para a com-

preensão da vida espiritual, e vos conduziu à era nova do Espiritismo, cujo advento foi preparado pelo progresso lenta e laboriosamente efetuado desde que o Mestre desceu à terra até hoje.

Já o dissemos e repetimos: A *letra* produziu seus frutos; não mais basta ao estado e ao progresso das vossas inteligências, às necessidades da época atual. Pois que agora mata, tem que ceder lugar ao *espírito que vivifica.* São chegados os tempos de se vos ensinar, de acordo com a ciência e com a verdade, iniciando-vos nos segredos de além túmulo, o que foram, *como obra do Espírito Santo,* a gravidez e o parto de Maria.

Essa obra, qualificada de "sobrenatural", "milagrosa", "divina", foi, com a permissão de Deus e de acordo com as leis naturais e imutáveis por ele promulgadas de toda a eternidade, o resultado de uma *ação espírita* e de uma ação magnética, executadas com o auxilio e por meio de fluidos apropriados.

O magnetismo é o agente universal que tudo aciona. Tudo está submetido à influência magnética. A atração existe em todos os reinos da natureza. Não é por efeito da atração magnética que o macho se aproxima da fêmea nas diferentes partes da terra, ainda nas mais desertas e quando, não raro, os dois se encontram a grande distância um do outro? Não é a atração magnética que leva de uma flor a outra o princípio fecundante; que, nas entranhas da terra, une as substâncias próprias para a formação dos minerais que ela encerra; que atua sobre as águas, dirigindo-as para as terras áridas necessitadas de fecundação?

Tudo é atração magnética no Universo. Essa a grande lei que rege todas as coisas. Quando o homem tiver os olhos bastante abertos para apreender toda a extensão dessa lei, o mundo lhe estará submetido,

visto que ele poderá dirigir a ação material daquela força. Mas, para lá chegar, ser-lhe-á necessário um estudo longo, aprofundado das causas e, sobretudo, muito respeito e amor àquele que lhe confiou tão grande meio de ação.

Quando, sob os auspícios desse respeito e desse amor, ele, todo humildade e desinteresse, houver conquistado, pelo estudo e pelo trabalho, o conhecimento de todos os fluidos, das suas naturezas diversas, de suas propriedades e efeitos, das diferentes combinações e transformações de que são passíveis, possuirá o segredo da vida universal e da formação de todos os seres, em todos os remos, sob a dupla ação espírita e magnética, pela vontade de Deus e segundo leis naturais e imutáveis.

Os fluidos magnéticos ligam todos os mundos entre si no Universo, como todos os Espíritos, encarnados ou não. E um laço universal pelo qual Deus nos ligou a todos, como que para formarmos um único ser e para nos facilitar a ascensão ao seu seio, conjugando-nos as forças. Os fluidos se reúnem pela ação magnética. Tudo em a natureza é magnetismo. Tudo é atração produzida por esse agente universal.

No vosso planeta, além do magnetismo mineral, vegetal, animal, existem o magnetismo *humano* e o magnetismo *espiritual.*

O magnetismo humano consiste na concentração, por efeito da vontade do homem, dos fluidos existentes nele e na atmosfera que o cerca, e mediante os quais, a certa distância, ele atua sobre outro homem ou sobre as coisas.

O magnetismo espiritual resulta da concentração da vontade dos Espíritos, concentração por meio da qual estes reúnem à volta de si os fluidos, *quaisquer que sejam,* encerrados no ser humano ou disseminados no espaço, e os dispõem de modo a exercerem ação sobre o homem ou sobre as coisas, produzindo os

efeitos por eles desejados.

A gravidez de Maria foi *obra do Espírito Santo,* porque foi obra dos *Espíritos do Senhor* e, como tal, *aparente* e *fluídica,* de maneira a produzir ilusão, a *fazer crer* numa gravidez real.

Houve aí um efeito de magnetismo espiritual. Sabeis qual a ação dos fluidos espirituais sobre o homem. Podeis avaliá-la pelo poder dos fluidos humanos bem dirigidos.

Os Espíritos prepostos à preparação do aparecimento do Messias na terra reuniram em torno de Maria fluidos apropriados, que lhe operaram a distensão do abdômen e o intumesceram. Ainda pela ação dos fluidos empregados, o mênstruo parou durante o tempo preciso de uma gestação, contribuindo esse fato para a *aparência* da gravidez, pela intumescência e pelos incômodos ocasionados. Maria, sob a inspiração de seu guia e diante desses resultados, que *para ela* eram o cumprimento da anunciação que lhe fizera o anjo ou Espírito enviado, acreditou na realidade do seu estado.

Nessa crença nada há de surpreendente. Aos hospícios se têm recolhido não poucas vítimas da vossa ciência, as quais se acreditavam prestes a dar nascimento a um ser, quando não passavam de joguete de ilusões provocadas por Espíritos obsessores. Em tais casos, nenhuma aparência de gravidez havia aos olhos dos homens e, no entanto, os obsessores as faziam experimentar todos os sintomas da gravidez e parto.

Assim, só *aparência* de gestação houve em Maria. A gravidez foi *apenas aparente, fluídica,* sendo a intumescência do ventre produzida por uma ação fluídica, efeito do magnetismo espiritual.

Seu parto foi igualmente *obra do Espírito Santo,* porque também foi *obra dos Espíritos do Senhor* e só se deu na aparência, tal como a gravidez, por isso mesmo que resultava desta, que fora simplesmente

aparente. Tanto quanto da gravidez, Maria teve a ilusão do parto, na medida do que era necessário, a fim de que acreditasse, como devia acontecer, um nascimento real.

Passado o tempo normal da gravidez, houve efeito de magnetismo espiritual: os Espíritos prepostos à preparação do advento do Messias colocaram Maria sob a influência magneto-espírita e ela teve completa ilusão do parto e da maternidade.

Deveis compreender essa influência recordando-vos da ação e dos efeitos que, por meio do magnetismo humano, o magnetizador exerce e produz sobre o magnetizado, assim como da ação e dos efeitos que, mediante o magnetismo espiritual, os Espíritos exercem e produzem sobre o homem.

O magnetizador pode, como sabeis, pela ação da sua vontade e com o auxílio dos fluidos humanos bem dirigidos, levar o paciente, em estado de sonambulismo, a experimentar todas as sensações e impressões, a *ver* e *acreditar* em tudo quanto ele queira que o mesmo paciente veja e *acredite,* ao ponto de conseguir que este se impressione com uma ficção, como se fora uma realidade. Pode ainda produzir no paciente todas as aparências de um sofrimento qualquer, fazê-lo mesmo passar por esse sofrimento e por fim livrá-lo dele.

Se haveis estudado o magnetismo humano por todas as suas faces, tereis notado que alguns pacientes, cujo desprendimento se opera com grande facilidade, falam e procedem exatamente como se não estivessem mergulhados em sono magnético, nenhum traço ou sintoma apresentando, por onde o observador possa reconhecer aquele estado. É que a ação magnética se exerce sobre o *Espírito,* deixando ao corpo *a sua liberdade.*

São indivíduos que gozam do desenvolvimento de faculdades extra-humanas, isto é, indivíduos excepcionais que gozam, não só, como todo Espírito des-

prendido da matéria, de faculdades extra-humanas, mas também de faculdades superiores às que podeis do número ter observado nos vossos melhores lúcidos, e que são capazes, em certos casos, de resolver problemas que o Espírito encarcerado na carne não ousaria, nem poderia abordar. Há questões que o homem não se atreve a propor à ciência, não por humildade, ou por uma cautelosa apreciação de suas forças, sim por considerar a ciência incapaz de responder a elas.

Raros são ainda tais indivíduos; mas, hão de multiplicar mediante o emprego dessa força que vos está confiada. Servirão imensamente ao progresso das ciências e das artes no vosso planeta. São instrumentos mais perfeitos do que os outros, porém mais fáceis também de se quebrarem, isto é, são indivíduos cujas faculdades mediúnicas, mal dirigidas, se estragariam rapidamente. Tal a razão por que não vos aparecem ainda em grande número. Preciso é que, em matéria de magnetismo, ganheis mais experiência.

Sabeis, também, que o esquecimento do despertar é, em princípio, efeito do sonambulismo. Todavia, excepcionalmente, pode o magnetizador, pela ação da sua vontade e dando ordem nesse sentido, conseguir que, uma vez despertado, o sonâmbulo guarde lembrança de alguma coisa que tenha ocorrido no estado sonambúlico e da qual ele queira que o mesmo sonâmbulo se recorde em seu estado ordinário.

Tudo quanto, pela ação do magnetismo humano, o magnetizador pode fazer com outro indivíduo, podem-no igualmente, pela ação do magnetismo *espiritual,* os Espíritos, sendo que estes atuam com maior discernimento e mais ciência do que o homem sobre o homem e nas condições necessárias à obtenção dos efeitos que queiram produzir, dos resultados que desejem alcançar. Podem (como o sabeis, graças à ciência espírita) fazer que o paciente sinta pancadas, ou dores, que aparecem ou desaparecem à vontade

dos operadores invisíveis. Também sabeis, por numerosos fatos observados em todos os tempos e agora mesmo, como são sentidas essas pancadas, essas dores.

Devemos ainda explicar-vos a ação do magnetismo sobre o Espírito do magnetizado. O que a este respeito vamos dizer se aplica tanto ao magnetismo humano, como ao espiritual. *Apenas,* a ação deste é mais pura em suas causas e efeitos. Os mesmos são, entretanto, os resultados da ação de um e outro: o desprendimento do Espírito encarnado se produz em condições mais ou menos boas, conforme o magnetizador (humano ou espiritual) é mais ou menos elevado.

Haveis de compreender que o magnetismo não pode causar ilusão *ao Espírito,* pois que concorre para o seu *desprendimento.* Uma vez desprendido o Espírito, por esse meio, dos entraves da carne, a conseqüência é que se torna cúmplice voluntário de quem sobre ele atua, quer a ação magnética emane de um Espírito *livre,* quer de um *encarnado.* A lembrança que o paciente, depois de acordar, guarde do que ocorreu durante o sono magnético resulta da cooperação do mesmo paciente, que, seja por simpatia, seja por fraqueza, seja por subordinação, conforme às relações existentes entre ele e o magnetizador (humano ou espiritual), consente em obedecer ao que se lhe impõe ou propõe. Assim, recordar-se-á das palavras ou atos, cuja lembrança tenha; durante o sono, assentido em guardar, sob a influência das sensações e impressões recebidas pela matéria, que conserva a marca do compromisso, assumido pelo paciente, de se recordar dos atos como se realmente praticados foram. O Espírito, iludido pela carne, ao despertar considera reais aqueles atos. Se o Espírito do magnetizador e o do magnetizado são *simpáticos,* a lembrança é devida ao bom entendimento entre ambos. Se o do magnetizado é *mais fraco* que o do magnetizador e

este lhe impõe uma vontade arbitrária, o Espírito desprendido cede *algumas vezes.* Se o Espírito do magnetizado é inferior ao do magnetizador, o primeiro, por deferência, levado pelo respeito, obedece.

Maria *tinha que crer* num parto real e lembrar-se de fatos que *lhe cumpria* atestar, como se houvessem ocorrido.

Os Espíritos prepostos à preparação do aparecimento do Messias na terra, colocando Maria, pela ação do magnetismo espiritual, sob a influência magneto-espírita, a puseram, por efeito dessa influência, no estado de um sonâmbulo que vê e acredita, sente e experimenta o que se quer que ele veja e acredite, sinta e experimente. Nesse estado, Maria se achou em condições idênticas às dos indivíduos, ainda raros entre vós, de que há pouco falávamos.

Quando ela ainda se encontrava sob aquela influência, os Espíritos prepostos, que, para produzirem a gravidez simplesmente aparente e fluídica, haviam atraído os fluidos apropriados, os dispersaram. E, assim, cessando as causas, os efeitos deixaram de existir. Pela dispersão daqueles fluidos, a menstruação retomou o seu curso ordinário e Maria se achou nas condições exigidas em tais casos para poder, no prazo estabelecido, preencher as formalidades prescritas na lei de Moisés para a purificação.

A fim de dar a Maria, sempre sob a influência magneto-espírita, a ilusão do parto e da maternidade, os Espíritos prepostos, pela ação fluídica, a fizeram experimentar efeitos semelhantes às contrações naturais em um parto qualquer. Essas impressões recebidas pela matéria a dispuseram a tomar, *por simpatia,* com os Espíritos elevados que sobre ela atuavam, isto é, *por acordo com eles,* o compromisso de se lembrar materialmente de fatos que precisavam ser atestados, submetendo-se ao que lhe era proposto *em nome do Senhor.*

No momento em que Jesus apareceu, exatamente como houvera aparecido por efeito de um nascimento real, sob o aspecto de uma criancinha, cessou a influência magneto-espírita. E Maria, iludida pela carne, sob a influência das impressões recebidas pela matéria, que conservara o sinal do compromisso que seu Espírito assumira, tomou nos braços o menino, como se o parto fora real, crente assim de que ele era fruto de suas entranhas, por *obra do Espírito Santo.*

Maria era quase uma criança e pouco experiente das coisas humanas, tendo sempre vivido em adoração e contemplação. Tomou o menino e rendeu graças a Deus.

A gravidez e o parto não tiveram, da sua marcha natural, senão a *aparência.* Se fora necessário dar também aos homens a ilusão desses fatos, fácil teria sido aos Espíritos prepostos fazer com que, pelas dores da carne em elaboração, Maria experimentasse todos os incidentes e sintomas de cada uma das fases da maternidade, de maneira a lhes imprimir, *aos olhos humanos,* todos os caracteres aparentes da realidade, segundo as leis da encarnação no vosso planeta.

Sabeis que uso podem os Espíritos que vos cercam fazer dos fluidos que vos envolvem. A gravidez teve, aos olhos dos homens, a aparência da realidade. O mesmo poderia ter-se dado com o parto. Cercando Maria dos fluidos necessários a produzir a ilusão, esses fluidos, pelas combinações que sofreriam sob a ação espírita, teriam impresso, aos olhos dos homens, todos os caracteres da realidade às fases do parto, de modo que este, para os que porventura assistissem a Virgem, revestiria a aparência de um parto real.

Os Espíritos que vos cercam, chegados a um certo grau de adiantamento, atuam, pelo poder da própria vontade, sobre os fluidos ambientes, atraem os que

são necessários e, combinando-os, traçam, *para os olhos carnais do homem,* os quadros que ele deva ver.

Tais meios, entretanto, só são empregados em casos sérios. Assim, não pense o homem estar sempre submetido a essas alucinações espíritas. Mas, todas as vezes que, para um fim útil à humanidade, seja preciso recorrer a esses meios, eles são empregados. Não vos equivoqueis, porém, a respeito do sentido destas palavras - *alucinações espíritas.* Por alucinações espíritas entendemos efeitos espíritas *representando,* para olhos humanos, *uma coisa qualquer que não existe realmente, nem do ponto de vista material, nem do espiritual, e que não passa de ilusão produzida, sob a ação espírita, por uma simples combinação de fluidos.* O fenômeno, que mais tarde explicaremos, chamado - *a multiplicação dos pães e dos peixes,* simples resultado de uma ação espírita, obtida por mera combinação dos fluidos apropriados e necessários a esses efeitos, é de molde a vos fazer compreender como fora igualmente fácil produzir, para aqueles que porventura assistissem a Maria, mediante a ação espírita e a combinação de fluidos apropriados e necessários, a ilusão do parto, dando-lhe os característicos da realidade.

E pelo mesmo princípio e pelo emprego das mesmas causas que os Espíritos culpados defrontam, na erraticidade, com as vítimas que fizeram, com as faltas que cometeram e vêem desenrolar-se o panorama sangrento do passado ou o cenário das dores que os esperam no futuro. Os fluidos empregados pelos Espíritos prepostos a essa missão apresentam aos olhos do culpado, ou sejam quadros animados, de uma ilusão completa, ou a aparência de objetos, dando também completa ilusão da realidade.

Fácil teria sido, portanto, produzir nos homens, naqueles que porventura a assistissem, a ilusão do parto de Maria. Mas, a isso se opunha o prestígio mis-

terioso de que devia cercar-se o "nascimento" de Jesus. Maria estava só no momento. Fácil era dar a ilusão àquele Espírito cuja existência material apenas começava, tanto mais quando, embora o desenvolvimento da mulher em tais paragens seja mais precoce do que sob o vosso clima, a vida contemplativa de Maria a conservara ao abrigo de todas as aspirações e sensações materiais. Sendo ela, pois, ignorante das leis da matéria, inútil fora levar mais longe a ilusão.

Notai que os acontecimentos se encadeiam de tal sorte que Maria se vê privada de quaisquer socorros humanos, sendo o rebanho encurralado no estábulo a sua única companhia naquele momento em que, achando-se só, *ela tem que acreditar* num parto real; em que, sob a influência magneto-espírita, os fatos se passam para efetivar a ilusão sobre esse ponto; em que, finalmente, se verifica o aparecimento de Jesus sob o aspecto de uma criancinha que ela recebe.

Notai (insistimos neste fato porque, conquanto pueril em si mesmo, pode esclarecer-vos) que nenhum historiador de Jesus fala do trabalho do parto de Maria, nem das conseqüências que pudera ocasionar. Os "espíritos fortes" farão sentir que "sendo a Judéia um pais quente, as mulheres eram aí morenas fortes e vigorosas e que assim as condições mórbidas, do ponto de vista das conseqüências do parto, deviam ser quase nulas". Efetivamente, em certas latitudes, a mulher se encontra, senão livre, ao menos aliviada de uma parte de seus sofrimentos. Mas, Jerusalém, Nazaré, Belém de Judá não se acham em condições idênticas às das margens do Ganges, tão amiúde citadas em casos semelhantes.

Maria, portanto, devera ter estado doente, como qualquer outra mulher, durante um certo tempo. *Ninguém disse uma só palavra a tal respeito.* Ao contrário, logo *na manhã seguinte* recebeu os pastores,

aos quais o anjo ou Espírito enviado se manifestara, e lhes apresentou o menino.

Ela era, já o temos dito, um Espírito muito puro, tendo por missão prestar-se à obra que se havia de realizar e não procurava, como o fazeis, compreender o mecanismo dos atos ocultos. Avisada pelo anjo de que teria, aos olhos dos homens, *um filho de essência diversa da sua, diversa da essência humana do vosso planeta,* obedece e desempenha com fé, submissão e amor a tarefa que aceitara. Avisada pelo anjo de que não seria mais que um instrumento, recebeu, *como obra do Espírito Santo* e sem inquirir da natureza da solução do problema, o filho, que acreditou ser o fruto das suas entranhas e do qual tinha que se encarregar aos olhos dos homens.

Que os que sem cessar controvertem não digam que foi, ou que teria sido uma fantasmagoria, um embuste.

Não; a vossa natureza está sujeita a muitos mistérios que não compreendeis e cuja fonte única é a combinação dos fluidos de que dispomos *para vossa utilidade e vosso progresso.* Jamais agimos sem propósito. Cumprimos *sempre* as vontades do Senhor.

O que ocorreu era *necessário à* iniciação da nova era transitória, na qual a humanidade então ia entrar, a fim de preparar o advento da era atual do Espiritismo, o advento da nova revelação.

A cada era uma revelação, progressiva e apropriada às necessidades dos tempos, ao estado das inteligências e aos reclamos da época, velada pela letra, quanto convenha, ensinando-vos sempre a verdade, gradualmente, na medida do que podeis receber e conservar, levantando pouco a pouco a ponta do véu que a esconde aos vossos olhos.

Jesus trazia um corpo semelhante ao vosso, como bem o disseram os Apóstolos: "Seu corpo não tinha *a aparência* do vosso? - Suas necessidades *aparentes*

não foram as mesmas?" - Sim, Jesus teve um corpo semelhante ao vosso, mas *não* da mesma natureza.

Seu nascimento foi *obra do Espírito Santo,* por isso que seu aparecimento foi preparado por uma gravidez aparente e, conseguintemente, por um parto também aparente, obra, uma e outro, dos Espíritos do Senhor, executada conforme já o explicamos (n.14).

Tal aparecimento só Jesus o podia fazer.

Aquela missão lhe competia, primeiro, como encarregado que é do progresso humano; depois, por ser, entre os Espíritos elevados que sob a sua direção se acham consagrados à obra do progresso do vosso mundo e da sua humanidade, o único que, pelo seu poder nas altas regiões, seria capaz de assimilar aos do vosso planeta os fluidos superiores, que servem para a formação dos corpos nos mundos fluídicos e, desse modo, constituir o corpo misto de que usava, quase material e que, aos olhos humanos, se afigurava o corpo do homem da terra; finalmente, por ser o único capaz de manter uma existência terrena *aparente.*

Efetivamente, Jesus, Espírito perfeito, puro entre os mais puros de quantos, sob a sua direção, trabalham para o vosso progresso, vossa regeneração, vossa transformação física, moral e intelectual, a fim de vos conduzir à perfeição; Jesus, não sujeito a encarnar em nenhum planeta, conhecia todos os fluidos adequados a produzir o aparecimento por incorporação e a encarnação em todos os mundos, quer materiais, quer fluídicos; assim como as leis universais, naturais e imutáveis, suas aplicações e apropriações. Só ele, portanto, tinha a ciência e o poder de construir para si, debaixo da aparência corporal humana, aquele invólucro de natureza perispirítica, apto a longa tangibilidade, destinado a lhe servir para o desempenho da sua missão terrena. Só ele tinha o poder de deixar esse invólucro e de o retomar a todo

instante, mantendo os elementos que o compunham sempre prontos a se reunirem ou dissociarem, por ato exclusivo da sua potente vontade.

Já o dissemos (n.14) e repetimos: Jesus não se revestiu de um corpo material humano tal como os vossos. Sua essência era demasiado pura para poder suportar o contacto com a matéria. Compreendei o sentido destas palavras. Queremos dizer que Jesus, de uma elevação extrema, *incompatível* com a vossa essência, não podia *submeter-se à* encarnação material humana. Era-lhe impossível suportar o contacto da matéria, como vos é impossível suportar um odor fétido.

Quanto mais pesada é a matéria, tanto mais constringe o Espírito. Revestido do invólucro material humano, o Espírito, seja embora um Espírito superior que o tome para desempenhar entre vós uma missão, é mais ou menos falível. Sua vida não decorre sem que uma ou outra mácula lhe empane o brilho. Ainda agora, entre vós, se encontram Espíritos em missão, suportando o peso da carne.

Já pela sua *natureza* espiritual, já pela sua posição espírita, tal escravidão não a podia nem devia sofrer Jesus que, mesmo quando visível entre os homens, segundo os períodos e as necessidades da sua missão, tinha consciência exata da sua origem e a certeza do futuro, era sempre o protetor e governador do vosso planeta e presidia à vida e à harmonia universais em todos os reinos da natureza, constantemente em relação com Deus, transmitindo pelos seus mensageiros, hierarquicamente, ordens a todos os Espíritos prepostos à obra e ao entretenimento da vida, da harmonia universais, do progresso, relativamente ao vosso mundo e à humanidade terrena.

Já o dissemos (n. 14) e repetimos: Esse fato do aparecimento, entre vós, de um Espírito, por incorporação, único até hoje nos anais do vosso mundo, se

há de repetir em tempo oportuno. Quando se repetir, sabereis que soou a hora da regeneração anunciada pelo Cristo e desde longe por nós preparada e continuada.

Que os que têm ouvidos para ouvir ouçam; que, cheios de orgulho, mas ignorantes das leis universais, das leis naturais e imutáveis estabelecidas por Deus, do que diz respeito aos fluidos, suas propriedades, seus efeitos, suas combinações, transformações e apropriações, acordemente com aquelas leis, para a produção de seres por encarnação ou incorporação nos planetas, tanto materiais como fluídicos, que povoam os universos na imensidade - os homens não neguem o que não podem ainda compreender, nem explicar.

Sim, a gravidez de Maria foi apenas aparente e fluídica como obra do Espírito Santo, isto é, dos Espíritos do Senhor prepostos a essa obra, os quais operaram por meio do magnetismo espiritual. Sim, o "aparecimento" de Jesus, efetuado, conforme *à* vontade de Deus (era preciso que fosse assim, de acordo com o estado das inteligências, para ser admitido), sob as aparências do parto em Maria virgem e por uma operação do Espírito Santo, foi, como obra deste, isto é, dos *Espíritos* do Senhor, e sob o véu de um "nascimento" *apenas aparente,* uma manifestação espírita tangível, igual às que se produzem em todas as épocas e ainda hoje podeis observar. A única diferença a notar-se entre aquela e estas manifestações é que, ali, o perispírito, muito humanizado pela ação da vontade poderosa do Mestre sobre os fluidos que vos cercam, era, com *todas as aparências* da vida humana, apto a conservar uma longa tangibilidade, que existia ou cessava ao arbítrio da mesma poderosa vontade, conforme o exigiam os tempos, os períodos, as necessidades e os atos da sua missão terrena.

Reservado estava à nova revelação dizer-vos aquilo que a humanidade ainda não podia entender

quando o Cristo desceu à terra, mas que, veladamente, se encontrava nas palavras com que o anjo fez a anunciação a Maria e, em sonho, advertiu a José. Estava-lhe reservado levantar o véu quando fossem chegados os tempos; colocar no lugar *da letra,* que agora *mata,* pois que já produziu seus frutos, *o espírito que vivifica;* explicar o erro que *a letra* e *a ignorância* dos séculos *haviam* de engendrar e engendraram e que se manteve até aos vossos dias; ensinar-vos a verdade que o progresso das inteligências já vos permite receber e guardar.

Não, Jesus não tomou um corpo material humano no seio de uma virgem, com derrogação das leis naturais e imutáveis que regulam a reprodução no vosso planeta e nos outros mundos materiais. A vontade imutável de Deus jamais derroga as leis da natureza, que ele próprio formulou desde toda a eternidade.

Não, Jesus não tomou um corpo material humano, tal qual os vossos, segundo as leis da reprodução material no vosso planeta, por obra de Maria e José. Afirmar o contrário fora inquinar de falsidade e de impostura o que a estes disse o anjo, fora blasfemar o próprio Deus, rejeitando, por mentirosa, a palavra de seu enviado.

A nova revelação vem explicar, *segundo o espírito,* as palavras do anjo, que foram mal interpretadas porque as tomaram ao pé da letra, com ignorância do sentido que devia ser dado às seguintes proposições: "Aquele que nela se gerou foi formado pelo Espírito Santo. - O Espírito Santo virá sobre ti - e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra". Ela vem substituir o erro pela verdade; vem ensinar aos homens que, *como obra do Espírito Santo,* isto é, dos Espíritos do Senhor, tudo foi espiritual, espírita, estranho a qualquer ato material humano regido pelas leis da encarnação no vosso planeta, quer se trate da concepção no seio de uma

virgem, *obra e efeito espíritas,* dando lugar a uma gravidez apenas aparente, devida a uma ação fluídica emanada daqueles Espíritos, quer se trate do parto, igualmente *obra e efeito espíritas,* também apenas aparente, destinados uma e outro, como já vos explicamos, a produzir ilusão em Maria e a gerar nela a crença em fatos que devia considerar reais e atestar; quer, finalmente, se trate do aparecimento de Jesus sob o aspecto de uma "criancinha", conforme se houvera dado, *aos olhos dos homens,* no caso de um "nascimento real", aparecimento que, *como obra e efeito espíritas,* se produziu pelo emprego e combinação de fluidos superiores e inferiores, de acordo com as leis naturais e imutáveis, que vos temos revelado, mediante a aplicação e a adaptação dessas leis.

Mateus, Marcos, Lucas e João

Assistidos pelos Apóstolos

N. 32. Tendo José e Maria, como tinham, parentes e conhecidos em Belém, de que modo se explica a çontingência em que se viram de acolher-se a um estábulo e de aí deitarem o "menino" numa manjedoura, por não haver para eles lugar na hospedaria?

Grande era a afluência de viajantes e excedia os limites da hospitalidade, mesmo na hospedaria. Os hebreus, sobretudo os de ínfima classe, não construíam casas para si como se foram príncipes.

Morava em Belém um irmão de José, mas, não tendo sido avisado da sua vinda, não pudera recebê-lo, por lhe ocuparem toda a casa outros hóspedes.

José não era esperado. Não devendo afastar-se de Maria, atenta a sua adiantada gravidez *(aos olhos dos homens),* seu irmão é quem iria fazer por ele as declarações da lei.

De fato, estando certo de não poder ir pessoalmente, José incumbira seu irmão Matias de inscrevê-lo no registro censitário, assim como sua mulher e o filho que então já teria provavelmente "nascido" e que ele sabia pelo aviso que recebera do anjo, seria varão.

Não era crível que Maria, num estado de gravidez tão adiantado *(aos olhos dos homens)* se aventurasse àquela caminhada. Ninguém por isso a esperava. Mas, *impelida pelo Espírito,* para empregar as expressões de que usam as Escrituras, isto é, sob a inspiração do seu anjo de guarda, ela resolveu, à última hora, empreender a viagem. *Era preciso* que Jesus "nascesse" daquele modo. Sim, *era preciso* que "nascesse" assim, num lugar miserável, longe dos homens e de todos os socorros, a fim de dar um grandíssimo exemplo de humildade, a fim também de que se simplificassem as circunstâncias que lhe haviam de cercar o "nascimento" e que já vos explicamos (n. 31).

Logo que a afluência de forasteiros diminuiu, ela foi recebida pelos parentes, em casa do irmão de José.

A notícia de que o "menino" "nascera" se espalhou, passando de boca em boca, como todas as notícias que os homens transmitem. Zacarias e Isabel tiveram aviso do fato, não por essa maneira, mas porque José lhes foi dar a boa nova. Ambos se apressaram a ir adorar o "menino". Destituídos, porém, de utilidade para a obra evangélica, seus atos e palavras nessa ocasião foram postos de lado, guardando-se sobre eles silêncio. Tendo desempenhado a missão que lhes tocara, voltaram os dois *à* obscuridade.

Assim, não mais se falaria deles e não mais se falou, verificando-se o mesmo com relação a todos os outros Espíritos encarnados que haviam pedido a graça de participar da obra que a missão terrena de Jesus vinha executar.

LUCAS, Cap. II, v.8-2O

Os pastores

V. 8. Ora, havia no país muitos pastores que passavam as noites no campo, revezando-se na guarda dos seus rebanhos. - 9. De repente, um anjo do Senhor se lhes apresentou, circunvolveu-os a claridade de Deus e eles se sentiram presa de grande temor. - 10. Então o anjo lhes disse: "Não tenhais medo, pois venho trazer-vos uma notícia que, para vós, como para todo o povo, será motivo de grande alegria: - 11. é que hoje, na cidade de David, vos nasceu um Salvador, que é o Cristo, o Senhor. - 12. Eis aqui o sinal que vos fará reconhecê-lo: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura". - 13. No mesmo instante reuniu-se ao anjo um grande troço da milícia celeste, louvando a Deus e dizendo: - 14. Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade. - 15. Logo que os anjos se retiraram para o céu, os pastores disseram entre si: Vamos até Belém para verificar o que nos acaba de ser dito, o que sucedeu, o que o Senhor nos mostra. - 16. Partiram apressadamente e encontraram Maria, José e o menino deitado numa manjedoura. - 17. E, tendo-o visto, reconheceram a verdade do que lhes fora dito a respeito daquele menino. - 18. E todos os que os ouviram se admiraram do que lhes era relatado pelos pastores. - 19. Maria prestava atenção a tudo isso que diziam e tudo reunia no seu coração. - 20. Os pastores regressaram glorificando e louvando a Deus por tudo quanto tinham ouvido e visto, conforme ao que lhes fora dito.

N. 33. Quanto a manifestação espírita, isto é, quanto à aparição do anjo, ou Espírito enviado, aos pastores e quanto às palavras que lhes dirigiu, a mediunidade explica como puderam eles *ver e ouvir.* Foram médiuns videntes e audientes.

Pelo que toca à luz, à claridade que os envolveu, enchendo-os de grande temor, a explicação é a se-

guinte: sob a ação e a influência do magnetismo espiritual, achando-se em estado de êxtase por efeito de um desprendimento completo, com a visão espiritual, portanto, desimpedida, os pastores viram os fluidos ambientes, que, para vós, são incolores e, para nós, espalham grande claridade. Viram-nos tais como nós os vemos. Essa claridade, relativa ao grau de elevação, de adiantamento do Espirito, não deixa, para este, de existir e de ser por ele percebida, qualquer que seja a sua inferioridade (trate-se de um sofredor ou de um mau), senão quando é condenado *às trevas.*

Não compreendendo a causa simples de tal claridade, que olhos humanos não podem distinguir senão em casos excepcionais, em situações como aquela em que eles se encontravam, os pastores tomaram por uma luz divina, por uma manifestação do próprio Deus, a luminosidade dos fluidos ambientes e, por isso, lhe deram a designação de "claridade de Deus, *claritas Dei".*

A ciência terrena, por meio do magnetismo humano e do sonambulismo, já observou, com auxílio de sonâmbulos suficientemente impressionáveis e lúcidos, a luz, a claridade que os fluidos magnético e elétrico, *em estado latente,* espalham; assim como a luminosidade dos corpos, a luminosidade que apresentam, sob a forma de vapor luminoso, os objetos, os metais, a madeira [8].

E a ciência, por meio do magnetismo humano e do sonambulismo, com o auxilio de pacientes em con-

[8] É o que já foi efetivamente verificado, por experiências e observações feitas com o auxílio de sonânbulos lúcidos, notadamente pelo Dr. CHARPIGNON, (Phisiologie, Médecine, Métaphysique du Magnetsme, par J. Charpignon, doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, membro de muitas sociedades sábias. – Págs. 24 e 25, 29 e 30, 1848, Paris, Germer Buillère, livreiro editor).

dições de aptidão semelhantes às que apresentavam os pastores, será levada a dar testemunho desse estado luminoso dos fluidos ambientes, fonte de grande e permanente claridade para os Espíritos errantes, donde decorre que, para eles, não há noite, nem obscuridade, nem opacidade dos corpos, não existindo no espaço obstáculos nem barreiras que lhes detenham a visão espiritual.

O grande troço da milícia celeste não era mais do que uma multidão de bons Espíritos prepostos à manifestação espírita. Por efeito da mediunidade vidente e audiente, os pastores os *viram e escutaram estas palavras* que conheceis péla designação de *cânticos dos anjos* e que, depois de terem atravessado os séculos, ainda hão de ecoar pelos séculos vindouros:

"Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade".

Um ensino resulta do confronto que se estabeleça entre o que ocorreu com os pastores e o que se deu com os magos: É que o homem jamais deve orgulhar-se da posição que ocupe no mundo; é que, aos olhos do Senhor, o menor pode ser o maior.

Quais as pessoas que primeiro recebem o anúncio do "nascimento" de Jesus? - Humildes pastores, que viviam sem instrução e sem orgulho, na solidão, no seio da natureza, aprendendo no seu livro imenso os segredos da divindade. Ignoram, mas crêem, amam e esperam. Tanto basta para serem considerados dignos de receber, antes de Outrem, a boa nova.

Os dois pontos se extremam: após eles, são os magos, os sábios, os poderosos que recebem a revelação, destinada a transpor todas as classes. Começando pelos degraus inferiores da escala, terá que subir até ao ápice. Os magos também criam; mas neles a fé não era tão pura. Tinham mais curiosidade de verificar um fato duvidoso, do que confiança nas palavras do anjo. Contudo, também vêm prosternar-

se diante do menino, trazendo-lhe os tributos que se ofereciam ao Senhor. E que, sem o compreenderem, sentem que aquele menino, se de fato existe, deve ser *de uma essência superior à deles,* para dar causa a tão grandes coisas.

N.34. Falando da revelação feita primeiramente aos pastores e depois aos magos, haveis dito: *"destinada a transpor todas as classes: começando pelos degraus inferiores da escala, terá que subir até ao ápice."* - Estas palavras são aplicáveis aos tempos atuais do advento da era nova do Espiritismo? E assim o que *primeiro* se operou com relação aos pastores e *depois* com relação aos magos foi um aviso do que se daria por ocasião do advento dessa era nova, relativamente à revelação espírita?

São um conselho e um exemplo que se vos dão. Deveis, antes de tudo, levar a boa nova aos deserdados do vosso mundo, que são os mais ansiosos, sem todavia vos esquecerdes das classes, entre vós, mais elevadas.

Vedes que o anjo *avisa* os pastores e se retira, por saber que eles têm o coração simples e reto. Vigia-os, mas invisivelmente; ao passo que conduz os magos, mostrando-lhes sempre, ao longo do caminho, a estrela que os guiará. Condu-los assim, por saber que as grandezas mundanas os podem desviar e que, portanto, é preciso tê-los de contínuo atentos. Que o anjo que os avisou vos sirva de exemplo. Imitai-o.

Consagrai àqueles de vossos irmãos que o mundo considera ínfimos as primícias dos vossos cuidados e a maior parcela do vosso amor. Mas, por isso, não desprezeis os felizes da terra, porquanto a estes é que se aplicam, no seu verdadeiro sentido, estas palavras, cujo alcance as interpretações humanas falsearam: "Muitos os chamados, poucos os escolhidos".

Muitos os chamados e poucos os escolhidos, sim, porque bem poucos sabem aproveitar os meios que a

bondade divina lhes pôs nas mãos para progredirem e impulsionarem o progresso de seus irmãos.

Sem dúvida, a felicidade na terra é uma provação mais suave do que o são a pobreza e as decepções, mas também muito mais difícil de ser levada a bom termo. Felizes do mundo, as riquezas que possuís não vos foram distribuídas para satisfação vossa. Não é para vossa ventura que os acontecimentos estão sempre de acordo com os vossos desejos, com as vossas necessidades. Oh! não. Não é para vosso *gozo material,* para incrementar o vosso orgulho, o vosso egoísmo. Nas riquezas, só deveis procurar um beneficio *moral vindouro.* Os bens terrenos vos são concedidos como instrumento e meio de amor e de caridade para com os vossos irmãos, de progresso moral e intelectual para eles e para vós, a fim de que aprendais a lhes dar útil e generoso emprego. Não devem servir para que desfruteis existência voluptuosa, mas para suavizardes os sofrimentos dos desgraçados. Não devem contribuir para viverdes na ignorância e na preguiça, mas para adquirirdes a ciência que o estudo, sempre dispendioso, pode proporcionar e, em seguida, para espalhá-la *gratuitamente* a mancheias, por aqueles que carecem de recursos, ou para fazerdes que outros espalhem abundantemente a instrução tão necessária ao povo, se, por muito limitada a vossa inteligência, não puderdes apreendê-la.

Não é para vosso contentamento que tendes as íntimas satisfações. Não deveis limitar-vos a dizer: “Tenho sorte, nasci sob uma estrela feliz; tudo me sorri”. Deveis primeiramente agradecer àquele que permitiu fosse tal o vosso destino. Deveis, depois, fazer com que este se reflita sobre todos os que, menos felizes, estão sujeitos às provações morais, às vezes tão pesadas! A esses, dai o excesso da vossa boa fortuna. Consolai, alentai, moralizai, ponde-vos em lugar dos que sofrem, ajudai-os a suportar o peso de seus infor-

túnios, *não* superficialmente, com os lábios apenas, mas com amor, do fundo dos vossos corações. Praticai a justiça, o amor e a caridade para *com* todos e *por* todos, debaixo dos pontos de vista material, moral e intelectual. Oh! então, *não mais* vos diremos: muitos são os chamados e poucos os escolhidos, pois que do alto do seu trono o Senhor deixará cair sobre vós um olhar de complacência e, assim como o imã atrai o ferro, ele vos atrairá a todos, ligados pelos laços da solidariedade e da fraternidade universais, a seus pés, a fim de receberdes a coroa dos *eleitos.*

N.35. Haveis dito, falando dos magos: "Tinham mais curiosidade de verificar um fato duvidoso *do que confiança nas palavras do anjo."* - Deve-se dai concluir que receberam uma revelação espírita?

Sim. Explicar-vos-emos este ponto quando tratarmos da visita deles a Belém.

N. 36. Quais *o* sentido e o alcance destas palavras do v. 14: "Glória a Deus *no mais alto dos céus* e paz na terra aos homens de boa vontade"?

No mais alto dos céus exprime a elevação inigualável do Altíssimo.

Os homens de boa vontade são os que se consagram ao serviço do Senhor, *não* vivendo em retiro e fazendo macerações, *mas* consagrando a inteligência, a força e o tempo ao bem de seus irmãos, glorificando o Senhor pelo trabalho, que é a prece do coração, pela caridade e pelo amor.

N. 37. Por estas palavras do v. 15: "Logo que os anjos se retiraram para o céu" se deve entender: Logo que os bons Espíritos se afastaram no espaço e deixaram de ser visíveis aos pastores?

Sim, porém há uma explicação mais exata e mais

precisa: logo que cessou o estado de êxtase em que se achavam os pastores, logo que, voltando à opressão da carne, eles deixaram de *ver.*

N.38. Que se deve entender por esta expressão: *"O* céu", com relação a Deus e para Deus?

Não procureis, oh! bem-amados, nessa palavra de que tanto tem o homem abusado, a imagem de um determinado lugar onde o Senhor se encerre.

Quão mesquinho é o espírito humano para haver pretendido encerrar o *infinito* no *céu,* qual potentado em seu palácio!

Como explicar-vos, a vós que não podeis fazer idéia da imensidade sem limites, o que sejam Deus, seus atributos e grandeza?

Não podendo definir um ideal dessa ordem, alguns homens, cujas idéias ultrapassavam as do vulgo, quiseram fazer Deus tão grande que lhe aniquilaram a personalidade.

Outros, confinados na estreiteza de seus cérebros, o fizeram tão pequeno que as igrejas que lhe edificaram são vastas demais para o conterem.

Adotai o termo médio entre estas duas hipóteses: Deus é, na imensidade, o infinito. Espírito de tal modo puro, de tal modo sutil que bem poucos Espíritos podem vê-lo, de tal modo extenso que irradia por todos os lugares *sem jamais se dividir,* conservando assim a sua individualidade.

Para inteligências limitadas como as vossas, só podemos comparar materialmente Deus com o sol que vos ilumina, centro único para o vosso mundo (é um termo de comparação), de luz, de calor, de fecundidade, quer se mostre aos vossos olhos em todo o seu brilho, quer o encubram os sombrios vapores que se elevam da superfície da terra.

O Senhor, ponto individual e central no infinito,

em torno do qual gravitam todos os mundos, todos os universos, espalha por sobre todos o seu calor, a sua luz, mas bem poucos gozam da faculdade de lhe ver os raios luminosos!

Os vapores que se evolam de vossas almas culposas formam uma atmosfera espessa, através da qual alguns desses raios passam de quando em quando, geralmente depois de uma tempestade, para vos lembrar que, logo que as nuvens borrascosas se tenham dissipado, ele brilhará por sobre vós em todo o seu esplendor, em toda a sua pureza.

Linguagem humana, qual poder é o teu para exprimir pela palavra - Deus - o ideal, o imenso, o infinito, o eterno!?

O *céu* é a imensidade sem limites em que se movem todos os seres, procurando aproximar-se do centro de atração - Deus - a cujos pés se vem grupar tudo que é perfeito.

Dar-vos-emos mais tarde, no momento oportuno, as explicações que deveis receber com relação a Deus[9].

N. 39. Em face do v. 17, quais o sentido e o alcance dos v. 18 e 19?

A aparição do "anjo" aos pastores, a daquele grande troço da milícia celeste, a narração que os mesmos pastores fizeram do que viram e ouviram tinham por objeto e por fim esclarecer cada vez mais os homens, chamar ainda mais a atenção e as meditações de Maria para a importância e a natureza da sua missão e dar a todos a confirmação de que aquele menino que Deus lhe *confiara* e de quem *ela se acreditava* mãe *por*

---

9 Ver: Evangelho de João, n. 11.

uma operação divina, era o Cristo, isto é, o Messias prometido, anunciado pelos profetas da lei antiga.

LUCAS, Cap. II, v. 21-24

Circuncisão. - Purificação

V. 21. Decorridos os oito dias ao cabo dos quais tinha o menino de ser circuncidado, foi ele chamado Jesus, que era o nome que o anjo lhe dera antes de ser concebido no seio de sua mãe. -22. E, passado o tempo da purificação de Maria, segundo a lei de Moisés, o levaram a Jerusalém, para o apresentarem ao Senhor, -23, de acordo com o que está escrito na lei: "Todo primogênito será consagrado ao Senhor", - 24, e para oferecerem ao sacrifício que era devido, conforme à mesma lei, duas rolas ou dois filhotes de pombos.

N. 40. Estes fatos constituem uma lição para os que se revoltam contra o jugo que a religião impõe, para os que querem destruir a lei em vez de a cumprirem, quando, para a humanidade, se abre, na época predita, uma era nova, transitória.

Vedes que os "pais" de Jesus se conformam com a lei estabelecida e a ela submetem o "recém-nascido".

Nunca provoqueis o escândalo, isto é, não escandalizeis vossos irmãos, eximindo-vos, repentinamente, ao jugo que sobre eles pesa.

Quando tiverdes de reconstruir um monumento, servindo-vos dos materiais de outro prestes a desmoronar, não empregueis a mina, porquanto, estilhaçados, os materiais voariam longe e ocasionariam graves acidentes. Não; tirai cuidadosamente pedra por pedra, deponde-as no chão, separando as que não prestarem para lançá-las ao refugo. Feita a escolha, metei mãos à nova obra, substituindo por outras, boas e sólidas, capazes de sustentar os ângulos, as pedras que o tempo haja estragado.

O mesmo se dá com a renovação moral. Não se deve, *de um momento para outro,* subverter as crenças, calcar aos pés os preconceitos. Caindo sobre vós, os destroços vos feririam. Cumpre deslocá-los um a um, conservar com cuidado as pedras *verdadeiras* que devem sustentar o edifício e rejeitar todas as *falsas* que lhe causariam o desmoronamento.

As pedras *verdadeiras* que deveis conservar são a fé em Deus, a submissão à sua lei, quaisquer que sejam a língua em que a expliquem e a forma de que a revistam. Assim, seja qual for o culto sob que tenhais nascido, se ele vos ensina o amor a Deus, pouco importando o nome que dêem ao Criador; se vos ensina a *prática* do amor e da caridade, as pedras são *verdadeiras* - conservai-as.

Mas, rejeitai, pouco a pouco, sem sacudiduras, sem abalos, tudo o que estiver fora da lei divina, que se contém toda, *única e exclusivamente,* nestes dois mandamentos que encerram *toda a lei e os profetas:* amar a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo, por todos os meios, sob todas as formas, em não importa que circunstâncias, na ordem material, moral e intelectual; amar o próximo qualquer que ele seja, conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo. Só de acordo com esse mandamento é que a cada um terá que ser e será dado *segundo as suas obras.*

Os clericais, pertençam a que seita pertencerem (todo culto conta, no seu clero, um pessoal tenaz e obstinado, com bom número de aderentes), vão bradar anátema contra esta profissão de fé, que vem do Cristo e solapa as seitas, pois não está longe o tempo em que, obedientes à lei divina, os homens, sejam quais forem os cultos exteriores que ainda *agora* os separam e dividem, caminharão unidos e irmanados, sob a mesma bandeira, trazendo por exergo: *Amor* e *Caridade.*

Mas, digam o que disserem, anatematizem, que podem eles com seus dogmas, suas tradições e cerimônias contra a vontade de Deus e a obra progressiva do seu Cristo?

Falam à alma? Em geral - não (referimo-nos às massas, não fazemos nenhuma aplicação), visto que os homens saem das respectivas igrejas tão maus como entraram.

Não falam, portanto, senão aos sentidos. Os sentidos, porém, se embotam, se pervertem. E então, que resta? Em geral (repetimos: consideramos as massas, não fazemos aplicação alguma) - autômatos que se ajoelham, rezam, salmodiam a horas certas, homens e crianças sem crenças, velhos sem esperança, os quais, todos, ao saírem, levam consigo os vícios que traziam ao entrarem, vícios estes originários de alguma destas fontes: o orgulho, ou o egoísmo, com os seus derivados - a avareza, a preguiça, a cólera, a intemperança, o sensualismo, a luxúria, a maledicência, a calúnia, a incredulidade, o materialismo, a intolerância, o fanatismo.

Oh! essas são as pedras falsas, que se devem rejeitar, pois que o edifício desmorona sobre todas as mentiras que o sustentem.

A fé em Deus, a prática da caridade, eis aí, eis aí as *únicas pedras angulares.* Trazei-as perfeitas e rijas.

N.*40 bis.* Como devem ser traduzidas e compre-endidas, *em espírito e verdade,* estas palavras do v. 21, referentes a Jesus: *antes de ser concebido no* seio de sua mãe?

Antes que ele se houvesse colocado nas mãos de Maria, sua mãe *aos olhos dos homens.*

Estas palavras humanas do v. 21 foram a conseqüência das crenças que deviam (como já vos explicamos no n. 14) ter curso e que o tiveram, a saber

que: *aos olhos dos homens,* Jesus foi, durante a sua missão terrena, fruto da concepção humana, tendo Maria por mãe e José por pai, e, depois de desempenhada essa missão, fruto de uma concepção chamada "divina", "milagrosa", no seio de uma virgem, no seio de Maria, *por obra do Espírito Santo.*

LUCAS, Cap. II, v. 25-35

Cântico de Simeão

V. 25. Havia em Jerusalém um homem probo e temente a Deus, chamado Simeão, que vivia à espera da consolação de Israel; e um Espírito Santo estava nele. - 26. Pelo Espírito Santo lhe fora revelado que não morreria antes que houvesse visto o Cristo do Senhor. - 27. Impelido pelo Espírito, veio ao templo e, como os pais do menino Jesus o tivessem levado lá a fim de o submeterem ao que a lei ordenava, - 28. ele o tomou nos braços e louvou a Deus, dizendo: - 29. "Agora, Senhor, segundo a tua palavra, mandarás em paz o teu servo, - 30, pois meus olhos viram o Salvador que nos dás, - 31. e que fizeste surgir à vista de todos os povos, - 32, como luz para ser mostrada às nações e para glória de Israel, teu povo. - 33. O pai e a mãe de Jesus se admiravam das coisas que eram ditas dele. - 34. Simeão os abençoou e disse a Maria, sua mãe: "Este menino vem para ruína e para ressurreição de muitos em Israel e para ser alvo da contradição dos homens. - 35. E a tua própria alma será traspassada como por uma espada - a fim de que os pensamentos ocultos nos corações de muitos sejam descobertos."

N. 41. Simeão, homem justo e temente a Deus, vivia à espera do Messias predito e prometido.

Estas expressões: "Um Espírito Santo estava nele" - "pelo Espírito Santo lhe fora revelado" -"impelido pelo Espírito" - eram, como sabeis, um modo de falar hebraico.

Já o explicamos (n. *9): para os JuDeus,* tudo que resultava de uma inspiração, que não compreendiam, era feito pelo *Espírito Santo,* quer dizer, *do ponto de vista em que se achavam,* era o Espírito do *próprio Deus* a animar e inspirar os homens.

Simeão recebeu do seu anjo de guarda a inspiração (é o que, na vossa linguagem humana, chamais

um pressentimento) de que não morreria antes de ver o Cristo do Senhor. Por efeito dessa inspiração, houve, de sua parte, intuição, convicção.

Ainda em virtude da mesma inspiração, ele se sentiu impelido a ir ao templo, onde, esclarecido por ela, tomou nos braços o "menino Jesus" e o proclamou o salvador esperado, pronunciando as palavras do cântico.

Não estão cumpridas e não se hão de cumprir ainda as proféticas palavras do inspirado Simeão?

Jesus não foi exposto no Gólgota, para a atualidade de então e para o futuro, até ao fim dos séculos, *à contemplação de todos os povos, como a luz que havia de iluminar e ilumina as nações, que as iluminou e iluminará?* Não foi exposto pelos apóstolos e discípulos *à* contemplação de todos os povos, até aos vossos dias? Não o vai *ser ainda e cada vez mais* pelo *Espírito da Verdade,* nos tempos da nova era que começa, até que a luz que ele personifica reine sobre todos?

Estas outras palavras de Simeão, falando de Jesus: "e que destinas a ser... *a glória de Israel'* se referem, *segundo o espírito,* no seu sentido oculto, *em espírito e em verdade,* à satisfação imensa que experimentará a nação judia por ter sido eleita para receber esse penhor "de redenção".

Esta parte do cântico se aplica aos séculos vindouros, aos tempos posteriores, não só à época em que Simeão falava, como também à vossa. Compreende-se: quando a luz se houver espalhado por toda a terra, os JuDeus se sentirão felizes por terem sido o primeiro facho donde ela se espargiu. Conquanto a princípio a tenham colocado debaixo do alqueire, nem por isso será neles menos vivo o sentimento de gratidão. *O tempo virá,* cumpre aguardá-lo.

As últimas palavras de Simeão: "Este menino vem para *ruína* e *ressurreição* de muitos em Israel e *para ser alvo* da contradição dos homens", são, tam-

bém no seu sentido oculto, *segundo o espírito, em espírito e em verdade,* uma alusão às querelas religiosas quanto a Jesus, sua origem e sua natureza, quanto ao seu aparecimento e à sua passagem pela terra, quanto à sua posição espírita com relação a Deus, ao vosso planeta e à humanidade terrena, quanto a seus poderes e sua autoridade. Aludem sobretudo à oposição que a maior parte dos notáveis de Israel moveram à moral de Jesus. Tais querelas surgiram então, como pelos tempos adiante até vossos dias e ainda perduram.

Para os notáveis de Israel, Jesus foi causa de *ruína,* porquanto tiveram que *expiar* o orgulho, a cupidez, a ambição e todas as paixões más que os dominavam.

E não só para o Israelita, mas também para muitos outros, Jesus foi, é e será, por algum tempo ainda, causa de *ruína.* Todos os que repelem a sua lei verdadeira, a sua palavra de verdade contida nestes dois mandamentos - *amar a Deus acima de todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo,* por toda parte e sempre, tanto na ordem material, como na ordem moral e intelectual - encontrarão nele a pedra contra que se chocarão.

Em tal caso, Jesus é o obstáculo imprevisto de encontro ao qual hão de todos esbarrar.

A culpa daquele que repele a sua verdadeira lei, por não a ter compreendido bem, muita vez por lhe não ter sido bem ensinada, não pode ser considerada tão grave quanto a daquele que, conhecedor do *sentido profundo* dessa lei, o *desnatura,* ao ensiná-la a outros, a fim de os *manter subjugados.*

Para os que caminhavam nas trevas e que, com alegria, se dirigiram para a luz, Jesus foi, é e será uma causa de *ressurreição.* Esses *ressuscitaram.* Ressuscitaram no sentido de que, deixando de permanecer no estado de degradação que os distanciava do "céu" a que aspirais, entraram no caminho do progresso,

que rapidamente conduz à mansão celeste. Estavam *mortos,* visto que a existência para eles só tinha uma saída - o sepulcro. Ressuscitaram transpondo as portas do *túmulo* e voando para o seu criador aos impulsos do amor, da fé e da esperança.

Finalmente, as palavras de Simeão a Maria: "E a tua própria alma será traspassada como que por uma espada, a fim de que os pensamentos *ocultos* nos corações de muitos sejam descobertos" fazem alusão à *morte* de Jesus, que foi, humanamente, uma grande dor para Maria e motivo para a profissão de fé, assim como para a deserção de muitos.

Acabamos de dizer que - a *morte* de Jesus foi, *humanamente,* uma grande dor para Maria. Ela estava convencida do futuro brilhante do "Filho de Deus" - "Salvador do mundo" - mas, em virtude das crenças que devia ter e tinha, sofreu *humanamente,* pela *morte* do *filho,* que acalentara nos braços, cujos progressos acompanhara, que admirara e adorara pelas suas obras.

LUCAS, Cap. II, v. 36-40

Ana profetiza

V. 36. Havia também uma profetiza chamada Ana, filha de Fanuel da tribo de Aser. Estava em idade muito avançada e não vivera senão sete anos com o marido, desde que se casara. - 37. Era então viúva, contava oitenta e quatro anos e não se afastava do templo, servindo a Deus, dia e noite, em jejuns e orações. - 38. Chegando ao templo naquele momento, pôs-se a louvar o Senhor e a falar do menino a quantos esperavam a redenção de Israel. - 39. Depois de terem cumprido tudo o que era ordenado pela lei do Senhor, eles regressaram à Galiléia, indo para Nazaré, sua cidade. - 40. Entrementes, o menino crescia e se fortificava, cheio de sabedoria, estando nele a graça de Deus.

N. 42. Ana era médium audiente e falante. Chamavam-na profetiza porque possuía (como médium), sob a influência e a ação dos Espíritos do Senhor, a faculdade de predizer certos acontecimentos. Era um Espírito elevado, muito desenvolvido mediunicamente, como os profetas que apareceram em Israel.

O povo considerava os profetas como inspirados mesmo pelo Altíssimo. Na realidade, eram médiuns.

As palavras de Ana foram semelhantes às de Simeão.

Quanto ao v. 40, deve ficar no lugar que ocupa; nenhuma relação tem com os cânticos. Ele se aplica à época que seguiu à apresentação no templo.

Jesus, *estando fora da vossa humanidade,* não teve uma infância semelhante à vossa, por isso que seu corpo, não sendo mais do que um perispírito quase material, com a aparência da corporeidade humana,

encobria, dada a sua natureza puramente perispirítica, *um Espírito constantemente livre.* Ele, por conseguinte, obrava, sob a influência desse Espírito, de um modo sempre superior a tudo o que se possa esperar do menino mais desenvolvido.

O menino, diz o Evangelista, *crescia e se fortificava cheio de sabedoria, estando nele a graça de Deus.*

Isso não é mais do que a apreciação humana que a narração evangélica havia de refletir e reflete.

Tendo a aparência humana, o corpo de Jesus seguia, *aos olhos dos homens,* a linha de desenvolvimento humano, mas sempre em condições de precocidade.

Jesus, para os homens, crescia corporalmente e a sua inteligência se desenvolvia.

Tais progresso e desenvolvimento, na humanidade, podem ser acompanhados, observando-se uma criança. Não há na terra algumas, entre muitas da mesma idade, por menor que seja esta, mais fortes e que parecem mais inteligentes? Como não ser assim com relação àquele em quem não havia mais do que *a aparência* da infância? E não é compreensível que seus primeiros passos na terra, assim como todo o resto da sua passagem por ela, tivessem a assinalá-los um cunho *particular?*

E a graça de Deus estava nele, porque, sendo tudo nele puro e santo, santos e puros haviam de ser e foram seus atos e palavras. Na sua primeira "infância", *aos olhos dos homens,* esteve isento, como podeis imaginar, das fraquezas e faltas da infância humana. Foi perfeito desde os primeiros instantes e isso naturalmente provocou espanto e admiração.

MATEUS, Cap. II, v. 1-12

Adoração dos magos

V.1. Tendo Jesus nascido em Belém de Judá, ao tempo do rei Herodes, eis que do Oriente vieram alguns magos a Jerusalém,- 2, dizendo: "Onde está aquele que nasceu rei dos JuDeus? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo". 3. Sabendo disso, o rei Herodes ficou sobressaltado e com ele toda a cidade de Jerusalém; - 4. e, tendo reunido em assembléia todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, inquiriu deles onde devia nascer o Cristo. - 5. Disseram-lhe: "Em Belém de Judá, conforme ao que foi escrito pelo profeta: - 6. E tu, Belém, terra de Judá, tu não és a ultima entre as principais cidades de Judá; pois que de ti sairá o chefe que há de conduzir meu povo de Israel." - 7. Então Herodes, mandando chamar em segredo os magos, lhes perguntou em que tempo precisamente a estrela lhes aparecera; - 8, e, enviando-os a Belém, lhes disse: "Ide, informai-vos exatamente acerca desse menino e, quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, a fim de que eu também o vá adorar." - 9. Depois de ouvirem do rei essas palavras, os magos partiram e logo a estrela que tinham visto no Oriente lhes tomou a dianteira e só se deteve quando chegaram ao lugar onde estava o menino. - 10. Quando viram a estrela, eles se sentiram transportados de extrema alegria; - 11, e, entrando na casa, aí encontraram o menino com Maria, sua mãe, e, prosternando-se, o adoraram; depois, abrindo seus tesouros, lhe ofereceram, por presentes, ouro, incenso e mirra. - 12. Avisados, enquanto dormiam, para que não voltassem a Herodes, regressaram por outro caminho às suas terras.

N. 43. A visita dos magos a Jesus em Belém não foi feita no estábulo. Já o "menino" não estava mais na manjedoura quando eles o adoraram. Também não foi antes, mas depois da circuncisão e da purificação que a visita e a adoração se verificaram. Tendes um critério para vos orientardes a esse respeito: é

a ordem de morticínio das crianças até à idade de dois anos. Se os magos tivessem vindo antes da circuncisão e da purificação, a ordem não atingiria as crianças de mais de um ano. Notai, com efeito, que aquela ordem Herodes a deu de conformidade com as informações exatas que obtivera dos mesmos magos acerca do tempo em que lhes aparecera a estrela.

Maria *tinha que* estar em Belém, com o menino, na ocasião em que eles chegassem para o visitar e adorar.

Os fatos *tinham* que ocorrer como ocorreram, sob a influência e a ação espíritas, tanto no que se refere a Maria e a José, quanto no que diz respeito aos magos.

Esses encontros, essas ocorrências, que supondes ser o que chamais - obra do *acaso,* por lhes ignorardes a causa, muitas vezes se produzem entre vós sob a influência e ação espíritas.

José e Maria iam freqüentemente a Belém, a casa de Matias, irmão do primeiro. Os Espíritos seus protetores lhes inspiraram a idéia e o desejo de lá irem na ocasião em que ali *deviam* achar-se para serem, com o menino, encontrados pelos magos. Foi, pois, na casa de Matias que estes adoraram "o menino" Jesus e lhe ofereceram, por presentes, ouro, incenso e mirra.

Mas, como foram os magos induzidos a vir do Oriente a Jerusalém, para indagar onde estava aquele que nascera "rei dos JuDeus"? Como puderam saber que a "estrela" que viram no Oriente era a daquele que nascera "rei dos JuDeus"? Como foram levados a seguir essa "estrela", a fim de o irem adorar? E que era essa "estrela"?

Uma revelação espírita os instruiu a tal respeito. Em sonho, receberam dos Espíritos seus protetores o aviso de que - um enviado do *Grande Ser* descera à terra para ser o rei dos JuDeus, a fim de regenerar a raça humana; de que seriam guiados até junto do

"menino" pela sua estrela, que veriam no céu; de que não lhes cumpria mais do que segui-la a fim de chegarem ao enviado celeste. Para cada um a linguagem que lhe convém.

Os magos subordinavam a existência de cada homem à influência de um planeta. Para eles, portanto, aquela "estrela" era um planeta criado para presidir aos destinos de Jesus e lhes fora enviado expressamente para os advertir e guiar. Quanto aos outros homens, esses, segundo as crenças que os magos professavam, nasciam e morriam sob a influência dos planetas já existentes, cada um dos quais podia presidir aos destinos de milhares de indivíduos.

Como sabeis - pois essa crença sobreviveu por muito tempo - os antigos acreditavam que o homem nascia sob uma boa ou má estrela. A idéia que, para os eruditos da época, servia de base a semelhante crença era que tal planeta, sob cuja influência o homem nascera, desprendia fluidos propícios ou contrários, os quais, ou lhe facilitavam a concepção do bem, o estudo das ciências, a aquisição das riquezas terrenas, a realização dos desejos, a saúde, o prolongamento da vida, ou acumulavam desgraças sobre desgraças, conforme a influência era boa ou má. Abri qualquer dos velhos tratados de alquimia, de necromancia, de astrologia e vereis o papel ativo que, por vezes, seus autores atribuem, de muito boa fé, aos planetas, que, entretanto, marcham ascensionalmente pela via do progresso, como tudo o que foi e é criado, pois tudo que é criado é perfectível.

Não vos espanteis da idéia que, apoiados nas suas crenças, os magos fizeram da *"estrela"* que os havia de guiar, tomando-a por um planeta capaz de executar um ato inteligente, qual o de os conduzir a determinado lugar. A confiança que depositavam na poderosa vontade do Senhor lhes dominava completamente o raciocínio. *Para eles,* a estrela obedecia

a uma ordem dada, como o servo obedece ao amo.

Não dizemos que isso foi real, pois, ao contrário, vamos explicar-vos a natureza da luz que eles tomaram pela de uma estrela.

Alguns "espíritos fortes" que, cheios de orgulho, pensam tudo saber e que, no entanto, ainda são muito ignorantes, pretenderam, negando a ação e os efeitos espíritas, a ação e os efeitos da mediunidade, que tal "estrela" não passava de uma fábula astrológica. Certo, *assim* devem falar os que só compreendem os efeitos matemáticos e que tudo pesam *com o peso que tem à mão.*

A luz que, sob a forma de estrela, cintilava aos olhos dos magos nada tinha de comum com os astros que povoam a imensidade. Não pode o anjo de guarda mostrar-se ao homem sob a forma luminosa que julgue conveniente? O olhar escurecido da matéria será capaz de distinguir a luz emitida por um centro fluídico da que envolve os mundos que brilham sobre as vossas cabeças?

Vós espíritas deveis compreender que o perispírito, sobretudo o de um Espírito superior, pode tornar-se luminoso para olhos humanos, mediante uma agregação, uma condensação de fluidos e uma modificação que lhes dê forma estelar. O que os magos viram não era uma estrela. Tudo na imensidade está submetido à lei da harmonia universal: portanto, uma estrela, o que quer dizer - um mundo, *não se afastaria* do centro de gravitação que lhe fora imposto, *para vagamundear* pelo espaço, como lanterna em mãos de um guia.

Todo e qualquer efeito inteligente, vós o sabeis, decorre de uma causa inteligente. Os magos eram guiados por um Espírito superior encarregado de os levar a render homenagem ao Salvador da humanidade. Esse Espírito se manifestou fluidicamente, de

modo luminoso, sob a forma de estrela, tal como os magos o designaram.

A estrela lhes brilhava aos olhos, mas estes eram óptica no caso de carne. Não vos dais conta dos efeitos de óptica? A distância em que se encontram, vedes, porventura, os mundos que vos circundam tais como realmente são? O afastamento, a luz a cintilar, sob o aspecto de estrela, atravessando o ar ambiente que os envolvia, a forma e as dimensões tomadas não podiam bastar para iludir a homens que, embora sábios *relativamente ao século* em que viviam, estavam muito longe de possuir os conhecimentos atuais e não dispunham de nenhum dos vossos instrumentos tão aperfeiçoados e que ainda *se hão de* aperfeiçoar *tanto?*

Outros "espíritos fortes" pretenderam também, ironicamente, que "os magos só viajavam à noite, pois que, à luz do sol, não se vêem as estrelas".

Não é exato. De preferência viajavam durante o dia, porquanto, como vós, repousavam à noite, reservando ao sono o tempo necessário.

Acaso os sábios, que hão inventado e empregam lunetas próprias para serem usadas de dia, ignoram que, em certas condições de irradiação, as estrelas podem ser vistas tão bem quando o sol brilha, como à noite?

A esses poderíamos perguntar: Fora impossível apropriar a vista dos magos de maneira a que pudessem perceber um pálido clarão, mau grado à claridade do dia? Por prodígios tão extraordinários quanto este e que admitis, sem que entretanto os compreendais bem, os olhos humanos não são apropriados a desempenhar as funções de microscópio?

Ponhamos, porém, a questão nos seus verdadeiros termos: a "estrela" de que se trata não era, repetimo-lo, um dos mundos que povoam o firmamento e sim, como acabamos de explicar, uma concentração de

fluidos luminosos, sob o aspecto de estrela brilhante, cuja claridade se modificava de modo a poderem os magos, médiuns videntes, distinguir-lhe a luz. Era efeito de óptica produzido para lhes fazer *cintilar* à vista, como as estrelas em noite límpida, um clarão movediço.

Vimos a vós para vos auxiliar na explicação do que, em linguagem humana, se designa pelo nome de "mistério", mas *apenas* para vos auxiliar e só com relação ao que vos seja verdadeiramente incompreensível. Utilizai-vos da vossa ciência e da vossa razão para a solução das questões que uma e outra podem resolver.

Os magos foram primeiramente conduzidos a Visita dos Jerusalém, porque cumpria seguissem o itinerário que magos.

Herodes tinha que ser informado do "nascimento" do "rei dos JuDeus", tinha que reunir em assembléia os príncipes dos sacerdotes, os escribas ou doutores do povo, os quais, consultando as profecias, tinham que indicar, como local destinado ao nascimento do Cristo, chefe que, segundo fora anunciado, haveria de guiar o povo de Israel, a cidade Belém de Judá, onde precisamente "nascera" o "menino" que os magos procuravam.

Tudo tem a sua razão de ser: o "nascimento" isolado do "menino" Jesus, no seio de uma classe pobre, devia ter uma repercussão que preparasse o seu aparecimento entre os homens e dispusesse os acontecimentos que se haviam de dar, em conseqüência dessa passagem dos magos por Jerusalém e da visita deles a Belém.

Dissemos (ns. 33 e 35): "Os magos tinham mais curiosidade de verificar um fato duvidoso, do que confiança na palavra do anjo".

Vamos agora explicar o sentido e o alcance deste conceito.

Eles acreditavam na existência e na comunicação

dos Espíritos e com estes se comunicavam, como vós espíritas, pelos processos mediúnicos; mas, os ensinos dos Espíritos eram proporcionados ao *desenvolvimen*to *das inteligências e às necessidades da época.* Então, como agora, existiam as mediunidades. A cada um elas eram deferidas, ou de acordo com a sua organização, ou de acordo com o grau alcançado de adiantamento, de estudo e de experimentação.

Tinham conhecimento do magnetismo e do sonambulismo, do desprendimento da alma no estado sonambúlico e durante o sono, da faculdade, que a alma possui, de, nesse estado de desprendimento, comunicar com os Espíritos, quer sob a influência magnética, quer *em sonho,* durante o sono.

Tendo sido, enquanto dormiam, avisados do "nascimento" de Jesus, a lembrança que, ao despertarem, guardavam do aviso, os deixou em dúvida: fora um *sonho,* isto é, *uma revelação espírita de fatos que lhes eram preditos e que haviam de ocorrer,* ou fora uma alucinação, uma visão falsa?

Só depois que deram com a "estrela" e que a viram pôr-se a caminho, a dúvida se lhes dissipou e, guiados por "essa estrela", vieram a Jerusalém, onde "ela" parou.

A dúvida ainda os empolgava no momento em que a resposta dos príncipes dos sacerdotes, dos escribas ou doutores do povo lhes indicou Belém como sendo o lugar onde devia estar o enviado do *Grande Ser,* o enviado celeste "que nascera rei dos JuDeus", o chefe a quem caberia guiar o "povo de Israel".

Por isso mesmo ficaram transportados de extremo júbilo quando, depois de receberem as ordens de Herodes, viram aparecer de novo a *"estrela"* e notaram que se punha outra vez em marcha, guiando-os.

A fé se lhes tornou, porém, completa quando, detendo-se a "estrela" sobre a casa, aí penetraram e encontraram "o menino" com Maria. Então, proster-

nando-se, o adoraram, reconhecendo nele o enviado do *Grande Ser,* que descera à terra para regenerar a raça humana, e, abrindo os tesouros que traziam, lhe ofereceram, por presentes, ouro, incenso e mirra.

N. 44, Em face deste trecho: Tudo na imensidade está submetido à lei da harmonia universal; portanto, uma estrela, o que quer dizer - um mundo, não se afastaria do centro de gravitação que lhe fora imposto, para vagamundear pelo espaço, como lanterna em mãos de um guia, *quais são* os ***elementos,*** o fim *e* o *destino* do que se chama, na linguagem humana, *estrela* ***cadente?***

Isto sai do quadro do trabalho que vos fizemos empreender. As estrelas cadentes não são mundos colocados em um centro de gravitação e sim fluidos condensados e inflamados, procurando o ponto de atração a que devam reunir-se para completarem suas combinações e formarem planetas.

Repetimos: isto sai do quadro do vosso trabalho, portanto não iremos mais longe. Apenas vos faremos notar: 1º. que, nas palavras que acabais de citar, falávamos dos mundos formados e que ocupam seu centro de gravitação; 2º. que estas palavras não estão em desacordo com o deslocamento que cada planeta (conforme explicaremos mais tarde, quando falarmos da marcha ascensional do vosso) tem que realizar em suas peregrinações progressivas, porquanto os séculos, de acordo com as leis imutáveis da natureza, podem fazer o que não seria possível, sem perturbação, no espaço mensurável de uma viagem humana; 3º. que as "estrelas cadentes", ou amálgamas de fluidos inflamados, em busca do centro a que se tenham de juntar, operam sua evolução com a rapidez do pensamento, enquanto que a *estrela* dos magos se

deslocou à frente deles, na marcha lenta e regular de homens que viajam, praticando, como guia de seus passos, um ato inteligente.

MATEUS, Cap. II, v.13-18

Fuga para o Egito. - Morticínio das crianças

V.13. Logo que eles partiram (os magos), um anjo do Senhor apareceu em sonho a José e lhe disse: "Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e lá fica até que eu te diga que voltes; pois Herodes procurará o menino para o matar." - 14. José, levantando-se, tomou o menino e sua mãe e durante a noite se retirou para o Egito, - 15, onde ficou até a morte de Herodes, a fim de que se cumprissem estas palavras que o Senhor dissera pela boca do profeta: "Chamei do Egito a meu filho." - 16. Herodes, vendo que fora enganado pelos magos, encheu-se de grande furor e mandou matar em Belém e nas circunvizinhanças todos os meninos de dois anos para baixo, regulando-se pelo tempo de que se informara exatamente com os magos. - 17. Cumpriu-se então o que fora dito pelo profeta Jeremias: - 18. "Ouviu-se em Ramá o grande rumor de muitos que choravam e se lamentavam: era Raquel chorando por seus filhos e não querendo ser consolada, pois eles não existem mais."

N. 45. Acompanhai os fatos e vereis sempre o dedo de Deus dirigindo os acontecimentos e preparando o advento do justo.

Os magos haviam fornecido a Herodes indicações tais que este foi levado a ordenar a eliminação de todos os meninos de dois anos para baixo.

Reportando-se à época em que lhes fora feita a revelação espírita, à época determinada para partirem e ao tempo que gastaram na viagem, os magos encontraram dados para calcular aproximativamente a idade que teria então o menino. Conjeturaram assim que estaria com cerca de dois anos.

Se, pois, Herodes ordenou a matança de todos os de dois anos *para baixo,* de modo que mesmo os que

acabavam de nascer fossem atingidos, é que, não tendo visto mais os magos e receando algum erro da parte destes, preferiu sacrificar maior número de vitimas a deixar lhe escapasse a que visava.

O cálculo dos magos era, acabamos de dizê-lo, aproximativo; eles não podiam fornecer uma indicação positiva. Essa incerteza preparava os acontecimentos que se seguiriam.

Foi em conseqüência do aviso que lhe dera em sonho o anjo do Senhor, depois de terem os magos saído de Belém, que José partiu para o Egito, com Maria e o “menino”.

Quanto às crianças sacrificadas à crueldade de Herodes, não foram vítimas perdidas. O Senhor, na sua previdente bondade, permitira a encarnação de Espíritos quase purificados, aos quais cumpria terminar suas provas na terra, como lugar de expiação, tendo aquele fim, prematuro *aos olhos dos homens.*

Os pais dessas vitimas, inocentes para vós, tiveram também sua parte de progresso, pois que foram experimentados pela dor. Aquela era para eles uma provação necessária. A sabedoria infinita do Senhor *tudo prevê sempre.*

MATEUS, Cap. II, v. 19-23

Regresso do Egito

V.19. Morto Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, 20, e lhe disse: "Levanta-te, toma o menino e sua mãe e volta para a terra de Israel, pois que estão mortos os que queriam a morte do menino." - 21. José se levantou, tomou o menino e sua mãe e voltou para a terra de Israel. - 22. Mas, ouvindo dizer que na Judéia reinava Arquelaus, em lugar de Herodes seu pai, teve receio de para lá ir e, avisado em sonho, dirigiu-se pata as bandas da Galiléia, - 23, e foi residir numa cidade chamada Nazaré, a fim de que se cumprisse esta predição dos profetas: "Ele será chamado Nazareno."

N. 46. Obedecendo ao primeiro aviso do anjo, José intentava fixar residência em Jerusalém ou nos seus arredores. Dele, porém, se apoderou o temor de chamar a atenção sobre o "menino".

Aconselhado, então, pelo anjo, que lhe apareceu de novo em sonho, retirou-se para Nazaré, na Galiléia.

Insistimos neste ponto, a fim de bem vos fazermos compreender que nada sucede senão pela vontade do Senhor e a fim de verificardes que, para alcançar um objetivo humano, os meios humanos são sempre os empregados. O Senhor podia mandar José imediatamente para Nazaré, mas o espírito humano não se deteria sobre este fato. Foi, portanto, em cumprimento de uma profecia que, depois de haver encaminhado José para um lugar afastado do de sua residência, Deus o desvia do caminho que tomara e o faz vir a Nazaré. É Deus quem inspira a José, pai de Jesus *aos olhos dos homens,* temores pelo "filho". É Deus, sempre Deus, quem conduz pela mão aquele que abriria para a humanidade o caminho dos céus.

LUCAS, Cap. II, v. 41-52

Jesus no templo entre os doutores. - Explicação, pela revelação nova, da sua aparente vida humana: desde o seu aparecimento na Terra, chamado "nascimento", até a época da sua vinda a Jerusalém, tendo, entre os homens, a aparência de um menino de doze anos; e desde essa época até a em que começou, aparentando ser homem de trinta anos, a desempenhar sua missão publicamente, às margens do Jordão.

V. 41. Seus pais iam todos os anos a Jerusalém pela festa da Páscoa. - 41 Quando ele tinha a idade de doze anos, lá foram, como costumavam, no tempo da festa. - 43. Passados os dias desta, regressaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que eles dessem por isso. - 44. Pensando que o menino estivesse entre os que os acompanhavam, caminharam durante um dia e o procuraram no meio dos parentes e conhecidos. - 45. Não o achando, voltaram a Jerusalém para procurá-lo aí. - 46. Três dias depois o encontraram no templo, sentado entre os doutores, ouvindo-os e interrogando-os. - 47. Todos os que o ouviam ficavam surpreendidos da sua sabedoria e das suas respostas. -48. Vendo-o, seus pais se encheram de espanto e sua mãe lhe disse: "Meu filho, porque procedeste assim conosco? Aqui estamos teu pai e eu que aflitos te procurávamos." - 49. Jesus lhes disse: "Por que me procuráveis? Não sabeis ser preciso que me ocupe com o que respeita ao serviço de meu Pai?" - 50. José e Maria, porém, não compreenderam o que lhes ele dizia. - 51. E Jesus partiu em seguida com ambos e veio para Nazaré; e lhes era submisso. Sua mãe guardava no coração todas estas palavras. - 52. E Jesus crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e diante dos homens.

N. 47. Os fatos falam por si mesmos. Era preciso que Jesus ficasse em Jerusalém.

Sua existência tinha que se dividir, como se dividiu, em três fases distintas, que podeis apreciar:

o "nascimento", comportando, pelos fatos e circunstâncias que o precedem, acompanham e

seguem, até ao aparecimento no templo entre os doutores, as promessas de redenção, segundo a interpretação dada às profecias da lei antiga;

o aparecimento no templo, preparando, para a época conveniente, a afirmação da sua existência, preparando a era do progresso, pela sua presença entre os doutores, sob a aparência de um menino de doze anos, no dia da solenidade da Páscoa, quando em Jerusalém se aglomeravam as multidões vindas de todas as partes;

a pregação, abrindo o caminho por onde os homens tinham e têm que enveredar.

Era necessário, dos pontos de vista do passado, do presente e do futuro, que a existência de Jesus assim se dividisse.

Era preciso que ele ficasse em Jerusalém para assinalar a segunda fase dessa existência.

Já o dissemos: os fatos falam por si mesmos.

Aqueles que nada sabem, que confessam nada saber da infância de Jesus, encastelados numa presunçosa ignorância, tacham de inverossimilhança moral esses fatos, cujos motivo e fim, na grande obra preparatória da regeneração humana, não compreendem, nem logram explicar.

Ainda ninguém perscrutara a vida privada e ignorada de Jesus e os que, buscando *humanizar-lhe* todos os atos, hão tentado esquadrinhá-la, não explicaram como podia ele, tão exposto aos olhares públicos, *subtrair-se* a esses olhares, nem porque, da sua vida humana, *somente* alguns fatos *"humanos"* se tenham perpetuado e os perpetuados sejam só aqueles que os Evangelistas, médiuns historiadores, registraram, cada um no quadro que lhe coube na narrativa. apropriada esta, sob a influência mediúnica, aos tempos e às inteligências, servindo ao presente e preparando o futuro.

Falando-se de Jesus na época em que apareceu no templo entre os doutores e desde o seu *"nascimento",* foi-vos dito: "E o menino crescia em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e dos homens". Estas palavras refletem as impressões e apreciações humanas.

Jesus crescia aos olhos dos homens, mas aos olhos de Deus era sempre o mesmo: Espírito, Espírito devotado, desempenhando a sua missão.

Sabeis e aqui devemos repeti-lo: Atentos o estado das inteligências, as necessidades da época e com o fim de preparar os tempos vindouros e o advento da era nova e atual do Espiritismo, a origem do "menino" ainda e por muito tempo mais não devia ser conhecida. *Não o devia ser,* senão por meio da nova revelação, que vos trazemos hoje em nome do Espírito da Verdade e por ordem do Senhor, uma vez que são chegados os tempos preditos.

Sabeis também e já vos dissemos: Jesus *tinha que ser, aos olhos dos homens:* - primeiramente, um homem tal como vós, revestido da libré material humana, exatamente como os profetas da lei antiga; - depois, cumprida a sua missão terrena, um Deus *milagrosamente* encarnado, em conseqüência da divulgação do que o anjo revelara a Maria e a José, revelação que *se mantivera até então secreta,* e em conseqüência também das interpretações humanas dadas a essa revelação, as quais prepararam o reinado da *letra,* transitoriamente necessário como condição e meio de progresso; - por último, um homem tal como vós quanto ao invólucro corporal e, ao mesmo tempo, *quanto ao Espírito, um Deus:* portanto, *um Homem-Deus.*

Sendo-vos a origem espírita de Jesus revelada neste momento, em que soou a hora do advento do reinado do *espírito que vivifica,* substituindo o da *letra* que agora *mata,* o que se conservou oculto até

hoje tem que *ser desvendado,* o que se manteve *secreto* tem que ser *conhecido.* Trazemos, por isso, a missão de vos dizer qual foi a aparente vida humana de Jesus, desde o instante da sua aparição em o vosso planeta, chamada, na linguagem humana, "seu nascimento", até a época em que surgiu no templo entre os doutores; o que foi feito dele durante os três dias que passou em Jerusalém, tendo, entre os homens, a aparência de um menino de doze anos; qual a sua vida aparente desde esta época até quando, às margens do Jordão, entrou em missão *publicamente* aparentando ser um homem de trinta anos.

Tudo, na vida "humana" de Jesus, foi *apenas aparente,* mas se passou em condições tais que, para os homens, houve ilusão, assim como para Maria e José, devendo todos *acreditar* na sua "humanidade", quando, entretanto, ele tão-somente revestira e revestia um perispírito tangível, conforme já vos explicamos, um corpo meramente perispirítico, como tal, inacessível às exigências, às necessidades da vossa existência material.

Quando Maria, sendo Jesus, na aparência, pequenino, lhe dava o seio - o leite era desviado pelos Espíritos superiores que o cercavam, de um modo bem simples: em vez de ser sorvido pelo "menino", que dele não precisava, era restituído à massa do sangue por uma ação fluídica, que se exercia sobre Maria, inconsciente dela.

Não vos espanteis de que o leite fosse assim restituído à massa do sangue. Não admitis que o químico possa, pela síntese, compor e, pela análise, decompor, à sua vontade, um líquido qualquer, restituindo a cada parte heterogênea a natureza que lhe é própria? - Pois admiti igualmente que a ação fluídica dos Espíritos superiores, que conhecem todos os segredos da vossa organização e da vossa vida humana, possa decompor assim o leite formado e restituir cada uma de suas partes componentes à fonte de origem.

Que os incrédulos encolham os ombros desdenhosamente, nem por isso os fatos serão menos reais. E a experiência já adquirida, por efeito dos trabalhos de síntese e análise executados pela química sobre a matéria, não basta para vos explicar o fato, que se tornará evidente pela experiência, que tereis em breve, da propriedade dos fluidos?

Se um magnetizador, no interesse de um doente, quiser deter a circulação e a emissão do leite, não deixará este de circular e de sair? E pretendereis que a nossa influência sobre vós seja menor do que a que exerceis vós mesmos uns sobre os outros?

Não vos espanteis tampouco de que Maria tivesse leite, uma vez que não sofrera a maternidade humana e era virgem.

A maternidade não é uma condição absoluta para que se produza o leite, que não passa de uma decomposição do sangue, determinável por diversas causas, que nos não cabe enumerar aqui. Neste particular, há exemplos freqüentes, não só na humanidade, mas também entre os animais. A virgindade nada influi em tais casos. Não vos detenhais neste ponto; são fatos conhecidos.

Em Maria, a decomposição se operou porque o sangue, por efeito do magnetismo espiritual e de uma ação fluídica, foi latificado. Depois, por ocasião da amamentação aparente, o leite que se formara era, a seu turno, decomposto e cada uma de suas partes, como já o dissemos, restituída à massa do sangue.

A amamentação da infância não era então o que é hoje. A mãe amamentava o filho por todo o tempo em que nela o leite se formava. Daí vem que esse modo de maneira de alimentação se prolongava até contar a criança dois ou três anos, idade em que já corria sozinha desde muito tempo, sobretudo naqueles climas.

Lembrai-vos de que os homens dessa época, e, principalmente, daqueles países, tinham costumes muito distanciados dos vossos, de que lá a vida se passava tanto fora como no interior das habitações, de que as crianças, logo que sabiam equilibrar-se, iam correr aos bandos onde bem lhes parecia, ou se isolavam, segundo seus caracteres e gostos. Durante tais ausências, comiam frutos ou mel silvestre, não constituindo mais o leite a alimentação exclusiva. A amamentação se adaptava às condições da natureza e cessava quando o menino sabia mais ou menos prover à necessidade do seu sustento.

Haveis de compreender que, nesse período do aparecimento de Jesus, diante da natureza perispirítica da sua aparente corporeidade humana, tudo se havia de realizar nas mais fáceis condições, tudo tinha que concorrer para o fim visado e concorreu, de maneira que se desse o que devia dar-se.

Jesus se criou como todos os meninos precoces da sua idade, tendo falado e andado muito mais cedo do que as outras crianças, revelando aos olhos dos homens, como aos de Maria e de José, excepcional precocidade.

Antes de chegada a época de cessar a amamentação ordinária, começou ele a ir para os campos, ou com os outros meninos, ou só. Depois, passou a ir sozinho, a separar-se das demais crianças, a afastar-se das suas vistas, sem jamais pedir de comer ao voltar para casa. Acreditavam todos que se alimentara, como o faziam seus infantis companheiros, de frutos, ou de mel silvestre e, sendo a atenção de Maria desviada, para que se não preocupasse com os cuidados maternos, ninguém cogitava de alimentar o menino, de modo diferente. Sem compreender o motivo, Maria não era a mãe humana que prevê todas as necessidades do filho e as previne. Ela sentia instintivamente que o seu não precisava dessa vigilância e, junto dele,

cumpria muito poucos dos deveres que a maternidade impõe às mulheres. Não se infira daí que fosse uma mãe indiferente. Isso quer dizer apenas que, guiada pelos Espíritos seus protetores e amigos, se abstinha de cuidados e atenções inúteis.

Do que fica dito podeis deduzir que, ainda muito pequenino, Jesus, com a liberdade que os usos do país lhe permitiam, estava amiúde ausente da casa paterna. Por vezes, desaparecia no momento mesmo em que Maria preparava o repasto e deixava passar a hora da refeição. Quando Maria e José o procuravam e esperavam, dizia-lhes ele: "Não tendes que vos inquietar e que me procurar". As solicitações que lhe dirigiam para com eles tomar parte na refeição, respondia: "Não tenho necessidade de coisa alguma".

Dessa resposta nascia a crença de que o "menino" se alimentava de frutos ou de mel silvestre.

Assim principiou Jesus a ausentar-se, desde que, de acordo com os usos do país, isso se tornou possível a um menino como ele, de precocidade muito superior à de todos os outros. E suas ausências se foram fazendo, pouco a pouco e sucessivamente, mais e mais longas, a fim de a elas habituar seus "pais" e a fim de que estes não se preocupassem com a sua alimentação humana.

Já o dissemos e repetimos: Os Espíritos protetores de Maria dispunham-na a estar de harmonia com os desígnios de Jesus. Ela sentia, como José, também colocado sob as mesmas influências, que o "menino" tinha aspirações e tendências diversas das daqueles que o cercavam, sem por isso admitirem que ele não fosse o que parecia ser.

Aos olhos dos homens, os atos exteriores de Jesus nenhum cunho de singularidade apresentavam. Gostava da solidão e seus hábitos eram tidos por quase selvagens, visto não conviver com os meninos da sua idade.

Aos olhos dos pais, sua alimentação era frugal. Como não o vissem definhar, estavam certos de que lhe aprazia viver de frutos e mel silvestre, a exemplo do que faziam muitos pastores. Julgavam que podia viver assim, que as raras ocasiões, que tinha, de se alimentar desse modo lhe bastariam. Notai que não vos dizemos que ele se alimentava dessa maneira; dizemos unicamente que seus pais acreditavam assim fosse.

Notai igualmente que, falando-se das refeições que Maria supunha serem tomadas pelo "filho", não vos dissemos que essas refeições fossem regradas como as vossas, porquanto as ausências de Jesus não eram regulares e periódicas.

Maria não se espantava dessa forma de viver, lembrando-se da origem do filho, tida por ela e por José como milagrosa.

De tal modo impressionados se achavam seus corações, tão viva fé os enchia, tal a elevação moral de uma e outro, que em ambos tinham grande acesso as inspirações dos Espíritos superiores, quando lhes sugeriam o pensamento e a resolução de se não preocuparem com aquele gênero de vida.

Desde alguns anos antes da sua vinda a Jerusalém e de seu aparecimento no templo entre os doutores, Jesus, não raro, se ausentava por um ou muitos dias. Sempre que isso se dava, dizia: "Vou orar". Às vezes passava alguns dias com a família, sem participar das refeições, na aparência bem entendido, porquanto nele (já o dissemos) o corpo, dada a sua natureza perispirítica sob a aparente corporeidade humana, era inacessível a toda e qualquer alimentação material em uso entre vós.

A abstinência ou jejum completo durante um ou muitos dias nada tinham de espantoso para os Hebreus: os mais zelosos praticavam essa abstinência, esse jejum completo, às vezes por três dias.

Que o médium, disposto como está a rejeitar o que não compreenda, pesquise nas suas reminiscências e achará, no seio da sua própria família, exemplo do que, nesse terreno, pode um homem fazer debaixo das vossas vistas, em vossos dias, nos quais a alimentação rebuscada e a frouxidão dos hábitos amesquinharam as faculdades vitais[10]. Porque havia de ser isso impossível a homens vigorosos, sóbrios, rijos e habituados, desde tenra idade, ao jejum, à abstinência? Lembrai-vos não só dos costumes antigos do povo hebreu, mas também dos dos Árabes.

Tendo em vista a origem espírita de Jesus, a natureza perispirítica do seu corpo, o que já vos revelamos e explicamos (ns. 14 e 31), tendo em vista ainda os fatos e circunstâncias que, ignorados e conservados secretos para os homens até aos vossos dias, acabamos de vos revelar, relativos ao que a linguagem humana designa por "infância do filho de Maria", vamos explicar-vos o que respeita ao aparecimento de Jesus no templo, entre ,os doutores, e dizer-vos o que foi feito dele durante os três dias que passou em Jerusalém.

Jesus foi apresentado no templo pelo irmão de José e pelo próprio José como um dos descendentes de David, segundo a linha da sua parentela e a descendência da sua tribo.

Decorridos os dias da festa da Páscoa, José e

---

10 Em 1832, quando o cólera asiático assolava Paris,o Sr. Breárd, pai do médium, se absteve, com efeito, durante quatro dias, de toda e qualquer alimentação, temendo-lhe as conseqüências, dada a epidemia reinante. E, apesar disso, durante aqueles quatro dias, cuidou, bem disposto, dos seus negócios.

Os ascetas dos primeiros tempos do Cristianismo nos oferecem exemplos repetidos de abstinência ou jejum completo por muitos dias.

No dizer de Sifrônius (cap. CXLVII), o papa São Leão orou e jejuou, durante quatro dias, junto do túmulo dos apóstolo Pedro.

Maria regressaram e Jesus, *foi-vos* dito, ficou em Jerusalém, sem que eles o percebessem, supondo-o na multidão com alguns dos companheiros de viagem. Caminharam um dia. Buscaram-no entre os parentes e conhecidos e, não o encontrando, voltaram àquela cidade para procurá-lo.

Será lícito tachar-se de inverossimilhança moral, será lícito pretender-se incrível o fato de haverem Maria e José, que chegaram a Jerusalém no momento em que essa capital regurgitava de estrangeiros, perdido de vista Jesus, que, a seus olhos, era um menino de doze anos, e o de terem, quando já de regresso, caminhado um dia inteiro sem perceberem que o menino não vinha com eles?

Só a uma temeridade da ignorância se pode atribuir semelhante pecha de inverossimilhança moral.

Jesus, já o dissemos, se afizera, desde muitos anos, a uma existência isenta dos vossos hábitos e relações.

Acostumados à sua vida contemplativa e algum tanto selvagem relativamente aos homens, seus pais não exerciam sobre ele a vigilância que exerceis sobre os vossos filhos.

Qual a causa da solicitude dos pais com os filhos? A fraqueza, a inconseqüência, a ignorância desses pequenos seres que lhes estão confiados. Admiti que reconheçam no filho razão, faculdades, desenvolvimento moral que o ponham ao abrigo dos perigos da idade infantil e achareis natural que os pais se abstenham de uma vigilância inútil e além disso fatigante para a criança que é dela objeto.

José e Maria pensaram, como se vos disse, que Jesus estava com outras pessoas, com algum de seus parentes ou conhecidos, e, como fossem inúmeros os viajantes e caminhassem através de campos (porque de certo não vos vem à idéia que trilhassem uma estrada larga, traçada e aberta como as vossas), não

tomaram o incômodo de levar suas pesquisas além dos limites que alcançavam com a vista. Só depois de terem perguntado a uns e a outros por Jesus e de se certificarem de que ninguém o vira é que deliberaram ir procurá-lo. Só no fim do dia se asseguraram de que pessoa alguma o tinha visto. Durante a caminhada pelo dia todo, nenhuma parada haviam feito a fim de tomar alimentos. Para a maioria dos viajantes (e nesse número estavam José e Maria), os frutos das sebes e das árvores constituíam os elementos principais da alimentação no curso da viagem.

Tendo voltado a Jerusalém, Maria e José encontraram a Jesus no templo, sentado entre os doutores, ouvindo-os e interrogando-os.

Ao dar com ele, Maria não lhe disse: "Meu filho, como viveste sozinho numa cidade onde és estrangeiro e desconhecido? - Quem te recebeu à sua mesa para te sustentar? - Onde te abrigaste para reparar tuas forças pelo repouso e pelo sono?"

Não; nada disso lhe pergunta. Manifesta apenas a inquietação que lhe causara, assim como a José, a ausência do filho que, sem o saberem, se deixara ficar em Jerusalém, quando, na companhia de ambos, devia regressar a Nazaré.

Se Maria não perguntou a Jesus o que dele fora feito naqueles três dias, não foi por saber que "seu filho" não era formado de matéria igual à dela, mas porque sabia, conforme já vos explicamos, que sua existência se afastava muito dos hábitos e necessidades da infância. A experiência dos muitos anos transcorridos lho demonstrara. De fato, ela o tinha visto praticar a abstinência ou jejum completo por um ou muitos dias, quando permanecia no seio da família, ausentar-se às vezes também por um ou muitos dias, sem que nessa alternativa de estada em casa e de ausência houvesse qualquer coisa de regular e periódico.

Que fora feito de Jesus durante aqueles três dias?

Os que lhe ignoram a origem espírita e a natureza do corpo, não fantástico, conforme à expressão da ignorância orgulhosa, mas perispirítico, dizem: "Que fez Jesus nesses três dias? Se aquele menino de doze anos não andou vagando sozinho durante a noite, quem o recolheu?"

Semelhantes perguntas são naturais, partindo dos que consideram Jesus um homem como vós outros. Entretanto, os que hão estudado as línguas e também, por conseguinte, os costumes orientais, poderiam dar testemunho de que não era raro ver-se, sob aquele céu, homens, mulheres e crianças passarem a noite ao relento, envoltos nas suas capas.

Em face do conhecimento que vos demos da origem do Cristo, do seu corpo fluídico de natureza perispirítica, deveis compreender que o "menino" não se atormentou por uma pousada, não teve que se afadigar por achar um albergue.

Os que propõem tais questões deveriam propô-las com humildade, com o sentimento da sua ignorância e com o desejo sincero de se esclarecerem, não com uma presunçosa incredulidade, negando as manifestações espíritas, a revelação evangélica e a nova revelação, que traz aos homens os segredos de além-túmulo, a ciência das relações do mundo visível com o mundo invisível, a luz e a verdade, as vias e meios de progresso intelectual e moral, pelo saber, pela caridade e pelo amor.

Eis o que fez Jesus nos três dias que esteve em Jerusalém: Ao abrir-se o templo, entrava com a multidão e com a multidão saía, quando o templo se fechava. Uma vez fora e longe dos olhares humanos, desaparecia, despojando-se do seu invólucro fluídico tangível e das vestes que o cobriam, as quais, confiadas à guarda dos Espíritos prepostos a esse efeito,

eram transportadas para longe das vistas e do alcance dos homens. Voltava para as regiões superiores onde pairava e paira ainda, nas alturas dos esplendores celestes, como Espírito protetor e governador da terra.

Ao reabrir-se o templo, reaparecia entre os homens, retomando o perispírito tangível e as vestes, que o faziam passar por um homem aos olhos dos humanos.

Quanto à resposta que deu a Maria, nem esta, nem José a compreenderam, porquanto ambos, no momento, supuseram que ele se referia ao segundo como pai e não ao pai celestial, cujo reinado preparava.

Os que acham perfeitamente claro o sentido destas palavras: "Não sabeis ser preciso que me ocupe com o que respeita ao serviço de meu pai" - e entendem que claro devia ele ser também para Maria e para José, uma vez que o anjo lhes anunciara ser Jesus "filho de Deus", esses esquecem que em José e em Maria, revestidos da carne, se verificava a imperfeição das faculdades humanas.

Desde o "nascimento", já o dissemos, Jesus vivia, aos olhos de seus pais, uma vida ordinária, no sentido de que seus atos exteriores não apresentavam nenhum cunho de singularidade, relativamente aos homens, nada havendo neles que lhe caracterizasse a origem extra-humana. A impressão produzida pela revelação e pelos fatos que se lhe seguiram, até ao regresso do Egito, se havia pouco a pouco apagado. O termo pai, referido a José, foi a única coisa que, no momento, os impressionou, sem que, entretanto, o houvessem compreendido. Tudo que é de carne é obtuso. Se a existência de Jesus não causava admiração a Maria, nem a José, é que, quando ela pensava na origem do "filho", a inteligência se lhe toldava a esse respeito, com tanto mais razão quanto era necessário que a natureza do "menino", tal como a revelação o anunciara, não fosse ainda conhecida.

Não vos admireis de que Maria e José tenham referido ao último, como pai, a resposta de Jesus, nem de que Maria, dirigindo-se a este, se exprimisse assim:

"Meu filho, aqui estamos teu pai e eu que aflitos te procurávamos", pois que não só Maria se acreditava mãe de Jesus, por encarnação humana e ao mesmo tempo divina, milagrosa, como também Jesus lhe chamava mãe. E devendo José passar, perante os homens, por ser o pai de Jesus, este até então lhe chamara pai. Não vistes que - quando José pretendia repudiar Maria - o anjo lhe disse que a tomasse por esposa sem lhe denunciar a gravidez? Ele, portanto, estava ciente de que devia passar por ser o pai do menino. Com efeito, do momento em que, mau grado ao estado de gravidez, embora fosse esta aparente, a mulher era aceita, o esposo se reconhecia por pai do nascituro.

José ignorava quanto tempo devia esse erro durar. Repetimos: no trato com José, Jesus lhe dava o título de pai, o que dirigiu para ele o pensamento de Maria, ao ouvir a resposta do "filho".

Essa resposta de Jesus foi a primeira alusão por ele feita à missão que vinha desempenhar. Cumpria-lhe proferir palavras que repercutissem no futuro.

Foi-vos dito que ele, no templo, estava assentado em meio dos doutores, escutando-os e interrogando-os, e que todos os que o ouviam ficavam surpresos "da sua sabedoria e das suas respostas".

Naquela idade de doze anos que Jesus aparentava quando se mostrou no templo, os meninos se aplicavam à leitura, se informavam da tradição, se preparavam para estudar os comentários dos doutores e apresentavam suas dúvidas aos mestres. Não é exato que nunca discutissem publicamente com os doutores.

O fato se dava. O menino era provocado para uma discussão pública sempre que, revelando grande

aptidão, podia fazer honra ao mestre. Isso tinha que se dar e se deu com Jesus.

Por ser estrangeiro em Jerusalém e não estar sob a direção de nenhum mestre, nem por isso tomou ele assento no templo, entre os doutores, como um desconhecido. Já dissemos que o irmão de José e o próprio José o haviam apresentado como descendente de David segundo a linha da parentela, segundo a descendência da tribo.

Assim é que foi admitido a falar no templo. A princípio, teve de responder aos doutores, que eram levados a interrogá-lo; depois, sentando-se, entrou a discutir, dando-lhes, por sua vez, a lição.

Não vos sucede a vós, que não prestais atenção ao que dizem as crianças, ouvir atentamente as que vos parecem denotar uma inteligência, um adiantamento desproporcionados à idade que contam? Como pretenderíeis que, surpreendidos, maravilhados ante as primeiras respostas de Jesus às perguntas que lhe dirigiram e ante as primeiras questões que propusera, não o impelissem a falar aqueles mesmos com quem ele viera discutir?

Os doutores sabiam-no descendente de David, mas (e não é inútil que vo-lo façamos notar), quanto à sua identidade com o menino anunciado pelos magos, difícil lhes fora verificá-la, ainda quando nisso houvessem pensado, visto ignorarem em que família da tribo ele nascera e estarem completamente tranqüilos, respeito ao Messias, graças ao morticínio das crianças.

Depois da discussão pública no templo, depois que Maria e José aí o encontraram e depois de dar a Maria a resposta de que acima tratamos, Jesus partiu na companhia deles e voltou para Nazaré, onde permaneceu com Maria até à época em que, sob a aparência de um homem de trinta anos, começou a desempenhar sua missão publicamente, às margens do Jordão.

José morreu algum tempo após esse regresso. Sua

missão estava finda.

Que fez Jesus durante o período de dezoito anos decorridos desde que regressou a Nazaré até a época em que deu começo ao desempenho da sua missão?

Sua aparente vida humana transcorreu dividida entre o labor manual e a prática do amor, isto é, da bondade e da caridade para com todos os que o cercavam.

Passava por viver retirado e buscar a solidão. Cumpria todos os deveres ostensivos da humanidade, do ponto de vista da família e das relações com os pais e os vizinhos, submisso à lei do trabalho, que ele teria de fazer com que fosse considerada a maior e a mais justa das leis e adotada por homens que, como vós, se revoltavam contra o seu jugo.

Tendo vindo para pregar pelo exemplo, Jesus deu o exemplo; mas, repetimo-lo, sua vida exterior não era íntima e vulgar como a vossa e o gosto que parecia ter pela solidão o isentava de todas as exigências da vida comum. Maria compreendia e animava esse gosto, por isso que, conforme já o dissemos, sob a influência dos Espíritos seus protetores, ela tendia sempre a favorecer aquela maneira de viver do "filho".

Durante o tempo que não consagrava à prática da lei do trabalho, por meio do labor manual, à prática da bondade e da caridade, ao cumprimento de todos os deveres ostensivos da humanidade, Jesus "se ausentava", afigurando-se a Maria e aos homens que repartia assim o tempo entre os deveres humanos e a prece, sem que jamais o tivessem visto fazer qualquer refeição, tomar qualquer alimento humano, seja em casa com a família, seja alhures. O que a este respeito vos dissemos, relativamente ao período longo que decorreu desde o seu "nascimento" em Belém até aparentar a idade de doze anos, se aplica ao período posterior, que vai do seu aparecimento no templo até

ao começo da sua missão, sob a aparência de um homem de trinta anos. Maria se habituara a essa existência tal como vos hemos descrito e explicado.

Ele se ausentava, isto é, desaparecia, quando o julgavam ausente ou em retiro, e voltava às regiões superiores, onde pairava e paira ainda, nas alturas dos esplendores celestes, como Espírito protetor e governador da terra.

Mateus, Marcos, Lucas e João
Assistidos pelos Apóstolos.

N. 48. Suposto que Maria e José nenhum perigo deviam recear para “seu filho”, uma vez que o anjo lhes anunciara ser ele “filho de Deus” - como se explica a ansiedade de ambos, quando perceberam que Jesus não regressara com eles, e que, depois de o procurarem entre os parentes e conhecidos, não o encontrando, tenham voltado a Jerusalém para procurá-lo ali?

Já vos dissemos que Maria e José, revestidos da carne, estavam necessariamente sujeitos à imperfeição das faculdades humanas; que Jesus, aos olhos deles, vivia vida ordinária, no sentido de que seus atos exteriores não apresentavam nenhum cunho de singularidade, relativamente aos homens, de que nada lhe caracterizava a origem extra-humana; que a impressão produzida pela revelação e pelos fatos que se lhe seguiram, até ao regresso do Egito, se havia pouco a pouco apagado; que tudo que é de carne é obtuso; que, se a existência de Jesus não causava espanto a Maria, quando pensava na origem do "filho", é que sua inteligência se encontrava amiúde turbada a esse respeito.

Não esqueçais que Jesus, aos olhos de Maria e de José, tinha, como eles, um corpo carnal e uma vida frágil. Não esqueçais que o anjo dissera a José que levasse o "menino" para o Egito, a fim de o subtrair à

ação de seus inimigos. A lembrança dessa revelação e desses fatos lhes acudiu quando notaram que o "menino" estava perdido, que não voltara com eles, que ficara em Jerusalém, Que há de surpreendente em que, recordando-se da revelação e dos fatos, os dois se tornassem, por isso mesmo, inquietos?

A fuga para o Egito, *aos olhos de Maria e de José*, como aos olhos dos homens, teve por fim a preservação da vida do menino. Na realidade, porém, considerados a utilidade, as condições e o desempenho da missão terrena de Jesus, os frutos que devia produzir, aquela fuga não teve por fim, segundo os desígnios do Senhor, preservar a existência do "menino" - de outros meios dispunha Deus para consegui-lo, se o houvesse querido - mas, sim, afastá-lo, para o tornar esquecido. Jesus não devia aparecer senão em certas épocas, antes que começasse a desempenhar sua missão publicamente. A experiência humana deve bastar para vos fazer compreender que, se ele estivera de contínuo exposto às vistas de todos, as atenções se houveram cansado e o resultado seria, ao chegar o tempo predeterminado, não conseguir atuar tanto sobre as inteligências.

Acabamos de dizer-vos: "A fuga para o Egito não teve por fim preservar a vida do "menino" - de outros meios dispunha Deus para consegui-lo, se o houvesse querido..." Exprimimo-nos assim com relação aos homens e ao aspecto sob que encaram os fatos. Nenhum ato humano, vós o sabeis pela revelação que fizemos da origem do Cristo, podia atentar contra a sua *aparente* vida humana, dada a natureza perispiritual do seu corpo. Os fatos - entendei-o bem e não o percais nunca de vista - nós os consideramos sempre com relação aos homens e lhes apropriamos a vossa linguagem.

N. 49. Como pôde Jesus parecer aos homens um menino recém-nascido e desenvolver-se, crescer, qual criança terrena, e

sucessivamente percorrer, na aparência, as fases do desenvolvimento da infância, da adolescência e da idade viril em a nossa humanidade?

Esta é uma questão que podíeis resolver, sem a formulardes.

O perispírito que servia de invólucro a Jesus se desenvolvia aos olhos dos homens, de maneira a lhes dar a ilusão do crescimento humano. Não se vos disse já que o perispírito não é da mesma natureza do vosso corpo?

Qual impossibilidade vedes em que, aos olhos dos homens, o perispírito revista aparentemente as mesmas propriedades que tem o vosso corpo e em que os fluidos que o compõem sejam igualmente adstritos a se desenvolverem e aumentarem?

Para vos darmos explicação a este respeito, teríamos que entrar em minúcias acerca da natureza dos fluidos e isso ainda não é possível.

Mas, porque haveis de achar impossível que os fluidos, reunidos sob a ação da vontade de Jesus, tenham seguido marcha progressiva de aparente dilatação, *aos olhos humanos*?

Um Espírito, ainda que inferior, um Espírito da ordem dos vossos pode, não o ignorais, com o seu perispírito, que constitui sua vida, sua individualidade, afetar, revestir, a qualquer instante, todas as aparências, todas as formas, mesmo tangíveis, sob a única condição de lhe ser dado tomar de empréstimo os fluidos animalizados, necessários à produção do desejado efeito. Um Espírito superior, que tem o poder de assimilar os fluidos animalizados ambientes, espalhados na atmosfera, não precisa de semelhante empréstimo. Como pretenderíeis que um Espírito superior, descendo das regiões mais elevadas ao vosso meio, mediante a assimilação do seu perispírito às regiões que tenha de percorrer, não possa, à vontade, figurar as fases do desenvolvimento de um ser hu-

mano, pela assimilação dos fluidos ambientes que servem a formação dos vossos seres e pela dilatação aparente dos fluidos do seu perispírito, assim adaptado e tornado tangível?

A vontade poderosa de Jesus, Espírito perfeito, Espírito puro por excelência, reunira em torno de si os materiais necessários à execução da obra e nas condições precisas a que a obra se executasse.

Já explicamos (nº 14) que ele constituíra um perispírito apto a longa tangibilidade, humanizado com o auxílio dos fluidos ambientes que servem à formação dos seres terrenos, e que, à sua vontade, abandonava e retomava. Com esse perispírito, possível lhe era revestir, aos olhos dos homens, quando lhe aprouvesse, as aparências da infância, da adolescência e da idade viril na humanidade terrestre e figurar a marcha progressiva, as fases do desenvolvimento de uma criatura humana.

Dissemos e repetimos: Jesus crescia aos olhos dos homens, mas, aos olhos de Deus, era sempre o mesmo, isto é, Espírito, Espírito devotado, desempenhando a sua missão.

Nº 50. Qual o sentido destas palavras do v.51: "Sua mãe guardava no coração todas estas palavras"?

Que no pensamento e na inteligência de Maria cada vez mais penetrava a confirmação da missão de Jesus.

Para ela, como para José, a época até então mais frisante fora a daquela separação por três dias, nas circunstâncias em que se verificou, abrindo ensejo ao aparecimento de Jesus entre os doutores, no templo, onde lhe ele deu a resposta que a preparou para compreender que a sua tutela não era necessária. Essa resposta, esclarecendo-os mais e despertando, nela e

em José, a lembrança da origem do "menino origem que ambos tinham por “divina e milagrosa” os preparou também para compreenderem o caráter e o fim da missão de Jesus.

MATEUS, Cap. III, v. 1-6 - MARCOS, Cap. IV. 1-5
LUCAS, Cap. III, v. 1-5

Pregação de João Batista. Batismo

MATEUS: V. 1. A esse tempo, veio João Batista pregando pelo deserto da Judéia. - 2. Dizia: "Fazei penitência, pois que o reino dos céus está próximo. - 3. Porquanto, eis aqui aquele de quem falou o profeta Isaías, dizendo: "Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor: tomai retas suas sendas." - 4. João trazia uma veste de pêlos de camelo e um cinto de couro em volta da cintura; alimentava-se de gafanhoto e mel silvestre. - 5. Os habitantes de Jerusalém, de toda a Judéia e de toda a região circunvizinha do Jordão vinham ter com ele; - 6, e, confessando seus pecados, eram por ele batizados no Jordão.

MARCOS: V. 1. Começo do evangelho de Jesus-Cristo, filho de Deus, - 2, como está no profeta Isaías: "Eis que envio à tua frente o meu anjo e ele te preparará o caminho. – 3. Voz do que clama no deserto: "Preparai o caminho do Senhor; tomai retas suas sendas." - 4. João esteve no deserto batizando e pregando o batismo de penitência para a remissão dos pecados. - 5. Toda a Judéia e todos os habitantes de Jerusalém vinham ter com ele e, confessando seus pecados, eram por ele batizados no rio Jordão.

LUCAS: V. 1. No décimo quinto ano do império de Tibério César, sendo governador da Judéia Pôncio Pilatos: tetrarca da Galiléia Herodes: tetrarca da Ituréia e da província de Traconites, Filipe irmão de Herodes: e tetrarca de Abilina Lisânias, - 2. Anás e Caífás sacerdotes magnos, o Senhor fez ouvir sua voz no deserto a João, filho de Zacarias, - 3, e João percorreu todas as cercanias do Jordão, pregando o batismo de penitência para a remissão dos pecados, - 4, conforme está escrito no livro das palavras do profeta Isaías: "Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; tornai retas suas sendas. - 5. Todo vale será aterrado, todas as montanhas e todas as colinas serão arrasadas, os caminhos tortuosos se tornarão retos e os acidentados se aplanarão; e toda carne verá a salvação do Senhor."

N. 51. Os homens se servem dos termos que lhes são compreensíveis e os empregam como podem. A palavra de Deus o mesmo é que a inspiração divina.

Deus não se comunica diretamente com os homens. Por mais puro que seja o Espírito encarnado, o invólucro carnal ergue intransponível barreira entre ele e a divindade. Mas, o Senhor envia os grandes Espíritos e, inspirando-os diretamente, os constitui órgãos transmissores de suas vontades.

Deus nunca falou a João, como nunca falou a nenhum dos profetas, que, uns, eram médiuns videntes e audientes, outros, inspirados, de acordo com a elevação de seus Espíritos.

João, em tempo oportuno, recebeu no deserto a inspiração para dar começo ao desempenho da missão que lhe tocara e inspirado ainda pelos Espíritos superiores foi que percorreu todas as cercanias do Jordão, pregando um batismo de penitência e batizando nesse rio todos os que com ele vinham ter e confessavam seus pecados.

Era um Espírito superior em missão na terra, constituindo esta, como ele o disse, em abrir os caminhos e aparelhá-los, a fim de que mais facilmente a luz se pudesse fazer.

Pelo seu caráter "ríspido", pelos seus costumes e hábitos em contraste com os dos contemporâneos, chamava sobre si a atenção de todos. Sua palavra severa e rude forçava os homens a se penitenciarem seriamente. Preparava assim os caminhos do Senhor, preparando os do seu Cristo.

Era a cabeça do rebanho a caminhar à frente, agitando a campainha, para que todas as ovelhas perdidas percebessem de que lado podia vir a salvação.

A confissão nessa época, como mais tarde, nos primeiros tempos do Cristianismo, se fazia diante de todos, publicamente e em voz alta. Despertava assim profundo sentimento de humildade, porquanto demanda grande desprendimento o ousar alguém confessar, diante de todos, as faltas, as torpezas, as infâmias que podem germinar no fundo do coração humano. Era uma barreira oposta às recaídas, pois que o homem que sabe serem conhecidos seus pensamentos mais secretos, seus maus pendores, refreará sua natureza a fim de evitar as suspeitas em que incorreria ao menor desvio. A confissão era pública, feita em voz alta e, então, Deus a ouvia.

Estas palavras: "Todo vale será aterrado, todas as montanhas e todas as colinas serão arrasadas, os caminhos tortuosos se tornarão retos e os acidentados se aplanarão" se aplicam à subversão moral, à ressuscitação moral, à renovação moral que a doutrina de Jesus havia de operar e ainda operará por meio do Espiritismo e da missão do "Espírito da Verdade". Os vales serão aterrados e se elevarão; as montanhas, cuja fronte orgulhosa tenta deter a marcha do progresso, serão arrasadas. O nível passará pela natureza toda, elevando os pequeninos, rebaixando os grandes, dando a cada um a medida exata do que lhe caiba. E toda carne verá a salvação de Deus, isto é, todo homem que praticar a lei ensinada por Jesus e a sua moral sublime atingirá o fim.

Nº 52. Na época em que começou a pregação de João Batista, Herodes já tinha morrido. Por que motivo, então, Lucas designa pelo nome de Herodes o seu sucessor?

Para os JuDeus daquela época, o nome Herodes ficara sendo típico. Designa aqui antipater.

MATEUS, Cap. III, v. 7-12, - MARCOS, Cap. 1, v. 6-8. - LUCAS, Cap. III, v. 7-18

Exprobração aos Fariseus. – Conselhos ao povo, aos publicanos e aos soldados. – Testemunho dado de Jesus-Cristo

MATEUS: V. 7. Mas, vendo muitos Fariseus e Saduceus que vinham para o batismo, disse-lhes: Raça, de víboras, quem vos impeliu a fugir da cólera que há de vir? 8. Tratai de produzir dignos frutos de penitência – 9. e não procureis intimamente dizer: "Temos Abraão por pai"; porquanto eu vos declaro que destas pedras pode Deus fazer que nasçam filhos a Abraão. – 10. O machado já está posto à raiz das árvores: toda árvore que não dá bons frutos será cortada e lançada ao fogo. - 11 - Eu, por mim, vos batizo em água para vos induzir à penitência; mas, aquele que há de vir depois de mim é mais poderoso do que eu, que não sou digno de lhe calçar os sapatos; ele vos batizará em Espírito Santo e em fogo. - 12. Traz na mão a joeira e limpará completamente o seu eirado; empilhará o trigo no celeiro e queimará a palha num fogo que jamais se extingue.

MARCOS: V.6. João vestia pele de camelo, usava uma tira de couro à volta da cintura e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre. Pregava dizendo: - 7. Um mais poderoso do que eu virá depois de mim, que não sou digno de lhe desatar as correias das alpercatas prosternando-me a seus pés. - 8. Eu vos batizo com água; ele, porém, vos batizará em Espírito Santo.

LUCAS: V. 7. Dizia ao povo que acorria em bandos para ser batizado: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da cólera que há de vir? - 8. Produzi dignos frutos de penitência e não comeceis a dizer: "Temos Abraão por pai"; porquanto eu vos declaro que poderoso é Deus para destas mesmas pedras fazer que nasçam filhos a Abraão. - 9. Já o machado está posto à raiz das árvores e

toda árvore que não dá bons frutos será cortada e lançada ao fogo. - 10. E como a turba lhe perguntasse: Que devemos fazer? 11, respondia: Que aquele que tem duas túnicas dê uma ao que nenhuma tem; que aquele que tem o que comer faça o mesmo. 12. Também vieram ter com ele para ser batizados alguns publicanos que lhe disseram: Mestre, que devemos fazer? - 13. E ele lhes disse: Nada exijais além do que vos foi ordenado. 14. Os soldados também o interrogavam. dizendo: E nós, que devemos fazer? Não pratiqueis violência nem calunieis pessoa alguma e contentai-vos com a vossa paga. - 15. E como o povo e todos pensavam consigo mesmo que talvez João fosse o Cristo, - 16, disse aquele a toda a gente: Eu vos batizo com água; um, porém, virá mais poderoso do que eu, de cujas alpercatas não sou digno de desatar as correias, e vos batizará em Espírito Santo e em fogo. -17. Ele traz na mão a joeira e limpará perfeitamente o seu eirado; empilhará o trigo no seu celeiro e queimará a palha num fogo que jamais se extingue. - 18. Assim era que evangelizava o povo, ensinando-lhe ainda muitas outras coisas.

Nº 53. João era precursor da verdade, disse-o ele próprio. Se, respondendo às questões que lhe propuseram os sacerdotes e levitas que os JuDeus mandaram a Jerusalém (João, cap. 1, v. 19-29), não reconhece e não confessa a sua encarnação anterior, é porque, bem o sabeis, a matéria humana restringe a inteligência espírita. Espírito superior em missão, exatamente como José e Maria, João, sob a ação das leis da encarnação humana, perdera a lembrança e se esquecera completamente da existência passada, em que fora o profeta Elias. Era necessário que ignorasse esses mistérios de além-túmulo. Ele conhecia a lei de Moisés, mas suas aspirações não deviam ir e não iam além da missão que lhe cumpria desempenhar.

Em relação, mediunicamente, com os Espíritos superiores a cujo número pertencia, os quais o assistiam e inspiravam, era dirigido em todas as circunstâncias pela intuição e possuía a humildade que

deveria guiar-vos a todos na terra. Tinha consciência do que aguarda o Espírito no seu regresso à pátria e tinha consciência da sua missão.

Consistia esta em preparar os homens para o arrependimento, servindo-se de um símbolo que lhes daria a compreender a purificação de que necessitavam. Lavava-lhes os corpos, a fim de os dispor a lavarem os corações. Purificava-lhes o invólucro material, a fim de os compelir a purificarem os Espíritos, exortando-os, em resposta às perguntas que lhe faziam, à prática da justiça, do amor e da caridade.

Sua missão era preparatória; o Cristo a completaria. Era a voz daquele que clama no deserto até que as populações se reúnam para ouvir a pregação da verdade.

Estas palavras:

""Não vades dizer intimamente: temos Abraão por pai, porquanto eu vos declaro que destas mesmas dessas palavras pedras pode Deus fazer que nasçam filhos a Abraão; o machado está posto à raiz das árvores, toda a árvore que não dá bom fruto será cortada e lançada ao fogo", se referem a todos os tempos, ao tempo em que João as pronunciava, aos tempos que se seguiram até vossos dias e aos tempos que hão de vir.

Os Hebreus não reconheciam por filhos do Senhor, senão aqueles que viviam curvados sob o jugo de Moisés, do mesmo modo que a Igreja romana, mais tarde, não admitiu por muito tempo à redenção, senão os que estritamente lhe obedeciam aos mandamentos.

Que é o que Abraão representa para o espírito dos Hebreus? - O chefe da família destinada a herdar o reino dos céus.

Por aquelas palavras inspiradas ao seu enviado, quer Deus, conseguintemente, que fique bem enten-

dido serem seus filhos todos os que vão a ele. É como se dissera: "Não entram no meu reino os filhos de Abraão, filhos ingratos que desprezaram as minhas leis e desfiguraram meus preceitos, que as desprezam e os desfiguram, que as desprezarem e os desfigurarem no futuro. Todo aquele, porém, que escuta a minha voz, que envereda pela estrada larga, que arranca a árvore má, produtora de maus frutos, e só deixa no coração a boa semente que há de fertilizar a terra, esse está no caminho que a mim conduz, é meu. Filhos de Abraão não são os que me dizem: "Senhor! Senhor!"; mas, tão-somente os que me fazem a vontade, quaisquer que eles sejam. Todos aqueles cujo coração é puro são meus filhos e só esses terão entrada no meu reino".

Vós, espíritas, compreendeis o sentido oculto destas palavras simbólicas e que, apropriadas às inteligências da época, eram destinadas a impressioná-las.

A árvore que não dá bons frutos é o Espírito encarnado que sucumbe nas provas. Depois da morte, quando o anjo da libertação lhe houver ceifado a existência, será lançado ao fogo, isto é, será, primeiro, submetido, ao entrar em expiação no mundo espírita, a sofrimentos ou torturas morais proporcionados e apropriados aos crimes ou faltas que haja cometido; depois, à reencarnação que, abrindo-lhe os caminhos da expiação e da reparação, é, ao mesmo tempo, meio de purificação e de progresso.

O batismo em Espírito Santo é a assistência, a inspiração dos Espíritos purificados, concedidas pelo Cristo, em nome do Senhor, aos homens, que então as recebem mediunicamente e mesmo se comunicam com aqueles Espíritos nas condições e na proporção das mediunidades que lhes são outorgadas. Essa assistência, essa inspiração e essa comunicação Deus só

as concede aos homens de boa vontade, para os sustentar e dirigir nas suas provas ou missões, para os ajudar na purificação de seus Espíritos e no avançar pela senda do progresso moral e intelectual.

Jesus, pois, chamando o Espírito Santo para os discípulos, fez que descessem até eles os Espíritos elevados que os haviam de amparar nos seus ásperos e perigosos trabalhos e que, sob a aparência de "línguas de fogo", se manifestaram por meio dos seus perispíritos luminosos.

Ainda hoje, sob essa influência vos colocais quando, subtraindo-vos às paixões humanas, vivendo a vida que pertença a Deus e tudo lhe referindo pela prática do trabalho, da humildade, da caridade e do amor, atraís os Espíritos protetores da humanidade. Não vos orgulheis, porém, disso, porquanto a queda é fácil, mesmo para o mais elevado e os maus pensamentos com facilidade nascem no Espírito encarnado. Recebei, portanto, a luz espírita, que vos é confiada para que a repartais abundantemente com os que queiram esclarecer-se; mas, recebei-a sempre cheios de um profundo sentimento de humildade e de reconhecimento, rendendo graças a essa fonte donde dimana tudo o que é grande, tudo o que é belo, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é eterno.

O Espiritismo é o complemento da lei de amor que há tanto tempo calcais aos pés.

Vossos corações dão maus frutos; sois, portanto, árvores más. O Senhor, porém, na sua misericórdia, arranca a árvore que nada produz ou que dá maus frutos, para deixar que cresça livremente aquela cujas ramagens hão de cobrir de benfazeja sombra o universo inteiro. Plantou-a o Cristo com suas mãos, mas os homens não a cultivaram. Cercaram-na as plantas daninhas e a atrofiaram. O jardineiro divino, por isso, ainda se vê obrigado a vir cultivar a sua vinha, a fim de livrá-la dos parasitos que a sufocam. A

fé divina que dá sombra e alimento, que dessedenta o sequioso e convida ao repouso o viajante fatigado, vai crescer e estender seus ramos benditos por sobre todo o vosso universo. E a todos aqueles, dentre vós, sejam quais forem os cultos exteriores em que a reencarnação os tenha feito nascer, vindos não importa de onde, que tiverem trabalhado na obra de regeneração pelo exemplo e pela palavra, será concedida a alegria de dizer, voltando ao Senhor: "Ganhei bem o meu dia".

Vós, espíritas, deveis compreender o sentido oculto destas outras palavras inspiradas ao Precursor e por ele proferidas quando falava do Cristo. "Traz na mão a joeira e limpará perfeitamente o seu eirado; empilhará o trigo no seu celeiro e queimará a palha num fogo que jamais se extingue".

O Senhor, pelo órgão do seu enviado, empregou desse modo, para atuar sobre os homens materiais, uma figura de molde a impressioná-los, gerando neles o temor.

Sabei-o bem: Deus nunca abandonou o homem desde o seu aparecimento no vosso planeta. Suas leis são, como ele próprio, imutáveis e eternas. A do progresso (progresso físico do planeta, progresso físico, moral e intelectual da humanidade, de todas as criaturas, porquanto tudo o que foi criado é perfectível) se conta no número dessas leis.

Ao mesmo número pertence a da encarnação e reencarnação, como instrumento e meio de reparação e progresso.

Desde todos os tempos teve o homem junto de si, preposto à sua proteção, um anjo de guarda ou Espírito protetor, incumbido de o guiar pelo caminho do progresso.

Desde todos os tempos houve Espíritos em missão entre os homens, para fazê-los avançar por esse ca-

minho, revelando ou lembrando-lhes a lei natural que é a lei de Deus, na conformidade do meio, do estado das inteligências e das necessidades de cada época.

Desde todos os tempos, investido no livre arbítrio, cercado de influências ocultas, boas umas, outras más, possuindo inteligência para discernir o bem do mal, na relatividade do seu desenvolvimento moral e intelectual, o homem, por haver falido, foi trazido ao vosso planeta, que é um dos mundos inferiores de provação e, expiação, a fim de expiar, reparar suas faltas e progredir.

Desde todos os tempos, esteve submetido, após a morte, em seguida a cada uma das existências na terra, à expiação por meio de sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados aos crimes ou faltas cometidas e, depois, à reencarnação que, com a expiação precedente no estado de erraticidade, é, simultaneamente, o inferno, o purgatório, a reparação, o progresso, a escada santa que todos hão de subir e cujos degraus correspondem às fases das diferentes existências que lhe cumpre percorrer para atingir o cimo; pois, disse Deus, pelo órgão do seu Cristo, que, para chegar a ele, cada uma das suas criaturas tem que nascer, morrer, renascer até que haja alcançado os limites da perfeição.

Moisés e os profetas da lei antiga prepararam o advento da era da regeneração humana. Jesus, nosso salvador e mestre, Espírito que, como protetor e governador do vosso planeta, presidiu à sua formação e à da humanidade que o habita, que vos há de conduzir à perfeição, desceu ao meio dos homens para lhes abrir esta era e lançar as bases e fundamentos da vossa regeneração.

Ele tem na mão a joeira, pois a obra da regeneração começou desde os primeiros dias do Cristianismo.

Ele fez, faz e fará a separação do joio e do trigo, do trigo e da palha.

O trigo que empilhou, empilha e empilhará no seu celeiro são os Espíritos purificados que terminaram suas provas na terra, tal qual ela é atualmente: mundo inferior e de expiação. Esses Espíritos se tornam seus missionários devotados e inteligentes e trabalham, quer na erraticidade, quer encarnados em missão pelo vosso adiantamento moral e intelectual.

A palha que Jesus queimou, queima e queimará são os Espíritos culpados, rebeldes, que faliram em suas provas e que ele submete à expiação, depois à reencarnação em condições tais que, se forem levadas a bom termo, as novas provações serão para esses Espíritos um meio de expiação, de reparação e de progresso.

O fogo em que a palha foi, é e será queimada, isto é, em que o Espírito culpado, rebelde, sofre a expiação na erraticidade é a consciência culposa a gerar os remorsos, que são despertados ou intensificados, conforme à natureza da culpa e ao grau da culpabilidade, pelos quadros terrificantes ou dolorosos das faltas ou crimes cometidos, postos, como vos explicaremos mais tarde, sob as vistas do Espírito, que tentará em vão fugir-lhes. Esses quadros, produzindo sofrimentos e torturas morais sempre proporcionados e adequados àqueles crimes ou faltas, são o fogo que queima a palha.

Esse fogo não se extingue nem se extinguirá nunca: é eterno, porquanto Deus criou, cria e criará desde e por toda a eternidade. Assim, haverá sempre Espíritos que, devendo vir do estado originário de simplicidade e ignorância aos limites da perfeição, caiam em erro, se tornem culpados, rebeldes e sejam forçados a expiar e reparar suas faltas, para progredirem. E eterno esse fogo, porque haverá sempre palha

a ser queimada, isto é, Espíritos culpados, rebeldes, necessitando sofrer a expiação. Mas, para cada Espírito culpado, o fogo da geena eterna se extingue logo que a palha acabou de queimar-se, isto é, logo que o Espírito se humilha e pede perdão, animado de um arrependimento sincero e profundo, bem como do desejo ardente de reparar suas faltas. Então, cercado e ajudado pelos bons Espíritos, ele progride e se prepara para novas provações.

Sim, os remorsos perseguem sempre o culpado até que ele enverede por outro caminho. Sim, sempre haverá Espíritos rebeldes e o fogo da geena eterna não se extingue, não se extinguirá nunca, no sentido de que constitui como que uma herança, que passa de uns a outros.

Jesus limpará perfeitamente o seu eirado. A obra de regeneração, começada desde os primeiros dias da era que se abriu com o Cristo, se há de concluir agora. Vem concluí-la o Espiritismo, terceira e última explosão da bondade de Deus entre os homens. Ele a luz espalhará por sobre todos. Os cegos pertinazes, disse-o Jesus, serão "lançados nas trevas exteriores", onde, acrescentou, "haverá prantos e ranger de dentes".

Chamamos a vossa atenção para estas palavras, a fim de vos fazermos compreender o estilo figurado da época. O Cristo, Espírito puro, tipo de amor e de caridade, poderia condenar ao pranto e ao ranger de dentes os Espíritos culpados? Sem dúvida alguma, mas somente os insensíveis aos sofrimentos físicos.

Por essas palavras, pois, compreendei bem o sentido oculto de todos os ensinos de Jesus. O pranto e o ranger de dentes são os remorsos que brotam das consciências dos culpados.

Jesus limpará perfeitamente o seu eirado. Ao tempo determinado por Deus, em que a regeneração se tem de realizar, havendo o Espiritismo espalhado a

luz por toda parte; em que o vosso planeta se tornará morada unicamente de bons Espíritos, aqueles que, admitidos até então a reencarnar na terra, continuarem culpados, rebeldes, serão lançados nas trevas exteriores isto é, serão sucessivamente rechaçados, conforme ao grau de culpabilidade, para mundos inferiores, de provações e de expiação, onde, por longos séculos, expiarão a obstinação no mal, a voluntária cegueira.

MATEUS, Cap. III v. 13-17.

MARCOS, Cap. 1, v. 9-11.

LUCAS, Cap. III, v. 21-22

Batismo de Jesus

MATEUS: V.13. Então Jesus veio da Galiléia ao Jordão ter com João, a fim de ser por este batizado. - 14. Mas João obstava a isso, dizendo: Eu é que devo ser batizado por ti e tu vens a mim? -15. Jesus lhe respondeu: "Deixa-me fazê-lo assim por esta hora, porquanto é necessário que cumpramos a justiça." João consentiu. - 10. Uma vez batizado, Jesus logo saiu da água e eis que os céus se abriram e ele viu descer sobre si o Espírito de Deus em forma de uma pomba. 17. Imediatamente uma voz ecoou no céu, dizendo: Este é o meu filho bem-amado, em quem hei posto todas as minhas complacências.

MARCOS: V. 9. Eis o que sucedeu naqueles dias: Jesus veio de Nazaré, que fica na Galiléia, e foi batizado por João no Jordão. - 10. Logo que saiu da água, Jesus viu abrirem-se os céus e o Espírito de Deus descer em forma de uma pomba e pairar sobre ele. - 11. E uma voz do céu se fez ouvir dizendo: És meu filho bem-amado; em ti me tenho comprazido.

LUCAS: V. 21. Sucedeu que, ao tempo em que João batizava todo o povo, também Jesus foi por ele batizado e, enquanto orava, o céu se abriu; - 22, e um Espírito Santo desceu sobre ele, na forma corporal de uma pomba; e ouviu-se no céu uma voz que dizia: És meu filho bem-amado; em ti hei posto todas as minhas complacências.

Nº 54. Jesus, cuja origem espírita agora conheceis, Jesus, Espírito puro por excelência, Espírito perfeito, não precisava de ser batizado com água por João, de receber um batismo de penitência para remissão de pecados, ele que nenhum pecado tinha, que nenhum confessou, que não trazia, para ser lavado, um corpo de lama qual os vossos. Não precisava tampouco

receber *o* batismo *em Espírito Santo e em fogo,* ele cujo Espírito era de pureza perfeita e imaculada, ele que, ao contrário, vinha administrar esse batismo *primeiramente* aos apóstolos incumbidos de pregar e espalhar entre os homens, de ensinar pelo exemplo a sua moral sublime, *depois* a todos os que se tornassem dignos de ser assim batizados, praticando a sua lei de amor, propagando-a pelo exemplo e pela palavra.

Porque então *foi* Jesus receber de João, diante de todos, *o* batismo da água no Jordão, como *o* faziam *o* povo e quantos acorriam às margens daquele rio?

Para, desde o momento em que entrava a desempenhar publicamente sua missão, pregar pelo exemplo: para receber do próprio Deus, *à vista de todos e em confirmação das palavras que antes da sua chegada o Precursor proferira a seu respeito,* a consagração da sua origem, do seu poder e da sua missão, como regenerador e salvador da humanidade, como sendo quem a conduzirá à perfeição; para receber essa consagração por uma manifestação derivada do próprio Deus e produzida de molde a que os homens compreendessem que, finalmente, descera à terra o Espírito cuja vinda os profetas haviam anunciado.

Jesus desceu para pregar dando de tudo exemplo, para oferecer e deixar aos homens um tipo, um modelo que eles imitassem e em cujas pegadas caminhassem para atingir a perfeição.

Durante a sua missão terrena, *cumpria* que passasse, *à vista dos homens,* por ser um homem *como os outros,* sujeito a todas as provações da humanidade e delas triunfando, exemplificando-lhes a prática do trabalho, da justiça, da caridade e do amor, cujas leis ensinava, ministrando-lhes a luz e a verdade sob o véu da *letra* e o manto da *parábola,* a fim de que *o* brilho de unia e outra não ofuscasse, não cegasse os olhos humanos de então.

Cumprida aquela missão, os homens, em virtude das interpretações que davam aos fatos, de acordo com o estado das inteligências, com as necessidades da época e com o que *a preparação* dos tempos futuros exigia, teriam que ver um Deus, *o próprio* Deus, naquele que lhes viera proporcionar o tipo, o modelo da perfeição, pelo que toca à humanidade terrestre.

Segui todos os passos de Jesus no curso da sua *aparente* vida humana, desde o instante em que chega às margens do Jordão até o em que se consuma *o* sacrifício do Gólgota, e o vereis a dar em tudo o exemplo, sempre o exemplo.

Ao encetar essa vida humana aparente, submete-se, como todos os que vinham ter com João, ao batismo pela água, que os disporia à penitência. Mas, notai que, antes de haver Jesus chegado às margens do Jordão, já o Precursor, falando ao povo, aos fariseus, aos publicanos e aos soldados, a quantos tinham acorrido para ouvi-lo, os quais, entre si, pensavam que bem podia ser ele *o Cristo,* dizia:

Eu, por mim, vos batizo com água; porém, outro virá, mais poderoso que eu e de cujas alpercatas não sou digno de desatar as correias prosternado a seus pés, o qual vos batizará em Espírito Santo e em fogo.

"Ele traz na mão a joeira e limpará perfeitamente o seu eirado; empilhará o trigo no seu celeiro e queimará a palha num fogo que jamais se extingue".

Estas palavras explicam porque, em resposta ao pedido que Jesus lhe faz, João se escusa de o batizar, dizendo: *"Eu é que devo ser por ti batizado e vens a mim para que te batize!"* e explicam também porque, respondendo-lhe Jesus: *Deixa-me fazer assim por esta vez, porquanto é necessário que cumpramos toda a justiça",* isto é, porquanto devemos pregar pelo exemplo, João nenhuma resistência mais opôs, tornando-se

o primeiro a dar o exemplo de submissão e de obediência ao Mestre.

Para confirmação das palavras que João proferira diante de todos, antes da chegada de Jesus, é que, ao sair este da água, depois do batismo, se produziu, de conformidade com a época, com as tradições hebraicas e com o estado das inteligências, a manifestação destinada a esclarecer os homens acerca da origem e da missão do mesmo Jesus.

Como consta do que ficou dito acima, *logo que acabou de ser batizado, Jesus saiu da água e,* ao fazer a sua prece, *o céu se abriu e um Espírito Santo* desceu *sobre ele* em a forma corporal de uma pomba e se ouviu *uma voz que dizia:* "És meu filho bem-amado; em ti hei posto todas as minhas complacências".

O Senhor manifestou por esse modo o seu poder, dando dele um sinal *aparentemente* material, *aparentemente* porque só o era *para os olhos humanos,* sinal que, bem como a voz ouvida, não passou de simples manifestação espírita, objetivando chamar a atenção dos homens e lhes fazer compreender que descera finalmente à terra o Espírito que os profetas haviam anunciado.

O Espírito, como sabeis, pode, com o auxílio do seu perispírito, tomar todas as aparências, todas as formas.

A pomba era o emblema da pureza para os antigos que, *não o esqueçais,* a sacrificavam nos altares em resgate dos filhos de Israel. O Espírito superior encarregado da manifestação teve, pois, como deveis compreender, lembrando-vos da origem espírita de Jesus, da sua aparente vida humana enquanto durou a sua missão terrena e do sacrifício do Gólgota, que tomar e tomou a forma capaz de mais fortemente impressionar as inteligências, *no momento mesmo* em que a manifestação se produzisse, e de as impres-

sionar ainda *depois de cumprida aquela missão.*

A voz que se fez ouvir no céu, dizendo: *"És o meu filho bem-amado; em ti hei posto todas as minhas complacências",* não foi a voz de Deus onipotente. Deus não se manifestou. Deus não se comunica *diretamente* com os homens. Já vos dissemos: por mais puro que seja o Espírito encarnado, o invólucro que o reveste põe uma barreira intransponível entre o homem e a divindade; mas, o Senhor transmite suas vontades por intermédio dos Espíritos puros que dele recebem diretamente as inspirações, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, os quais, na ordem hierárquica, se constituem seus órgãos.

Foi um Espírito superior quem fez ressoar a voz que se ouviu e pronunciou aquelas palavras.

Para o povo e para todos os que tinham vindo ter com João, *para os Hebreus,* o *próprio* Deus falou naquela circunstância, como falara outrora aos profetas da lei antiga. O Espírito Santo, segundo eles, era a inteligência *mesma* de DEUS, inspirando *diretamente* os homens, comunicando-se *diretamente* com os humanos.

Assim, *para eles,* o *próprio* Deus foi quem tomou a forma de uma pomba e quem, *por outro lado e ao mesmo tempo,* fazendo ouvir a sua voz, pronunciou aquelas palavras.

Vós, espíritas, que, graças à nova revelação, sabeis que, sob a designação simbólica de *Espírito* Santo, se compreende o conjunto dos Espíritos do Senhor, órgãos de suas inspirações e ministros de suas vontades, que sabeis que Deus não se comunica *diretamente* com os homens, deveis perceber que houve duas manifestações espíritas.

E elas se produziram *"ao fazer Jesus a sua prece"*. Eis aí o *primeiro exemplo* e o primeiro ensinamento dado por ele aos homens, mostrando-lhes

que a prece, não a dos lábios, mas a do coração, atrai as bençãos do Senhor, os testemunhos do seu amor, fazendo sobre eles descer a influência divina, por intermédio dos Espíritos protetores da humanidade.

O batismo por meio da água, que João Batista administrou e que Jesus recebeu para ensinar pelo exemplo, comprovando *assim* que esse batismo não passava de *uma* figura, era, a um tempo, material e simbólico; material pela ablução do corpo; simbólico pelo arrependimento e pela humildade que a ablução consagrava e que tinham a proclamá-los a confissão pública que, diante de todos, cada um fazia, em voz alta, dos seus pecados, isto é, de suas faltas, de suas torpezas, de todas as infâmias que podem germinar no coração humano.

O batismo pela água era, pois, *uma preparação* para o *batismo pelo Espírito Santo e pelo fogo,* batismo este que vem de Deus e que o Cristo defere aos que dele se tornam dignos, concedendo-lhes a assistência e o concurso dos Espíritos purificados.

Bom é se lembre aos homens o batismo *pela água,* porquanto lhes recorda os grandes acontecimentos ocorridos e as obrigações que lhes são impostas.

A parte material era de necessidade à vista dos tempos, para impressionar homens materiais. *Somente* a parte simbólica *se conserva* para vós.

O verdadeiro batismo é o que vem do Senhor, é o batismo *em Espírito Santo e em fogo* que purificará as almas e não os corpos.

Fizeram do batismo pela água o estandarte do Cristianismo.

O homem esqueceu demasiado a essência divina para *só* atender à matéria. A esta referiu tudo e seu Espírito, rebaixado, encerrado em tão estreitos limites, acabou por olvidar quase inteiramente que, saído de uma essência espiritual, deve consagrar-se

ao espírito e não *à letra.* Purificai-vos, pois, para serdes vivificados.

A Igreja romana desvirtuou a natureza, o objeto, as condições e o fim do batismo pela água, derramando-a na cabeça da criança que acaba de nascer, sob o pretexto de apagar, na pessoa dessa criança, dando-lhe o nome de pecado original, uma falta que ela não cometeu, que teria sido cometida por outrem. E isso quando, segundo a mesma Igreja, a alma da criança foi criada por Deus *expressamente* para o corpo em que veio habitar, alma que, pessoalmente, havia de ser pura e sem mancha, pois que das mãos de Deus nada pode sair, nem sai, maculado.

A Igreja romana não houvera instituído *deste modo* o batismo pela água, se tivesse compreendido bem as palavras do Cristo a Nicodemos, proclamando a reencarnação como uma realidade e não como uma alegoria; realidade, por ser lei emanada de Deus desde toda a eternidade, como meio de purificação e de progresso do Espírito culpado, como meio único posto ao alcance do homem para entrar "no reino de Deus", isto é, para chegar à perfeição que, *só ela,* lhe permitirá aproximar-se do foco da onipotência.

Cristãos de todas as seitas, católicos, protestantes, gregos, deixai de só ter em conta a matéria, abandonai a *letra que mata* para vos ocupardes unicamente com o *Espírito que vivifica.* Do batismo pela água no Jordão conservai *apenas o espírito;* praticai a parte simbólica: *o arrependimento e a humildade.* Preparai-vos assim para o batismo *em Espírito Santo e em fogo, que* purifica as almas e que, se dele vos tornardes dignos praticando o trabalho, a humildade de coração, o amor e a caridade, o Cristo vos ministrará, enviando os Espíritos puros para vos assistirem, inspirarem, ampararem e ajudarem no trajeto pela senda do progresso moral e intelectual.

MATEUS, Cap. I, v. 1-17,
LUCAS, Cap. III, v. 23-38

Genealogia de Jesus (aos olhos dos homens)

MATEUS: V.1. Livro da genealogia de Jesus-Cristo, filho de David, filho de Abraão: - 2. Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacob; Jacob gerou Judas e seus irmãos. - 3. Judas gerou Farés e Zara de Tamar; Farés gerou Esrão; Esrão gerou Arão. - 4. Arão gerou Aminadab; Aminadab gerou Naassão; Naassão gerou Salmão. - 5. Salmão gerou Booz de Raab; Booz gerou Obed de Rut; Obed gerou Jessé e Jessé gerou David, que foi rei. - 6. O rei David gerou Salomão por aquela que fora a mulher de Urias. - 7. Salomão gerou Roboão; Roboão gerou Abias; Abias gerou Asá. -8. Asá gerou Josafat; Josafat gerou Jorão; Jorão gerou Osías. - 9. Osías gerou Joatão; Joatão gerou Achás; Achás gerou Ezequias; -10. Ezequias gerou Manassés; Manassés gerou Amon; Amon gerou Josías. - 11. Josías gerou Jeconias e seus irmãos ao tempo em que os JuDeus emigraram para Babilônia. - 12. E depois dessa emigração para Babilônia, Jeconias gerou Salatiel; Salatiel gerou Zorobabel. - 13. Zorobabel gerou Abiud; Abiud gerou Eliacim; Eliacim gerou Azor. - 14. Azor gerou Sadoc; Sadoc gerou Achim; Achim gerou Eliud. - 15. Eliud gerou Eleazar; Eleazar gerou Matam; Matam gerou Jacob. 16. Jacob gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus chamado o Cristo. - 17. Houve, portanto, ao todo, de Abraão a David catorze gerações, de David à transmigração para Babilônia catorze gerações e da transmigração para Babilônia até Jesus-Cristo catorze gerações.

LUCAS: V. 23. Jesus contava então trinta anos, sendo tido entre os homens por filho de José, que foi filho de Heli, que foi filho de Matar, - 24, que foi filho de Levi, que foi filho de Melchi, que foi filho de Jana, que foi filho de José, - 25, que foi filho de Matatias, que foi filho de Amoz, que foi filho de Naum, que foi filho de Hesli, que foi filho de Nage, - 26, que foi filho de Maat,

que foi filho de Matatias, que foi filho de Semei, que foi filho de José, que foi filho de Judas; - 27, que foi filho de Joanã, que foi filho de Reza, que foi filho de Zorobabel, que foi filho de Salatiel, que foi filho de Neri, - 28, que foi filho de Melchi, que foi filho de Adi, que foi filho de Cosan, que foi filho de Helmadan, que foi filho de Her, - 29, que foi filho de Jesus, que foi filho de Eliezer, que foi filho de Levi, - 30, que foi filho de Simeão, que foi filho de Judas, que foi filho de José, que foi filho de Jona, que foi filho de Eliaquim,-31. que foi filho de Meléa, que foi filho de Mena, que foi filho de Matata, que foi filho de Natan, que foi filho de David. - 32, que foi filho de Jessé, que foi filho de Obed, que foi filho de Booz, que foi filho de Salmon, que foi filho de Naassão, - 33, que foi filho de Aminadab, que foi filho de Arão, que foi filho de Esrão, que foi filho de Farés, que foi filho de Judas, - 34, que foi filho de Jacob, que foi filho de Isaac, que foi filho de Abraão, que foi filho de Taré, que foi filho de Nachor, - 35. que foi filho de Sarug, que foi filho de Rafgau, que foi filho de Faleg, que foi filho de Heber, que foi filho de Saie, - 36, que foi filho de Cainan, que foi filho de Arfaxad, que foi filho de Sem, que foi filho de Noé, que foi filho de Lamech, - 37, que foi filho de Matusalém, que foi filho de Enoc, que foi filho de Jared, que foi filho de Malaleel, que foi filho de Chainan, - 38, que foi filho de Enos, que foi filho de Set, que foi filho de Adão, que foi criado por Deus.

N. 55. Jesus, Espírito de pureza perfeita e imaculada, cuja perfeição se perde na noite das eternidades, protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, é estranho e anterior às gerações humanas que o tem sucessivamente habitado. Apareceu na terra (já o sabeis, desde que vos revelamos a sua origem espírita) com um corpo fluídico, de natureza perispirítica, visível e tangível sob a aparência da corporeidade humana, por efeito de incorporação segundo as leis dos mundos superiores, apropriadas aos fluidos ambientes que servem para a formação dos seres terrenos. Esse segredo de além-

túmulo (também o sabeis) não devia ser revelado, conhecido, antes do tempo determinado pelo Senhor, antes da época atual, em que se inicia a era nova do Espiritismo e em que os progressos realizados vos tornaram capazes de receber essa revelação.

Não vos preocupeis com o ter Jesus de Nazaré contado, *aos olhos dos Hebreus, aos olhos dos homens,* este ou aquele patriarca entre os seus antepassados carnais. Percorrei-lhe a genealogia *espiritual* e remontareis a Deus, criador, imediato e único, de tudo que é puro e perfeito.

Demais, nenhuma atenção merece essa genealogia *humana* atribuída a Jesus por exigências da época. Destituída de interesse, ela em nada influi nos fatos constitutivos da missão messiânica, nem na obra de regeneração da vossa humanidade, executada pelo desempenho dessa missão.

Qual então a razão de ser da genealogia *humana* atribuída a Jesus?

Compreendei bem a necessidade que há de se materializarem os fatos para os tornar acessíveis à matéria. Preciso era, *naquela* época, que se usasse para com os homens de uma linguagem que pudesse ser compreendida e sobretudo escutada, em um meio que fora *preparado* desde muitos séculos.

Segundo as tradições hebraicas e as interpretações dadas às profecias da lei antiga, o libertador prometido, o Cristo, havia de nascer em Belém, tendo por pai um descendente de David, sendo, pois, ele próprio, pela descendência, um filho de David. A grande obra da redenção *estava preparada* desde a origem tradicional dos tempos, sem que o homem o percebesse, nas condições sucessivamente apropriadas às épocas e às inteligências.

Para a execução dessa grande obra, Maria e José, Espíritos perfeitos, este, porém, menos elevado do que

aquele, nenhum dos dois puro desde o início, ambos inferiores, portanto, a Jesus, Maria e José, dizíamos, encarnaram, cada um num meio depurado, com o encargo de auxiliarem o Messias na sua missão terrena. A pureza de Maria e de José não podia compadecer-se com um meio impuro. Cada um, por isso, escolheu uma família que lhe fora de antemão preparada, composta igualmente de Espíritos superiores, se bem que menos elevados do que os deles.

Eis como, remontando de geração em geração, ireis encontrar o homem com todos os seus instintos brutais.

Como sabeis, enquanto durasse a missão terrena de Jesus, Maria *tinha que* ser considerada *pelos homens* sua mãe e José seu pai. De modo que, dada a descendência deste, *Jesus tinha que* ser considerado filho de David.

O homem, para compreender, precisava que lhe pusessem sob a vista um ponto de partida de onde lhe fosse possível seguir em linha reta. Aquelas coisas eram ditas aos Hebreus, que estavam sujeitos à lei de Moisés, que se governavam pelas tradições vindas de muitos séculos atrás e cuja origem se perdia na noite dos tempos. Forçoso era, portanto, que, para lhes guiar as inteligências, o caminho seguido fosse o que eles tinham o hábito de trilhar.

Efetivamente, qual o tronco que se lhes indicou da genealogia atribuída a Jesus? "Adão", primeiro ente material saído das mãos do Senhor.

Já não ignorais, porquanto os tempos caminharam, as inteligências se desenvolveram e o progresso das ciências se operou, que a criação do primeiro homem, num paraíso, num jardim de delícias, dentro do qual se encontravam a árvore da vida e a da ciência do bem e do mal, é *uma figura* oriunda da necessidade de se apropriarem os ensinamentos à inteligência humana. Quão poucos são ainda entre vós

os que se mostram aptos a compreender uma existência que não teve começo e não terá fim!

Figuradamente, a genealogia de Jesus remonta a Adão, *como* remonta a Deus a criação do corpo formado de limo.

Naquela época, porém, tão formal desmentido à *letra* do *Gênese* houvera revoltado as massas, inquietado os fracos e retardado a marcha da obra de regeneração.

De acordo com essa genealogia *humana,* quer segundo Mateus, quer segundo Lucas, qual a descendência atribuída a Jesus?

A de filho de David por José, que é seu pai, *aos olhos dos homens,* e que por sua vez também aparece como descendente daquele profeta.

Foi com o fim de ligar o "nascimento" de Jesus a David que se estabeleceu a genealogia, tanto segundo Mateus, como segundo Lucas. Ela é o fruto das pesquisas realizadas com esse objetivo. Mas, fizera-se a noite dos tempos e muitos nomes foram introduzidos em lugar de outros que eram ignorados e se supunha deverem existir. Pouco importam, porém, os nomes: as relações genealógicas existem pela filiação da famílias.

Não vos embaraceis com as diferenças que as duas genealogias apresentam. São puerilidades. O tronco era o mesmo. De confundirem filhos de dois irmãos nasceu a confusão dos nomes que algumas vezes pertenceram aos mesmos indivíduos. Não vos sucede usar de muitos nomes, em conseqüência de adições, ou de mudanças devidas à vaidade e não é muito natural e provável que, no futuro, os que vos pesquisarem os atos tomem um desses nomes por outro, sem que o indivíduo deixe de ser o mesmo? Assim, com relação aos nomes, um dos Evangelistas seguiu um dos ramos e o outro um ramo diverso. Ambos os ramos, porém, pertenciam ao mesmo tronco.

Não há obras humanas impecáveis. O essencial, *para os Hebreus,* era a origem e as duas genealogias são acordes em apresentar José como descendente de David.

Quanto a Maria, não vos admireis de que não figure na genealogia humana atribuída a Jesus. Entre os Israelitas, as filhas não eram tidas em conta, como não o são entre as vossas raças nobres, para a perpetuação do nome. Maria pertencia à tribo: era quanto bastava que se soubesse.

Não vos detenhais nas controvérsias que surgiram desde os primeiros tempos do Cristianismo, que continuaram e ainda hoje se suscitam, a propósito das duas genealogias (segundo Mateus e Lucas), por motivo das diferenças, omissões e contradições que se lhes imputam. O homem não quer compreender, já o temos dito, que, seja qual for o objetivo *espiritual* que se tenha em vista atingir, necessário é *se humanizem* os meios que lhe são postos ao alcance para isso. A conseqüência é que os meios se tornam imperfeitos. Era a essas controvérsias sobre a genealogia humana atribuída a Jesus, já então suscitadas, que aludia o *apóstolo* Paulo na *1ª Epistola a Timóteo.* v. 4-5, dizendo:

"Peço que não vos entretenhais com fábulas e *genealogias sem fim,* que *mais* servem para gerar disputas do que para fundar, sobre a fé, o edifício de Deus. Ora, o fim de todos os mandamentos é a *caridade que nasce de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera".*

Não vos prendais nos detalhes pueris de uma genealogia humana, que, só do ponto de vista dos Hebreus e de suas tradições, como meio de preparar a missão terrena de Jesus, teve a sua razão de ser; genealogia que os Evangelistas, como narradores e cada um dentro do quadro que lhe fora traçado, tiveram que lembrar. Esses detalhes pueris vos fariam perder um tempo precioso. Deixai que os *"atilados"*

da vossa época reúnam todas as suas forças para levantar e deslocar alguns dos pedregulhos com que topam. Não esqueçais que tendes de erguer uma montanha, a fim de abrirdes passagem à estrada reta e unida que deveis traçar.

Acabamos de dizer-vos que, só do ponto de vista dos Hebreus e de suas tradições, como meio de preparar o desempenho da missão terrena de Jesus, aquela genealogia humana teve a sua razão de ser. Efetivamente, confrontai com as palavras do anjo a Maria (Lucas I, v. 32) e com as do cântico de Zacarias (Lucas I, v. 68-70) o que Jesus disse aos Fariseus:

"Que pensais do Cristo? - De quem é ele filho? - De David, responderam. - Como é então, retrucou-lhes Jesus, que, inspirado pelo Espírito Santo, David, nos *Salmos,* lhe chama *seu Senhor,* por estas palavras: "O Senhor disse a meu Senhor: - Senta-te à *minha direita* até que eu tenha reduzido teus inimigos a te servirem de escabelo. Ora, se David lhe chama *seu Senhor,* como pode ele ser *filho* de David?" (Mateus, XXII, v. 41-43. - Lucas, XX, v. 41-44).

Não é evidente que *desse modo* Jesus, durante a sua missão terrena, preparou os homens a reconhecerem que aquela genealogia humana lhe era estranha, inaplicável; a receberem mais tarde, no tempo determinado por Deus, a revelação da sua origem e da sua natureza *extra-humana?*

N. 56. Á vista destas palavras: - "...a criação do primeiro homem é *uma figura oriunda da necessidade de se apropriarem* os ensinamentos *à* inteligência humana. Quão poucos são ainda, entre vós, os que se mostram aptos a compreender uma existência que não teve começo e que não terá fim!" destas outras: *"Figuradamente,* a genealogia de Jesus, Espírito de pureza perfeita e imaculada, remonta a Adão, como remonta a Deus a criação do corpo formado de limo" - destas mais: - "percorrei a genealogia *espiritual* de Jesus e remontareis a Deus, criador imediato e único de tudo o que é puro e perfeito" *qual* é, em verdade, de acordo com a ciência divina, despojado *da letra* o *espírito,* A REALI-

DADE, quanto à criação do Espírito e do corpo do homem do nosso planeta; A REALIDADE quanto a essa genealogia espiritual de Jesus, "Espírito de pureza perfeita e imaculada"?

A questão que propondes, complexa pelo duplo aspecto sob que a formulais, referindo-se, *de um lado,* ao homem e, *de outro,* a Jesus, exige a solução de um problema de ordem mais geral - o da origem do Espírito, de suas fases e trajetórias, de seus destinos, desde o instante inicial da sua existência, até ao em que chega à perfeição.

Na Criação, tudo, tudo tem uma origem comum, tudo vem do infinitamente pequeno para o infinitamente grande, até Deus, ponto de partida e de reunião.

Não esqueçais que tudo provém de Deus e para Deus volta; de Deus *uno,* criador incriado, pai de tudo e de todos; de Deus, grande motor de quanto existe, pilar inabalábel sobre o qual repousam as multidões de mundos disseminados no espaço como os átomos no ar.

O fluido universal, que toca de perto a Deus e dele parte, *constitui,* pela sua quinta-essência e *mediante as combinações, modificações e transformações* de que é passivel, o instrumento e o meio de que se serve a inteligência suprema para, pela onipotência da sua vontade, operar, no infinito e na eternidade, todas as criações espirituais, materiais e fluídicas destinadas à vida e à harmonia universais, para operar a criação de todos os mundos, de todos os seres em todos os reinos da natureza, de tudo que se move, vive, é.

O apóstolo Paulo sentia a potência criadora do Senhor, quando dizia: "Tudo é dele, tudo é por ele, tudo é nele; “ex ipso et per ipsum et in ipso sunt om-

nia "[11]. "E nele que temos a vida, o movimento e o ser: in ipso vivimus et movemur et sumus "[12].

O Espírito, na origem da sua formação, como essência espiritual, princípio de inteligência, sai do todo universal. O que chamamos o "todo universal" é o conjunto dos fluidos existentes no espaço. Estes fluidos são a fonte de tudo o que existe, quer no estado espiritual, quer no estado fluídico, quer no estado material.

O Espírito, na sua origem, como essência espiritual, princípio de inteligência, se forma da *quinta-essência* desses fluidos, elemento tão sutil que nenhuma expressão pode dar dele idéia, sobretudo às vossas inteligências restritas. A vontade do Senhor Deus todo poderoso, única essência de vida no infinito e na eternidade, anima esses fluidos para lhes dar *o ser,* isto é, para *mediante uma combinação sutilíssima,* cuja *essência* só nas irradiações divinas se encontra, fazer deles essências espirituais, princípios primitivos do Espírito em gérmen e destinados à sua formação.

A vida universal está assim, por toda a natureza, em germens eternos, graças a essa quinta-essência dos universal. fluidos. que somente a vontade de Deus anima, conformemente as necessidades da harmonia universal, as necessidades de todos os mundos, de todos os remos, de todas as criaturas no estado material ou no estado fluídico.

Ao serem formados os mundos primitivos, na sua composição entram todos os princípios, de ordem espiritual, material e fluídica, constitutivos dos diversos reinos que os séculos terão de elaborar.

O princípio inteligente se desenvolve ao mesmo tempo que a matéria e com ela progride, passando da inércia a vida. Deus preside ao começo de todas as coisas, acompanha paternalmente as fases de cada

---

11 Epístola aos Romanos, cap. XI, v.36

12 Atos dos Apóstolos, cap. XVII, v. 28

progresso e atrai a si tudo o que haja atingido a perfeição.

Essa multidão de princípios latentes aguarda, no estado cataléptico, em o meio e sob a influência dos ambientes destinados a fazê-los desabrochar, que o Soberano Mestre lhes dê destino e os aproprie ao fim a que devam servir, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas por ele mesmo estabelecidas.

Tais princípios sofrem passivamente, através das eternidades e sob a vigilância dos Espíritos prepostos, as transformações que os hão de desenvolver, passando sucessivamente pelos remos mineral, vegetal e animal e pelas formas e espécies intermediárias que se sucedem entre cada dois desses reinos.

Chegam dessa maneira, numa progressão contínua, ao período preparatório do estado de Espírito formado, isto é, ao estado intermédio da encarnação animal e do estado espiritual consciente. Depois, vencido esse período preparatório, chegam ao estado de criaturas possuidoras do livre arbítrio, com inteligência capaz de raciocínio, independentes e responsáveis pelos seus atos. Galgam assim o fastígio da inteligência, da ciência e da grandeza.

Em sua origem, a essência espiritual, princípio de inteligência, Espírito em formação, passa primeiro pelo reino mineral. *Anima* o mineral, se deste modo nos podemos exprimir, servindo-nos dos únicos recursos que oferece a linguagem humana apropriada às vossas inteligências limitadas. Tudo, com efeito, na Natureza, tem existência, porquanto tudo morre. Ora, aquilo que morre traz em si o princípio de vida, sendo conseqüentemente animado por uma inteligência *relativa.*

Esta palavra - inteligência - pode causar surpresa, tratando-se da vida de uma coisa inerte. Certamente, em tal caso, não há nem pensamento, nem

ação. A essência espiritual, nesse estado, se mantém inconsciente de seu ser. Ela *é,* eis tudo.

No estado então de simples essência de vida, absolutamente inconsciente de seu ser, ela constrói o mineral, a pedra, o minério, atraindo e reunindo os elementos dos fluidos apropriados, *por meio de uma ação magnética atraente, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos.*

Quanto mais inconsciente é o Espírito no estado de formação, tanto mais direta e incessante é a ação desses Espíritos.

Guardai bem na memória, pois que o dizemos aqui para não mais o repetirmos: em qualquer dos reinos, mineral, vegetal, animal e humano, nada é sem o concurso dos Espíritos do Senhor, que todos têm uma função a desempenhar, uma vigilância a exercer. Não há Espíritos prepostos à formação de um *determinado* mineral, de um *determinado* vegetal, de um *determinado* ser do reino animal, ou do reino humano. Os Espíritos têm uma ação geral e conforme às leis naturais e imutáveis, que ainda não vos é permitido nem possível compreender. A vigilância eles a exercem sobre as massas.

O mineral morre quando é arrancado do meio em que o colocara o autor da natureza. A pedra tirada da pedreira, o minério extraído da mina, deixando de existir, do mesmo modo que a planta separada do solo, perdem a vida natural.

A essência espiritual, que residia nas paredes do mineral, retira-se daí por uma ação magnética, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos, e é transportada para outro ponto.

O corpo do mineral, seus despojos, são utilizados pela humanidade, de acordo com o que suas necessidades lhe impõem.

Não vos admireis de que a coesão subsista no mineral, por séculos muitas vezes, depois que dele se retirou a essência espiritual que foi necessária à sua formação.

Cada espécie de matéria tem suas propriedades *relativas,* segundo leis naturais e imutáveis que ainda não podeis compreender.

O corpo humano, em certas condições, não conserva coesas todas as suas partes materiais, embora o Espírito já se tenha retirado dele?

Não se observam, entre os vegetais, casos de longa duração material? Certas plantas não conservam as aparências da vida, a frescura dos tons e a rijeza da haste, muito tempo depois de separadas do solo que as alimentava e, por conseguinte, do princípio latente da inteligência que nelas residia?

Tudo na Natureza se mantém e se encadeia e tudo se faz em proveito e utilidade do Espírito que se tornou consciente de seu ser.

Os corpos mortos, sejam pedra, planta, ser do reino animal ou do reino humano, têm que concorrer para a harmonia universal, desempenhando as funções que lhes são assinadas.

A essência espiritual, que no mineral reside, não é uma individualidade, não se assemelha ao pólipo que, por cissiparidade, se multiplica ao infinito. Ela forma um conjunto que se personifica, que se divide, quando há divisão na massa em conseqüência da extração, e atinge desse modo a individualidade, como sucede com o princípio que anima o pólipo, com o princípio que anima certas plantas. A essência espiritual sofre, no reino mineral, sucessivas materializações, necessárias a *prepará-la* para passar pelas formas intermédias, que participam do mineral e do vegetal. Dizemos - *materializações,* por não podermos dizer - encarnações para estrear-se *como ser.*

Depois de haver passado por essas formas e espécies intermediárias, que se ligam entre si numa progressão contínua, e de se haver, sob a influência da dupla ação magnética que operou a vida e a morte nas fases de existências já percorridas, *preparado para*

sofrer no vegetal a prova, *que a espera.* da *sensação,* a essência espiritual, Espírito em estado de formação, passa ao reino vegetal.

É um desenvolvimento, mas ainda sem que o ser tenha consciência de si. A existência material é *então* mais curta, porém mais progressiva. Não há nem consciência, nem sofrimento. *Há sensação.*

Assim, a árvore da qual se retira um galho experimenta uma espécie do eco da seção feita, mas não sofrimento. E como que uma repercussão que vai de um ponto a outro, sucedendo o mesmo quando a planta é violentamente arrancada do solo, antes de completado o tempo da maturidade.

Repetimos: *há sensação,* não há *consciência nem sofrimento.* E um *abalo magnético* o que a árvore experimenta, abalo que *prepara* o Espírito em estado de formação para o desenvolvimento do *seu ser.*

Morto o vegetal, a essência espiritual é transportada para outro ponto e, depois de haver passado, sempre em marcha progressiva, pelas necessárias e sucessivas materializações, percorre as formas e espécies intermediárias, que participam do *vegetal* e do *animal.* Só então, nestas últimas fases de existência, que são as em que aquela essência começa a ter a impressão de *um ato exterior,* ainda que *sem consciência de sua causa* e de *seus efeitos,* há *sensação de sofrimento.*

Sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito em formação efetua assim, sempre numa progressão contínua, o seu desenvolvimento com relação à matéria que o envolve e chega a adquirir *a consciência* de ser.

Preparado para a vida ativa, exterior, para a vida de relação, passa ele ao reino animal.

Torna-se então princípio inteligente de uma *inteligência relativa,* a que chamais – *instinto;* de uma inteligência *relativa* às necessidades físicas, à conser-

vação, a tudo o que a vida material exige, dispondo de vontade e de faculdades, *mas* limitadas àquelas necessidades, àquela conservação, à vida material, à função que lhe é atribuída, à utilidade que deve ter, ao fim a que é destinado em a natureza, sob os pontos de vista da conservação, da reprodução e da destruição, na medida em que haja de concorrer para a vida e para a harmonia universais.

Sempre em estado de formação, pois que não possui ainda livre arbítrio, inteligência independente capaz de raciocínio, consciência de suas faculdades e de seus atos, o Espírito, sem sair do reino animal, seguindo sempre uma marcha progressiva contínua e de acordo com os progressos realizados e com a necessidade dos progressos a realizar, passa por todas as fases de existência; sucessivas e necessárias ao seu desenvolvimento e por meio das quais chega às formas e espécies intermediárias, que participam do animal e do homem. Passa depois por essas espécies intermediárias, que, pouco a pouco, insensivelmente, o aproximam cada vez mais do reino humano, porquanto, se é certo que o Espírito sustenta a matéria, não menos certo é que a matéria lhe auxilia o desenvolvimento.

Depois de haver passado por todas as transfigurações da matéria, por todas as fases de desenvolvimento para atingir um certo grau de inteligência, o Espírito chega ao ponto de preparação para o estado espiritual consciente, chega a esse momento que os vosso sábios, tão pouco sabedores dos mistérios da natureza, não logram definir, momento em que *cessa o instinto e começa o pensamento.*

Quando se vos falou do Espírito no estado de infância, no estado, por conseguinte, de ignorância e de inocência; quando se vos disse que o Espírito era criado simples e ignorante, tratava-se, está bem visto, da fase de preparação do Espírito para entrar na

humanidade. Fora inconseqüente, *então,* dar esclarecimentos sobre a origem do Espírito. Notai que ela foi deixada na obscuridade. Ainda hoje seria cedo para desenvolver esse ponto. Utilizai-vos, porém, do que vos dizemos, porquanto, ao tempo em que este vosso trabalho aparecer *aos olhos de todos,* os Espíritos encarnados já se acharão mais dispostos a receber *o que então,* e mesmo hoje[13], tomariam por uma monstruosidade, ou por uma tolice ridícula.

Atingindo o ponto de preparação para entrarem no reino humano, os Espíritos se preparam, de fato, em mundos *ad-hoc,* para a vida espiritual consciente, independente e livre. É nesse momento que entram naquele estado de inocência e de ignorância. A vontade do soberano Senhor lhes dá a consciência de suas inocência e faculdades e, por conseguinte, de seus atos, consciência que produz o livre arbítrio, a vida moral, a inteligência independente e capaz de raciocínio, a responsabilidade.

Chegado deste modo à condição de Espírito formado, de Espírito pronto para ser *humanizado* se vier *a falir,* o Espírito se encontra num estado de inocência completa, tendo abandonado, com os seus últimos invólucros animais, os instintos oriundos das exigências da animalidade.

A estátua acabou de receber as formas. Sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito formado se cobre dos fluidos que lhe comporão o invólucro a que chamais - *perispírito,* corpo fluídico que se torna, para ele, o instrumento e o meio ou de realizar um progresso constante e firme, desde o ponto de partida daquele estado até que haja atingido a perfeição moral, que o põe ao abrigo de todas as quedas; ou de cair, caso em que o perispírito lhe será também instrumento de progresso, de reerguimento, mediante encarnações e reencarnações sucessivas, ex-

13 Mês de abril de 1863

piatórias a princípio e por fim gloriosas, até que atinja aquela perfeição moral.

O magnetismo, já o dissemos (n. 31), é o agente universal. Tudo está submetido à influência magnética, tudo é magnetismo na natureza, tudo, na ordem espiritual, na ordem material e na ordem fluídica, é atração resultante desse agente universal. Essa a grande lei que rege todas as coisas. Os fluidos magnéticos ligam todos os mundos uns aos outros, ligam todos os Espíritos encarnados e desencarnados. É um laço universal que Deus criou para nos unir a todos, de modo a que formássemos um único ser, tendo em vista ajudar-nos a subir até ele, conjugadas as nossas forças.

Ao sair do estado intermediário, que precede à vida do *livre pensador,* para entrar na posse do livre arbítrio, o Espírito organiza a sua constituição fluídica, isso a que chamais *perispírito* e que é, para nos servirmos de uma expressão que vos seja compreensível, o seu “temperamento", havendo entre esse e o temperamento humano a diferença de que este, *aos vossos olhos,* independe do gênero de Espírito que o corpo encerre, ao passo que o temperamento fluídico é resultado das tendências do Espírito.

Há entre os fluidos atração recíproca, donde as relações que se estabelecem entre os Espíritos, conforme às suas tendências, boas ou más, seus pendores e sentimentos, bons e maus.

Daí deriva a influência atrativa dos fluidos similares, simpáticos, constituindo o laço que aproxima um do outro dois Espíritos, senão da mesma categoria, animados dos mesmos pendores, dos mesmos sentimentos.

Assim, pela natureza de suas inclinações, os Espíritos atraem a si outros Espíritos que lhes são semelhantes, simpáticos pela identidade dos sentimentos e pendores e entram com eles em relação, graças à influência atrativa dos fluidos.

De posse do livre arbítrio, podendo escolher o caminho que prefiram seguir, os Espíritos são subordinados a outros, prepostos ao seu desenvolvimento. E então que a vontade os leva a enveredar por este caminho de preferência àquele.

Galgado esse ponto, eles se mostram mais ou menos dóceis aos encarregados de os conduzir e desenvolver.

A vontade, atuando então no exercício do livre arbítrio, traça uma direção boa ou má ao Espírito que, deste modo, pode falir ou seguir simplesmente e gradualmente o caminho que lhe é indicado para progredir.

Muitos se transviam: alguns resistem aos arrastamentos do orgulho e da inveja.

O orgulhoso é invejoso por não poder suportar o que quer que seja acima de si; é egoísta, pretendendo ser para tudo o ponto de referência; é presunçoso, pois deposita em suas energias e inteligência uma confiança, tão errônea quanto condenável, que o leva muitas vezes a revoltar-se contra a prudência de quem lhe interdita atos superiores às suas forças.

Não tendes visto crianças que tentam executar os vossos trabalhos, gabando-se de fazê-lo tão bem como vós, tal a confiança que depositam em si, nas suas inteligências, e que se revoltam, não raro, contra a prudência dos pais, que vedam a esses temerários a prática de atos que estão acima de suas forças e que lhes poderiam ocasionar graves acidentes? São Espíritos que há séculos sofrem expiações e reencarnações sucessivas e que ainda se não purificaram. O orgulho, a presunção, o egoísmo, a inveja que neles assim se manifestam são sinais e foram causa de suas primitivas quedas.

Indóceis, rebeldes à influência dos Espíritos incumbidos de os conduzir e desenvolver, os que se transviam atraem, por seus maus sentimentos, ten-

dências e pendores, Espíritos maus a quem esses sentimentos, tendências e pendores são simpáticos. Mas, notai-o bem, porquanto as nossas palavras precisam ser exatamente compreendidas: o Espírito cai por si mesmo, não caí porque outro o arraste à queda. Acabamos de dizer que os Espíritos seguem *livremente* este ou aquele caminho. Portanto, é por ato da própria vontade, por impulso próprio, que entram numa ou noutra senda. A simpatia que experimentam pelos Espíritos inferiores e que os domina resulta *da disposição própria de cada um. Só* após a queda se estabelecem as suas relações com os inferiores.

Inversamente, aqueles que, dóceis, seguem simplesmente e gradualmente o caminho que seus guias lhes indicam para progredirem, atraem os bons Espíritos, simpáticos às suas tendências boas, aos seus bons sentimentos e pendores.

Sob a influência atrativa dos fluidos em geral, os do perispírito variam incessantemente, acompanhando a marcha progressiva do Espírito cujo envoltório formam, até que o mesmo Espírito tenha atingido a perfeição e isso se dá quer se trate de um que permaneceu sempre puro, quer de um que haja falido. De acordo com as suas tendências e com o grau do seu progresso, o Espírito assimila constantemente os fluidos que mais em relação estejam com a sua inteligência e com as suas necessidades espirituais.

Quanto mais inferior ele é, tanto mais opacos e pesados são os fluidos perispiríticos. Da maior ou menor elevação do Espírito depende a maior ou menor quantidade de fluidos puros na composição do seu perispírito.

Assim, os corpos fluídicos constituídos pelos perispíritos apresentam maior ou menor fluidez, são mais ou menos densos, conforme à elevação do espírito encerrado *nessa matéria.* Dizemos *"matéria"* porque, efetivamente, *para o Espírito,* o perispírito é *matéria.*

O perispírito, tanto do Espírito que faliu, como do que se manteve puro, forçosamente se modifica de conformidade com as fases da existência e com as provações.

Só quando o Espírito atingiu *a perfeição,* e só então, lhe é dado modificar *voluntariamente* o seu perispírito, de acordo com as necessidades do momento, com as regiões que tenha de percorrer, com as missões que o Senhor lhe confia, conservando-se *inalterável a essência purificada* do mesmo perispírito.

Entre os que se transviam, Espíritos há que, no curso do seu desenvolvimento e por vezes mesmo ao ensaiarem os primeiros passos, teimam em fazer mau uso do livre arbítrio e se tornam obstinadamente orgulhosos, presunçosos, invejosos, indóceis aos seus guias, contra os quais se revoltam.

Esses Espíritos presunçosos e revoltados, cuja queda os leva às condições mais materiais da humanidade, são *então humanizados,* isto é, para serem domados e progredirem sob a opressão da carne, encarnam em mundos primitivos, ainda virgens do aparecimento do homem, mas *preparados e prontos* para essas encarnações. Encarnam em substâncias humanas, às quais não se pode dar propriamente o nome de "corpos". Os elementos dessas substâncias se encontram esparsos na imensidade e, pela ação dos Espíritos prepostos a tal missão, se congregam no meio cósmico do planeta onde a encarnação se há de operar. São substâncias destinadas também a progredir, a desenvolver-se por meio da procriação, nas condições estabelecidas para a execução da lei natural e imutável de reprodução *em tal caso.*

Revestido do seu perispírito e sob a direção e vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito atrai aqueles elementos destinados a lhe formarem o invólucro material, do mesmo modo que o ímã atrai o ferro. Ainda aí se verifica o resultado de uma atração

magnética, prevista e regulada pelas leis naturais e imutáveis, constituindo esse resultado uma das aplicações de tais leis.

Após a queda e antes de encarnar, o Espírito, pelas suas tendências naturais, tem composto o seu perispírito, conservando os fluidos, que ele para tal fim assimilou, a influência que lhes é própria. No curso da encarnação, esses fluidos mudam de natureza, de acordo sempre com os progressos ou as faltas do Espírito. Se a encarnação produz uma melhoria no estado moral, os fluidos que constituem o perispírito experimentam uma correspondente melhora. E, para nos servirmos de uma comparação humana, a rapariga do povo despindo suas roupas grosseiras para vestir os trajes de noiva.

A matéria que o Espírito anima lhe auxilia o desenvolvimento, quer se trate do Espírito humano, quer da essência espiritual, ou Espírito em formação nos reinos mineral, vegetal e animal.

Entre os que se transviam, muitos há também cujo transviamento se dá depois de terem sido por largo tempo, por séculos, dóceis aos Espíritos incumbidos de os guiar e desenvolver; depois de haverem trilhado, até certo ponto mais ou menos avançado de desenvolvimento moral e intelectual, a senda do progresso que lhes era indicada. Esses encarnam em planetas mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados, conforme ao grau de culpabilidade, a fim de sofrerem uma encarnação mais ou menos material, mais ou menos fluídica, apropriada e proporcionada à falta cometida e às necessidades do progresso, atenta a elevação espiritual.

Assim como Deus criou, cria e criará, em contínua progressão, na imensidade, no infinito e na eternidade, essências espirituais, Espíritos, também criou, cria e criará mundos adequados a todos os gêneros de encarnação, para os que se transviaram, transviam e transviarão. Assim, sempre houve, há e haverá, por

um lado, terras primitivas, mundos materiais, mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados, mais ou menos superiores, uns em relações aos outros, e, por outro lado, mundos cada vez menos materiais, cada vez mais fluídicos, até os planetas da mais pura fluidez, a que podeis chamar mundos celestes, divinos, e aos quais só tem acesso os Espíritos puros.

Os Espíritos que, dóceis aos seus guias, seguem a diretriz que lhes é indicada para progredirem, esses trilham o caminho do progresso através de esferas fluídicas sucessivamente mais elevadas, onde tudo está em relação com as inteligências que as habitam.

Permanecendo dóceis, elevam-se dessa forma pela eternidade em fora, depois de haverem passado por todas as fases de existências, por todas as provas necessárias a uma ascensão tão alta, até chegarem àperfeição. Nula se torna então sobre eles a influência da matéria. Dizemos: - *da matéria,* porque, para o Espírito, os fluidos do perispírito e os que ele assimila são *matéria.*

Para atingirem essa perfeição, aos Espíritos que se mantiveram puros na infância, na fase de instrução e ao longo da senda do progresso, cumpre também que, dirigidos pelos seus guias, percorram, na medida e na conformidade da elevação alcançada, todas as esferas, as terras primitivas, os mundos inferiores e superiores de todos os graus, as inúmeras moradas dos que, por terem falido, sofrem as encarnações e reencarnações sucessivas, tanto materiais como fluídicas em suas diversas gradações, até que, tornada nula sobre eles a influência da matéria, tenham entrada na categoria dos Espíritos puros. Esse percurso, porém, aqueles Espíritos o executam sempre na qualidade de Espíritos, porquanto, seus estudos se fazem no espaço, no grande livro do universo.

Os que faliram, para chegarem à perfeição, também são obrigados a percorrer, na medida e na con-

formidade da elevação de cada um, todos os mundos que os Espíritos puros habitam, assim como os que servem de habitação aos encarnados, em todos os graus da escala espírita.

Com relação aos mundos que os encarnados habitam, bastam àqueles Espíritos os estudos humanos; o dos outros mundos eles o fazem no estado de erraticidade que se segue a cada encarnação. Cumpre-lhes nesse estado percorrer todas as camadas de ar e de globos que flutuam no espaço, aprendendo aqui, ali ensinando, elevando-se sempre às regiões superiores.

Jesus é um Espirito que, puro na fase da inocência e da ignorância, na da infância e da instrução, sempre dócil aos que tinham o encargo de o guiar e desenvolver, seguiu simples e gradualmente a diretriz que lhe era indicada para progredir; que, não tendo falido nunca, se conservou puro, atingiu a perfeição sideral e se tornou Espírito de pureza perfeita e imaculada.

Jesus, já o dissemos, é a maior essência espiritual depois de Deus, mas não é a única. É um Espírito do número desses aos quais, usando das expressões humanas, se poderia dizer que compõem a guarda de honra do Rei dos céus. Presidiu à formação do vosso planeta, investido por Deus na missão de o proteger e governar, e o governa do alto dos esplendores celestes como Espírito de pureza primitiva, perfeita e imaculada, que nunca faliu e infalível por se achar em relação direta com a divindade. É vosso e nosso Mestre, diretor da falange sagrada e inumerável dos Espíritos prepostos ao progresso da terra e da humanidade terrena e é quem vos há de levar à perfeição.

Podeis agora compreender o *sentido e o alcance destas palavras:* "A criação do primeiro homem é uma figura oriunda da necessidade de apropriar os ensinamentos à inteligência humana. A genealogia de Jesus, Espírito de pureza perfeita e imaculada, remonta a

Adão, figuradamente, do mesmo modo que a criação do corpo do homem, formado de limo, remonta a Deus. Acompanhai-lhe a genealogia espiritual e remontareis a Deus, criador imediato e único de tudo o que é puro e perfeito".

Tudo, repetimos, tem uma origem comum: tudo vem do infinitamente pequeno para o infinitamente grande, para Deus, ponto de partida e de reunião. Tudo provém de Deus e volta a Deus.

Observai como tudo se encadeia na imensa Natureza que o Senhor vos faz descortinar. Observai como em todos os reinos há espécies intermediárias, que ligam entre si todas as espécies, umas participando do mineral e do vegetal, da pedra e da planta; outras do vegetal e do animal, da planta e do animal; outras, enfim, do animal e do homem. São elos preciosos que tudo ligam, que tudo mantêm e pelos quais atravessa o Espírito no estado de formação. Passando sucessivamente por todos os reinos e por aquelas espécies intermediárias, o Espírito, mediante um desenvolvimento gradual e contínuo, ascende da condição de essência espiritual originária à de Espírito formado, à vida consciente, livre e responsável, à condição de homem. São elos preciosos que tudo ligam, que prendem as coisas umas às outras, a fim de que o homem possa mais facilmente compreender *a unidade* dessa criação tão grande, tão grande, que a inteligência humana é incapaz de apreendê-la e cujos mistérios se recusa a admitir, por não conseguir desvendá-los com seus olhos de toupeira.

Não falamos dos orgulhosos que esta revelação fará descer dos seus pedestais. Pois que! o rei da Criação, o homem, provindo de tal fonte, tendo tal origem!

Já a primeira baliza plantada no caminho provocou bastante mofa, inúmeras críticas. Obra incompleta, pontilharam-na inexatidões e verdades, para dar

tempo a que a boa semente germinasse. É sempre ocasião de *queimar o joio.*

Que a chocarrice da ignorância, procurando assustar e perturbar aqueles a quem temos a missão de esclarecer, por ordem do Mestre, segundo a vontade de Deus, não diga que desse modo o homem leva ao matadouro o Espírito destinado a animar o corpo, de seu filho ou de seu pai.

Tempo longo, tempo cuja *duração sois incapazes de calcular,* demanda a essência espiritual no estado de inteligência relativa, no estado de animal, para adquirir, nesse reino, o desenvolvimento que lhe permita passar ao estado intermediário, que lhe permita, *em seguida,* atravessar as espécies que participam do animal e do homem. Depois de haver passado por todas essas espécies intermédias, ela permanece ainda longo tempo, *cuja duração não sois igualmente capazes de calcular,* na fase preparatória da sua entrada na humanidade, fase esta da qual, pela vontade do Senhor e *mediante uma transformação completa,* sai o Espírito formado, com inteligência independente, livre e responsável.

Nessa grande unidade de Criação e de todos os reinos da Natureza, tudo concorre para a vida e para a harmonia universais, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas, por meio de uma ação recíproca e solidária, do ponto de vista da conservação, da reprodução e da destruição. Tudo concorre para o desenvolvimento e para o progresso de todas as criaturas.

Tudo o que *é,* vive e morre, nos reinos mineral e vegetal, todos os seres que, no reino animal e no reino humano, vivem e morrem, desde o ser microscópico até o homem, tudo e todos têm um emprego, uma utilidade, uma função, que tendem e servem para o desenvolvimento de cada espécie, para a vida e a harmonia universais.

Essa multidão de microscópicos animálculos, que

olhos carnais não logram ver, que só pela ação óptica do microscópio solar se tornam visíveis, que se encontram espalhados no ar, na água, nos líquidos e nos sólidos, concorrem para entreter e desenvolver a existência animal e a existência humana, como os que vivem na água concorrem para a existência da planta e os que se escondem na relva para a alimentação do carneiro ou do cabrito que pastam. Em tais organizações, porém, é completa a ausência do pensamento, que também não é o agente que leva o carneiro a se deixar degolar para servir de alimento ao homem. Entretanto, a faca que abre um escoadouro ao sangue do animal liberta a inteligência *relativa,* o Espírito em estado de formação, e lhe proporciona ensejo de ser utilizado em melhores condições. É pela passagem da essência espiritual, durante eternidades, por todos os reinos da natureza e pelas formas e espécies intermédias, mediante as quais eles se encadeiam, que o desenvolvimento se opera numa progressão continua, que o pensamento surge e a existência moral começa.

Não concluais, porém, *do que fica dito* que devais, para auxiliar aquele desenvolvimento, destruir o que em torno de vós existe. Cairíeis num erro culposo. Cada um tem que viver, mas somente viver. Não destruais, portanto, senão o que for estritamente necessário à vossa existência. Ao mais *só* a sabedoria do Senhor deve prover.

Quando o homem perceber os laços que o prendem a tudo o que *é* na Criação, seu coração se abrandará e ele compreenderá a necessidade de usar sem abusar.

Tudo, tudo, na grande unidade da Criação, nasce, existe, vive, funciona, morre e renasce para a harmonia do Universo, sob a ação espírita universal que, à sua vez, se exerce, pela vontade de Deus e segundo as leis naturais e imutáveis que ele estabeleceu desde toda eternidade, mediante as aplicações e apropriações dessas leis.

Ficai sabendo bem: Nada há de espontâneo em a Natureza, por isso que tudo tem a sua origem *preparada.* Ao homem só é possível observar os efeitos que lhe ferem os sentidos. O que nasce instantaneamente, sem que ele previsse a possibilidade de semelhante nascimento, se lhe afigura uma criação espontânea, uma nova criação instantânea. A verdade é que já existiam os germens dessa criação. *Aos olhos dos homens,* o que há de espontâneo é só a matéria. A inteligência, ou antes o gérmen da inteligência que a tem de habitar é colocado na matéria, logo que esta o pode conter e a vida se manifesta, *as vistas humanas,* instantaneamente, de conformidade com o meio e os ambientes, debaixo da direção e da vigilância oculta dos Espíritos prepostos e de acordo com as leis naturais e gerais que o homem ainda não tem capacidade para compreender nem explicar.

Oh! homens, bem-amados nossos, cuja felicidade desejamos, não vos deixeis arrastar pelo orgulho, vosso inimigo encarniçado que queremos destruir, "demônio" que vos subjuga. Não rejeiteis, sem exame, esta revelação da vossa origem infinita; não digais que ela vos rebaixa; reconhecei, ao contrário, que vos engrandece, permitindo-vos entrever a imensidade do vosso Criador.

Sim, vos, nos, todos. todos, *exceto aquele que foi e será desde e por toda a eternidade,* todos fomos, na nossa origem, essência espiritual, princípio de inteligência, Espírito em estado de formação; todos hemos passado por essas metamorfoses, por essas transfigurações e transformações da matéria, para chegarmos à condição de Espírito formado, de inteligência independente, capaz de raciocínio, com a consciência da sua vontade, das suas faculdades e de seus atos, por efeito do livre arbítrio; à condição de criatura independente, livre e responsável.

O que vos revelamos não é a metempsicose. O que pomos sob os vossos olhos é a lei natural, é a igualdade, perante Deus, de tudo o que existe, de tudo que vos pode ferir os sentidos.

Deus, pai uniformemente bondoso para todos os seus filhos, não tem preferências. Todas as criaturas são obra sua; nenhuma será deserdada.

Oh! compreendei bem tudo o que há de profundo e elevado nessa cadeia sem fim que liga todo o conjunto da natureza, que exalta o amor do homem, mostrando-lhe o amor infinito do seu Deus.

Não zombeis, oh! incrédulos e sofistas; não negueis, oh! filósofos sem filosofia! Estudai, homens, estudai!

Cheios de respeito e de amor para com o vosso Criador, de amor e de caridade para com o vosso próximo, para com todos os vossos irmãos, de amor para com todas as criaturas de Deus, armados do amor à ciência e do desejo de progredir, procurai, com o coração humilde e desinteressadamente, compreender e compreendereis; procurai ver e vereis.

Amparados pelos bons Espíritos a quem Deus confia o encargo de ajudar os que trabalham, compreendereis e vereis, porquanto nada há oculto que não venha a ser descoberto, nada ignorado que não venha a ser conhecido. Os estudos de um servirão ao outro (e servirão também a vós mesmos, pois que a reencarnação dá meio ao homem de retomar a obra incompleta ou inacabada), para progredir em ciência e em amor.

E quando a luz se houver feito para vós , então vos elevareis ao vosso Criador e, num esto de entusiasmo, direis: *Sede Bendito!*

Mateus, Marcos, Lucas e João
Assistidos pelos Apóstolos.

N.57. Como é que, chegado ao período de preparação para entrar na humanidade, na espiritualidade consciente, o Espírito

passa desse estado misto, que o separa do animal e o prepara para a vida espiritual, ao estado de Espírito formado, isto é, de individualidade inteligente, livre e responsável? E como é que, uma vez de posse do livre arbítrio, da consciência de suas faculdades, da sua vontade, da liberdade de seus atos, lhe sucede falir por orgulho ou inveja?

Depois de haver passado pela matéria animal, chegando a um certo grau de desenvolvimento, o Espírito, antes de entrar na vida *espiritual,* precisa permanecer num estado misto. Eis porque e como se opera essa estagnação, sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos.

Para entrar na vida ativa, consciente, independente e livre, o Espírito tem necessidade de se libertar inteiramente do contacto forçado em que esteve com a carne, de esquecer as suas relações com a matéria, de se depurar dessas relações. E nesse momento que se prepara a transformação do instinto em inteligência consciente.

Suficientemente desenvolvido no estado animal, o Espírito é, *de certo modo,* restituído ao todo universal, mas em condições especiais: é conduzido aos mundos *ad hoc,* às regiões preparativas, pois que lhe cumpre achar o meio onde se elaboram os princípios constitutivos do perispírito. Fraco raio de luz, ele se vê lançado numa massa de vapores que o envolvem por todos os lados. Aí perde a consciência do seu ser, porquanto a influência da matéria tem que se anular *no período da estagnação,* e cai num estado a que chamaremos, para que nos possais compreender, letargia. Durante esse período, o perispírito, destinado a receber o *princípio espiritual,* se desenvolve, se constitui ao derredor daquela centelha de verdadeira vida. Toma a principio uma forma indistinta, depois se aperfeiçoa gradualmente como o gérmen no selo materno e passa por todas as fases do desenvolvimento. Quando o invólucro está pronto para contê-lo, o

Espírito sai do torpor em que jazia e solta o seu primeiro brado de admiração. Nesse ponto, o perispírito é completamente fluídico, mesmo para nós. Tão pálida é a chama que ele encerra, a essência espiritual da vida, que os nossos sentidos, embora sutilíssimos, dificilmente a distinguem.

Esse o estado de infância espiritual.

É então que os altos Espíritos que presidem à educação dos que se encontram assim no estado de simplicidade, de ignorância, de inocência, os encaminham para as esferas fluídicas onde deverão ficar durante o seu desenvolvimento moral e intelectual até ao momento em que se achem no uso completo de suas faculdades e, portanto, em condições de escolher o caminho pelo qual enveredem.

Seguem-se as fases da infância: os guias protetores ensinam ao Espírito o que é o livre arbítrio que Deus lhe concede, explicam o uso que dele pode fazer e o concitam a se ter em guarda contra os escolhos com que venha a deparar. O reconhecimento e o amor devidos ao grande Ser constituem o objeto da primeira lição que o Espírito recebe.

Levam-no depois, gradualmente, ao estudo dos fluidos que o cercam, das esferas que descortina.

Conduzido por seus prudentes guias, passa às regiões onde se formam os mundos, a fim de lhes estudar os mistérios. Desce, enfim, às regiões inferiores, a fim de aprender a dirigir os princípios orgânicos de tudo o que é em qualquer dos reinos da Natureza. Daí vai a esferas mais elevadas, onde aprende a dirigir os fenômenos atmosféricos e geológicos que observais sem compreender. Assim é que, de estudo em estudo, de progresso em progresso, o Espírito adquire a ciência que, infinita, o aproximará do Mestre supremo.

Mas (já vos dissemos), quando o livre arbítrio atinge um desenvolvimento completo, os Espíritos

fazem dele bom ou mau uso, *uns* logo no inicio da vida espiritual consciente, *outros* em ponto mais ou menos adiantado da carreira. Todos seguem seus caminhos entregues a si mesmos, como vós outros, isto é, não experimentando mais do que a influência amiga de seus guias, que eles vêem à volta de si como o adolescente vê os membros da sua família se gruparem ao seu derredor para o preservarem dos perigos da vida. É o terrível aprendizado, que lhe cumpre fazer, do livre arbítrio.

Tudo é tão belo nas regiões superiores, o Espírito admira tão grandes coisas, que fica maravilhado, deslumbrado! As tendências *então* se desenvolvem. A ambição nobre de aprender, de subir, quase sempre se imiscui o orgulho, ou a inveja.

Nesse ponto, sente a influência paternal de Deus, cuja existência lhe é revelada, mas que ele não vê. *Só* o que é perfeito *se* pode aproximar da perfeição e o Espírito, independente e livre, está ainda ignorante e não experimentou por *si* mesmo o seu valor.

Os Espíritos no estado infantil (já o dissemos) são confiados a preceptores que trabalham para o desenvolvimento intelectual e moral de seus discípulos, dando-lhes ensinamentos e exemplos. É então (também já *o dissemos)* que as tendências se revelam. Os Espíritos ou trilham *laboriosamente* o caminho do progresso espiritual, trabalhando com ardor, dóceis aos seus guias, pelo seu próprio desenvolvimento, crescendo em sabedoria, em pureza, em ciência, e chegam, sem haver falido, ao ponto onde nenhum véu mais lhes oculta a luz central; ou, ao contrário, confiantes em suas forças, desprezam os conselhos que lhes são dados e, inebriados pela visão dos esplendores que cercam os altos Espíritos, deixam que o orgulho ou a inveja os empolguem.

Já tendo grande poder sobre as regiões inferiores cujo governo aprendem a exercer, *no sentido de que,* sempre sob as vistas dos Espíritos prepostos à missão de educá-los e sob as do protetor especial do planeta de que se trate, aprendem a dirigir a revolução das estações, a regular a fertilidade do solo, a guiar os encarnados, influenciando-os ocultamente, muitos acreditam que só ao merecimento próprio devem o que podem e, desprezando todos os conselhos, caem. É a queda pelo orgulho.

Outros, por nem sempre compreenderem a ação poderosa de Deus, não admitem que haja uma hierarquia espiritual e acusam de injustiça aquele que os criou, porquanto é Deus quem cria, não o esqueçais. Esses os que caem pela inveja.

Até o ateismo - por mais impossível que pareça - até o ateísmo não raro se manifesta naqueles pobres cegos colocados no centro mesmo da luz. E nunca, como aí, o ateísmo nasce tão diretamente do orgulho. Não vendo aquele de quem tudo emana, negam-lhe a existência e se consideram a base e a cúpula do edifício. Nesse caso, *sobretudo nesse caso,* mais severo é o castigo. É um dos casos de primitiva encarnação humana. Preciso se torna que os culpados sintam, no seu interesse, o peso da mão cuja existência não quiseram reconhecer.

Qualquer que seja a causa da queda, orgulho, inveja ou ateísmo, os que caem, tornando-se por isso Espíritos de trevas, são precipitados nos *tenebrosos lugares* da *encarnação humana,* conforme ao grau de culpabilidade, nas condições impostas pela necessidade de expiar e progredir.

Não vos equivoqueis quanto ao sentido das nossas palavras relativas à ação desses Espíritos em via de progresso, que ainda não faliram e que se grupam nas regiões inferiores para conduzir os encarnados, in-

fluenciando-os a título de guias, de amigos. Nos mundos inferiores, os encarnados têm seus anjos de guarda, que são Espíritos da categoria dos vossos, mais depurados, como dizeis, do que os seus protegidos e os quais também têm, por protetores e guias, outros Espíritos de ordem mais elevada. Tudo se liga e encadeia da base ao ápice, hierarquicamente, na unidade e na solidariedade.

N. 58. Haveis dito que os Espíritos destinados a ser humanizados, por terem errado muito gravemente, são lançados nas terras primitivas, virgens ainda do aparecimento do homem, do reino humano, mas ***preparadas*** e ***prontas*** para essas encarnações e que aí encarnam em substâncias humanas, às quais não se pode dar propriamente o nome de corpos, nas condições de macho e fêmea, aptos para a procriação e para a reprodução. Quais as condições dessas substâncias humanas?

São corpos rudimentares. O homem aporta a essas terras no estado *de esboço,* como *tudo que se forma* nas terras *primitivas.* O macho e a fêmea não são nem desenvolvidos, nem fortes, nem inteligentes.

Mal se arrastando nos seus grosseiros invólucros, vivem, como os animais, do que encontram no solo e lhes convenha. As árvores e o terreno produzem abundantemente para a nutrição de cada espécie. Os animais carnívoros não os caçam. A previdência do Senhor vela pela conservação de todos. Seus únicos instintos são os da alimentação e os da reprodução. As gerações se sucedem desenvolvendo-se. As formas se vão alongando e tornando aptas a prover às necessidades que se multiplicam. Mas, não é nossa tarefa traçar aqui a história da Criação.

O Espírito vai habitar corpos formados de substâncias contidas nas matérias constitutivas do planeta. Esses corpos não são aparelhados como os vossos, porém os elementos que os compõem se acham dis-

postos por maneira que o Espírito os possa usar e aperfeiçoar.

Não poderíamos compará-los melhor do que a criptógamos carnudos. Podeis formar idéia da criação humana, estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios. São massa, quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja, ou antes desliza, tendo *os membros,* por assim dizer, *em estado latente.*

Eis, oh! homem, a tua origem, o teu ponto de partida, quando o orgulho, a inveja, o ateísmo, surgindo mesmo no centro da luz, a indocilidade e a revolta te fizeram falir em condições que exigem a primitiva encarnação humana. Não desvies horrorizado o olhar, antes bendize do Senhor que te permite elevar os olhos para ele e entrever a imagem da perfeição nos Espíritos radiosos que o cercam.

Cabe aqui dar aos homens uma instrução séria, a fim de que não sejam levados a ver nessas encarnações primitivas, ou nas suas causas, uma feroz vingança da Divindade.

Deus não se vinga. Que necessidade teria de vingar-se? Apenas, a sua sábia previdência coloca o Espírito orgulhoso, que se considera a força do Universo, em condições de reconhecer a sua fraqueza. Procede como o pai de família que, depois de consentir que o filho presunçoso tente levantar o peso que o vira erguer, exercita a força do menino, proporcionando-lhe meios de a desenvolver pouco a pouco, a fim de aprender a usar dela.

Tais encarnações, por mais horríveis que possam parecer, são um beneficio imenso feito ao Espírito. *Tendo falido,* convém que ele se submeta ao jugo dessa mesma matéria da qual se acreditava senhor, a fim de bem compreender a sua impotência e de adquirir, pelo exercício e pelo combate, a força, a destreza e

sobretudo a experiência que lhe faltavam. Ora, aquilo que pune o Espírito é também o que o regenera. Sem essa terrível provação, ele ficaria vicioso e seu poder, se fosse mantido, se tornaria nocivo à harmonia universal, *o que é impossível.*

Assim, pois, só por uma paternal previdência e *unicamente* no interesse do seu adiantamento meritório, o Espírito se vê condenado a sofrer encarnações que o *seu zelo,* o seu *arrependimento* e a sua *docilidade* podem *abreviar* e *abrandar* ao infinito.

Dissemos acima: *"A previdência do Senhor vela pela conservação de todos".* As espécies incapazes de se defenderem não são atacadas de modo positivo. Têm seus inimigos, mas entre seres tão fracos quanto elas e não entre os que as destruiriam *completamente,* achando-as sem defesa, nem meios de fugir.

Cada espécie busca a alimentação que lhe é apropriada, não procurando nunca a que seja estranha aos seus apetites.

O homem, no estado de encarnação primitiva e rudimentar, não tem que temer mais inimigos do que o tem a esponja, que *só* é vítima dos insetos que dela se nutrem, quando chegou o termo da sua duração material. Nem a carnívoros, nem a herbívoros, nem a nenhuma das espécies de peixes ou de pássaros serve ela de alimento.

Chegado, no seu desenvolvimento, ao período em que os carnívoros o atacam para devorá-lo, o homem já não se acha *mais* sem defesa e sem meios de fugir. (Dizemos os carnívoros e não os herbívoros, por isso que *o caçador* não persegue *a caça* que não tenha para ele atrativo).

Dissemos há pouco: "O homem, no estado de encarnação primitiva, não é mais do que massa, quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja, ou antes desliza, tendo *os membros,* por assim dizer, *em estado latente".* Dissemos mais: "As ge-

rações se sucedem desenvolvendo-se. As formas *se vão alongando* e tornando aptas a prover às necessidades que se multiplicam".

A matéria está sujeita a *um desenvolvimento regular.* Os Espíritos, se se elevam, transpõem os graus desse desenvolvimento, sem neles tocarem. Há *sempre* categorias de Espíritos *em correlação* com os *graus das encarnações.*

Desde o estado de encarnação primitiva até a forma humana, não há outra coisa senão *um tipo único* em gérmen, *a desenvolver-se.* Tipo *único mas* que *se modifica,* à medida que o seu desenvolvimento se opera, de conformidade com os meios em que se vai encontrando. Podeis *daí* tirar outras conclusões relativamente à elaboração do Espírito nos diversos reinos da Natureza. Efetivamente, o que se dá com a origem do tipo humano, que provém do limo diluído e fecundado, se verifica *também* com o principio das *primeiras* plantas, dos *primeiros* animais.

São, em começo, simples vegetações microscópicas que se desenvolvem, crescem, se estendem por sobre ou sob o solo e produzem sementes que, transportadas a diversos pontos, sofrem as influências da terra que as recebe, das águas que as regam, dos calores que as fecundam, dos fluidos, enfim, que as envolvem. Surgem depois os tipos animais, que passam pelas mesmas transformações, seguem os mesmos desenvolvimentos, determinados pelas mesmas causas.

Preciso é agora compreendais como e porque chega o homem a ter a direção e a supremacia no planeta, não obstante ser o desenvolvimento material das espécies animais, no momento da encarnação humana primitiva, superior ao do Espírito humanizado, sob o ponto de vista do invólucro.

O homem, nessas condições, não é um atrasado, mas um retardatário. Sabeis que o que há, em tal

caso, é uma retrogradação física. Nele a inteligência tem que *despertar,* ao passo que nos animais tem que *se desenvolver.* Cumpre fique bem compreendido o seguinte: Ao fundar-se um novo planeta, o princípio de inteligência, o princípio espiritual que, em estado latente, ele encerra, tem que se *elaborar, desenvolver, individualizar* e *adquirir arbítrio.* O princípio espiritual tem, pois, de passar por uma série inumerável de transformações para chegar a esse ponto. O Espírito que encarna, ao contrário, volta à matéria para lhe sofrer a opressão, para se habituar a domá-la, para aprender a se dominar, podendo o princípio inteligente, que, então, já percorreu uma certa categoria de estádios, ascender rapidamente, *se o quiser,* da ínfima condição em que caiu às esferas elevadas que lhe compete atingir. Não se trata mais, aqui, de um progresso lento, insensível, mediante o qual, por assim dizer, se cria o ser espiritual. Trata-se de realizar um trabalho raciocinado, cujos primeiros princípios já foram executados e se cuida de aplicar.

Façamos uma comparação que permita apreender-se o que fica dito. O Espírito que *se prepara* nos diversos reinos inferiores (mineral, vegetal, animal) é como a criança cujo gérmen, fecundado no seio materno, se desenvolve, nasce, "se educa" e chega à *adolescência. Nesse ponto,* contrai uma enfermidade terrível, por efeito da qual, na convalescença, não se lembra sequer de uma letra dos seus primeiros estudos. Não mais sabe equilibrar nas pernas o corpo cambaleante e ir de um lugar a outro. Balbucia sons inarticulados e ininteligíveis. Estão mortos seus autores prediletos, seus talentos, suas recordações. Mas, pouco a pouco lhe volta a saúde. Solícita, a mãe extremosa lhe guia os passos, regulariza o falar, mostra nos livros as palavras que ele esquecera e o reconduz à trilha das ciências que estudara. A inteligência se lhe desperta prontamente; de tudo se vai lembran-

do e tudo vai reconhecendo. Julga *aprender,* quando apenas gradualmente *recorda.* E tanto mais rápido são os progressos, quanto mais a saúde se avigora.

O mesmo sucede com o Espirito, com o Espírito *que faliu.* Seus progressos espirituais dependem dos cuidados que dispense à sua *saúde moral.* Esses cuidados lhe permitem avançar rapidamente no campo da reminiscência dos progressos feitos no passado, reminiscência que ele toma por um estudo novo, enquanto não galga a altura *donde* o passado pode, *sem inconveniente,* desenrolar-se-lhe aos olhos. Não lhe é dado fazer progressos *novos,* que, esses, *serão realmente* fruto de novos estudos, senão depois de atingir o ponto a *que já chegara, quando caiu nas trevas da encarnação humana.*

N. 59. Que é o que devemos pensar da opinião que se formula assim: "Do mesmo modo que, para o Espírito em estado de formação, a materialização nos reinos mineral e vegetal e nas espécies intermediárias e igualmente a encarnação no reino animal e nas espécies intermediárias é *uma necessidade* e não *um castigo resultante de falta cometida,* também, para o Espírito formado, que *já* tem inteligência independente, consciência de suas faculdades, consciência e liberdade de seus atos, livre arbítrio e que se encontra no estado de inocência e ignorância, a encarnação, *primeiro,* em terras primitivas, *depois,* nos mundos inferiores e superiores, até que haja atingido a perfeição, é uma ***necessidade*** e não um *castigo"?*

Não; a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa.

O Espírito não é *humanizado, também* já o explicamos, antes que a primeira falta o tenha sujeitado à encarnação humana. Só então ele é preparado, como *igualmente* já o mostramos, para lhe sofrer as conseqüências.

Aquela opinião se fundamenta por esta maneira: "Segundo um sistema, que, à primeira vista, denota algo de especioso, os

Espíritos não teriam sido criados para encarnar *materialmente:* a *encarnação* ***humana*** NÃO seria mais do que o resultado de uma falta. Tal sistema cai ***pela*** *simples consideração* de que, se nenhum Espírito houvesse falido, não haveria homens na Terra nem nos outros mundos. Ora, sendo a presença do homem necessária, como é, para a melhoria material dos mundos, visto que ele concorre, pela sua inteligência e pela sua atividade, para a execução da obra geral, claro está que o homem é um dos meios essenciais da Criação. Não ***podendo*** Deus ***subordinar*** o acabamento da sua obra à ***queda eventual*** de suas criaturas, a ***menos que*** *contasse* previamente com um ***número suficiente de culpados*** para alimentar os mundos criados e por criar, O BOM SENSO *repele* SEMELHANTE modo ***de pensar.***

A última frase deve ser riscada. O bom senso, ao contrário, indica que a presciência de Deus lhe faculta saber que, no número dos que ele cria simples, ignorantes e falíveis, haverá sempre muitos que, pelo mau uso do livre arbítrio, sucumbirão às suas fraquezas, se deixarão arrastar pelo orgulho, que se origina da ignorância e tem por derivados a presunção, *o* egoísmo e a inveja.

Seria porventura mais sensato pensar que Deus, que se vos representa como *o* tipo supremo de toda perfeição, como a justiça do justo na eternidade, cria seres fracos *expressamente* para adquirirem a força sofrendo as dores das provações? que os cria inocentes *para* lhes ensinar a prática da inocência no assassínio, na indignidade e na multiplicidade dos vícios das encarnações humanas primitivas, vícios que se enraízam tanto nas criaturas, que milhares de séculos por sobre elas passam sem as polir; que a torrente impetuosa do tempo corre sem cessar por sobre esses pedregulhos toscos e ásperos sem conseguir alisar-lhes as superfícies? Sem conseguir alisar-lhes as superfícies, sim, porquanto, ainda neste dia que para vós brilha, inúmeras baixezas afligem *o* gênero humano.

Se assim fora, poder-se-ia dizer que Deus concedera ao Espírito o livre arbítrio *sob a condição* de ficar este submetido a uma lei única - a do pecado. Por essa forma teria ele sujeitado a suplício igual (o da encarnação humana) tanto o Espírito que, no estado de inocência e ignorância, dócil a seus guias, segue o caminho que lhe é apontado para progredir, como o Espírito indócil, orgulhoso, presunçoso. invejoso e egoísta que. culpado e revoltado, faliu por usar mal do livre arbítrio.

Não, Deus é grande, justo, bom, paternal. Seus filhos nascem simples de coração - é ele quem o quis: têm a liberdade dos atos - é ele quem a concede: usam *quase sempre* mal dessa liberdade – é que, dando ao Espírito o uso do livre arbítrio, Deus dele se afasta, por assim dizer, a fim de o deixar entregue às suas próprias impressões. É então que o Espírito escolhe o rumo que prefere seguir. Então e só então sofre as conseqüências da escolha que faz. Tudo virá a seu tempo. É esta uma verdade que abrirá caminho, como já o abriram estas outras a reencarnação e a anterioridade da alma. Uma geração semeia, a seguinte monda e a terceira colhe.

A presciência de Deus lhe faculta saber, desde e por toda a eternidade, pois que o presente, o passado e o futuro lhe estão patentes a todos os instantes, que nada faltou, nem faltará à vida e à harmonia universais: que houve, há e haverá sempre Espíritos culposos para alimentar as terras primitivas, o vosso e os outros mundos que ele criou, cria e criará, destinados a servirem de habitação aos Espíritos que faliram, estão falindo e hão de falir, os quais todos tiveram, têm e terão que expiar e progredir nesses mundos e que trabalhar pela melhoria material deles.

A presciência de Deus lhe faculta saber, desde e por toda a eternidade, que também houve e haverá sempre Espíritos que, puros no estado de inocência e de ignorância. dóceis aos seus guias, se conservarão

puros no caminho do progresso, trilhando-o simples e gradualmente, conforme lhes é indicado; que sempre houve, há e haverá Espíritos como esses, que nunca hão de falir, para alimentar todos os mundos fluídicos que ele criou, cria e criará apropriados às inteligências dos que os devem habitar e nos quais essas inteligências têm que progredir em invólucros fluídicos.

Continuando, diz o autor *da opinião* ***acima exposta:*** "A encarnação humana é uma necessidade para o Espírito que, desempenhando missão providencial, trabalha pelo seu próprio adiantamento, por efeito da inteligência e da atividade que lhe cumpre empregar para prover à sua existência e ao seu bem-estar. Mas. a encarnação humana se torna um castigo, quando o Espírito, por não ter feito o que devia, se vê constrangido a recomeçar a tarefa e multiplica suas vidas corporais, penosas por culpa sua. Um estudante não chega a tomar o grau senão depois de haver passado pela fileira de todas as classes. Porventura o percorrer essas classes constitui para ele um castigo? Não; é uma necessidade. Se, porém. por preguiça, o estudante é obrigado a permanecer nelas o dobro do tempo, aí está o castigo. Poder dispensar-se de algumas, representa, ao contrário, bastante mérito. A verdade, pois, consiste em que a encarnação na Terra só é, para muitos dos que a habitam, um castigo, porque esses, podendo tê-lo evitado, duplicaram, triplicaram, quiçá centuplicaram, por culpa própria, o número de suas vidas terrenas, retardando deste jeito o momento de entrarem nos mundos melhores. Assim, ***errôneo*** é admitir-se, ***em princípio,*** a encarnação humana como um castigo."

Errôneo, ao contrário, é admitir-se que a encarnação humana seja *uma necessidade,* tanto *para* o Espírito que, investido do livre arbítrio no estado de inocência e de ignorância, jamais faliu, por não fazer dele mau uso; que, dócil aos seus guias, trilha o caminho que lhe eles indicam para progredir; *como para* aquele que, indócil, rebelde e revoltado, faliu por usar mal desse mesmo livre arbítrio.

Errôneo, ao contrário, é admitir-se que a encarnação humana não seja, *em princípio,* um castigo, por efeito de uma culpa que o tornou necessário.

Os que hão formado essa opinião errônea ainda não foram esclarecidos, ou não refletiram bastante sobre a natureza e o objeto dos mundos que os encarnados habitam, como planetas de expiações e de progresso; sobre a origem do Espírito e sobre as diversas fases por que ele passa no estado de formação. Sobretudo, ainda não refletiram acerca destas duas situações bem marcadas e que convém sejam perfeitamente distinguidas: - a *situação em que,* no estado de formação, o Espirito segue a sua marcha progressiva, contínua, até chegar à condição de Espírito formado, isto é, de inteligência independente, dotado de livre arbítrio, cônscio da sua vontade, das suas faculdades, da sua liberdade e, por conseguinte, da responsabilidade de seus atos; - *e a situação em que.* como Espírito formado, ele se encontra num estado e inocência e de ignorância, podendo ou *usar* do livre arbítrio *no sentido* de trilhar constantemente o caminho que lhe é indicado para progredir, *ou* fazer mau uso dele, sob a influencia do orgulho, da presunção, da inveja, e tornar-se, conseguintemente, indócil, culposo, revoltado, podendo, *em suma,* falir ou não falir.

A encarnação é *uma necessidade* para o Espírito no estado de formação, é indispensável ao seu progresso, ao seu desenvolvimento, como meio de lhe proporcionar e ampliar progressivamente a consciência de ser, o que ele não logrará senão pelo contacto com a matéria. É a união desses dois princípios que dá lugar ao desenvolvimento intelectual.

A encarnação é *uma necessidade* até ao momento em que; alcançando um certo ponto de desenvolvimento intelectual, o Espírito está apto a receber o

precioso dom, mas tão perigoso, do livre arbítrio. Já o explicamos (n. 56) e repetimos:

Um único é, originariamente, o ponto de partida para todos os Espíritos: - formação primitiva e rudimentar pela quinta-essência dos fluidos, substância tão sutil que dela, por nenhuma expressão, podem as vossas inteligências limitadas fazer idéia, quinta-essência que a vontade de Deus anima para lhe dar *o ser* e que constitui a essência espiritual (principio de inteligência) destinada a tornar-se, por uma progressão continua, Espírito, Espírito formado, isto é, inteligência independente, dotada de livre arbítrio, consciente de sua vontade, de suas faculdades e de seus atos.

Segue-se a encarnação, ou melhor, a co-materialização dessa essência espiritual mediante a sua união íntima com a matéria inerte, *primeiramente* no reino mineral e nas espécies intermediárias que participam do mineral e do vegetal, *depois* no reino vegetal e nas espécies intermediárias que participam do vegetal e do animal. *Desse modo,* numa contínua marcha progressiva, se opera o seu desenvolvimento, que a prepara e conduz às raias da consciência da vida.

Em seguida vem a encarnação no reino animal, *depois* nas espécies intermediárias que, do ponto de vista do invólucro material, participam do animal e do homem, adquirindo assim aquela essência (Espírito em estado de formação), sempre em progressão continua, a consciência da vida ativa exterior, da vida de relação. o desenvolvimento intelectual que a levará aos limites do período preparatório que precede o recebimento do livre arbítrio, da vida moral, independente e responsável, característica do *livre* pensador.

Chegados, quanto a desenvolvimento intelectual, ao ponto em que recebem o dom precioso e perigoso do livre arbítrio, os Espíritos, iguais sempre, todos no estado de inocência e de ignorância, se revestem do perispírito que recobre a inteligência independente. Essa operação de revestir o perispírito, que, do vosso ponto de vista material, se deveria chamar *envoltório,* constitui então, para todos, uma encarnação fluídica.

Todos, puros nessa fase de inocência e de ignorância, igualmente submetidos a Espíritos encarregados de os guiar e desenvolver, têm a liberdade de seus atos e podem, no estado fluídico, progredir, indo desse período de infância e de instrução à perfeição, mediante contínuos e sucessivos progressos. É o caso do estudante que, constantemente dócil e atento à voz, aos conselhos e lições dos mestres, passa pela fieira de todas as classes e chega a tomar o grau.

Eles podem, todavia, cometer uma falta e *dessa forma* provocar e receber o castigo, a punição a que faz jus o culpado, mas só o culpado. Dá-se então o que sucede com o estudante que, insubmisso, culposo e revoltado, provoca, pela sua própria falta, e recebe a punição, o castigo de ser expulso e ir, noutro estabelecimento, noutro meio e em outras condições, percorrer a fieira de todas as classes para chegar sempre a tomar o grau.

A muitos Espíritos acontece falir (já *o dissemos).* porque quase todos fazem mau uso do livre arbítrio. Alguns, porém, dóceis aos incumbidos de os guiar e desenvolver, seguem simples e gradualmente pelo caminho que lhes é indicado para progredirem.

Os primeiros sofrem uma punição, um castigo *que teriam podido evitar. É* para experimentarem as conseqüências da falta cometida, que, como já explicamos, uma vez preparados a ser *humanizados,* eles caem na encarnação humana, conforme ao grau de culpabilidade e nas condições apropriadas às exi-

gências da expiação e do progresso, *ou* em terras primitivas, *ou* em mundos já habitados por Espíritos que faliram anteriormente.

A encarnação humana, *em princípio,* é apenas conseqüente à primeira falta, àquela que deu causa à queda. A reencarnação é a pena da reincidência, da recaída, pois que todas as vossas existências são solidárias entre si. O Espírito reencarnado traz consigo a pena secreta em que incorreu na sua encarnação precedente.

Os Espíritos que, dóceis a seus guias, não se transviam, continuam a progredir no estado fluídico.

Os que faliram e os que se mantiveram puros trabalham, uns e outros, com a sua atividade e com a sua inteligência, pelo seu próprio adiantamento, desempenhando missão providencial na grande unidade da criação, onde, para todos os Espíritos, tudo é reciprocidade e solidariedade, tendo por fim a elevação de todos a Deus, segundo as leis gerais do progresso e mediante a sabedoria, a ciência e o amor.

Desenvolvendo, como encarnados, atividade e inteligência, os que hão falido não cuidam somente de prover às necessidades da vida e do bem-estar; concorrem para a melhoria dos mundos que lhes servem de habitação. Isso constitui o lado material da tarefa. Trabalham também pelo seu próprio adiantamento moral e intelectual e pelo desenvolvimento intelectual e moral das humanidades que povoam esses mundos.

À encarnação material, castigo necessário à expiação e ao progresso, sucedem as encarnações cada vez menos materiais, em mundos cada vez mais elevados (porquanto a matéria acompanha os progressos espirituais) e que se tornam cada vez mais fluídicos, desde que o Espírito, eximido de todo contacto com a carne, graças à elevação alcançada, reingressa nas regiões superiores, percorrendo as camadas de ar

e de mundos, aprendendo aqui, ensinando ali.

Os que se conservam puros também desenvolvem atividades e inteligência, a fim de progredirem, no estado fluídico, por meio dos esforços espirituais que necessitam fazer para, da fase de inocência e de ignorância, de infância e de instrução, chegarem, *sem falir,* à perfeição! O trabalho é grande, incessante e penoso debaixo do invólucro que constitui o perispírito, invólucro que, para o Espírito, é, conforme já o dissemos, *matéria* e que, notai-o bem, servindo-lhe de instrumento e meio de progresso, igualmente pode ser, a toda hora, como já foi para o que faliu, instrumento e meio de queda e talvez de recaídas, sendo sempre, porém, instrumento e meio de progresso, no curso das encarnações humanas.

Ao mesmo tempo desenvolvem, na medida da elevação alcançada, inteligência e atividade em prol da vida e harmonia universais, estudando e trabalhando, sempre como Espíritos, nos mundos que servem de habitação a seus irmãos encarnados por terem falido e nas esferas onde se encontram Espíritos no estado de erraticidade; em suma, no espaço todo.

Os mundos se multiplicam ao infinito. A multiplicidade e a multiplicação deles vos deslumbrariam. Dentro do quadro acanhado da vossa inteligência não há os que vos possibilite compreender-lhes a extensão numérica. Ainda mais numerosos, todavia, são os Espíritos.

Estes, *quer tenham falido, quer não,* chegando a um certo grau de desenvolvimento moral e intelectual, são atraídos para o estudo dos mundos, de seus princípios, de suas organizações e se entregam a esses estudos dirigidos por Espíritos de pureza perfeita. Sob essa direção, eles trabalham na constituição de planetas, os desenvolvem e impelem, de esferas em esferas, para as regiões que lhes são próprias. Esse o momento em que muitos se transviam, dominados

pelo orgulho, que os leva a desconhecer a mão diretora do Senhor, ou a duvidar do seu poder, duvidando de suas próprias forças. Soa então a hora da encarnação humana *correspondente* ao delito. Em tal caso, o planeta, que não pode ficar sujeito a perecer por lhe faltar o primitivo obreiro, continua sua marcha progressiva sob os cuidados e a ação de um Espírito superior que vem substituir aquele que faliu.

Aludindo à formação dos planetas, acabamos de falar em Espíritos que alcançaram certo grau de ciência. Antes, porém, de lá chegarem, quantos se precipitam do éter na matéria imunda! quantos se desviam do caminho ao entrarem nele! a quantos falece a coragem para ao menos tentarem os esforços necessários, ou para perseverarem nesses esforços, uma vez tentados!

Mas, não percais de vista que todos os Espíritos, tanto os que *faliram* como os que não faliram, isto é, como os que, dóceis a seus guias, atingem a perfeição; que todos, iguais na origem, *no ponto de partida,* iguais vêm a ser *no ponto de chegada,* por isso que igual é em todos a pureza, desde que se tornaram Espíritos puros, seguindo embora caminhos diversos, diversidade essa de caminhos proveniente da circunstância *de ter sido dado a cada um segundo as suas obras.*

N.60. Quais o sentido e o alcance destas palavras que haveis ditado mediunicamente, falando de Maria e de José quando encarnaram em missão: “Maria, Espírito perfeito; José, Espírito perfeito, porém, menos elevado que Maria; ambos inferiores a Jesus"?

Quais, na perfeição, a *causa* e o motivo da inferioridade de uns com relação a outros?

Só Deus é perfeito de toda a eternidade, *só* ele tem a perfeição absoluta: o amor universal infinito, a ciência universal infinita. Só Deus pode dizer: *"Não*

irei mais longe", porquanto desde toda eternidade está no supremo limite. Ele é *o único* que, tendo *sempre* sido, tendo *sempre* sabido, nada tem que aprender.

O Espírito criado *jamais* o pode igualar. Ora, como tudo, no Universo, na imensidade, no infinito, tende sempre a progredir, o Espírito, não podendo *nunca,* por mais adiantado que seja *intelectualmente,* igualar-se a Deus, tem que aprender sempre, através das eternidades e por toda a eternidade.

Para o Espírito, portanto, qualquer que ele seja, o progresso *intelectual* é indefinido, restando-lhe sempre aquisições a fazer em ciência universal, sem que haja limite algum para esse constante progredir.

A perfeição moral, como a intelectual, é *relativa.* Um Espírito pode ser moral e intelectualmente perfeito *com relação a todos os mundos inferiores ao que ele habita.* Pode ser muito elevado *relativamente a vós outros,* na hierarquia espírita; perfeito, moral e intelectualmente, *com relação ao vosso planeta,* e não ter chegado ainda ao ponto culminante da perfeição, cumprindo-lhe, para atingi-lo, progredir muito em ciência universal. São esses os Espíritos que indicais pela designação de - Espíritos superiores.

Perfeito, *relativamente a vós e ao vosso planeta, é* o Espírito que se tornou senhor das paixões e delas soube libertar-se; que se despojou de toda impureza de pensamento e, por conseguinte, de ação; que vive animado do mais ardente e devotado amor a todas as criaturas do Senhor, penetrado do sentimento profundo de respeito e de adoração para com o seu Criador; que alcançou o apogeu do amor e do devotamento, mas não da ciência.

O ponto culminante da perfeição é a perfeição *sideral,* isto é, a erfeição moral e intelectual relativamente aos mundos superiores e inferiores, materiais ou fluídicos, habitados por Espíritos *que faliram,* ou

por Espíritos que *não faliram,* até chegarem aos mundos fluídicos puros, onde a essência do perispírito já está completamente purificada, do que resulta não se achar mais o Espírito sujeito a encarnação em planeta algum, nula sendo sobre ele a influência da matéria.

A perfeição *sideral* só o Espírito puro a possui. Não possui, porém, o saber *sem limites,* do qual *só* Deus dispõe. Nem mesmo os Espíritos que mais aproximados dele estão pela ciência desfrutam desse saber sem limites, porquanto nenhum Espírito criado, repetimo-lo, pode *jamais* igualar a Deus.

Aquele que conquistou a infalibilidade moral não é infalível intelectualmente, senão de modo relativo e por efeito da assistência de que goza, quando lhe falta alguma coisa da ciência para o desempenho de uma missão qualquer. Perfeito moralmente, *com relação a todos os Espíritos, sejam quais forem,* ele é sempre, porque Deus assim o quer, assistido e sustentado pelos que lhe estão superiores *em ciência.*

A hierarquia, que, no tocante à ciência, existe entre os Espíritos puros, não passa, dentro da igualdade resultante da pureza que lhes é comum, de um princípio de assistência que se origina de Deus, única fonte donde dimanam e à qual remontam todo mérito e todo poder.

Sabei-o bem: o Espírito puro, embora muito tenha que fazer ainda para ganhar os extremos limites da ciência universal no infinito, é sempre, moral e intelectualmente, perfeito *com relação a todos os planetas de que se acerque.*

Os Espíritos puros são os intermediários *entre* a essência eterna de vida, a inteligência suprema, criador incriado, causa primária onisciente e onipotente – Deus - e os Espíritos superiores, ministros das vontades divinas, os quais, segundo a escala hierárquica, por intermédio dos bons Espíritos, as

fazem chegar até vós. Eles trabalham, desempenhando a função que o Senhor lhes assinou, concernente ao progresso universal, na preparação, no desenvolvimento, na direção, no funcionamento, na realização da vida e da harmonia universais, segundo as leis naturais e imutáveis estabelecidas desde toda a eternidade, na imensidade, no infinito, em todos os mundos, quer se trate dos que são habitados pelos que faliram, quer dos que servem de habitação aos que, sem falir, seguem a via de progresso que lhes é indicada.

Cada mundo, qualquer que ele seja, tem por protetor e governador um Espírito, um Cristo de Deus, cuja perfeição se perde na noite das eternidades, infalível, que *nunca faliu,* que, tendo-lhe presidido à formação, se acha encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, assim como dos de todos os Espíritos que o habitam, a fim de os conduzir à perfeição.

As missões desses Cristos de Deus são *relativas,* conforme ao grau e ao desenvolvimento do planeta. Às terras ingratas, quais a vossa, eles pregam o amor; aos mundos mais elevados levam as grandes descobertas, as ciências e as artes, desempenhando, em todos, as funções de alavanca para soerguer os instintos adormecidos, sempre de acordo com as capacidades e as necessidades do planeta, cuja direção lhes cabe.

Quaisquer que sejam a inferioridade ou a superioridade dos mundos confiados ao seu governo, é sempre com o máximo zelo que desempenham as missões que lhes tocaram, seja em Marte, seja na Terra, em Vênus, ou em Júpiter.

Os Espíritos que, depois de terem falido, atingiram, purificando-se, a perfeição sideral e se tornaram assim Espíritos puros, olham sempre com uma espécie de respeito e de amor para os que souberam manter-se sem falir e galgar aquela perfeição, conservando-se constantemente puros na via do progresso.

Não acrediteis, porém, que haja uma linha de demarcação entre os que faliram e os que se mantiveram puros, não. Entre eles há a completa igualdade de pureza, de devotamento e de amor. Deixai aos homens do vosso planeta a hierarquia das posições e a desigualdade das condições sociais. Para Deus é igual tudo que é igualmente puro.

Dissemos acima que os Espíritos protetores e governadores de planetas eram *infalíveis* e *nunca faliram.* São infalíveis por estarem em relação direta com Deus, recebendo dele as inspirações e as vontades. Nunca faliram: são, portanto, superiores, *em ciência universal,* aos que, depois de terem falido, se tornaram Espíritos puros.

Não vislumbreis aí nenhum pensamento ou ato de parcialidade. Deus, todo justiça, é incapaz de parcialidade. A hierarquia, como sabeis, se estabelece entre os Espíritos em conseqüência da elevação e do progresso deles. Deveis compreender que o Espírito que, *desde a sua origem,* progrediu sem se afastar nunca do caminho que lhe é traçado, está sempre mais adiantado em *ciência universal* do que outro que se purificou depois de haver falido. Ora, naturalmente aos mais adiantados devem tocar as missões mais importantes no Universo.

Maria e José, dissemos atrás, eram ambos Espíritos perfeitos quando encarnaram em missão. Mantemos aqui essa afirmação e a explicamos: ambos eram perfeitos *relativamente a vós,* por isso que possuíam a perfeição moral e intelectual *relativamente ao vosso planeta.* Não o eram, porém, *com relação aos mundos superiores que os dois já haviam habitado.* Eram Espíritos superiores, muito elevados na hierarquia espírita, *com relação a vós outros,* mas não tinham ainda ascendido ao ponto culminante da perfeição, à perfeição *sideral.* Eram Espíritos bons e devotados, mas que ainda precisavam progredir muito *em ciência universal,* para chegarem *àquela* perfeição.

Nenhum dos dois pertencia ao número dos que se conservaram sempre puros. Ambos eram Espíritos purificados.

Maria sofrera uma encarnação semimaterial num planeta elevado. Encarnação *semimaterial* dizemos, porque o corpo era fluídico, participava, por esse lado, da natureza *do perispírito.*

A *natureza* desses corpos *fluídicos* nos mundos superiores não vos será mais compreensível do que *a do perispírito,* enquanto não estiverdes em estado de conhecer a *natureza* dos fluidos que os compõem.

O perispírito pode, com propriedade, ser qualificado de *semimaterial, em razão de que,* de *si* mesmo fluídico, pode materializar-se à vontade. É *com relação à vossa matéria,* o que é o vapor *com relação à água:* matéria tênue, porém matéria, capaz de, em dada ocasião, tomar a aparência de compacta. Não lograreis, repetimos, compreender a natureza dessa parte do vosso ser, senão quando a vossa inteligência se houver desenvolvido bastante para sondar as profundezas do éter que vos cerca.

Para vos inteirardes das qualidades do ar que vos envolve, o decompusestes, medistes, pesastes. O ar estava ao vosso alcance; contudo, quanto tempo vos foi preciso para chegardes a conhecê-lo!

Para compreenderdes os fluidos que se encontram espalhados pelo espaço e que, por assim dizer, o compõem, necessário é que estejais em estado de vos elevar às regiões onde esses fluidos se despojem das partes heterogêneas, é necessário que o aeróstato alcance o máximo grau de aperfeiçoamento e ele está ainda na primeira infância. Que de tentativas infrutíferas para o conseguirdes! e quantas se hão de seguir a essas!

Entretanto, o homem tem que ser senhor do ar, como o é do solo e do mar. *Somente* então poderá compreender, pois que poderá estudar.

Por enquanto, não vedes mais do que as dificuldades da direção e da respiração. Elas, porém, serão vencidas.

O homem, para alçar-se às regiões elevadas, precisará saber premunir-se contra a falta de ar respirável e contra as correntes pestilenciais *para a vossa humanidade.*

São dificuldades bem grandes, mas a inteligência foi dada ao homem para que ele a exercite. O horizonte se distende a seus olhos para o incitar constantemente a avançar. Que, pois, avance sem temor. Os estudos de um, repetimos, servirão a outro e mais tarde servirão mesmo ao primeiro. Armado de amor à ciência, do desejo de progredir, sustentado pelos bons Espíritos - porquanto Deus quer que vos ajudemos, mas que trabalheis - o homem chegará *um dia* ao fastígio dos conhecimentos *relativos à sua matéria. Então, essa matéria que o envolve se modificará por sua vez,* a fim de se prestar *às novas necessidades* humanas e ele, de estudo em estudo, de progresso em progresso, atingirá as venturosas mansões onde se encontrará na posse de toda a ciência referente ao vosso planeta e ao turbilhão que o vosso sol ilumina.

Se quiserdes, para imaginardes o que possam ser os corpos fluídicos nos planetas elevados, uma comparação com a matéria que, sob as vossas vistas, muda de natureza, se bem sejam falhas todas as comparações entre coisas do vosso mundo e as dos mundos elevado, compararemos o corpo humano na terra à água, *que vedes compacta,* e o corpo igualmente humano de alguns outros planetas ao vapor. Como no primeiro caso, neste também o que temos diante dos olhos é água, mas num estado que lhe permite elevar-se no ar, confundir-se com a nuvem, em vez de se conservar pesada sobre um suporte qualquer.

Nas encarnações que se sucedem às vossas, o corpo perde pouco a pouco a densidade e se torna cada vez mais *aeriforme.* Deixa de ter os pés chumbados ao solo e se mantém em equilíbrio, qualquer que seja a sua posição. Cerca as regiões que esses diversos planetas ocupam uma atmosfera adequada às necessidades da natureza, e, assim como a água do mar sustenta mais facilmente do que outra o corpo que se lhe confia, do mesmo modo o ar dessas regiões tem um peso superior ao dos corpos dos mortais que as habitam.

A queda de Maria foi muito leve, mesmo tendo-se em vista a elevação que, *sem falir,* ela havia alcançado, tão leve que não seríeis capazes de vislumbrar no ato que a determinou qualquer indício de falta, ainda que levíssima.

Maria encarnou numa dessas terras benditas por que tanto anseais. Para vós, pobres criaturas miseráveis, tal encarnação seria invejável recompensa, que tudo deveis fazer por obter. Para Maria foi uma punição, pois que a privou de um estado mais belo.

Sirvamo-nos ainda de uma comparação humana. Um homem, que viveu na mais abjeta miséria, recebe certo dia uma herança e passa a ter uma renda que lhe proporciona existência razoavelmente venturosa. É, para ele, o cúmulo da felicidade. Um outro, ao contrário, que se embalou em berço de ouro, que teve satisfeitos todos os caprichos, que não manifestava um desejo que não fosse atendido, vê de súbito desmoronar-se o alto pedestal sobre o qual acreditava que se manteria sempre, comprometida e perdida uma parte da sua fortuna. Não é um desgraçado? Certamente, pois que cometeu uma falta e sabe que o que perdeu foi por efeito dessa falta. Impossível é, repetimos, qualquer comparação entre coisas terrestres e coisas celestes. Atentai, portanto, *no sentido* e não *na letra* do que acabamos de dizer.

Maria, purificada por essa encarnação, retomou, sem mais falir, o caminho simples e reto do progresso e ainda o trilha, pois que ainda não chegou ao cume, isto é, à perfeição sideral. Conquanto, porém, não se ache ainda na categoria dos Espíritos puros, suas atuais encarnações (empregamos este termo material para que possais compreender o seu estado perispirítico) tão acima estão das vossas inteligências, que não podeis fazer idéia do que sejam.

José, cuja falta fora mais grave, teve a princípio muitas encarnações na Terra. Mas, quando encarnou para auxiliar a Jesus no desempenho da sua missão terrena, já se havia purificado mediante sucessivas encarnações em mundos cada vez mais elevados. Grande é presentemente a sua elevação. É hoje um espírito superior, porém, menos elevado, em ciência, do que Maria.

Ambos, Maria e José, são espíritos inferiores, muito inferiores a Jesus.

Perfeitos, moral e intelectualmente, *com relação a vós e ao vosso planeta,* muito lhes resta por progredir *em ciência universal, já* o dissemos, para chegarem à perfeição *sideral.* Mesmo quando, por haverem-na alcançado, forem Espíritos puros, terão sempre que progredir, nessa direção, visto que o Espírito, seja ele qual for, jamais atingirá o limite extremo da ciência. *Tudo* em a natureza *universal* progredirá *sempre.* Isto, porém, está muito acima das vossas inteligências limitadas para poderdes compreendê-lo.

O próprio Jesus, cuja pureza perfeita e imaculada se perde na noite das eternidades, que é a maior essência espiritual depois de Deus, sem ser a única; cujo saber é tão vasto que dele não podem formar idéia as vossas acanhadas inteligências, tão vasto que nem as inteligências dos Espíritos superiores lhe podem apreciar a extensão; cujo saber é tal que uma inu-

merável multidão de Espíritos puros o admiram e trabalham por adquiri-lo através das eternidades; o próprio Jesus, quando desceu à Terra, embora já fosse um tipo de amor e de ciência, estudava e ainda estuda. Estudava e estuda, por isso que o progresso é o objetivo único do espírito. *Só Deus,* repetimos, pode dizer: *Não irei mais longe,* porque só ele atingiu, desde toda a eternidade, o supremo limite.

Não há que deduzir *daí* que Jesus tenha tido naquela época ou possa ter que suportar quaisquer provas, não. Ele até então *nunca falira,* não faliu jamais e é infalível por estar em relação constante e direta com Deus, dada a sua pureza perfeita, que lhe permite aproximar-se do centro de toda a pureza. Era e é o *verbo* de Deus junto aos homens, *qualificado* de Deus, *relativamente a vós outros,* no sentido de que era e é, *por e para o seu e vosso Deus, por e para o seu e vosso Pai,* Mestre vosso; era e é, para nos servirmos de uma expressão humana, seu vice-rei e vosso rei, como Espírito protetor e governador do vosso planeta.

Tinha e tem o amor do progresso e trabalha sem cessar por adquirir novos conhecimentos no livro do *infinito. Só* Deus nada tem que aprender. Espírito puro, que *nunca* falira e já era infalível quando o vosso planeta lhe foi confiado, Jesus progrediu em ciência fazendo-o progredir e sua marcha ascendente tem estado em correspondência com a vossa. É que Deus dá saber ao Espírito por mais adiantado que seja, na proporção e em recompensa dos progressos que o seu amor e o seu devotamento produzem. O progresso pessoal de um Espírito corresponde aos progressos que, graças a ele, seus irmãos realizem.

O amor e o devotamento de Jesus tornaram e tornam cada vez mais ardentes os seus esforços para vos conduzir ao ponto a que deveis chegar: a perfeição, que alcançareis quando o vosso mundo, que, na fase

de sua formação, saiu do estado de incandescência dos fluidos impuros e chegou progressivamente, passando pelas fases sucessivas das revoluções planetárias, ao período material, chegar ao estado fluídico puro, depois de haver passado, atravessando as fases de outras revoluções, do estado material a novos estados cada vez menos materiais e em seguida fluídicos.

Então, o próprio Jesus, que já era Espírito de pureza perfeita e imaculada na época em que presidiu à formação do vosso planeta, terá subido em ciência, muito para cima do ponto em que se encontrava por ocasião da sua descida à Terra, há dezoito séculos.

Tudo o que foi, é e será, em todos os reinos da natureza, no vosso planeta, seguiu, segue e seguirá marcha contínua no caminho do progresso físico, moral e intelectual, sob a ação espírita, segundo as leis naturais e imutáveis promulgadas por Deus desde toda a eternidade.

Mas, ao completar-se essa grande obra da purificação da Terra e da sua humanidade, nos tempos predeterminados para a regeneração, quando soar a hora em que ela não mais deva ser senão morada de bons Espíritos – *o joio* será *separado do trigo:* os Espíritos que se mostrarem obstinadamente culpados e rebeldes serão afastados e relegados para planetas inferiores, onde, durante séculos, terão que expiar a obstinação no mal, a voluntária cegueira.

Maria e José, como todos nós, continuam a auxiliar a Jesus na sua missão, ajudando-vos, debaixo da sua direção, a cumprir os vossos destinos.

Deveis agora compreendê-lo: quando estiverdes prestes a alcançar a perfeição, os Espíritos que compuseram o grupo de coadjuvantes de Jesus no desempenho da sua missão terrena terão atingido a perfeição sideral, se acharão colocados entre os Espíritos puros.

MATEUS. Cap. IV, v. 1-11.

- MARCOS, Cap. I, v. *12-13.*

- LUCAS, Cap. IV, v. 1-13

Jejum e tentação de Jesus

MATEUS: V. 1. Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. 2. Depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. - 3. Aproximando-se então dele, o tentador lhe disse: Se és filho de Deus, ordena a estas pedras que se tornem pães. -4. Jesus lhe respondeu: Escrito está: Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. - 5. O diabo o transportou à cidade santa e, colocando-o no pináculo do templo, - 6, disse-lhe: Se és filho de Deus, lança-te daqui a baixo, pois está escrito que ele ordenou a seus anjos tenham cuidado contigo e te sustentem com suas mãos, para que não firas os pés nalguma pedra. - 7. Jesus respondeu: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. - 8.0 diabo o transportou ainda para um monte muito alto, donde lhe mostrou todos os reinos do mundo e a glória que os acompanha. - 9. e lhe disse: Dar-te-ei todas estas coisas se, prosternando-te diante de mim, me adorares. - 10. Disse-lhe em resposta Jesus: Retira-te, satanás pois está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus e só a ele servirás. - 11. Deixou-o então o diabo, cercaram-no os anjos e o serviram.

MARCOS: V. 12. E logo o espírito o impeliu para o deserto; - 13, onde passou quarenta dias e quarenta noites, sendo tentado por satanás. Habitava com as feras e os anjos o serviam.

LUCAS: V. 1. Cheio de um Espírito Santo, Jesus se afastou do Jordão e foi, pelo espírito, impelido para o deserto. - 2. Aí permaneceu quarenta dias e foi tentado pelo diabo; nada comeu durante esses dias e, passados eles, teve fome. - 3. Disse-lhe então o diabo: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem pão. - 4. Jesus lhe respondeu: Está escrito: O homem não vive somente de pão, mas de toda palavra de Deus. - 5. O diabo o transportou

para um alto monte e lhe mostrou, num instante, todos os reinos da Terra, - 6, dizendo-lhe: Dar-te-ei todo esse poder e a glória destes reinos, porquanto eles me foram dados e eu os dou a quem quero. - 7. Se, pois, anuíres em me adorar, todas estas coisas te pertencerão. - 8. Jesus lhe respondeu: Está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus e só a ele servirás. - 9. O diabo ainda o transportou a Jerusalém e, colocando-o no pináculo do templo, disse: Se és Filho de Deus, lança-te daqui a baixo; - 10, pois está escrito haver ele ordenado a seus anjos que tenham cuidado contigo, que te guardem. --11, e te amparem com suas mãos, para que não firas o pé nalguma pedra. - 12. Jesus lhe respondeu: Está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. - 13. Acabada a tentação, o diabo se afastou dele *por algum tempo.*

N. 61. *Satanás. o diabo, o demônio* - são nomes alegóricos pelos quais se designa o conjunto dos maus espíritos empenhados na perda do homem.

Satanás não era um espírito especial, mas a síntese dos piores Espíritos que, purificados agora na sua maioria, perseguiam os homens, desviando-os do caminho do Senhor.

Satanás ainda existe, porquanto maus Espíritos ainda perseguem os homens e os afastam daquele caminho.

Mas, todos se hão de purificar com o tempo, por meio de uma série de provações e expiações em encarnações sucessivas, precedida cada uma, no espaço, na erraticidade, dos sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados aos crimes ou faltas cometidos.

Tais são, para o espírito culpado, tanto encarnado como errante, o inferno, o purgatório, a expiação, a reparação, o progresso.

A reencarnação é a escada santa que todos os homens têm que subir. Constituem-lhe os degraus as fases das diversas existências nos mundos inferiores,

depois nos mundos superiores, porquanto disse Deus ao seu enviado celeste, nosso e vosso Mestre, que, para chegar a ele, teria o homem que nascer, morrer e renascer até atingir os limites da perfeição. E nenhum lá chegará sem se purificar pela reencarnação. Homens, é em vão que debateis entre as possantes garras do progresso. Ele se opera todos os dias, lentamente, é certo, mas se opera. O Espiritismo, auxiliando a reencarnação, o ativará e lhe dará sublime impulso.

O jejum e a tentação de Jesus são igualmente *uma figura* e, como daqui a pouco vos explicaremos, só foram considerados reais *pelos homens* em conseqüência dos comentários que, finda a missão terrena do Cristo, os apóstolos e os discípulos bordaram em torno do discurso que ele, doutrinando, proferira acerca das tentações a que está sujeita a humanidade, das ciladas que lhe armam os espíritos do mal, da perseverança e da fé com que se lhes deve resistir. Esses comentários, sob a influência dos preconceitos do tempo e das tradições hebraicas, criaram a opinião de que aquele discurso, dadas as circunstâncias em que fora pronunciado, resumia o que se passara com o próprio Cristo.

Daí o tratarem os Evangelistas Mateus e Lucas de um jejum e de uma tentação, a que supunham estivera submetido Jesus, como se falassem de fatos materiais, reais, ocorridos pessoalmente com o Mestre.

Tais fatos, porém, tidos como reais, como materialmente produzidos *do ponto de vista das autoridades religiosas,* são um emblema.

Como pode ter acudido ao espírito do homem a idéia de rebaixar por tal forma aquele que o próprio homem considerara uma fração de Deus, uma parte, conseguintemente, do grande todo que governa o Universo, opinião que, aliás, se enquadra *sofrivelmente* nas idéias panteístas?

Como puderam rebaixar *essa fração da divindade* ao ponto de pô-la em contacto com o *demônio,* com o *maldito expulso do céu* por Deus, sem se lembrarem de que, assim, era o próprio Deus quem, por uma fração de si mesmo, descia à condição de parlamentar com o *"orgulhoso e poderoso banido",* de ficar até *na sua dependência?*

Como admitir-se que Jesus, sendo *homem* e, portanto, sujeito às enfermidades, às necessidades da existência humana, tenha podido viver quarenta dias e quarenta noites num deserto sem tomar alimento algum?

Como admitir-se que, sendo *Deus,* haja sentido os aguilhões da fome, ao cabo dos quarenta dias e quarenta noites, que os haja sentido ao ponto de animar tentativas audaciosas do *"anjo decaído",* que, entretanto, seria dentro em pouco forçado a abandonar suas presas (os demoníacos), exatamente pela ação da potente vontade do mesmo Jesus?

Como se vê, foi o homem, *de um lado,* bastante orgulhoso e, *de outro,* bastante inconseqüente, dando a si mesmo por libertador um Deus e submetendo esse Deus ao império do "demônio", pondo-o em contacto com este, de maneira a lhe sofrer a influência *pela tentação.*

Pobre humanidade, que busca o maravilhoso nas coisas mais simples, que repele por impossíveis as mais patentes, que avilta, sem ter disso consciência, aquele a quem, levada pelas suas superstições, ela própria faz partícipe da divindade e a quem, do mesmo passo, põe, quanto ao presente e ao futuro (o demônio o deixou *por algum tempo, ad tempus),* à mercê desse outro que, *maldito por toda a eternidade, sem esperanças de perdão, emprega a sua força, a sua vontade, o seu poderem* lutar contra o Criador!

Todavia, não a censureis por isso, oh! bem-amados, não a censureis, porque essa crença numa

tentação *material* teve sua razão de ser, como vos explicaremos em breve. O que ocorreu *tinha que ocorrer* na marcha dos acontecimentos.

Nunca censureis, pois que tudo tem seu cabimento, como condição e meio de progresso, na marcha gradual dos sucessos, sempre acordes, do mesmo modo que as interpretações humanas, com o estado das inteligências, com as necessidades das épocas, cada uma das quais representa um dos estádios que cumpre à humanidade percorrer para progredir, progredir constantemente, abrindo pouco a pouco os olhos à luz e à verdade, à proporção que vai sendo *preparada* para receber essa luz e essa verdade, que lhe são dadas na medida do que ela pode suportar e de maneira a esclarecê-la sem jamais a deslumbrar.

A nova revelação, que abre uma era nova à humanidade e que vos vem ensinar a *origem espírita de Jesus,* mostrando-vos, *com esse ensino,* que *o jejum* e *a tentação do* Cristo não podem ser e não são mais do que *um emblema,* vem igualmente fazer-vos conhecer, a este respeito, a realidade das coisas, isto é: as próprias palavras que Jesus dirigiu ao povo e das quais nasceu a crença naquele jejum e naquela tentação. Ela vos vem ainda explicar como e quando os apóstolos e os discípulos foram induzidos a pensar que o que Jesus ensinara de modo geral constituía o resumo do que se passara enquanto o Mestre estivera ausente, o resumo do que ele pessoalmente experimentara. Vem explicar também de que maneira, em conseqüência *da lição* cujo pensamento, cuja substância permaneciam na memória dos homens, quando mesmo já se tinha perdido a lembrança das palavras de que, para dá-la, se servira o Messias, de que maneira, dizíamos, os apóstolos e os discípulos foram induzidos a referir, sob a forma e nos termos por que o fizeram os Evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, o que não passava de uma lição, como sendo fatos

materiais, a falar de uma estada de Jesus quarenta dias e quarenta noites no deserto, de um jejum feito por ele durante esse tempo e de uma tentação material levada a efeito por "satanás", o "diabo", o "demônio".

Acompanhai a aparente vida humana de Jesus, pregando constantemente pelo exemplo a dedicação, a caridade, o amor; acompanhai-lhe os atos, as palavras, os ensinamentos e o vereis sempre submisso, na medida do que o exigia a sua missão terrena, aos usos, costumes e tradições hebraicas, adaptando sua linguagem a esses usos, costumes e tradições, assim como às inteligências daqueles a quem se dirigia, a fim *de que o compreendessem* e, sobretudo, *escutassem,* a fim de assegurar o êxito da sua missão e de conseguir que ela desse frutos no momento e no futuro, findo o seu desempenho: que frutificasse primeiro *pela letra,* depois *pelo Espírito.*

Os profetas, como sabeis, se preparavam para desempenhar suas missões por meio da meditação, da prece e do jejum no deserto. Afigurou-se aos homens que Jesus se submetera a esse uso, a essa tradição, antes de dar começo ao desempenho da sua missão publicamente.

Depois de receber diante do povo, pela descida do *Espírito Santo* sob a forma de uma pomba e pela voz que se "fez ouvir no céu", a consagração, como filho de Deus, da missão que ia desempenhar e que João, havia pouco, anunciara a todos os que o cercavam, Jesus se afastou das margens do Jordão e os que lhe seguiam os passos perderam-no de vista. Para impressionar as massas, ele se tornou invisível *durante o tradicional espaço de tempo:* quarenta dias e quarenta noites, número este até certo ponto *sagrado,* segundo as tradições hebraicas. Desapareceu, não porque se internara no deserto, mas porque voltara, como

fazia sempre que a sua missão não lhe reclamava a presença entre os homens, para as regiões superiores onde, do alto dos esplendores celestes, governava, governa e governará a terra e a humanidade.

Decorridos os quarenta dias e quarenta noites, reapareceu e dirigiu ao povo e aos discípulos, que o rodeavam e lhe haviam notado a ausência, estas palavras:

"Em verdade vos digo: Se o demônio vos disser: *"Escuta os meus conselhos, submete-te* a *minha vontade e te darei todos os* reinos *da terra",* repeli-o. Não tendes um reino maior do que todos, o reino de Deus, vosso pai?

"Se a fome vos apertar e o demônio vos disser: *Obedece-me e destas pedras farei* pão *para te alimentar,* recusai-o com horror. O pão da terra não alimenta senão o corpo e vós deveis buscar o pão da vida, que alimenta a alma e a torna apta a entrar na vida eterna.

"Se o orgulho vos arrastar ao fastígio das grandezas e o demônio vos disser: *Precipita-te* no espaço *que te atrai e não temas* a *queda, pois que serás amparado,* imponde-lhe silêncio e não tenteis a Deus. Recolhei-vos, medi a vossa fraqueza e a grandeza do Senhor e o demônio se afastará por algum tempo. Mas, não esqueçais que ele ronda constantemente, pronto sempre a deitar as garras à sua presa e a se aproveitar de todas as vossas fraquezas."

Aí tendes, oh! bem-amados, as palavras que Jesus pronunciou quando reapareceu e que, por sua ordem, vos revelamos, vos transmitimos.

Aplicai-vos essas palavras, pois que, como todas as que lhe saíram dos lábios, devem produzir frutos no presente e produzirão no futuro, do mesmo modo que, sob a figura da tentação material, produziram no passado.

Semelhantemente ao que se dava com tudo quanto então se dizia, tais palavras passaram de boca em boca.

Alguns dos apóstolos e discípulos as ouviram do Cristo, a outros elas chegaram transmitidas pela voz

pública: mas, enquanto durou a missão terrena de Jesus, tendo todos a atenção de contínuo solicitada por fatos novos, sobre nenhum a demoravam. Só depois de terminada aquela missão, os fatos voltaram a ser considerados mais atentamente e entre eles se apresentaram de novo o do desaparecimento de Jesus durante quarenta dias e quarenta noites e as circunstâncias que o cercaram.

Surgiram então os comentários e destes nasceu a opinião que gerou a crença no fato *material* do jejum no *deserto* e da *tentação feita* pelo *"demônio".*

Os apóstolos e os discípulos, como todos os que abraçaram a fé cristã, acreditaram nesse fato *material.* Na sua condição de homens, de Espíritos encarnados, tinham os preconceitos e as crenças da época e estavam imbuídos das mesmas tradições.

Ora, era corrente então que todo profeta ia jejuar no deserto antes de principiar o desempenho da sua missão. Coincidindo as palavras de Jesus com o seu desaparecimento por quarenta dias e quarenta noites, pensaram todos que essas palavras eram o resumo do que com ele ocorrera durante a sua ausência, que o que *ensinara,* relativamente às tentações do demônio, tentações a que está sujeita a humanidade, pela fome, pelo orgulho e pela ambição, relativamente às emboscadas que o espírito do mal lhe arma e à perseverança, a fé com que lhe cumpre resistir, era o resumo do que ele mesmo experimentara. Assim, acreditaram que Jesus havia jejuado quarenta dias e quarenta noites no deserto: que, decorrido esse tempo, tivera fome e que então fora tentado pelo demônio, no sentido das palavras que dirigira ao povo.

Ao homem material são precisos fatos materiais. O Cristo, *para os homens,* era *homem* e, *como tal, sujeito às enfermidades, às necessidades da existência humana.* Em matéria de provações, ninguém, naquela

época, podia compreender senão as provações *físicas.* Ao surgirem os comentários sobre as palavras do Mestre, já se divulgara e espalhara pelas multidões a revelação que o anjo fizera a Maria e a José e que fora conservada em segredo até ao termo da missão terrena de Jesus. Diante da revelação da sua *origem,* tida em geral, *segundo a letra, por* "miraculosa", "divina", dada a qualidade que a mesma revelação lhe atribui de "filho de Deus"; diante da sua vida de perfeita pureza e dos *"milagres"* que realizara, da sua "ressurreição" e da sua "ascensão", difundiu-se a crença *na sua divindade.*

Como homem, Jesus, *para os apóstolos e discípulos,* estava sujeito às necessidades da existência humana, às tentações do "demônio"; mas, era, *ao mesmo tempo,* por efeito das impressões que lhes produzira a sua missão terrena, um grande profeta. Em conseqüência das novas impressões que receberam depois de finda essa missão, passaram a considerá-lo maior do que todos os profetas que até então a Terra conhecera, a considerá-lo o "filho de Deus", partilhando, portanto, da divindade do Pai. Suscetível de ser tentado, fora-o, pensavam todos, e triunfara.

De considerarem o que não passara de um ensinamento como sendo o resumo do que sucedera, durante a ausência de Jesus, entre ele e o demônio; como sendo a súmula de fatos materiais e reais de que o Mestre participara, veio a idéia de um diálogo que se devera ter travado entre os dois.

Se é certo que das palavras de que usou Jesus se apagara a lembrança na memória dos homens, certo é também que o pensamento, a substância do ensino dado se haviam conservado. Para reconstituírem o diálogo de acordo com esse pensamento, com o objetivo da lição, os apóstolos e discípulos recorreram às escrituras.

Confrontai as palavras, que há pouco vos revelamos, pronunciadas por Jesus, com a versão que se criou sob a influência das tradições e dos comentários e vereis que o sentido, o fundo, o pensamento são idênticos, que a alegoria, tomada ao *pé da letra* pela maneira por que foi apresentada e que no futuro seria compreendida *espiritualmente* pela inteligência, encerra o ensino de Jesus, mas transformado num fato material o da tentação real *feita* pelo demônio ao Cristo que, tendo sofrido essa *prova,* dela soubera triunfar, como *homem* e *filho de Deus.*

A transportação de Jesus para o cume de uma alta montanha, depois para o pináculo do templo de Jerusalém e a fome que lhe atribuíram foram a conseqüência dos comentários.

Do desaparecimento do Mestre pelo tempo durante o qual, conforme às tradições, devia *ele,* como os profetas, permanecer em jejum no deserto, antes de dar começo à sua missão, *concluíram os apóstolos e discípulos* que, findos os quarenta dias e quarenta noites, necessariamente sentira fome, tanto mais quando coincidiam com a sua ausência as palavras que dirigiu ao povo no *momento mesmo* em que reaparecera.

Aplicando *materialmente* a Jesus essas palavras, calcularam os apóstolos e discípulos que forçosamente o demônio o transportara a dois lugares elevados, a um para lhe mostrar todos os reinos da Terra, a outro para, colocando-o no fastígio das grandezas humanas, lhe dizer que *se precipitasse no espaço, que se atirasse dali em baixo.*

Não percais de vista a ignorância e a ingenuidade dos homens daquela época, dos Espíritos encarnados que se entregavam a tais comentários, relativamente às coisas terrenas.

O cume de um alto monte e o pináculo do templo de Jerusalém foram os lugares mais próximos que

acudiram à idéia dos apóstolos e discípulos, que não compreendiam pudesse haver outros.

Para eles; o cume de um monte elevado era o *único* lugar aonde o demônio pudera ter transportado e transportara Jesus, a fim de conseguir mostrar-lhe todos os reinos da Terra.

Quando atribuíam sentido material às palavras do Mestre relativas ao fastígio das grandezas humanas, ao qual o demônio o elevara para lhe dizer:

"Atira-te daqui em baixo, não temas a queda que serás amparado", o único lugar que se lhes afigurava ser *materialmente* o ponto culminante das grandezas humanas, como elevação no espaço, era o pináculo do templo de Jerusalém.

Os crentes aceitavam os fatos, do mesmo modo que hoje, como suas faculdades lhes permitiam. Os incrédulos os rejeitavam, como ainda os rejeitam, sem mais investigações.

Dissemos e repetimos: não censureis que haja sido assim, porquanto a crença numa tentação *material* teve sua razão de ser. O que se deu devia dar-se na marcha dos acontecimentos.

Tudo está previsto, tudo sucede por efeito da lei universal que governa o mundo no caminho do progresso, sendo o desenrolar dos fatos, bem como as interpretações humanas, acordes com o estado das inteligências e as necessidades de cada época. O homem todavia dispõe do livre arbítrio e Deus sabe que uso ele fará desse dom, porquanto o que, para vós, constitui o passado, o presente e o futuro, se acha sempre e por toda a eternidade patente aos olhos do Senhor.

Dispondo do livre arbítrio, o homem tinha a liberdade de escolher entre o modo de pensar acertado e a falsa, ainda que útil, maneira de apreciar as coisas. Dominavam-no, porém, as suas naturais aspirações. *Assim como* preferia, ao de um profeta, o sacrifício de um Deus, por lhe aumentar o valor próprio, *também* a tentação material de Jesus pelo

demônio lhe reanimava a coragem e mostrava o caminho a seguir, fazendo-lhe ver que até o *homem-Deus* estivera sujeito à tentação, fazendo-lhe ver que, embora *filho de Deus, fração da divindade,* mas *ao mesmo tempo* homem e como tal sujeito às contingências da humanidade, às enfermidades da existência humana, Jesus fora acessível ao demônio, sofrera pessoalmente a *prova* e dela soubera triunfar.

Nada ocorre sem ser pela vontade de Deus, *no sentido de que,* se lhe aprouvesse dar outra diretriz aos atos humanos, ou opor-se-lhes, bastaria querê-lo. Tal, porém, não faz. Essa a razão por que, vendo a seriação e as conseqüências de todas as coisas, Deus não obsta *de antemão* aos atos de nenhuma das suas criaturas.

Ele não governa como tirano; deixa que as coisas sigam o seu curso. Assegurando ao livre arbítrio a independência, auxilia a humanidade a trilhar a senda do progresso, por meio de sucessivas revelações, sempre progressivas, que atuam na marcha dos acontecimentos, encadeando uns aos outros, e que, apropriadas ao estado das inteligências e às necessidades de cada época, desenvolvem, no presente, o progresso realizado e preparam o progresso futuro.

Se o quisesse, Deus certamente houvera podido, por manifestações espíritas, determinando uma influência e uma ação mediúnica sobre os apóstolos, os discípulos, os evangelistas, esclarecê-los acerca das falsidades da interpretação humana que transformou um ensinamento de Jesus ao povo em fatos materiais, quais os da permanência no deserto, do jejum por quarenta dias e quarenta noites e da tentação *praticada contra ele pelo demônio.*

Mas, as necessidades da época exigiam essa crença. *Convinha* que ela se implantasse nas massas populares.

À vista da perfeição indispensável para chegar a Deus, à vista da perfeição sempre vitoriosa de Jesus,

qual não seria o desânimo dos homens, se não fossem prevenidos de que ainda o mais forte pode estar sujeito à tentação? Quanta força não adquiriram no exemplo da vontade a repelir sempre a inspiração do mal? Se assim não fora, jamais teriam ousado alimentar a esperança de igualar o modelo que lhes era dado. Contemplando-o em tão grande altura, teriam permanecido desanimados, ao nível do solo, ao passo que, vendo-o submetido à tentação e vitorioso pela fé, reconheceram que todos poderiam esperar a mesma vitória.

Sim, a tentação de Jesus é uma figura que as exigências dos tempos, o estado das inteligências, as aspirações naturais que dominavam os homens e a *preparação* do futuro tornaram necessária.

Jesus, cuja origem espírita a nova revelação vos fez conhecer, espírito de pureza perfeita e imaculada, a quem todos os espíritos estão subordinados e que, durante a sua missão terrena, mostrou a sua onipotência sobre os *"demônios",* não teve que sofrer a influência, nem ainda menos, o contacto dos maus Espíritos. *Nos seus ensinamentos* não há uma só palavra que permita afirmar-se, nem, sequer, pensar-se o contrário.

Os quarenta dias e quarenta noites que *supuseram* tê-los ele passado no deserto são o emblema da vida humana: nesse curto espaço de tempo todas as más paixões assaltam o homem, todas as necessidades se fazem sentir. Cabe-lhe triunfar da prova.

Executai, pois, oh! bem-amados, o que *Jesus disse, ensinou,* servindo-se das palavras que fomos por ele encarregados de vos revelar e que agora conheceis.

Fazei o que vos ensina essa *figura emblemática* de uma tentação *material,* figura que exprime o intuito, o objetivo do ensinamento contido naquelas palavras.

Triunfai das paixões e mesmo das necessidades humanas. Reportai-vos em tudo a *Deus.* Se *só a ele*

adorardes e servirdes, os bons Espíritos descerão para vos ajudar a subir aos céus.

O homem, na Terra, quem quer que ele seja, está sujeito às tentativas que, para arrastá-lo ao mal, fazem os maus Espíritos, os quais, ignorantes, não sabem distinguir os que podem dos que não podem resistir-lhes. Daí vem que das suas tentações, nem os que encarnam em missão estão isentos.

Tanto as palavras que Jesus dirigiu ao povo, como a figura emblemática que vo-lo mostra sofrendo a tentação material, indicam a maneira por que vos deveis conduzir.

As tentações e influências mais perigosas para o homem são o orgulho, os apetites materiais e a ambição, que tem por móvel essas paixões más.

São esses os escolhos de encontro aos quais se vêm desgraçadamente quebrar as, a princípio, melhores intenções, sobretudo daqueles a quem Deus concede a graça de encarnar para auxiliarem o progresso de seus irmãos.

Sabei, pois, repelir as tentativas dos maus espíritos e conservar-vos dignos do favor que Deus vos outorgou, enviando-vos o divino modelo, cujas pegadas deveis esforçar-vos por palmilhar.

Sabei tornar-vos dignos do favor que ele vos concede, abrindo-vos a era da nova revelação, enviando-vos os bons espíritos com a missão de vos ampliar o discernimento, iluminar os corações e as inteligências, e que, trazendo-vos a luz e a verdade, vos vêm ensinar o respeito, a gratidão e o amor, que deveis ao vosso Criador, depois ao seu Cristo, vosso protetor, governador e Mestre; que vos vem ensinar a paciência, a resignação, a afabilidade, a doçura, a benevolência, a simplicidade de coração, a humildade de espírito, a castidade segundo as leis da natureza, a frugalidade, a temperança, a sobriedade, o desinteresse, a justiça, a tolerância, o devotamento, a caridade e o amor aos vossos irmãos, o amor ao trabalho e à ciência, o desejo

de progredir física, moral e intelectualmente, o amor a todas as criaturas do Senhor, que vo-las confiou para serem utilizadas ou destruídas, na medida das vossas necessidades, da vossa utilidade, ou da vossa segurança, sem que jamais abuseis; que vem, finalmente, dar-vos a compreensão, inspirar-vos a prática de todos esses deveres e virtudes.

Sabei tornar-vos dignos do favor que Deus vos faz, permitindo que os bons Espíritos venham ensinar-vos a resistir às seduções materiais, a distinguir, *em espírito e verdade,* o bem do mal; que vos venham revelar, pela ciência espírita, os segredos de além-túmulo, a origem e a ocasião dos bons e dos maus pensamentos, das boas ou das más ações pelas influências boas ou más, mostrando-vos que as boas provêm dos vossos anjos de guarda e dos Espíritos bons que procuram inspirar-vos, sempre que vos achais dispostos a receber-lhes as inspirações e que lhes é possível fazerem-se escutados; e que as más, as colheis dos Espíritos impuros, maus, que vos assediam, sempre prontos a se aproveitarem de todas as vossas fraquezas.

Vigiai, portanto, e orai.

Vigiai, exercendo constante vigilância sobre os pensamentos, palavras e ações.

Orai, orai, não com os lábios, mas com o coração, para atrairdes as boas influências, para que Deus vos conceda a proteção dos bons Espíritos, que vos ajudarão a praticar todos os deveres e virtudes que "o Espírito da Verdade", por intermédio dos Espíritos do Senhor, vos vem pregar.

Mateus, Marcos, Lucas e João

Assistidos pelos apóstolos.

N.62. Qual o sentido destas palavras que ditastes mediunicarnente, falando da opinião segundo a qual Jesus é urna fração de

Deus: “opinião que sofrivelmente se enquadra nas idéias panteistas"?

Segundo a doutrina que na linguagem humana tem o nome de panteísmo, tudo sai de um só princípio e tudo volta a se reintegrar nesse mesmo princípio para de novo daí sair e voltar, constituindo estas perpétuas separações e reintegrações a rodagem da máquina universal.

Em menor escala, *Jesus* e o *Espírito Santo* são *frações de Deus,* partes integrantes do *todo,* formando, pois, com ele a *unidade.* É uma variante do tema do panteísmo.

No que sucedeu às margens do Jordão, tendes um exemplo do cunho panteísta da *opinião* dos que consideram Jesus e o “Espírito Santo" como *duas frações* de Deus. Lá vemos Deus dividido em três partes: uma - Jesus, num corpo humano idêntico aos vossos, sujeito às necessidades da existência humana e às contingências *humanas* de vida e de morte; outra o - *Espírito Santo* que, afetando a forma de uma pomba, desceu sobre Jesus; a terceira - Deus, de quem aquelas duas frações saíram e cuja voz se fez ouvir no céu, dizendo: *“És meu filho bem-amado em quem hei posto todas as minhas complacências”.*

As duas frações de *Deus,* depois de se terem separado *do grande todo,* voltam a reintegrar-se nele, reconstituindo assim a sua *unidade.*

A não se querer enquadrar nas idéias panteístas essa maneira de considerar a Jesus e o Espírito Santo, forçoso será encaixá-la no quadro das idéias do paganismo, relativas à pluralidade dos Deuses.

Semelhante modo de ver, que é tratado de "mistério" e que a razão instintivamente repele, nasceu das falsas interpretações humanas resultantes da ignorância do homem acerca *da origem espírita de Jesus* e do que se deve entender, *em espírito e verdade,*

por "Espírito Santo". Graças à nova revelação, sabeis agora:

que Deus é o só e *unico princípio universal, não divisível,* que cria *mas não* pela divisibilidade da sua essência; que Deus é *uno";*

que Jesus é um Espírito criado, que teve a mesma origem de todos os Espíritos, o mesmo ponto inicial de existência, que se tornou Espírito puro, de pureza perfeita e imaculada sem haver falido jamais, Espírito cuja perfeição se perde na noite das eternidades, protetor e governador do vosso planeta a cuja formação presidiu, encarregado por Deus de o levar ao estado fluídico, levando-lhe a humanidade à perfeição";

"que *"Espírito Santo"* é uma designação *alegórica,* sob a qual se compreendem indistintamente, de modo coletivo ou individual, os Espíritos puros, os Espíritos superiores e os bons Espíritos, como sendo, em ordem hierárquica, os ministros ou agentes da vontade de Deus, os órgãos de suas inspirações junto dos homens".

N. 63. Corno devem ser entendidas e explicadas estas palavras: "O homem dispõe do livre arbítrio e Deus sabe que uso fará ele desse dom, porquanto o que, para vós, constitui o passado, o presente e o futuro se acha sempre e por toda a eternidade patente aos olhos do Senhor"?

Admitis a presciência divina, ou apoucais a inteligência suprema nivelando-a com as vossas?

A presciência divina é uma faculdade que não tendes possibilidade de analisar.

O *livre arbítrio* seria mera ficção, se estivesse subordinado a uma *ação diretora.*

Quando se monta uma máquina, prevêem-se os resultados do seu funcionamento e o que ela faz tinha que fazer. Se, porém, um operário desasado ou negligente se intromete nas engrenagens, ou se um curioso se aproxima demasiado para ver de muito perto ou

tocar numa das rodas, fatalmente é colhido, esmagado ou mutilado. O maquinista não o impeliu direta nem indiretamente, mas sabia que quem fizesse o que fez o operário ou o curioso sofreria *aquela* conseqüência, tanto que, ao ver aproximar-se o imprudente, lhe disse: "Toma cuidado, olha o perigo".

Neste caso que nos serve de imperfeita comparação, onde a fatalidade relativamente à ordem a que está sujeito o movimento da máquina e às pessoas que em torno dela se movem?

Cheios de ignorância e de orgulho, pretendem os homens que Deus se imiscua em todos os atos que praticam, em todos os fatos que lhes dizem respeito. Cada um, pobre vermezinho, quer que a inteligência suprema o conduza pela mão, rebaixando-se ao seu nível.

Oh! considerai com mais elevação a grandeza do vosso Criador. Reinando sobre todos os universos, iluminando todas as trevas, a influência que o Senhor exerce é uma influência superior, dirigente e governativa. Ele deixa que useis com plena liberdade do vosso livre arbítrio, em meio das diversas influências físicas e espirituais que vos rodeiam e sob o império das leis gerais, naturais e imutáveis que a sua sabedoria estabeleceu desde toda a eternidade. Essa influência superior, que dirige e governa, ele a exercita pela *ação espírita universal, instrumento da sua Providência, e que se efetua também sob o império e no âmbito daquelas leis,* de acordo com a sua vontade onipotente e imutável. É essa influência superior que vos atrai de contínuo para a senda do progresso, sem perturbar o exercício independente e pleno do vosso livre arbítrio, quer este vos induza à docilidade, quer vos arraste à rebeldia.

O conjunto se desdobra, desde e por toda a eternidade, aos olhos de Deus. Passado, presente e futuro são palavras que as vossas necessidades inventaram e que para ele carecem de significação. Ele *é o que é de toda a eternidade.*

Não compreendeis que, deixando ao homem inteira liberdade de usar das faculdades de querer, pensar e obrar, seu olhar penetrante veja ao mesmo tempo o que fará o homem dessa liberdade?

O maquinista, que vê o desasado ou o curioso aproximar-se demasiado da máquina, percebe de antemão os efeitos dessa imprudência; mas, de inteligência limitada, não pode saber *de antemão* qual o uso que o homem fará do seu livre arbítrio, se consumará ou não o ato, porquanto não lhe pode ler o pensamento, nem perscrutar a ação da vontade. Para ele haverá sempre solução de continuidade, um passado, um presente e um futuro na sucessão dos atos, por mais imperceptível que seja o intervalo que, *a seus olhos,* os separem, no uso do livre arbítrio.

Deus, porém, para quem passado, presente e futuro nada são, que, sem solução de continuidade, lê o pensamento do homem e vê a ação da sua vontade, Deus tem sempre à vista a série e as conseqüências de todas as coisas e sabe qual o uso que o homem fará do livre arbítrio, por isso que para Deus tudo é eternamente e continuamente instantâneo.

Não há comparação possível entre o astro luminoso que brilha com o máximo fulgor e a pálida centelha que se reflete no arroio em que se extingue; entre o ser imenso que irradia por sobre tudo o que é e as vossas fracas inteligências.

Repetimos: A presciência divina é uma faculdade que não tendes meio de analisar.

N.64. Quais eram os meios de *vida* e de *nutrição* do corpo perispirítico tangível, com a aparência do corpo humano, que Jesus tomara para o desempenho da sua missão terrena?

Já vos dissemos: Jesus tomara um corpo de natureza perispirítica, análogo aos dos habitantes dos mundos superiores, porém mais materializado do que

dos Espíritos estes, por também haver entrado na sua composição uma combinação de fluidos ambientes do vosso planeta. Tal corpo tinha, portanto, as mesmas propriedades que os dos Espíritos superiores, os mesmos meios de vida e de nutrição.

As necessidades da vida e da nutrição materiais, a que estão sujeitos os corpos humanos, desaparecem quando o Espírito, purificado, tendo atingido um certo grau de elevação moral e intelectual, passa, livre de qualquer contacto com a carne, a encarnar, ou melhor, a incorporar fluidicamente nos mundos superiores. Desde então, as necessidades e os modos de vida e de nutrição se tornam conformes ao meio em que o Espírito se encontra revestindo um corpo de natureza perispiritual. Este corpo, bem como o perispírito de cuja natureza ele participa, haure os elementos de vida e de nutrição *nos fluidos ambientes que lhe são próprios e necessários, assimilando-os.* Tais fluidos bastam ao sustento dos princípios constitutivos do mesmo corpo.

A assimilação dos fluidos ambientes para o efeito da nutrição e da conservação da vida se efetua de acordo com as leis a que eles se acham submetidos, leis que *ainda* não podeis conhecer, nem *compreender.*

Somente quando soar a hora vos serão explicados a *natureza* desses fluidos, as leis a que estão submetidos, o emprego a que se destinam e as funções que desempenham. Por ora, é-vos defeso entrar nessas particularidades.

Limitar-nos-emos, por enquanto, a vos fazer notar que, nos mundos materiais, a cujo número pertence atualmente o vosso, onde a união da matéria com a matéria é precisa para a formação da matéria, o homem, revestido de um *invólucro material,* formado segundo as leis da procriação, da reprodução *materiais,* se encontra sujeito a uma alimentação *material* tirada dos reinos vegetal e animal.

Além *desse* invólucro que, depois da morte, é restituído à matéria em forma de cadáver e a que chamais corpo humano, o homem tem *outro,* de natureza fluídica, a que destes o nome de perispírito e que, após a morte, fica sendo o corpo fluídico do Espírito e lhe constitui a individualidade humana.

Para manter a vida e efetuar a nutrição desses dois invólucros, dispõe o homem de órgãos e aparelhos elaboradores dos elementos e dos meios necessários àquele fim, sendo que *uns* se destinam a operar a nutrição material do corpo humano, tirando-a dos elementos líquidos e sólidos, com o concurso dos ambientes que lhes são próprios e necessários; enquanto que os *outros* servem para absorver os fluidos ambientes apropriados à vida e à nutrição do perispírito, ou invólucro fluídico.

A alimentação *material* não é, pois, necessária, nem possível, senão ao homem revestido de um corpo *material,* nos mundos *materiais.*

Quando o Espírito encarna, ou, melhor, incorpora fluidicamente em mundos superiores, onde o corpo é de natureza perispirítica, a vida e a nutrição se mantêm pela absorção dos fluidos ambientes apropriados.

A planta não precisa *beber* nem *comer* para se alimentar. Alimenta-se absorvendo, da terra e do ar, os sucos e os fluidos que lhe são próprios e necessários.

O Espírito, quer na erraticidade, quer revestindo um corpo de natureza perispirítica, não tem necessidade, nem possibilidade, como vós, *de beber* e *de comer.* Também ele absorve, como meio de nutrição, para entreter o funcionamento da vida, os fluidos ambientes necessários à sustentação dos princípios constitutivos do perispírito, se se trata de um Espírito errante, e, se se trata de um Espírito incorporado fluidicamente, à sustentação dos princípios constitutivos do perispírito e do corpo fluídico, de *natureza*

semelhante à desse perispírito que o assimilou, composto unicamente de *fluidos e liberto do apodrecimento,* o que não se dá com os vossos corpos materiais.

Já vos dissemos (n. 14) e chegou o momento de o explicarmos: Por sua natureza, o corpo que Jesus revestiu não foi mais do que um espécime, prematuro entre vós, do organismo humano tal qual virá a ser, daqui a muitos séculos, em alguns pontos do vosso planeta, para a encarnação de Espíritos que terão atingido, nessa época, um certo grau de elevação. Que a verdadeira ciência, isto é, aquela que não tem o preconceito da imobilidade, observe o passado e o que hoje é futuro, à medida que o tempo for correndo, e descobrirá os precursores materiais dessas organizações que, neste momento, ainda parecem impossíveis.

O homem (referimo-nos aqui à espécie e não ao sexo, pois do contrário designaríamos de preferência a mulher, como sendo de uma organização mais adiantada) - o homem, do ponto de vista fisiológico, se irá modificando, a matéria tornando-se mais fraca, o sistema nervoso mais desenvolvido, a inteligência mais precoce, e ultrapassando muitas vezes as forças físicas; o Espírito, enfim, irá dominando a matéria e a carne diminuindo, à medida que o sistema nervoso se for desenvolvendo e a força vital animal for sendo substituída pela força espírito-nervosa. *Tais* os indícios que vos prevenirão da mudança que se há de operar em vós.

O sistema todo se depurará pouco a pouco: no sangue espesso que vos circula nas veias, o fluido vital cada vez mais substituirá as moléculas corruptoras; o sistema nervoso se desenvolverá à custa da cobertura de carne, até ao momento em que esta última, reduzida ao estado de simples película, acabará por desaparecer inteiramente, cedendo lugar a um envoltório fluídico tangível, dissolúvel sem sofrimento, sem aba-

lo. Os próprios nervos, nesse ponto do desenvolvimento, se assemelharão aos finíssimos filamentos em cuja trama se balouçam no ar os microscópicos insetos que os tecem no outono, filamentos a que dais o nome poético de "fios da virgem". Mudarão de natureza pouco a pouco, invadidos, também gradativamente, pelo fluido vital nervoso. Ganharão em flexibilidade e brandura o que forem perdendo em volume. Na mesma proporção se lhes aumentará a impressionabilidade e, harmonizando-se esta com o invólucro que os cobre, o conjunto acabará por ser o que, para nos fazermos compreendidos, chamamos - um perispírito tangível, um corpo qual o dos habitantes de certos planetas elevados.

Fácil nos é fazer-vos compreender a vida e a nutrição desse corpo. Não conheceis, no reino animal, insetos constituídos de tal sorte que seus órgãos se contentam, para alimentar o corpo, com o ar puro que os banha, com as matérias, inapreciáveis *para vós,* contidas no orvalho que gota a gota cai sobre as folhas que o cercam, gotas que entretanto eles não bebem, limitando-se a lhes aspirar as emanações?

Tal o organismo do Espírito que chegou ao ponto de revestir invólucro idêntico ao que Jesus tomou, porquanto, também já o temos dito, esse corpo, de natureza perispirítica, era, *com relação a ele,* o mais grosseiro que a sua *natureza espiritual* poderia revestir.

Nas encarnações ou incorporações desse gênero, a absorção se efetua tanto pelos poros como pela aspiração. O ser todo se nutre das substâncias sutis que o envolvem, penetram e lhe asseguram a manutenção.

Passo a passo lá chegareis. Estudareis primeiramente indivíduos fenomenais, *do vosso ponto de vista,* uns que se sustentarão somente com água ou com qualquer líquido insípido; outros, enfim, que, contra todas as regras, não terão necessidade de alimento algum.Tais fenômenos, incompletos a princípio,

apresentarão o aspecto de uma enfermidade.

A ciência humana os tomará à sua conta, estudará, experimentará e não descobrirá a chave do enigma. Depois, os casos se multiplicarão e a ciência acabará por admitir que *certas combinações* da Natureza podem viver fora das leis orgânicas conhecidas. Depois, ainda, será forçada a reconhecer que as exceções crescem ao ponto de formarem a regra. Disseminai o conhecimento do magnetismo, preparai as coisas de maneira que nas gerações futuras se opere a emancipação espiritual, aligeirai a matéria, purificai o sangue carregando-o de fluidos e auxiliareis a libertação do Espírito, ajudando-o a vencer a mesma matéria.

Acabamos de dizer-vos: *"passo a passo lá chegareis".* Semelhante estado, que *para vós* constitui um fenômeno, não poderá durar na humanidade, como ordinariamente ela é.

Alguns casos apenas, tidos presentemente por mórbidos, oferecerão exemplos desse estado. São os primeiros ensaios que a natureza sempre faz, antes das crises de transformação geral.

Os que até aqui se hão apresentado são realmente casos mórbidos, ou considerados tais, por isso que, *dada a vossa posição atmosférica e com os órgãos* de que dispondes, aos indivíduos que, fora das regras admitidas e necessárias às funções do corpo, tentam esse modo de existência, falecem os elementos para consegui-lo, não bastando *ainda* a alimentação por meio do ar ambiente à grosseria de seus organismos, que se esgotarão ao cabo de certo tempo, por efeito dos esforços que serão obrigados a fazer, a fim de absorverem e assimilarem os fluidos.

Só de longe em longe têm aparecido desses casos. Pouco a pouco, porém, eles se multiplicarão, até ao momento em que a maioria dos Espíritos que povoam o vosso planeta seja composta dos que se achem

libertos das necessidades materiais, por já se haverem elevado bastante. Então, os encarnados materialmente se verão classificados entre os inferiores, até que também se libertem daquelas necessidades. Mas, esse progresso, como toda transformação, só muito lentamente se operará. Sujeito igualmente à lei do progresso, o vosso planeta progredirá no mesmo sentido. Outros virão a ser os princípios alimentares que ele oferecerá; os elementos materiais de nutrição se tornarão cada vez mais raros, pois que o abuso que o homem faz de tudo o que está ao seu alcance ocasionará a destruição dos animais, das plantas alimentícias, das árvores, mesmo das flores. Privado gradualmente dos recursos que a terra lhe fornece, ele buscará na ciência um remédio para essa privação. Criará, então, uma alimentação factícia, produto de combinações químicas; extrairá dos fluidos que o envolvem as partes materiais que o seu organismo possa assimilar, do mesmo modo que da madeira extraiu o calor, do carvão a luz, do ar a força. Estudará a maneira de viver sem alimento material. As gerações que se forem sucedendo trarão progressivamente organismos mais aperfeiçoados, cada vez menos materiais, cada vez mais fluídicos e, assim, chegareis à *época que vos anunciamos.*

Não esqueçais que a temperança, a castidade, a pureza dos pais influem nos organismos dos filhos, não só atraindo Espíritos mais elevados para encarnarem na família, como também fornecendo-lhes um instrumento corporal mais perfeito e manejável.

Não há capricho nem acaso na obra de progresso e transformação. Os Espíritos que encarnem nas condições de serem considerados, *do vosso ponto de vista,* indivíduos fenomenais, serão Espíritos mais ou menos elevados, que têm por missão servir de ponto de partida para as investigações da Ciência, despertar a atenção para certas questões e fornecer os materiais necessários às construções futuras.

Dir-vos-emos ainda, terminando este capítulo: Fácil vos será perceber a transformação que se há verificar na matéria exterior: tempo virá em que, tornando-se cada vez mais rara a alimentação material (e já ela começa a ser difícil), o homem se verá constrangido a uma mudança de *substâncias nutrientes,* a chamar em seu auxílio a arte, a química, para sustentar seus órgãos sem precisar recorrer àquelas substâncias.

Essas preparações, conquanto dêem resultado como alimentação factícia, acarretarão desde logo um *desvio da economia animal,* enfermidades, empobrecimento dos organismos. Depois, no curso das gerações que se forem sucedendo, os órgãos que nos pais apresentavam lesões se reproduzirão modificados nos filhos, apropriados ao novo regímen da humanidade. Em seguida, esses órgãos, que se irão tornando cada vez mais sensíveis, também mais facilmente assimilarão os elementos nutritivos que a vossa atmosfera contém. Finalmente, os cataclismos que inevitavelmente se produzirão no vosso planeta e dos quais lhe resultará a reconstituição física, auxiliarão o desenvolvimento das novas faculdades gástricas.

N.65. Estando Jesus isento da necessidade de qualquer alimentação material humana, isento de todas as necessidades inerentes à humanidade terrestre, corno se passavam as coisas quando ele, à *vista dos homens,* tornava alimentos durante a sua missão terrena, *quer antes* do seu reaparecimento conhecido pelo nome de "ressurreição", *quer depois?*

Os Espíritos superiores que o cercavam em número, para vós, incalculável, todos submissos à sua vontade, seus dedicados auxiliares, faziam desaparecer os alimentos que lhe eram apresentados e que não tinham para ele utilidade. Aqueles Espíritos os subtraiam da *vista dos homens,* de modo a lhes causar

completa ilusão, à medida que *parecia* serem ingeridos por Jesus, cobrindo-os, para esse fim, de fluidos destes que os tornavam invisíveis. Feito isso, os levavam e dispersavam de forma que pudessem servir e servissem para a satisfação das necessidades de outras criaturas.

Jesus, notai-o bem seguindo-lhe os passos no desempenho da sua missão terrena, só muito raramente, durante todo o tempo daquela missão, assim antes, como depois do seu reaparecimento, chamado "ressurreição", tomou parte, *aos olhos dos homens,* nas refeições humanas. Fazia-o *unicamente* quando era preciso, *seja* para os convencer da sua condição de homem, na qual *deviam* acreditar, a fim de que a sua missão fosse aceita e produzisse frutos naquela ocasião e no futuro, *seja* a título de ensinamento, objetivando dar-lhes uma lição de temperança, um exemplo de caridade, de perdão e de amor.

Os que o acompanhavam não se surpreendiam com a sua maneira de viver. Viam-no orar e, sendo a do jejum uma lei rigorosa entre os JuDeus, *criam* que Jesus a observava, para mortificar-se, para dar testemunho da sua perfeição.

N. 66. Corno se davam o desaparecimento de Jesus quando o *supunham* no deserto ou no cume de uma montanha e o seu reaparecimento entre os homens?

Ao Espírito é lícito libertar-se temporariamente do invólucro material humano de que se ache revestido, mas conservando-se sempre ligado e preso a ele por um cordão fluídico, invisível aos homens. Pode assim o Espírito, algumas vezes, libertar-se do corpo pelo desprendimento durante o sono e, em casos muito raros, quando o indivíduo, sem estar dormindo, se encontre num estado de êxtase mais ou menos pronunciado. Pode mesmo, pela bicorporeidade, pela

bilocação e com o auxílio do perispírito, tornar-se visível e tangível, sob todas as aparências do corpo humano, de modo a produzir ilusão completa. Pode ainda, em casos excepcionalíssimos, e tendes disso exemplos bem comprovados e autênticos, tornar-se visível e tangível, com todas as faculdades aparentes da vida e da palavra humanas.

O Espírito materialmente encarnado não tem meios de desmaterializar o corpo de que está revestido. Esse poder só o tem a decomposição resultante da morte.

Ao contrário, os Espíritos superiores, quando em estado de encarnação ou de incorporação fluídica, podem, à vontade, materializar o corpo fluídico por sua natureza, de que se achem revestidos, a fim de vo-lo tornarem visível e mesmo tangível, assim como o podem desmaterializar, a fim de que desapareça das vossas vistas, fazendo-o voltar ao estado normal, em que não o vedes. Podem igualmente modificá-lo, assimilando-o às regiões que devam percorrer. Mas, desde que estejam *sofrendo* encarnação ou incorporação, aqueles Espíritos não podem desligar-se do corpo que tomaram senão pela morte, que, *só ela,* os faz voltar à erraticidade com o perispírito que traziam, apresentando este o grau de purificação que lhe haja resultado da última encarnação ou incorporação. Pelo que respeita ao corpo dos Espíritos superiores, a morte não passa de uma desagregação da matéria que envolve o Espírito. Dizemos *matéria,* porque os fluidos que o perispírito assimilou a fim de operar a encarnação ou incorporação, de fato, para o Espírito, são *matéria. Considerada a sutileza dos sentidos de tais*

Espíritos, essa desagregação se aproxima muito da decomposição; *para eles,* as matérias que compõem o corpo, ainda que não mais sujeitas ao apodrecimento, se dissolvem visivelmente. Cada um dos princípios constitutivos do corpo fluídico se separa completamente e volta ao meio donde saíra e que de novo o atrai.

Apropriando as leis naturais e imutáveis que regem a formação dos corpos fluídicos nos mundos superiores, aos fluidos ambientes que servem para a formação dos seres terrenos, conforme já vos explicamos (n. 14), é que Jesus formou o corpo com que se apresentava aos homens, corpo *aparentemente* humano, ao qual, para nos fazermos compreendidos, demos o nome de perispírito tangível e apto, graças aos mesmos fluidos ambientes, a uma longa tangibilidade.

Espírito puro, não sujeito a encarnação ou incorporação alguma em nenhum planeta, Jesus formara *voluntariamente* aquele perispírito tangível, do qual tinha o poder de se libertar. As matérias que o compunham, sutilíssimas de si mesmas *para olhos humanos,* podiam desaparecer, subdividindo-se, e reagregar-se, à vontade do Mestre.

O conhecimento, de que Jesus dispunha e que só os Espíritos puros possuem completo, da natureza dos fluidos empregados para a formação do perispírito tangível, das propriedades de tais fluidos para produzirem este resultado sob a ação das leis naturais e imutáveis de atração magnética, dos efeitos desta atração, esse conhecimento vasto e a sua potência espiritual, cuja extensão as vossas limitadas inteligências são incapazes de compreender, é que lhe facultavam fazer que *da vista dos homens* desaparecesse o mesmo perispírito, dissociando-lhe os princípios constitutivos, mas mantendo-os constantemente, sob o poder da sua vontade, prontos a se reunirem de novo.

Não esqueçais isto: o perispírito que serviu de corpo visível e tangível a Jesus durante a sua permanência na terra não era mais do que uma veste que ele tomava, para estar entre os homens, e que abandonava logo que se afastava de suas vistas, para voltar às regiões superiores. E Jesus se afastava das vistas humanas todas as vezes que a sua presença entre os homens deixava de ser necessária.

Quando desaparecia, as partes constitutivas do perispírito tangível apenas se eclipsavam, para surgirem de novo, logo que o Mestre o quisesse. Dizemos que apenas se eclipsavam, porque elas se separavam, mas sem deixarem de permanecer tais quais eram, sem deixarem de existir, prontas a se reunirem novamente pela ação da vontade de Jesus.

Não havia solução de continuidade na vida orgânica daquele corpo durante a ausência de quem o mantinha.

Assim como a formação desse perispírito tangível, análogo aos corpos dos Espíritos superiores, mas quase material, conforme já o explicamos (n. 14), se dera pela aplicação de leis naturais e imutáveis e pela apropriação dessas leis ao vosso planeta, mediante a utilização dos fluidos ambientes que servem para a formação dos seres terrenos, também a leis naturais e imutáveis obedeciam a sua vida orgânica, seus desaparecimentos das vistas humanas e a maneira por que Jesus se libertava dele, o deixava, o retomava e o abandonou definitivamente, ao cabo da sua missão terrestre, quando se verificou o a que chamais a sua "ascensão". Ainda não vos é possível ter a compreensão dessas leis, nem nós vo-las poderemos explicar, enquanto ignorardes, como ignorais, a *natureza* dos fluidos, suas combinações, os efeitos dessas combinações, suas propriedades sob o império da grande lei, da lei universal de atração magnética, sob o influxo dessa atração e, ao mesmo tempo, sob a ação e o poder espirituais dos Espíritos puros.

Quando, pois, desaparecia das *vistas humanas,* Jesus abandonava o seu perispírito tangível, o seu corpo humano *aparente,* que se sumia na massa dos fluidos, permanecendo, porém, os princípios que o constituíam no meio que lhes era próprio.

O liame que os prendia a Jesus, sob a ação da sua *vontade,* era *efeito de atração magnética,* efeito que ainda vos é impossível compreender. Os poderes dos Espíritos puros e mesmo dos Espíritos superiores, a potencialidade espiritual de Jesus estão muito acima das vossas inteligências.

Só à força de estudar, de praticar o magnetismo humano, chegareis a compreender o magnetismo espiritual e as propriedades da sua ação sobre toda a natureza.

Uma vez constituído por Jesus o seu corpo humano *aparente,* os elementos que o compunham se conservaram em estado de permanente e recíproca atração, do qual lhes resultava a reunião logo que, objetivando esse efeito, sobre eles atuava *a vontade* do Mestre. A desagregação do seu perispírito temporário (dizemos - temporário - porque só lhe serviu durante a sua missão terrena) não era obstáculo a que entre as suas partes componentes um traço de união houvesse.

Quiséramos fazer-vos compreender essa ação, mas nos faltam na vossa linguagem os termos. Além disso, obsta a qualquer explicação *direta* a ignorância em que vos achais da *natureza* e das *propriedades* dos fluidos, de suas ações e funções na formação e na vida do corpo fluídico dos Espíritos superiores, na formação do de Jesus, das leis naturais e imutavéis que presidem à formação e à vida desses corpos.

Todavia, considerai uma nuvem tocada pelo vento. Ela se dispersa, se eleva a regiões superiores e desaparece das vossas vistas. Como, porém, há uma tendência para a unificação, logo que sopre favorável aragem, de novo se reúnem as partes que o vento

separara e a nuvem compacta reaparece. Tal era, mas apenas aproximadamente, pois que são falhas todas as comparações, o efeito que o afastamento espiritual de Jesus produzia sobre o corpo perispirítico que o tornava visível aos homens. Quando ele se avizinhava destes, todas as partes componentes daquele corpo se aproximavam e reuniam novamente e, conservadas unidas pela sua presença, formavam o todo representativo de um corpo semelhante ao vosso, isto é, tendo a aparência dos vossos, *mas* de natureza *diversa.*

Pela análise e pela síntese, a química vos oferece numerosos exemplos de decomposição e composição de corpos que, enquanto reunidos os componentes, formavam um todo único, de aspecto diverso dos que cada um destes apresenta, quando dissociados.

Considerai o que já consegue a vontade do homem, no campo do magnetismo, de conformidade com a ciência humana, ainda tão pouco desenvolvida, e com as experimentações que realizais, ainda tão limitadas; considerai os efeitos magnéticos que ele obtém pela ação da sua vontade, mediante a influência atrativa dos fluidos e, em seguida, refleti sobre o que poderia ser o poder da vontade de Jesus, para que sob o império dessa vontade se mantivessem os princípios constitutivos do seu perispírito tangível, tendo ele, como sabeis, o conhecimento perfeito de todos os fluidos; de suas *naturezas, propriedades* e *combinações,* dos efeitos dessas combinações; dos modos por que os aludidos fluidos se comportam na formação e no entretenimento de um corpo perispirítico análogo aos dos habitantes dos mundos superiores; da maneira de tornar esse corpo *aparentemente* humano, pela adjunção dos fluidos ambientes que na terra servem para a formação e entretenimento dos seres terrenos; das leis de atração que regulam essas formações sob a ação do magnetismo espiritual e da vontade poderosa do Espírito puro.

Quando chegar o momento de respondermos às críticas com que deveis contar (a incredulidade, filha do orgulho e da ignorância, não é o que falta a muitos homens), desenvolveremos o pensamento que domina tudo o que acabamos de dizer. A cada dia basta o seu labor.

Concluindo, repetimos: o perispírito que servia de corpo visível e tangível a Jesus, enquanto este permanecia no vosso planeta, não era mais do que uma vestimenta que ele tomava para estar entre os homens e que despia, logo que se afastava das vistas humanas.

Somente depois de finda a sua missão terrena, na época da sua chamada “ascensão", os princípios constitutivos desse perispírito, suas partes componentes, se separaram definitivamente e voltaram aos meios que as atraíam. Às esferas superiores volveram os fluidos tirados de lá, reabsorvendo a vossa atmosfera os que dela haviam saído.

N. 67. Haveis dito: "Corno admitir-se que Jesus, na qualidade de *homem,* o que quer dizer *sujeito às necessidades da existência humana,* tenha podido viver quarenta dias e quarenta noites num deserto, sem tomar alimento algum?" Ora, os que se colocam fora da nova revelação não poderão opor o exemplo de Moisés que, revestido de um corpo material humano, permaneceu quarenta dias e quarenta noites no cume de uma montanha, *sem comer, nem beber,* e concluir daí que Jesus, revestido igualmente de um corpo humano material, pudera ter suportado um jejum de quarenta dias e quarenta noites?

Mantemos as palavras que acabais de citar. Moisés (diz o *Êxodo,* cap. 34, v. 28) passou quarenta dias na montanha e não comeu *pão,* nem bebeu *água,* durante todo esse tempo.

Efetivamente, Moisés não tomou alimento algum *preparado,* mas se alimentou de vegetais silvestres e de alguns insetos de que os Hebreus se nutriam, quando era preciso.

Não esqueçais tampouco a sobriedade natural dos Orientais, que de parcos alimentos necessitavam, como todos os habitantes dos climas quentes.

Moisés não foi detido no desempenho da sua missão antes de entrar na *terra prometida?*

Qualquer dos missionários espirituais (Moisés, Elias, João e todos os outros) teve missão semelhante à do Cristo, o ungido do Senhor?

Com relação a Jesus, ter-se-vos-á dito o mesmo que a respeito de Moisés? Não. O que está nos Evangelhos (Mateus, IV, v. 12; Lucas, IV, v. 12) é que Jesus *nada* comeu, que jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, que, portanto, passou todo esse tempo sem tomar alimento de espécie alguma, preparado ou não preparado, que o passou em absoluta abstinência, tal como era o *jejum* entre os Hebreus. Confrontados os textos, não há paridade entre um e outro caso, pelo que repetimos o que dissemos atrás:

"Como admitir-se que Jesus, sendo homem, o que quer dizer sujeito às enfermidades e necessidades da existência humana, tenha podido viver quarenta dias e quarenta noites num deserto sem tomar nenhum alimento, *jejuando* sem alimentação alguma e não semelhantemente a Moisés, que se alimentava de insetos e de vegetais silvestres?"

É tempo de explicarmos porque foi indispensável essa "encarnação" especial de Jesus, tal como vos vem de ser revelada. Se admitis que Jesus era um Espírito mais puro, mais perfeito do que qualquer outro adstrito ao vosso planeta; se admitis que, escolhido para guia desse planeta antes de ser ele tirado do caos, isto é, da massa dos fluidos que lhe continham os germens, preciso era que tivesse supremacia sobre tudo e todos. Como podereis achar razoável que um *Espírito tão sutil* suportasse o contacto de matéria tão grosseira, qual a do corpo humano, tal como o compreendeis? Ah! eis aí onde estaria o *"milagre",*

pois haveria uma subversão da ordem estabelecida desde toda a eternidade!

Quando tendes de guardar líquidos espirituosos ou éteres, sois obrigados a procurar recipientes adequados a contê-los, sob pena de verdes os vasos se quebrarem, ou se evaporarem os éteres e voltarem à massa dos fluidos de onde os extraístes. Porque, então, não admitireis que um Espírito etéreo, como o do Cristo, tenha sido obrigado a fabricar um vaso apropriado a encerrá-lo! Haveis de convir em que há grande presunção da parte dos homens e especialmente dos que se obstinam em considerar a Jesus como *uma parcela* de Deus, embora tenham Deus por *indivisível,* quando pretendem que o Mestre revestiu um corpo igual aos vossos. De fato, isso equivale a dizer que Deus, *o Espírito dos Espíritos, a essência* de inapreciável sutileza, se haja encerrado num vaso de argila tão grosseiro como são os vossos corpos. Refleti e respondei com consciência. Podeis admiti-lo?

Dissemos acima que aí é que haveria "milagre". Realmente, só por milagre fora possível que *um Espírito tão sutil, tão etéreo, como o do Cristo,* suportasse o contacto de matéria tão grosseira como a do corpo humano, *visto que tal fato estaria fora das leis naturais e imutáveis,* importando, pois, *numa subversão da ordem estabelecida desde toda a eternidade.*

O Espirito "*imaterial",* isto é, o Espírito *purificado* não pode retomar um invólucro consistente e material, que não esteja em relação *com a sua sutileza.* Pode apropriar para seu uso um invólucro muito inferior à sua natureza espiritual, mas não pode, tendo chegado *ao máximo grau de purificação,* retomar a matéria primitiva. Por ser essencialmente etéreo, o laço fluídico que haveria de prender o Espirito à matéria não *aderiria* à matéria corporal humana. Entretanto, o mesmo Espírito pode pôr-se em relação

com um corpo fluídico que, *para vós,* é imaterial, mas que, de fato, é ainda grosseiro, *relativamente ao estado de purificação e sutileza de certos* Espíritos. O perispírito dos Espíritos puros é, *por sua sutileza,* de natureza *muito diversa, pelo que toca à atração,* da do perispírito dos materialmente encarnados, o que lhes torna impossível aderirem à matéria do corpo humano.

Tomando um corpo próprio de *certos mundos elevados,* Jesus tomava um invólucro *relativamente* material, *para olhos humanos,* uma carne *relativa.*

O *"milagre",* na significação que até hoje se há dado a esta palavra, *consiste na prática de um ato ou na ocorrência de um fato em oposição às leis estabelecidas da natureza.* "Milagre" seria um homem gerar um leão, ou um elefante dar a vida a uma baleia. *Milagre* haveria, com efeito, na *realização* das predições segundo as quais as estrelas cairiam do céu, pois que tais fatos estariam fora da lei orgânica e regular das coisas. Mas, os fatos *cujo conhecimento vos falta* nada têm de *milagroso;* se *para vós* eles apresentam esse caráter, é porque *lhes* ignorais *as causas.*

Com o correr dos tempos, com a purificação e o progresso dos Espíritos, o estudo vos demonstrará que o que ainda hoje é tido por impossível, notadamente quanto às encarnações nos mundos superiores, quanto à encarnação especial de Jesus, deve ser classificado entre os efeitos de leis naturais, exatamente como sucede com o movimento dos astros, as mudanças das estações, as marés e tudo o que diariamente se passa sob as vossas vistas, inclusive a geração dos seres e das plantas, fatos que vos parecem naturalíssimos, se bem ainda os não conheçais intimamente.

Que os que rejeitam a revelação que vos fazemos, da *natureza* de Jesus e da *sua origem,* se reportem à vida inteira do Mestre, aos fatos evangélicos que, explicados *em espírito e em verdade,* militam a favor

desta revelação; que se iniciem na ciência espírita e compreenderão, admitirão.

Chegará a vez de todos e a todos dizemos: Qualquer que seja a vossa opinião sobre a natureza e a origem do Cristo, quer lhe considereis *material* o corpo, quer *fluídico,* quer vejais nele um homem-Deus, quer um Messias, admirai-lhe a figura a irradiar por sobre vós, admirai-lhe o devotamento e o amor, esforçai-vos por imitá-lo e podeis ter a certeza de chegar um dia, em tempo breve, à luz e à verdade [14].

---

14 Recomendamos a leitura dos estudiosos *O Livro de Tobias*, um dos livros incluídos nas edições católicas da Bíblia e publicado em separado pela FEB – *(Nota da Editora)*

MATEUS Cap. IV, v. 12-17. - MARCOS, Cap. I, v. 14-15. - *LUCAS,* Cap. IV, v. 14-15

Notícia do encarceramento de João. - Retirada de Jesus para a Galiléia. - Pregações. - Estada em Cafarnaum.

MATEUS: V. 12. Tendo ouvido dizer que João fora encarcerado, Jesus se retirou para a Galiléia; - 13, e, deixando a cidade de Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima dos confins de Zabulon e de Neftalim, 14. a fim de que se cumprissem estas palavras do profeta Isaías: - 15. "A terra de Zabulon e a terra de Neftalim, caminho do mar além Jordão, a Galiléia nas nações, -16.0 povo que jazia nas trevas, viu uma grande luz; e a luz surgiu para os que jaziam na região da sombra da morte." - 17. A partir daí, Jesus começou a pregar e a dizer: Fazei penitencia, pois o reino dos céus se aproxima.

MARCOS: V. 14. Logo que João foi encarcerado, Jesus veio para a Galiléia, pregando o evangelho do reino de Deus; - 15, e dizendo: Pois que o tempo se cumpriu e o reino de Deus está próximo, fazei penitência e crede no evangelho.

LUCAS: V. 14. Então, Jesus, pela virtude do espírito, voltou para a Galiléía e a sua fama se espalhou por toda aquela região. -15. Ensinava nas sinagogas e era glorificado por todos.

N. 68. Nenhuma explicação temos que dar aqui. Jesus levava a luz onde mais necessária era ela. Sua palavra tinha que ressoar em todos os ouvidos.

LUCAS, Cap. IV, v. 16-21

Vinda de Jesus a Nazaré.

- Leitura da profecia de Isaías

V. 16. Vindo a Nazaré, onde fora criado, entrou na sinagoga, como era seu costume, num dia de sábado e se levantou para ler. -17. Apresentaram-lhe o livro do profeta Isaías e ele, desenrolando-o, chegou ao ponto em que se achavam escritas estas palavras: - 18. "O Espírito do Senhor está sobre mim; pelo que a sua unção me consagrou. Ele me enviou para pregar o evangelho aos pobres, para curar os de coração despedaçado, - 19, para anunciar aos cativos a sua libertação e aos cegos o recobramento da vista, para libertar os oprimidos, para apregoar o ano das graças do Senhor e o dia da retribuição." - 20. Enrolado de novo o livro, ele o entregou ao ministro e sentou-se. Toda a gente, na sinagoga, tinha os olhos fitos nele. - 21. Disse então: Cumpriu-se hoje esta palavra das escrituras, que acabais de ouvir.

N. 69. Por esse modo afirmou Jesus, no lugar mesmo onde se lhe escoara a vida humana aparente, ser o ungido do Senhor, seu enviado à Terra para desempenhar uma missão de caridade e de amor, de devotamento e de redenção, destinada a preparar por meio do Evangelho e da sua pregação - a regeneração humana, lançando-lhe as bases fundamentais.

LUCAS, Cap. IV, v. 22-30

Jesus designado por “filho de José". – Sua resposta. - Indignação dos que se achavam na sinagoga. - Conduzido por estes ao cume do monte para ser atirado daí a baixo, Jesus lhes *desaparece das mãos.*

V. 22. Todos lhe davam testemunho e, tomados de admiração ante as palavras cheias de graça que lhe saíam da boca, diziam: Não é este o filho de José? 23. Jesus então lhes disse: Sem dúvida me aplicareis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; faze no teu país as grandes coisas que, segundo ouvimos, fizeste em Cafarnaum. 24. Mas, em verdade vos digo que nenhum profeta é bem aceito no seu país. 25. Em verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel, ao tempo de Elias, quando o céu se fechou durante três anos e seis meses e uma grande fome assolou toda a Terra: 26, entretanto, Elias não foi enviado a nenhuma delas, mas a uma que era viúva em Sarepta de Sidônia. - 27. Havia também muitos leprosos em Israel ao tempo do profeta Eliseu e no entanto nenhum foi curado, só o sendo Naaman, que era da Síria. - 28. Todos os que se achavam na sinagoga, ouvindo-o falar desse modo, se encheram de ira, - 29, e, levantando-se, o expulsaram da cidade e levaram ao cume do monte sobre o qual estava a cidade edificada, para o atirarem de lá em baixo. - 30. Jesus, porém, passando por entre eles, foi-se.

N. 70. Não vos deve causar espanto a interrogação: *"Não é este o filho de José?"* Sabeis, pois que já vo-lo dissemos, e não o esqueçais, que, para o povo da Galiléia, para os Hebreus, como para os outros homens, Jesus, durante a sua missão terrena, era fruto da concepção humana, tendo Maria por mãe e por pai José. Só depois de finda aquela missão e de divulgada

a revelação, que se conservara *até então* secreta, feita pelo anjo a Maria e a José, foi que Jesus passou a ser considerado filho de Maria virgem e de Deus, mediante uma concepção e um nascimento "miraculosos, divinos", *por obra do Espírito Santo. Só* então a crença na sua divindade germinou no espírito dos discípulos, que interpretavam *ao pé da letra* as palavras "meu pai" - ditas por ele, referindo-se a Deus. Achavam que somente a origem divina do Mestre explicava os fatos chamados - *"milagres".*

Aos que, na sua orgulhosa incredulidade, se negavam a aceitá-lo como sendo o ungido do Senhor, seu enviado, conforme declarara ao terminar a leitura do trecho de Isaías, cujas palavras confirmara, dizendo: *"Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido no seu país",* Jesus deu um ensinamento destinado, do mesmo modo que todos quantos de seus lábios saíram, a produzir frutos *naquele momento* e no futuro.

Suas palavras, constantes dos v. 26 e 27, objetivavam fazer sentir aos JuDeus que as nações nada valem para o Senhor, que a seus olhos só tem valor a virtude; objetivavam patentear-lhes a grandeza do orgulho que os impelia a se considerarem os únicos a quem Deus dispensava graças, o povo privilegiado, merecedor de privilégio.

Que nenhum de vós se encha do vão orgulho dos JuDeus, porquanto o Senhor olha para todos os seus filhos com igual amor. Os ú*nicos* privilegiados são os que maior mérito têm e os mais puros, abstração feita de todos os cultos e nacionalidades.

Chamamos vossa atenção para os últimos versículos (29-30). Admitis seja possível a um homem qualquer desaparecer *das mãos* de inimigos *encarniçados* que o cerquem, *decididos a sacrificá-lo?*

Podeis admitir que o caráter de Jesus se coadunasse com o emprego de algum miserável subterfúgio para alcançar a piedade ou o perdão de algozes dispostos a precipitá-lo do cume da montanha a baixo?

O certo é, porém, que Jesus desaparece do *meio deles.*

Que conclusões tirais *desse desaparecimento,* fato que muitas e muitas vezes se repete no curso da sua pregação, da sua *aparente* vida humana, antes e após a época da chamada "ressurreição"?

Jesus, no momento mesmo em que ia ser atirado da montanha a baixo, foi-se, diz a narração evangélica, *passando por entre* os que o haviam conduzido até lá, por entre os que o rodeavam, por entre a multidão.

Fazendo cessar a tangibilidade do seu corpo perispirítico, *aparentemente* humano, ele se libertou das mãos dos que o seguravam e lhes desapareceu das vistas. Ao mesmo tempo que *fazia cessar aquela tangibilidade,* os que o cercavam, impedindo-lhe a passagem, foram, por uma ação espírita praticada mediante o magnetismo espiritual, tomados de vertigem. Os que o agarravam largaram-no *sem saber por que motivo o faziam* e, notando o seu desaparecimento, acreditaram que se havia ocultado sob a proteção de cúmplices.

Sabeis que influência pode o mundo invisível exercer sobre a vossa organização.

De que natureza é a influência que instantaneamente vos força a só ter um pensamento, a só pensar num determinado ato, sem que tenhais consciência do tempo decorrido enquanto estivestes assim absortos? O cérebro, em tal caso, fica como que num estado de atonia, por efeito do magnetismo espiritual resultante de ação espírita e por efeito também da ação dos fluidos que o envolvem.

Os Espíritos superiores, que se grupavam em torno de Jesus e dos que o redeavam, atuaram sobre

estes, produzindo-lhes uma espécie de vertigem.

Ides com certeza perguntar de que natureza foi essa vertigem, pois que, não só temos que vos explicar os fatos, como também as palavras e o sentido em que são empregadas.

Dizemos - "vertigem" - porque, naquele momento, influenciados pelos fluidos que sobre eles os Espíritos espalhavam, produzindo uma ação magnética, os que cercavam a Jesus tiveram detido o curso de seus pensamentos e assim o viram desaparecer sem que, no primeiro instante, se apercebessem de que o prisioneiro lhes escapava. Só depois que deixaram completamente de vê-lo é que se inteiraram dos fatos.

Sendo, como era, grande a multidão, a ação espírita se exerceu apenas sobre os que, por estarem mais próximos, podiam observar a retirada de Jesus. Os que se achavam mais distantes, nada tendo visto, acreditaram que ele se fora pelo lado oposto. Os fatos se passaram como vos acabamos de explicar e não de outro modo, porque, ainda então, os homens, por lhes ser impossível compreender o fenômeno, tinham que crer na "humanidade" de Jesus.

Ligais muita importância a estas explicações. Elas a têm, com efeito, porque evidenciam a natureza do corpo do Cristo, *humano* na aparência, mas, na realidade, perispiritual, *estranho à vossa humanidade.*

Tudo tem a sua razão de ser na *aparente* vida humana de Jesus, nos acontecimentos que se encadeiam durante o curso da sua missão terrena, *quer* como exemplo ou lição, *quer* para que os homens da época dessem crédito *à sua humanidade* ou dela se convencessem, quer ainda para, *ao mesmo tempo,* deixar em gérmen, no seio deles, *com vistas ao futuro,* os elementos das provas da natureza puramente perispirítico-tangível, do seu corpo. Efetivamente, só à luz da nova revelação e por ocasião do advento da era

nova do Cristianismo *do Cristo,* a natureza perispirítica do seu corpo poderia explicar, como explica, tornar compreensíveis e admitidos fatos inexplicáveis por outra maneira e que seriam absurdos, impossíveis, absolutamente inadmissíveis, se Jesus houvera sofrido a encarnação humana *tal qual a sofreis,* se houvera tido um corpo *igual aos vossos.*

Não confundais a influência que vos acabamos de descrever e que os Espíritos superiores exerceram sobre os homens no cume da montanha de Nazaré com a influência que, em certos casos, os Espíritos podem exercer sobre algumas pessoas, consistindo em lhes produzir uma espécie de cegueira ou de miragem, com o fim de lhes tirar a visão do que se passa e representar-lhes um outro fato. Isto entra numa ordem mais ou menos complicada de fenômenos que teremos ocasião de explicar oportunamente.

MATEUS, Cap. IV, v. 18-22. - MARCOS, Cap. I, 16-20. - LUCAS, Cap. V, v. 1-11

Vocação de Pedro, André, Tiago e João. - Pesca chamada milagrosa

MATEUS: V. 18. Andando Jesus pela praia do mar da Galiléia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam suas redes ao mar, pois eram pescadores; - 19, e lhes disse: Segui-me e farei que vos torneis pescadores de homens. - 20. Para logo os dois abandonaram as redes e o seguiram. - 21. Continuando a andar, viu dois outros irmãos, Tiago e João, filhos de Zebedeu, que numa barca com o pai consertavam sua redes, e os chamou. 22. Deixando no mesmo instante o pai e as redes, ambos o seguiram.

MARCOS: V. 16. Passando pela praia do mar da Galiléia, Jesus viu a Simão e seu irmão André que lançavam as redes ao mar, pois que eram pescadores; - 17, e lhes disse: Segui-me, e farei de vós pescadores de homens. - 18. Logo os dois abandonaram as redes e o seguiram. - 19. Tendo caminhado um pouco mais, viu a Tiago e seu irmão João, filhos de Zebedeu, que também numa barca consertavam suas redes. - 20. Logo os chamou e ambos, deixando na barca Zebedeu com os jornaleiros, o seguiram.

LUCAS: V. 1. Um dia em que se achava à margem do lago de Genezaré, Jesus, assediado pela multidão que se premia para ouvir a palavra de Deus. - 2, viu à borda do lago duas barcas; os pescadores tinham saltado para lavar suas redes. - 3. Entrou numa delas pertencente a Simão e lhe pediu que a afastasse um pouco da praia e, sentando-se, começou a pregar ao povo, de dentro da barca. - 4. Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo e atira a tua rede para pescar. - 5. Simão lhe objetou: Mestre, trabalhamos toda a noite e nada apanhamos; mas, obedecendo à tua ordem, lançarei a rede. - 6. E, tendo-o feito, pescaram tão grande quantidade de peixes que a rede se rompia. - 7. Acenaram aos companheiros que se achavam noutra barca para

que viessem ajudá-los; os outros vieram e as duas barcas ficaram cheias de tal modo que quase se afundavam. - 8. Vendo isso, Simão Pedro se prostrou aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, afasta-te de mim, pois que sou um pecador. 9. Tanto ele como os que o acompanhavam ficaram assombrados da pesca que haviam feito. - 10. Tiago e João, filhos de Zebedeu e companheiros de Simão, partilhavam do mesmo assombro. Então, disse Jesus a Simão: Nada temas: daqui por diante serás pescador de homens. - 11. Tendo de novo conduzido as barcas à praia, eles abandonaram tudo e o seguiram.

N. 71. O ensinamento aqui decorre da submissão dos primeiros discípulos de Jesus. Inspirados por seus anjos da guarda, eles atenderam à voz que os concitava à obediência. Escolhidos por Jesus, que lia em suas almas e *lhes* conhecia *os Espíritos,* seguiram-no, cedendo a uma espécie de atração que liga os Espíritos simpáticos.

Com relação à pesca, não houve *"milagre"* algum, no sentido que o homem dá a essa palavra, pois que, com efeito, ela não constituiu um fato que se haja produzido com *derrogação* das leis da Natureza. Já o temos dito: a vontade imutável de Deus jamais derroga as leis naturais e imutáveis por ele mesmo estabelecidas desde toda a eternidade.

Nada *há sobrenatural.* Na ordem física, tudo se passa sempre conformemente à vontade do Senhor, sob a ação espírita, segundo essas leis naturais e imutáveis e pela execução delas.

A pesca havia de surpreender e surpreendeu extremamente aqueles homens, simples e ignorantes como encarnados, e os encheu de temor. De coração humilde, eles, ignorando as causas do fenômeno, o atribuíram a Deus, considerando-o um *milagre,* uma manifestação do poder divino, sem cuidarem de lhe perscrutar o segredo.

Que há de estranhável na estupefação dos discípulos quando, em vossos dias, a incredulidade, filha do orgulho e da ignorância, rejeita esse mesmo fato por não o poder compreender e explicar, negando sem estudo e sem exame suficientes, teóricos e experimentais, os poderes dos Espíritos e os efeitos magnéticos, recusando iniciar-se no Espiritismo, que é, ao mesmo tempo, revelação e ciência, repelindo a ciência espírita e o magnetismo, que são, para a vossa humanidade, as duas fontes de toda a luz, de toda a ciência, de toda a verdade e de todo o progresso físico, moral e intelectual?

Já vos dissemos (n. 14) e repetimos: o magnetismo é o agente universal que tudo aciona. Tudo está submetido à influência magnética. A atração existe em todos os reinos da natureza; tudo no Universo é atração magnética. Essa a grande lei que rege todas as coisas. Tudo na Natureza é magnetismo, tudo é atração resultante desse agente universal.

Os fluidos magnéticos entrelaçam os mundos que povoam o Universo, ligam os Espíritos, encarnados ou não. É um laço universal com que Deus nos une a todos, como que para formarmos um único ser e subirmos até ele mais facilmente pela conjugação das nossas forças.

Na ordem material, os fluidos se reúnem sob a ação da vontade do Espírito e, na ordem espiritual, constituem, por efeito dessa mesma vontade, o veículo do pensamento através da imensidade.

Quando o homem se tornar capaz de compreender toda a extensão da atração magnética, o mundo lhe estará submetido, porque então ele terá o poder de dirigir a ação dessa grande lei. Mas, para lá chegar, ser-lhe-á mister longo e aprofundado estudo das causas e *sobretudo* muito respeito e amor àquele que lhe confiou tão poderoso meio de agir. Ser-lhe-á

mister o trabalho da inteligência e a prática. O estudo e a prática, feitos com humildade de coração e desinteressadamente, levarão o homem a compreender a força e a utilidade desta alavanca formidável - *a atração magnética.*

O homem, por meio do magnetismo humano, que é a concentração dos fluidos existentes nele e na atmosfera que o envolve dentro de determinado limite, operada por efeito da sua vontade, atua sobre outro homem ou sobre as coisas, até uma certa distância.

Por meio do magnetismo espiritual, resultado da concentração da vontade do Espírito, este reúne em torno de si os fluidos de qualquer espécie existentes no homem ou no espaço e os dispõee de modo a atuarem, conforme ele queira, sobre o homem ou sobre as coisas, produzindo os efeitos que deseje.

O poder da vontade do homem e os efeitos magnéticos que lhe seja dado obter se acham em relação com o grau de pureza que ele haja alcançado e que lhe faculta, em muitos casos, *sem que tenha disso consciência,* a assistência e o concurso dos Espíritos elevados.

O poder da vontade do Espírito e os efeitos magnéticos que lhe seja dado obter *também* se acham *em relação* com o grau de pureza, de elevação moral e intelectual que ele tenha atingido, na medida do conhecimento que adquiriu das causas, o que lhe torna possível remontar à origem das coisas e compreender a força e a utilidade da poderosa alavanca que se chama - *atração magnética.*

A pesca dita *milagrosa* resultou de uma ação toda natural, foi obra exclusiva da vontade de Jesus, que adquirira e possuía o conhecimento daquele agente universal, daquela grande lei a que tudo está sujeito, da natureza dos fluidos, das causas, o que lhe faculta-

va poder remontar à origem das coisas, compreender e empregar a mesma poderosa alavanca.

A carne não lhe obscurecia a vista, como sucede convosco. Seu olhar penetrava o seio das águas. Espírito, *sempre Espírito,* revestido de um corpo perispirítico que lhe deixava intacta e completa a visão espiritual, ele percebeu, na massa líquida, os fluidos que envolviam certas espécies de peixes. Sua vontade potente, produzindo uma ação magnética, atraiu ao lugar em que se achava a barca os aludidos fluidos, e os peixes daquelas espécies, arrastados pela corrente desses mesmos fluidos, vieram lançar-se nas redes dos pescadores.

Não peçais explicação *das causas, dos meios e das leis* naturais e imutáveis a que recorreu Jesus para, por ato da sua vontade, produzir o efeito *visível* de atrair os fluidos e determinar com eles as correntes que levaram os peixes às redes.

Ultrapassaríeis os limites da vossa humanidade, porquanto *atualmente* vos é impossível compreender essas causas, esses meios e essas leis. O homem ainda não pode desvendar tais segredos. Não olvideis que Jesus era Espírito puro entre os mais puros e que só depois de alcançardes uma relativa pureza podereis tentar segui-lo.

A Natureza tem ainda para vós muitos segredos que desvendareis à medida que, purificadas, vossas crenças vos ponham em condições de remontar à origem das coisas.

A única explicação espírita que temos a dar-vos sobre a pesca de que vimos tratando *é que* o Espiritismo representa hoje a rede lançada por Pedro *e que,* atraídos pelos fluidos que os bons Espíritos espalham em torno de vós, os homens virão de comum acordo encher essa rede, que os tirará das águas infectas onde os vícios da humanidade os faziam apodrecer.

Pedro (como vos explicaremos mais tarde) é quem recebeu de Jesus o encargo de presidir aos progressos da fé, ao desenvolvimento das inteligências, à realização das suas promessas; é aquele sobre quem o Cristo declarou que edificaria a sua igreja. Essa igreja é o vosso planeta e a sua humanidade e será edificada conduzindo Pedro a Terra pelo caminho do progresso físico até se tornar um mundo fluídico e a humanidade terrena, pela estrada do progresso físico, moral e intelectual, à perfeição.

N.72. Espíritos elevados como Jesus teriam podido e poderiam ainda, por meio do magnetismo espiritual, provocar e obter uma pesca qual a de que aqui se trata e é chamada *milagrosa?*

Sim, com a permissão de Deus, mediante, se preciso fosse, a assistência e o concurso de Espíritos suficientemente elevados. Mas, nós nada fazemos sem motivo e sem um fim útil. O que foi feito se pode ainda fazer e se faz muitas vezes, sem que o saibais. Nossa influência intervém ocultamente em muitos fatos que atribuís *a uma circunstância feliz.*

N. 73. Por meio do magnetismo humano, poderia *hoje* o homem, com os conhecimentos teóricos e práticos que já possui e ajudado por Espíritos suficientemente elevados, provocar e obter uma pesca semelhante à que é chamada *milagrosa?*

Não; o homem tal como ainda é não o poderia. Cumpre-lhe atingir um grau de pureza que está longe de possuir. Deus não concede seus poderes senão aos que deles se tornaram dignos.

MATEUS, Cap. IV, v. 23-25.

- *MARCOS,* Cap. I, 21-28; e Cap. III, v. 7-12.
- *LUCAS,* Cap. IV, v. 31-37

Pregações de Jesus. - Sua fama.

– Curas físicas e morais chamadas "milagres"

MATEUS: V. 23 E Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino, curando todos os males e enfermidades do povo. - 24. Sua fama se espalhou por toda a Síria, à sua presença foram trazidos os que se achavam doentes e atormentados por dores e males diversos: - possessos, lunáticos, paralíticos - e ele os curou. - 25. Acompanhava-o grande multidão de gente da Galiléia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judéia e de além-Jordão.

MARCOS: V. 21. Vieram em seguida a Cafarnaum onde, entrando na sinagoga aos sábados, Jesus os instruía. - 22. Todos se admiravam da sua doutrina, por isso que ele os instruía como tendo autoridade para fazê-lo e não como os escribas. - 23. Ora, sucedeu achar-se na sinagoga um homem possuído de um espírito impuro, que exclamou: - 24. Que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus. - 25. Jesus, em tom de ameaça, disse-lhe: Cala-te e sai desse homem. - 26. Logo o espírito impuro, agitando-o em convulsões violentas e soltando um grito estridente, saiu do homem. - 27. Tão grande assombro se apoderou de todos, que uns aos outros perguntavam: Que é isto, que nova doutrina é esta? Ele manda com império mesmo nos espíritos impuros e estes lhe obedecem. - 28. Sua fama se espalhou assim, rapidamente, por toda a Galiléia.

III: V. 7. Jesus se retirou com seus discípulos para os lados do mar, acompanhado por grande multidão de gente da Galiléia e da Judéia, - 8. de Jerusalém, da Iduméia e de além-Jordão, tendo vindo juntar-se-lhe, proveniente de Tiro e Sidônia, outra grande

multidão que ouvira falar das coisas que ele fazia. - 9. Disse ele então aos discípulos que lhe arranjassem uma barca onde pudesse meter-se para não ser oprimido pela turba. - 10. É que, como cura a muitos, todos os que sofriam de um mal qualquer se precipitavam sobre ele para tocá-lo. - 11. E os espíritos impuros, quando o viam, se prosternavam gritando: - 12. És o filho de Deus. Ele porém, com grandes ameaças, lhes proibia que o descobrissem.

LUCAS: V. 31. Ele desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia, e aí os instruía nos dias de sábado. - 32. E todos se espantavam da sua doutrina, porque falava com autoridade. - 33. Ora, estava na sinagoga um homem dominado por um demônio impuro, que exclamou em alta voz: - 34. Deixa-nos; que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus. - 35. E Jesus, ameaçando-o, disse-lhe: "Cala-te e sai desse homem." E o demônio, atirando o homem ao chão no meio da sinagoga, saiu dele sem lhe ter feito mal algum. - 36. O terror se apossou de todos e uns aos outros diziam: Que é isto? Ele ordena com autoridade e poder aos espíritos impuros e estes saem logo? -37. E sua fama se espalhou por todos os cantos do país.

N. 74. Que ensinos, além dos que decorrem naturalmente dos Evangelhos, vos podemos dar, acerca da aparente vida humana de Jesus, dos atos da sua missão terrena?

Não o vedes praticando sem cessar a caridade sob todas as formas, atraindo a si, não os grandes e poderosos, mas os humildes e os desgraçados, pregando o arrependimento e multiplicando em torno de si as curas da alma e do corpo?

Homens, meditai com o coração nesses ensinamentos e não teremos necessidade de os comentar. Acompanhai a Jesus com amor e em vós se desenvolverá a inteligência do amor.

Para operar as curas *materiais,* ele usava do poder magnético que a sua pureza perfeita lhe con-

feria e d qual ainda não pode o homem fazer idéia precisa.

Todavia, pelo que já tem obtido e obtém sobre os doentes, em certos casos, o magnetizador, com o auxilio do magnetismo humano e, sobretudo o médium curador, *consciente* ou *inconsciente,* mediante ação magnética, com a assistência, a intervenção, o concurso dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, podeis entrever qual fosse e era o poder magnético de Jesus, quando a sua vontade atuava sobre os fluidos regeneradores, fortificantes, que, todos, ele conhecia, conhecendo-lhes a *natureza,* as *combinações,* os *efeitos* e as *propriedades atuantes.*

Não tendes que vos admirar das curas materiais que realizou durante a sua missão terrena, uma vez que nada do que respeita à vossa organização humana, à formação *a priori* dos vossos corpos, às condições de vida e às funções vitais dos mesmos corpos, às vossas doenças e enfermidades, às suas sedes e causas, lhe escapava à visão espiritual, que não tinha a obscurecê-la a carne que vos constringe os Espíritos; e uma vez também que, debaixo do invólucro perispirítico de que se revestia para tornar-se visível e tangível aos homens, *ele, sempre Espírito,* apenas *figuradamente* encarnado, conservava toda a independência, toda a liberdade e, em toda a sua extensão incomensurável, o poder de agir no espaço.

Todos os que se sentiam presa de algum mal, diz o evangelista, se precipitavam para tocá-lo, porque (Lucas, Cap. VI, v. 18) "dele saia uma virtude que a todos curava".

Jesus espalhava em torno de si o princípio magnético vivificante que possuía e que a força, o poder da sua vontade ainda aumentavam. Como Espírito, se bem que, conforme acabamos de dizer, *figuradamente* encarnado, tinha a presciência e antecipadamente via os que o iriam procurar necessitados do seu poder.

Sua vontade então agia, para mais fortemente impressionar a homens que ficariam impassíveis e mesmo incrédulos ante curas *apenas* morais e que bradavam *hosanas* ao menor alívio de uma dor física.

Para operar as curas morais, bastava-lhe mostrar-se aos espíritos maus. Mostrava-lhes, não o invólucro que o cobria, mas o seu próprio Espírito e só a sua vontade poderosa bastava para os afastar. Então, como hoje, estavam e estão submetidos à sua influência moral todos os mais elevados Espíritos que sob a sua direção trabalhavam e trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade. Ele tinha então, como tem agora, sobre todos os Espíritos superiores, ou imundos, impuros, maus, um poder *imediato* que os forçava a lhe obedecerem à vontade no mesmo instante em que esta se manifestava. E esse poder *imediato,* graças sejam dadas ao Senhor, existe e existirá sempre.

Como sabeis, por estas palavras - *satanás, demônio, diabo* - se devem entender - *os Espíritos impuros, imundos.* São sinônimas tais locuções e é sempre essa a significação em que as empregaram os Evangelhos.

Por *possessos, possessos* do *demônio,* deveis entender aqui os encarnados subjugados, *quer* corporalmente, *quer* corporal e moralmente, por maus Espíritos.

Os *lunáticos* eram encarnados sujeitos a obsessões ou subjugações momentâneas, que se repetiam com certa regularidade.

A *possessão* de que falam os Evangelhos nos casos que relatam não era mais do que *subjugação.* Jesus se servia sempre das expressões em uso, de acordo com os preconceitos e as tradições, a fim de ser compreendido e, mais ainda, escutado.

A subjugação consiste na ação dominadora que o

Espírito mau exerce, sujeitando-o momentaneamente à sua vontade, sobre outro Espírito que, mais fraco, se *deixou* dominar.

Para produzir os efeitos corporais ou físicos, atua fluidicamente sobre o encarnado, combinando com os deste os fluidos do seu perispírito, utilizando-se de todos os elementos de mediunidade, *tanto* sensitiva e impressionável, *como* de efeitos físicos, que lhe ofereça a organização da sua vítima. Faz-lhe sentir a sua presença, atormenta-a, põe-na em convulsões, numa palavra: por meio da ação fluídica exercida segundo a sua vontade dominante, dispõe a seu bel-prazer do corpo dela.

Para produzir efeitos corporais e morais, o obsessor procede também como acabamos de explicar. Serve-se dos elementos de mediunidade, *audiente, falante,* vidente, psicográfica, que encontra na sua vítima, atuando-lhe sobre os órgãos materiais aptos à manifestação que queira obter. Faz que lhe ouça a voz, que fale, que escreva, que tenha visões. Em suma, atormenta corporal e moralmente o subjugado por todos os meios que a organização deste lhe ponha à disposição. Indu-lo a resoluções muitas vezes absurdas ou comprometedoras, mesmo aos atos mais ridículos, ou então, pela ação fluídica que exerça sobre o cérebro da vítima, chega até a produzir nela, momentaneamente, a aberração das faculdades, o que, *para os homens ainda não iluminados pela luz espírita, é* uma loucura ordinária com intervalos de lucidez.

Desse modo se produziram todos os efeitos, tanto corporais ou físicos, como corporais e morais, nos casos, que os Evangelhos relatam, de subjugação de encarnados, que eles designam por *possessos, possessos do demônio.*

Independentemente da obsessão e da subjugação, quer corporal apenas, quer corporal e moral, há os

casos, a que podeis chamar possessão, em que o Espírito do obsessor se substitui ao do encarnado no seu corpo, a fim de servir-se deste como se lhe pertencera. Tais casos são muito raros.

A substituição se opera da maneira seguinte:

Pela ação da vontade dominadora do mau Espírito, o Espírito encarnado é, por assim dizer, expulso do seu corpo, ao qual se conserva ligado apenas por um cordão fluídico com o auxílio do perispírito. Combinando os fluidos do seu perispírito com os do perispírito do encarnado, o Espírito mau se introduz no corpo pertencente a este e lhe imprime uma ação que é o produto daquela combinação. O perispírito do encarnado fica sendo o instrumento e o auxiliar indispensável ao outro para que, por ato da sua vontade dominadora, possa servir-se do corpo de que se apoderou, como se seu próprio fora.

Enquanto dura a substituição momentânea, o Espírito do encarnado, fora do corpo que lhe pertence e ligado a ele somente pelo cordão fluídico, vê, sem poder impedi-lo, por se achar dominado e submetido à vontade do outro, o que este faz.

Uma tal substituição, tanto se pode dar em estado de vigília, como no de sonambulismo do encarnado.

No primeiro caso, consideram-no quase sempre um desarranjo do cérebro.

Repetimos: essas substituições são muito raras.

Há ainda um caso excepcional de substituição, que, sempre com um fim útil e com a permissão dos anjos da guarda, se produz *voluntariamente.*

É o em que, *no estado de sonambulismo magnético,* o Espírito encarnado, *cedendo à súplica de um Espírito* que se quer manifestar, consente em *deixar o seu corpo* e empresta, por assim dizer, àquele o *instrumento* necessário à manifestação.

Ainda aqui o processo da substituição é o mesmo. Ela se opera exatamente como quando é obra *da violência* de um Espírito obsessor, *com a única diferença de que aqui há consentimento, há acordo de vontades para que o fato se produza* [15].

---

[15] Fui testemunha de um destes casos excepcionais e raros de substituição, por ato voluntário do Espírito encarnado, que passou ao estado de sonambulismo magnético para auxiliar a manifestação de um Espírito sofredor e, por conseguinte, em beneficio de um irmão desgraçado. Eis aqui as circunstâncias em que o fato se deu: No mês de marco de 1863, em companhia do Sr. Puginier, tenente do 88º Regimento de Linha, e do Sr. Du Boscq, membro do Conselho Geral do Departamento da Gironda, fui a casa da Sra. D. T., sonâmbula muito lúcida, assistir às consultas que, no estado sonambúlico, ela dava a diversos doentes. No momento em que nos íamos retirar, quando já eu abrira a porta de saída do compartimento, ouviu-se um grito. Voltamo-nos. A Sra. D. T., sempre em estado sonambúlico, se levantara e permanecia de pé. Aproximamo-nos e estas palavras me foram dirigidas: "Sou eu G. D. quem te quer falar." (Tratava-se do Sr. G. D. que eu conhecera muito intimamente durante a sua vida terrena e que morrera, havia meses). "Procurava uma ocasião de conversar contigo e achei-a. Entrei neste corpo e dele me sirvo. Sou imensamente desgraçado e sofro horrivelmente, etc."

Comunicou-se espontaneamente e me descreveu os sofrimentos e as torturas morais que experimentava, tanto mais cruéis quanto não lhes via o termo e se desesperava acreditando que jamais cessariam. Tomou-me da mão utilizando-se da do corpo da Sra. D. T. como se sua fora.

Tive com esse Espírito desgraçado um colóquio longo, que durou mais de meia hora. Esclareci-o e o consolei, concitando-o a ter paciência e resignação, a se arrepender profunda e sinceramente das faltas que cometera durante a sua vida terrena, a tomar o propósito de repará-las, mostrando-lhe a grandeza, a justiça, a bondade e a misericórdia infinitas de Deus, que está sempre pronto a perdoar ao Espírito culpado, transviado, desde que se humilhe, arrependido e submisso: a lhe abrir, pela reencarnação, o caminho a novas provações, ou seja o caminho da reparação e do progresso. Consegui assim que naquela alma atribulada luzisse um raio de esperança e de fé.

As obsessões e subjugações são provocadas, sob a influência atrativa dos fluidos similares, pelas disposições do encarnado, pela natureza de suas más tendências, de seus pendores e de seus sentimentos maus. Também são, não raro, uma provação e muitas vezes uma expiação de fatos de existência anterior.

Se constituem um mal para o encarnado, são um mal permitido, porque lhe será proveitoso, pois que tudo (inclusive a punição, o castigo) tem sempre por fim o vosso aperfeiçoamento moral e o vosso progresso. Nada ocorre sem ser pela vontade de Deus e, sobre

---

Enquanto durou a substituição, o Espírito de G. D., servindo-se do corpo da Sra. D. T., como se fora o seu, e dos órgãos materiais dela para gesticular e falar, reproduzia os gestos e atitudes corporais que lhe eram próprios na vida terrestre.

Logo que esse Espírito sofredor se foi embora, a Sra. D. T. retornou o corpo que lhe pertencia e, conservando-se no estado sonambúlico, disse: "Pobrezinho! sofre bastante e é bem desgraçado! Desejava falar-vos e então consenti, com a permissão dos nossos anjos de guarda em lhe emprestar o meu corpo, para que, entrando nele, pudesse dizer o que queria. Eu estava ao lado, ligada e presa ao meu corpo por um cordão fluídico luminoso, mas invisível para os vossos olhos humanos."

Essa substituição se reproduziu muitas vezes, em casa da Sra. D.T., na presença do Sr. Du Boscq, que também era amigo de G.D..

Desde o primeiro dia em que nos falamos, exortei o Espírito de G.D. a ir todas as noites a minha casa, à hora em que os Espíritos sofredores, errantes no espaço, se manifestavam por um médium psicográfico, para pedir e ouvir as preces.

A partir daquele dia, todas as noites, o Espírito de G. D. se manifestou espontaneamente. Assim, durante longo tempo orei por ele e ainda oro. Meus esforços, meus conselhos, minhas exortações e minhas preces foram recompensadas. Tive a alegria de haver contribuído para lhe aliviar os sofrimentos, para o consolar, esclarecer e melhorar, desenvolvendo nele a paciência c a resignação nos sofrimentos morais, o arrependimento e o desejo de reparar suas faltas e de progredir.

aquilo que ocorre segundo a vontade divina, os Espíritos superiores e os bons Espíritos exercem vigilância para que aquele resultado não deixe de produzir-se.

Os obsidiados e subjugados entre vós aparecem todos os dias e aqueles que ainda não foram tocados pela luz espírita os consideram atacados de enfermidades físicas, de loucura ordinária e tentam inutilmente curá-los pelos meios humanos, em lugar de recorrerem à prece e ao exemplo moral.

Recorrei à prece e ao exemplo moral, vós que ainda não possuís a pureza perfeita donde dimana o poder *imediato,* que *só* os Espíritos puros têm, de afastar os impuros *no mesmo instante* em que se manifesta a vontade de o conseguirem. Trabalhai junto do encarnado por esclarecê-lo, por melhorá-lo, dispondo-o a atrair a si os bons Espíritos, seus fluidos, seu auxílio e seu concurso para o afastamento dos obsessores. Lançai mão também da evocação praticada com recolhimento e com fervor, cheios de caridade para com esses irmãos transviados, a fim de os trazerdes ao bom caminho pela prece, pela perseverança na prece saída do coração e não somente dos lábios, pelas exortações feitas e repetidas com benevolência e ao mesmo tempo com a doçura, a firmeza e a bondade, que, apoiadas na prece, acabam sempre por tocar os mais rebeldes, os mais endurecidos. Espíritas, procurai o apoio dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos que vos cercam. Chamai-os em vosso auxílio e todos acorrerão aos vossos apelos amigos e a vós se unirão. Tende confiança, pois que eles atendem sempre aos chamamentos de um coração puro e de uma consciência reta que lhes solicitem o concurso para a realização de uma obra de amor e de caridade.

Há ainda e por muito tempo haverá *"demônios" entre vós* [16].

---

16 Fui também testemunha de um caso em que, com o auxílio da mediunidade sonambúlica, se revelaram a presença e a ação do Espírito obsessor de um homem que parecia atacado de moléstia

nervosa, cujo tratamento, pelos meios humanos empregados para as curas materiais, até então falhara. A dúvida se dissipou, graças a essa mediunidade sonambúlica, que tornou patente haver ali uma obsessão, uma subjugação corporal e, portanto, a necessidade de um tratamento moral, pois que moral era a doença. Eis o que ocorreu:

Em Dezembro do 1863, fui um dia assistir as consultas que, em estado de sonambulismo magnético, a Sra. D. T. dava aos doentes que a procuravam. Nesse dia, entre os consultantes veio um homem que, ao entrar em relação magnética com ela, contou que, havia muitos meses, se achava atacado de uma enfermidade que os médicos qualificavam de nervosa e que consistia em experimentar ele contrações na garganta e às vezes sacudiduras no rosto e no pescoço, que pareciam um tique nervoso. Freqüentemente, no momento de começar uma refeição, os maxilares e os dentes se lhe cerravam de tal maneira que impossível lhe era comer, vendo-se constrangido a desistir de tomar o alimento, ainda que sentindo muito apetite e precisando de alimentar-se. Acrescentou que os diversos médicos a quem consultara lhe tinham receitado muitos remédios que nenhum resultado, nenhuma melhora produziram.

Ess

e estado o preocupava e inquietava vivamente.

Apenas o homem concluiu a sua exposição, uma crispação ligeira se lhe manifestou no rosto. A sonâmbula, como se se dirigisse a terceira pessoa, pronunciou estas palavras: "Deixa tranqüilo esse homem." Em seguida, exortou a terceira pessoa invisível a não mais atormentar o homem e acrescentou: "Vou orar por ti." E orou. Dirigindo-se ao doente, disse-lhe, depois de o examinar: "Não tendes doença alguma: Sois atormentado por um mau Espírito em favor do qual deveis orar. Só pela prece o afastareis. Ide e orai, não com o, lábios, mas com o coração, com desinteresse e caridade. Voltai daqui a oito dias."

Apr

oximei-me o mesmo instante da Sra. D. T., que quando eu chegara já estava em estado sonambúlico, e me pus em relação com ela, tomando-lhe a mão. "Ah! estais aí! - disse-me. Este homem está subjugado por um Espírito obsessor. Não é um doente; seu mal desaparecerá quando esse Espírito o deixar."

Respondi-lhe: "Pois bem! devemos tentar essa cura moral, porquanto, em vez de um doente, há dois." E, dirigindo-me ao obsessor, disse-lhe: "Vai a minha casa hoje à noite às sete horas. A essa hora lá vão muitos Espíritos sofredores, desgraçados, pedir preces e receber os benefícios das que por eles fazemos. Se não fores espontaneamente, eu te evocarei. Orarei por ti e te farei compreender que estás praticando o mal e que, depois da morte, como na Terra, não devem animar o Espírito senão os sentimentos de amor e de caridade para com os seus irmãos encarnados e errantes."

Nes

sa mesma noite e nas oito seguintes evoquei aquele Espírito obsessor e pus em prática, a seu favor, a prece, as exortações, os conselhos.

O

doente voltou, oito dias depois, a casa da Sra. D. T.. Lá me achava. Pondo-se em relação magnética com ela, disse estar sendo um pouco menos atormentado, mas que ainda o era, se bem que mais fracamente.

O Espiritismo que, como sabeis, é uma revelação e uma ciência, vem dissipar todas as obscuridades, iluminar todas as trevas, ensinar-vos a distinguir os que *só na aparência* sofrem de enfermidades ou de loucura ordinária, os obsidiados, os subjugados, aos quais unicamente o tratamento moral se deve aplicar, dos que *realmente* são *enfermos* ou *loucos,* passíveis, portanto, de cura material pelos processos humanos.

Em caso de dúvida, *se vos movem* exclusivamente sentimentos de humanidade, o *desinteresse,* o *amor* e a *caridade, tendes* ao vosso alcance, na mediunidade psicográfica e, ainda mais, na mediunidade sonambúlica ou *vidente,* que vos revelará a presença e a ação do Espírito obsessor, o meio de vos esclarecerdes, de estabelecerdes a distinção.

Aquele homem que se achava na sinagoga "possuído de um Espírito impuro", "tendo em si um demônio *impuro",* estava subjugado corporal e moralmente por um Espírito mau.

A Sra. D. T. vendo, no estado sonambúlico, o Espírito obsessor constantemente ao lado do homem, lhe dirigiu exortação e orou por ele.

As reuniões continuaram a realizar-se assim de oito em oito dias na casa da Sra. D. T. O subjugado persistia nas preces e, por meu lado, persisti nas evocações e nas preces em minha casa durante cerca de um mês.

Decorrido esse tempo, uma noite o Espírito obsessor, conduzido pelo seu anjo de guarda, se manifestou espontaneamente.

Chegara o arrependimento, fizera-se a luz. Ele se tornara Espírito sofredor, renunciara à subjugação do homem e pediu preces.

Passados três dias, fui a casa da Sra. D. T.. Sendo dia do seu comparecimento, o doente lá foi e nos disse: Há cinco dias que não sinto mais nada; estou curado.

Livre aquele homem da subjugação, ainda me restava uma tarefa a desempenhar junto do irmão desgraçado que a praticava e que se tornara sofredor.

Desde que ele se manifestou espontaneamente, continuou a vir todas as noites a minha casa receber os benefícios da prece.

Orei e ainda oro em seu favor. Tenho a satisfação de haver contribuído para seu alívio e sua melhoria moral, desenvolvendo nele cada vez mais a paciência e a resignação nos sofrimentos, o arrependimento e o desejo de reparar sua faltas e de progredir.

Constrangido por essa subjugação, posta em prática da maneira que acabamos de explicar, submetido inteiramente à vontade do obsessor, que o dominava pela ação fluídica, foi que, agindo o mesmo obsessor fluidicamente sobre os seus órgãos vocais, ele, tornado assim médium falante, pronunciou estas palavras:

"Deixa-nos: que tens tu conosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem és: és o santo de Deus". Foi ainda por efeito da ação fluídica do perispírito do obsessor sobre o do obsidiado e da ação da vontade do primeiro sobre a do segundo, sujeita inteiramente e governada aos caprichos do outro, que o homem se agitou em violentas convulsões e se atirou ao chão, soltando um grito estridente, quando Jesus intimou o mau Espírito a cessar a subjugação, exprimindo-se nestes termos apropriados às inteligências, aos preconceitos e às crenças da época: *"Cala-te e sai desse homem".*

Formulando esta interrogação: *Vieste para nos perder?"* o obsessor aludia ao conhecimento, que Jesus, se o quisesse, podia dar aos homens, das *causas* e dos *efeitos* da subjugação, pondo-os em condições de se preservarem dela.

Mas, não chegara o momento de se desvendarem os segredos de além-túmulo aos homens, que, como na época de Moisés, eram e ainda por muito tempo seriam incapazes de receber o conhecimento, que só a nova revelação lhes ministraria, das relações do mundo invisível com o mundo visível. Por isso é que Jesus

retrucou ao Espirito obsessor, dizendo: *"Cala-te e sai desse homem".*

Diz o Evangelho: "Quando viam a Jesus, os Espíritos impuros se prosternavam, exclamando: És o *"filho* de Deus".

Os que assim procediam eram pessoas que, na multidão que se premia à passagem do Cristo, se encontravam subjugadas corporal e moralmente pelos maus Espíritos, pelos Espíritos impuros. Essas pessoas, violentadas *pelos obsessores que, a seu turno, eram subjugados à vista do Senhor,* é que se prosternavam e, tornando-se médiuns falantes, proferiam aquelas palavras de verdade destinadas a atravessar os séculos e a levar a luz às inteligências.

Compelidos pelos Espíritos superiores que cercavam o Mestre é que os Espíritos impuros obrigavam os subjugados a se prosternarem diante de Jesus e a dizerem: *"És o santo de Deus, és* o *filho de Deus",* porquanto *assim* eles provavam aos homens a identidade do Cristo.

Aos olhos desses maus Espíritos, Jesus não era um

homem e sim um *Espírito, Espírito* mais puro *do que todos os outros.* Por isso mesmo é que o Mestre lhes proibia que o descobrissem. Ainda não soara para os homens a hora de saberem que ele *não pertencia à humanidade terrena.*

Estas expressões - *"o santo de Deus, o filho de Deus, o Senhor"* - são locuções respeitosas, indicativas da superioridade de Jesus com relação a todos os Espíritos, quaisquer que sejam, com relação mesmo aos mais elevados que sob a sua direção trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade. A essas locuções a nova revelação veio dar a significação exata e precisa, desvendando a origem espírita de Jesus como Espírito de pureza perfeita e imaculada.

Cumpria-lhe abalar e impressionar fortemente as massas, impressionando os sentidos grosseiros dos homens por meio de fatos materiais que lhe revelassem o poder sobre a Natureza, sobre o *inferno* e sobre os *demônios.* Daí o virem estes prostrar-se a seus pés, proclamando-o *"filho de Deus".* Ignorantes e incapazes de compreenderem a causa e os efeitos desses fatos, os homens os tomavam por "milagres".

Assim era *preciso,* naqueles tempos de ignorância, para que a missão messiânica fosse aceita, para

lhe assegurar o êxito e fazê-la frutificar no futuro.

Não nos vemos nós ainda obrigados a medir os nossos ensinos pelo grau de inteligência e de desenvolvimento moral daqueles a quem falamos?

O que Jesus fizera durante a sua missão terrena tiveram os apóstolos que fazer depois, sancionando-a.

A encarnação nenhum obstáculo lhes opunha a isso, *pela razao de que,* com o apoio dos Espíritos puros, os Espíritos superiores que os cercavam e da vontade do que lhes servira de modelo, eles obravam como se se achassem no estado de Espíritos livres.

Mediante a assistência, a intervenção e o concurso ocultos desses Espíritos e dessa vontade, operavam curas materiais e morais, como o fizera Jesus e pelos mesmos meios. Assim, curavam as enfermidades pelo poder magnético que lhes era transmitido; expulsavam os maus Espíritos obsessores e subjugadores dos homens pelo poder imediato que lhes era dado sobre todos os Espíritos errantes e encarnados; e ressuscitavam os mortos", isto é, faziam voltar a vida aos corpos inanimados, fazendo voltar a habitá-los os Espíritos que, por os terem abandonado, conservando-se apenas ligados a eles pelo cordão fluídico, lhes haviam imprimido todas as aparências dos corpos mortos.

Desde os tempos de Jesus e dos apóstolos até os vossos dias, que marcam o início da era nova e bendita do Espiritismo, os casos de curas materiais e de curas morais se têm sucedido com freqüência, *ora* de modo apreciável *para os homens,* que então acreditaram no "*milagre",* ora ocultamente, sem que os homens lhes compreendessem a origem, por não terem deles consciência.

Toda época apresenta mudanças acordes com o espírito dos que nela vivem.

Atento o ponto a que chegou a Física, *milagres* materiais poderiam produzir-se e os incrédulos

continuariam a lhes não dar crédito, atribuindo-os à prestidigitação e ao compadrio.

O de que precisam homens cujas inteligências alcançaram um certo desenvolvimento é de *"milagres"* morais, é de curas *da alma* e não do corpo. Ao que mais sofre cumpre se dêem os maiores cuidados. E, em vós, quem mais sofre não é a alma? Quem mais necessita de cura do que a parte mais doente e, contudo, a mais preciosa do vosso ser?

Hoje, em presença da nova revelação, que vos fez conhecer a ciência das revelações do mundo invisível com o mundo visível, os segredos de além-túmulo, os meios pelos quais Jesus e depois os apóstolos produziram, tanto na ordem física como na ordem moral, os fatos que passaram por *milagrosos,* naqueles tempos de ignorância, hoje, esses fatos, para vós, não seriam senão a conseqüência - da depuração do Espírito encarnado, da sua elevação, ou da proteção que lhe dispensam os Espíritos puros, os Espíritos superiores e a vontade do Mestre; a conseqüência do poder da vontade, por efeito do poder magnético, poderes estes que lhe teriam sido transmitidos ocultamente, mediunicamente, para a realização da cura material das enfermidades humanas; a conseqüência ainda do poder imediato que, também de modo oculto, lhe teria sido dado para *instantaneamente* expulsar os maus Espíritos e restituir a vida a corpos inanimados.

Quando forem chegados os tempos, os Espíritos encarnados poderão, como o fizeram os apóstolos, curar as enfermidades, expulsar os maus Espíritos e restituir a vida a corpos inanimados. Mas, então, notai-o bem, esses fatos, que foram qualificados de *"milagres"* quando se lhes não compreendia a origem, não vos parecerão mais do que uma conseqüência natural da purificação de tais Espíritos, uma prova de que aqueles que os realizam são mais elevados do que

os outros, ou mais protegidos por se terem tornado dignos de maior proteção.

Na atualidade, *"milagres"* de curas materiais e morais amiúde se operam entre os homens e passam despercebidos, pela única razão de que, se vós os espíritas vos inteirais deles, os que os não compreendem encaram os fatos dessa ordem com indiferença e incredulidade, ainda quando lhes aproveitam. Ao tempo da missão terrena de Jesus, tais fatos, publicados e multiplicados, feriram muito mais fortemente os sentidos grosseiros dos homens.

Aos Fariseus de hoje, que negam, repelem e rejeitam, como obra *"demoníaca",* a nova revelação que os Espíritos do Senhor, de sua ordem e em nome do Cristo, trazem à humanidade, como os Fariseus de outrora negaram, repeliram e rejeitaram a revelação que o Cristo lhes trazia pessoalmente, acusando-o de "expulsar os *demônios"* pelo príncipe dos *demônios,* exigindo-lhe *"milagres",* respondei simplesmente mostrando os ateus a baterem nos peitos de joelhos ante o seu Deus ofendido e implorando, em altos brados, a herança cuja existência até então haviam negado. Deixai-os falar. Os *"milagres"* virão a seu tempo - *"milagres"* morais que refundirão a humanidade inteira e, do cadinho onde neste momento o deitamos, farão sair purificado o ouro.

MATEUS, Cap. V, v. *1-12.*

- LUCAS, Cap. VI, v. 20-26

Sermão do monte

MATEUS: V. 1. Vendo a multidão, Jesus subiu a um monte, sentou-se e os discípulos o rodearam. - 2. Pôs-se então a lhes pregar, dizendo: - 3, "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. - 4. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. - 5. Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. - 6. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. - 7. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. - 8. Bem-aventurados os de coração puro, porque verão a Deus. - 9. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. 10. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus. - 11. Bem-aventurados sereis quando vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e, mentindo, disserem de vós todo o mal por minha causa. - 12. Rejubilai então e exultai, porque grande recompensa vos está reservada nos céus; visto que assim também perseguiram os profetas, que existiram antes de vós."

LUCAS: V. 20. Jesus, dirigindo o olhar para seus discípulos, dizia: "Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o reino de Deus. -21. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados; bem-aventurados vós, que agora chorais, porque rireis. - 22. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos separarem, quando vos carregarem de injúrias, quando rejeitarem como mau o vosso nome por causa do filho do homem. - 23. Rejubilai nesse dia e exultai, que grande recompensa vos está reservada no céu, porquanto assim é que os pais deles trataram os profetas. - 24. Ai, porém, de vós, que sois ricos. pois que tendes a vossa consolação no mundo. - 25. Ai de

vós, que estais saciados, pois que vireis a ter fome! Ai de vós os que rides agora, pois que gemereis e chorareis! - 26. Ai de vós quando vos louvarem os homens, porquanto é o que os pais deles faziam aos falsos profetas.

N. 75. A humildade, - a doçura que tem por companheiras a afabilidade e a benevolência, - a resignação nos sofrimentos físicos e morais, que são sempre uma expiação justa, porquanto derivam ou de faltas e imprudências com que o homem agrava sua provações terrenas, ou de existências anteriores, todas solidárias entre si de modo que cada um traz consigo a pena secreta da sua precedente encarnação, - o amor ardente, sério, perseverante do dever por toda parte e sempre, - a tolerância também por toda parte e sempre, a indulgência para com os fracos e para com as faltas de outrem, a simpatia viva e delicada pelos sofrimentos e dores, físicos e morais, de seus irmãos, - o perdão, do íntimo d'alma, para as injúrias e ofensas, - o esquecimento, mas de maneira tal que o passado fique morto tanto no coração, como no pensamento, - a caridade e o amor, - a pureza de coração, que exclui não só todas as palavras e ações más, como ainda todos os maus pensamentos, e que só existe quando há abstenção de tudo que é mal, de par com a prática ativa e abnegada de tudo que é bem, assim na ordem física, como na ordem moral e na intelectual, - a moderação, a brandura, - a paciência, a obediência, - a resignação, - a fé, - a firmeza e a perseverança na fé e na prática da justiça, quaisquer que sejam as injúrias, as perseguições físicas e morais que venham dos homens, - o desinteresse, - a renunciação às coisas materiais, como determinantes do orgulho e do egoísmo, dos apetites materiais; das paixões e dos vícios que degradam a humanidade, - a aspiração da felicidade celeste, - o reconhecimento ao Criador que reserva grande recom-

pensa aos que cumprirem esses deveres e praticarem essas virtudes, - eis o que encerram aquelas palavras do Cristo. Estudai-as, pois, e ponde-as em prática. Não vos fieis na felicidade terrena, não descanseis nas vossas riquezas, na vossa inteligência. Confiai unicamente no vosso Deus, de quem recebeis todas as coisas.

Que aquele que possui riquezas faça como se fora pobre, as reparta com seus irmãos e viva humildemente; que aquele que tem inteligência faça como a criancinha que espera ser guiada pela mãe, mas que ao mesmo tempo a partilhe com seus irmãos, dando-lhes conselhos salutares e brandos, tirados sobretudo do exemplo; que aquele que está saciado pense nos que têm fome e divida com eles o pão material que sustenta o corpo e o pão espiritual que alimenta a alma; que aquele que se acha alegre faça como se estivesse triste e associe à sua alegria o irmão que chora, prodigalizando-lhe consolações e tomando parte nas suas dores.

Aquelas palavras se resumem nisto: prática do trabalho, do amor e da caridade, tanto na ordem física ou material, como na ordem moral e intelectual.

Os *pobres* de espírito são os que só confiam no Senhor e não em si mesmos; são os que, reconhecendo dever *tudo* ao Criador, reconhecem que *nada* possuem. *Despidos* de orgulho, são como o pobre *despojado* dos bens mundanos. Podem caminhar mais livremente, pois não temem os ladrões que durante a noite assaltam a casa do rico. Apresentam-se *nus* diante do Senhor, isto é, sem se terem apropriado de *coisa alguma,* cônscios de que tudo devem à bondade do pai celestial. A humildade lhes aplaina o caminho

a percorrer afastando os obstáculos que o orgulho faz surgir de todos os lados.

Tende o coração simples, oh! bem-amados, e humilde o espírito, porquanto a humildade, que é o princípio e a fonte de todas as virtudes, de todos os progressos, abre ao homem a estrada que leva à luz e às moradas felizes, ao passo que o orgulho conduz às trevas e à expiação, ao exílio em mundos inferiores.

Estas palavras de Jesus:

"Bem-aventurados sereis quando os homens vos cobrirem de maldições, vos perseguirem e, mentindo, disserem de vós todo o mal par minha causa; - bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos separarem, vos carregarem de injúrias, quando rejeitarem como maus os vosso, nomes por causa do filho do homem."

se aplicavam, como quase todas as que lhe saíram dos lábios, tanto ao presente, ao momento em que ele as dirigia aos discípulos, quanto aos tempos futuros.

Eram e são dirigidas a todos os que pela sua fé em Deus se tornaram alvo de quaisquer perseguições, físicas ou morais; aos que, perseguidos pelas suas crenças, sofrem pela sua fé e triunfam das provações por mais rudes que sejam. Efetivamente, enquanto o vosso mundo se não houver purificado, haverá homens perseguidos *por causa da verdade.* Os que triunfarem poderão considerar-se bem-aventurados, pois, *sobretudo hoje,* a defecção é fácil. Os que perseverarem até ao fim receberão grande recompensa.

Espíritas, armai-vos, portanto, de toda a vossa energia. Para o homem, a arma mais perigosa é o ridículo. É a que ele mais teme; é presentemente a que tendes de rebater. Dolorosas são as feridas que ocasiona. Mantende-vos, pois, em guarda e preparai de antemão o ú*nico* bálsamo que as pode curar: - a fé.

Que a vossa fé vos sustente. Ela vos tornará surdos aos sarcasmos e vos fará achar doçura nos pérfidos processos que contra vós intentarem. A fé constitui a vossa égide; abrigai-vos nela e caminhai desassombradamente. Contra esse escudo virão embotar-se todos os dardos que vos lancem a inveja e a calúnia. Sede sempre dignos e caridosos no vosso proceder, no vosso falar, nos vossos ensinamentos, dando o exemplo do que pregais, e nós vos ampararemos.

Compreendei igualmente bem *estas outras palavras* de Jesus: "Mas, *ai de vós, ricos, que tendes a vossa consolação no mundo!"*

A maldição assim lançada pelo meigo e justo pastor não se aplica senão aos que, tudo sacrificando a posse dos bens terrenos, deleitando-se e confiando unicamente no que é material, rejeitam as verdades que se lhes ensinam, repelem seus guias protetores, repelem seus irmãos e se entregam aos maus Espíritos, que deles se apossam.

Jesus disse: - *Ai! deles,* porque terão que sofrer para resgatar suas faltas passadas e o remorso lhes será tanto mais cruel quanto mais voluntário tenha sido o endurecimento.

Ai! de vós que agora rides, disse também o Suave Mestre, *pois que gemereis e chorareis.*

Sim, os que riem *das verdades* lamentarão um dia o *tê-las negado.* Tudo vem a seu tempo. Deixai que ainda riam à vossa custa. Dia virá em que, arrependidos, os que agora riem pedirão *para voltar* ao meio de vós como apóstolos da verdadeira fé, da fé espírita, e não mais rirão.

Não vos agasteis, pois, com os risos; antes chorai pelos que zombam de vós, por isso que bem grandes serão suas penas!

Ai! de vós, disse ainda Jesus, *quando os homens vos louvarem, porquanto é o que os pais deles faziam aos falsos profetas.*

Quando essas palavras eram dirigidas aos discípulos, os falsos profetas tinham sido, eram e, dado o estado de inferioridade moral em que ainda se encontra a Terra, são neste momento aqueles que, impelidos por maus instintos, por más paixões, oriundas, seja do orgulho, do egoísmo, do interesse material, da cupidez, seja da intolerância ou do fanatismo, trabalham por incutir suas idéias nas almas simples e confiantes. São aqueles que, conhecendo a verdade, a ocultam do povo, a fim de o terem *preso* e *submisso.* São os que, compenetrados da verdade, recusam submeter-se a ela por orgulho e pregam o erro, conscientes do que fazem, mas receosos do "que dirão". "Ai! deles!"

Ai! de vós, quem quer que sejais, quando os que escutam as vozes desses falsos profetas e os bendizem, caminhando-lhes nas pegadas, vos louvarem e disserem bem de vós, porque então sereis atraídos pelos seus elogios e a vossa defecção já se deu ou está para dar-se, arrastando-vos para os caminhos do erro e da mentira voluntários, da hipocrisia e da perversão moral.

MATEUS, Cap. V, v. 13-16.

- MARCOS, Cap. IX, v. *49 e* Cap. IV, v. 21-23.

- *LUCAS,* Cap. XIV, v. 34-35; Cap. VIII, v. 16-17;

Cap. XI, v. 33-36

Sal e luz da terra. - Lâmpada. - Nada oculto que não venha a ser manifesto e nada secreto que não venha a ser conhecido e a tornar-se público.

MATEUS: V. 13. Sois o sal da terra. Se o sal perder a sua força, com que se salgará? Para nada mais servirá senão para ser posto fora e pisado pelos homens. - 14. Sois a luz do mundo. Uma cidade situada sobre um monte não pode ficar escondida. - 15. E ninguém acende uma lâmpada para a colocar debaixo do alqueire; coloca-a num candeeiro a fim de que ilumine a todos os que estão na casa. - 16. Que assim também a vossa luz brilhe diante dos homens; que eles vejam as vossas obras e glorifiquem a vosso pai que está nos céus.

MARCOS: IX, v. 50. O sal é bom, mas, se se tornar insípido, com que temperareis? Tende sal em vós e conservai entre vós a paz.

IV, v.21. Dizia-lhes: Porventura vem a lâmpada para ser posta debaixo do alqueire ou da cama, ou para ser colocada no candeeiro? - 22. Porque, nada há secreto que não venha a ser manifesto, nada oculto que não venha a ser público. - 23. Ouça quem tenha ouvidos de ouvir.

LUCAS: XIV, v. 34. O sal é bom, mas se se deteriorar, com que se há de temperar? - 35. Não servirá mais nem para a terra nem para a estrumeira; será posto fora. Ouçam os que têm ouvidos de ouvir.

VIII, v.16. Ninguém, depois de acender uma lâmpada, a cobre com um vaso ou a coloca debaixo do leito; põe-na no candeeiro a fim de que os que entrarem vejam a luz. - 17. Porque, nada há oculto que não venha a tornar-se manifesto, nada secreto que não venha a ser conhecido e a fazer-se público.

XI, v. 33 Ninguém acende uma lâmpada e a coloca em lugar escondido ou debaixo de um alqueire; coloca-a no candeeiro, a fim de que todos os que entrarem vejam a luz. – 34. Teu olho é a lâmpada do teu corpo; se teu olho é simples, todo o teu corpo será luzente; mas, se for mau, todo o teu corpo será tenebroso. - 35. Toma, pois, cuidado: não seja treva a luz que está em ti. - 36. Se, portanto, todo o teu corpo for luminoso, sem que haja nele parte alguma tenebrosa, todo ele luzirá e te iluminará, qual se fora brilhante lâmpada.

N. 76. Temos que vos explicar figuras que, entretanto, não são veladas para espíritas.

O sal, aqui, representa os ensinos que o homem traz consigo e que deve espalhar em torno de si. Sua moralidade, seu amor a Deus, sua submissão às leis divinas e, por conseguinte, a observância de todos os mandamentos que venham *do Senhor e do seu Cristo* são o sabor do homem. Se, arrastado por maus instintos, o homem deixa de ter presente o fim que lhe cumpre atingir e os meios de consegui-lo, perde o seu sabor e é posto fora. Quer dizer: o Espirito culpado, que faliu nas suas provações terrenas, é submetido, primeiro, à expiação na erraticidade, mediante sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados às faltas ou crimes cometidos, depois, à reencarnação, conforme ao grau de culpabilidade, quer no vosso mundo, quer em planetas inferiores a este, onde, por meio de novas provações, terá que reparar e expiar aquelas faltas e progredir.

Será posto fora. Ouça o que tem ouvidos de ouvir. Na época em que, tendo de completar-se a regeneração humana, o vosso planeta só deva ser habitado por bons Espíritos, aquele que até então houver permanecido culpado, rebelde, será afastado e lançado nos mundos inferiores, onde irá expiar, durante séculos, sua obstinação no mal, sua voluntária cegueira.

Quanto ao mais, precisareis vós, espiritas, que vos

expliquemos a figura do sal da terra, da luz do mundo e da lâmpada que ninguém coloca, depois de acesa, debaixo do alqueire ou da cama, mas no candeeiro, para que os que entrem na casa vejam a luz e sejam alumiados?

As palavras de Jesus a esse respeito se aplicam a todos os tempos e a todos os homens que se tornam apóstolos de uma revelação para propagá-la pelo exemplo e pela palavra.

Sois hoje, para a nova revelação, "o sal da terra, a luz do mundo", como os discípulos do Cristo o foram para a revelação que ele trouxera com a palavra evangélica.

Será preciso que se vos diga: Recebestes a luz, porém não para vosso uso exclusivo; tendes que a repartir com os vossos irmãos, dando a cada um de acordo com as suas necessidades? Esclarecei-os, portanto; sede o facho portador dessa claridade bendita; agitai-o para que seus raios penetrem por toda a parte e todos sejam alumiados.

Referiam-se ao futuro estas palavras de Jesus:

"NADA há oculto que não venha a ser manifesto, NEM secreto que não venha a ser conhecido e a fazer-se público: ouçam os que têm ouvidos de ouvir."

Ele apropriava aos homens da época os ensinos que lhes dava e que eram sementes destinadas a frutificar no porvir. Seus discursos *velados* teriam que ser compreendidos pelas gerações porvindouras. Apenas alguns homens estavam então em condições de lhes apreender o sentido: os que não os tomaram ao pé *da letra,* que lhe procuraram *o espírito,* que compreenderam não ter tido Jesus por missão opor uma barreira à inteligência humana, traçando-lhe determinados limites, e sim abrir o espaço e o futuro diante dos Espíritos progressistas.

O Cristo falava *por figuras e símbolos,* porque a inteligência humana não dispunha ainda de força

bastante para suportar o peso das revelações que se ocultam *sob o véu daqueles símbolos e figuras*. Julgai-o por vós mesmos, que ainda agora vergais debaixo de tal peso.

Nada do que o homem deva saber permanecerá oculto e o homem chegou ao ponto em que a sua ciência terá que crescer rapidamente. Entretanto, não suponhais, tomados de orgulho, que vos acheis no momento da realização de todas as coisas. Vossos Espíritos estão ainda muito carregados de trevas. Ainda sois como as crianças inexperientes que imprudentemente se aproximam do fogo e se queimam de modo cruel. Tomai cuidado; vigiai-vos. Aquecei-vos na fornalha que Deus vos prepara, mas tende a prudência de Moisés. Não vos avizinheis demais da sarça ardente, que correríeis o risco de ser consumidos pelas chamas.

Paciência. Deus *prepara* grandes acontecimentos para a vossa regeneração. Aguardai-os seguindo a passo lento, mas sem desvio, a rota que vos traçamos. Conduzir-vos-emos ao ponto de onde parte a luz infinita, porém deixai que estendamos asas protetoras sobre os vossos olhos ainda muito fracos para lhe contemplarem os intensos raios.

Na consciência tendes o facho do vosso espírito, do vosso coração. Se ela for pura, tereis iluminados um e outro. Tudo neles será luminoso, pois que vos vereis assistidos, inspirados e protegidos pelos bons Espíritos. Se for impura, má a vossa consciência, de trevas se vos encherão o coração e o Espírito, visto que vos tomareis presas dos Espíritos do erro e da mentira, dos maus Espíritos.

Tomai sentido com a vossa consciência, a fim de que essa luz existente em vós não se transforme, para os vossos corações e Espíritos, em verdadeira treva pela impureza de ambos. Conservareis a paz entre vós, se ensinardes pelo exemplo o que pregais.

MATEUS, Cap. V, v. 17-19.

- LUCAS, Cap. XVI, v. 17

Jesus não veio destruir a lei, mas cumpri-la

MATEUS: V. 17. Não penseis que eu tenha vindo destruir a *lei* ou *os profetas:* não os vim destruir, mas cumprir. - 18. Porque em verdade vos digo que, enquanto o céu e a terra não passarem, nem um só iota, nem um só ápice da lei passarão, sem que esteja cumprido. - 19. Assim, aquele que violar qualquer destes menores mandamentos e ensinar os homens a violá-los será chamado o menor no reino dos céus; ao passo que aquele que os *guardar* e *ensinar* será chamado grande no reino dos céus.

LUCAS: V. 17. Será mais fácil que o céu e a terra passem, do que cair um sinal qualquer da lei.

N. 77. Jesus fala da lei e não dos *aditamentos* que lhe foram feitos, das *tradições* que lhe tomaram o lugar, das máximas e mandamentos *humanos,* dos dogmas que os homens decretaram e que, como frutos de suas interpretações, alteraram ou falsearam o sentido e a aplicação dela.

Dizendo que não viera abolir a lei, mas cumpri-la, o Cristo mostrava aos homens não ser a moral que lhes ele pregava diversa da que antes lhes haviam ensinado os enviados do Senhor, Espíritos em missão ou profetas. Mostrava que, *simplesmente,* tudo tem que seguir a marcha do progresso da Natureza.

A lei que até então fora dada aos homens lhes era proporcionada ao desenvolvimento. Trazia em *si uma promessa* a ser cumprida no futuro. Jesus veio cumpri-la e, *cumprindo* as *profecias,* profetizou por sua vez para os séculos vindouros. Hoje, manda o "consolador prometido", o anunciado "Espírito da Verdade" dar cumprimento às profecias por ele enunciadas.

Os Espíritos do Senhor vêm trazer aos homens a nova revelação, a que podeis chamar, como já vos dissemos, *"revelação da revelação",* e, por meio dela, clarear e desenvolver as inteligências, purificar os corações no crisol da ciência, da caridade e do amor.

Eles vos dizem, como disse Jesus outrora:

"Não penseis que tenhamos vindo destruir a lei e os profetas". Não; nada do que está na lei passará, porquanto a lei é o amor, que há de continuamente crescer, até que vos tenha levado ao trono eterno do Pai. Vimos lembrar, explicar, tornar compreensível *em espírito e verdade* - a doutrina moral, simples e sublime, do Mestre, os ensinos *velados* que ele transmitiu aos homens, as profecias *veladas* que fez durante a sua missão terrena. Não vimos destruir a lei e sim cumpri-la, escoimando a do Cristo das adições que lhe introduziram, das tradições que lhe tomaram o lugar, dos dogmas que, oriundos das interpretações humanas, lhe alteraram ou falsearam o sentido e a aplicação. Vimos *reintegrá-la* na verdade, estabelecer na Terra a unidade das crenças, convidar-vos e conduzir-vos a todos, abstraindo dos cultos exteriores que ainda vos dividem e separam, à fraternidade, pela prática da justiça, da caridade e do amor recíprocos e solidários.

O Espiritismo é a confirmação do Cristianismo, *não com o feitio que lhe deram os homens,* mas *tal como Jesus o instituiu* pela sua palavra evangélica, compreendida e praticada *em espírito e verdade.*

Ora, que é o Cristianismo *de Jesus* senão a *religião universal, que* há de *encerrar* todos os homens *num círculo único de amor e de caridade?*

Não, nem um só iota da lei deixará de ser cumprido, pois que a lei dos Hebreus foi o preâmbulo, a preliminar da do Cristo, e o Espiritismo, repetimos, é a confirmação, *o meio de cumprimento* integral desta última.

Aquele que violar um qualquer, mesmo dos menores, mandamentos da lei, que toda se resume no amor a Deus acima de tudo e ao próximo como a si mesmo; que implica a observância do Decálogo, a prática do amor para com todos, em toda parte e sempre, *esse será o ultimo no reino dos céus.* Quer dizer que esse, depois de sofrer a expiação na erraticidade, reencarnará conforme ao grau de culpabilidade, na Terra ou em outros planetas inferiores, a fim de reparar as faltas e progredir.

Aquele, porém, que *fizer e ensinar* o que a lei manda será *chamado "grande no reino dos céus",* isto é, se elevará, na medida do seu adiantamento moral, do progresso que houver realizado, aos planetas superiores, engrandecendo-se sempre pela humildade, pela ciência, pela caridade e pelo amor.

Aquele que recebeu o encargo de ensinar e não pratica o que ensina é culpado, não só do mal que fez, como também do mal que causou pela contradição entre seus atos e suas palavras.

Espíritas, não façais como os chefes das antigas sinagogas, como os escribas e fariseus de outrora, como os de hoje. Sereis muito culpados, pois que recebestes a luz para clarear os vossos e os passos dos vossos irmãos.

Deveis antes de tudo pregar pelo exemplo. Esta a *única* pregação que produz bons frutos. Lembrai-vos das palavras do Cristo: *"Eles vos colocam sobre os ombros pesado fardo, no qual não consentiriam em tocar sequer com a ponta do dedo".* Se quiserdes marchar segundo as leis do Senhor e chegar a ele, acompanhados gloriosamente por todos quantos houverdes resgatado, começai por tomar sobre os ombros o fardo que impondes aos outros; mostrai-lhes o meio de o tornarem leve e podereis então obrigá-los a que o carreguem. Tudo se reduz a isto: pregar sempre pelo exemplo, como Jesus pregava. Pregai, pois, assim; que

as vossas palavras nunca deixem de ser a conseqüência das vossas ações.

Os espíritas, antes de mais nada, devem praticar santamente e sinceramente a lei do amor que lhes cumpre ensinar. Para que as massas se deixem conduzir, faz-se mister compreendam o bem que podem auferir de um acontecimento qualquer. Demonstrai-lhes, conseguintemente, pelo vosso proceder, a submissão e o amor ao vosso Deus, o amor e a caridade, que praticamente consagrais aos vossos irmãos. Não vos citeis nunca como modelo - *sede-o.*

Usai de benevolência com os que repelem as vossas crenças, esperai que seus olhos se abram para a luz e a possam suportar.

Porventura, ao tirar a venda espessa que ocultava a claridade do dia ao cego, o oculista lhe consente contemplar imediatamente aquela claridade? Não; o doente ficaria ofuscado. Viva de mais para seus órgãos enfraquecidos, ela o faria mergulhar de novo numa profunda noite, da qual talvez não mais saísse.

Graduai, portanto, o brilho da verdade, para os olhos dos cegos morais, experimentai-os com prudência, lançai-lhes nos corações pouco a pouco a semente e esta germinará. Se os frutos que devam colher dela não amadurecerem sob as vossas vistas, um momento, entretanto, virá em que tais frutos lhes serão proveitosos. À hora da morte material, os vossos ensinamentos se lhes patentearão aos olhos e esplêndida luz os banhará. Tê-los-eis desse modo ajudado a transpor um passo dificílimo para a matéria. Não choqueis os incrédulos, não vos incomodeis com as zombarias, sede dignos e calmos na vossa fé, perseverantes nas boas obras. Lançai a semente, que ela encontrará a terra fértil e aí se arraigará. Cultivai-a então, cultivai-a com amor, para que um grão produza trinta, outro sessenta e outro cem. Assim será,

porque cada um dos que tiverdes conquistado para a *fé a* espalhará por sua *vez* em torno de si e, quais essas espigas maduras carregadas de grãos, cujas sementes o vento, sacudindo-as, dispersa em longa extensão, a verdade se espalhará e produzirá saborosos frutos.

MATEUS, Cap. V, v. 20-26

- *LUCAS,* Cap. XII, v. 54-59

Justiça abundante. - Palavra injuriosa.

Reconciliação.

MATEUS: V. *20.* Porque, eu vos digo que, se a vossa justiça não for mais abundante do que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no reino dos céus. - 21. Aprendestes o que foi dito aos antigos: “Não matarás e quem quer que mate será condenado no juízo." - 22. E eu vos digo que quem quer que se encha de cólera contra seu irmão será condenado no juízo; - que aquele que disser a seu irmão: *Raca,* será condenado no conselho; e quem disser: és um insensato, será condenado ao fogo da geena. - 23. Se pois, quando apresentares no altar a tua oferenda, te lembrares de que teu irmão tem qualquer coisa contra ti, - 24, deixa-a diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com ele; depois então vem fazer a tua oblata. - 25. Põe-te o mais depressa possível de acordo com o teu adversário, enquanto estás em caminho com ele, para não suceder que te entregue ao juiz, este ao ministro e que sejas metido na prisão. - 26. Em verdade te digo que daí não sairás enquanto não houveres pago até o último ceitil.

LUCAS: V. 54. E ele dizia ao povo: Assim vedes formar-se uma nuvem do lado do poente, dizeis: vem chuva e com efeito chove. - 55. Quando sopra vento do sul, dizeis que vai fazer calor e assim acontece. - 56. Hipócritas! Sabendo reconhecer o que pressagiam os aspectos do céu e da terra, como é que não reconheceis os tempos que correm? - 57. E porque, por vós mesmos, não reconheceis o que é justo? 58. Quando houveres de comparecer com o teu adversário perante o magistrado, trata de te livrares dele durante a viagem, para evitares que te leve ao juiz, que o juiz te entregue ao esbirro e que este te meta na prisão. - 59. Daí não sairás, eu te digo, enquanto não tiveres pago até o último ceitil.

N. 78. Estes versículos têm por objeto e por fim dar a compreender aos homens que lhes cumpre procurar distinguir sempre o que é justo, material e

moralmente, nas relações com seus irmãos. Estava prestes a chegar o tempo em que a justiça seria praticada por maneira diversa da de que usavam os escribas e os fariseus: sem orgulho e sem hipocrisia. Os versículos acima objetivavam ainda dar a compreender aos homens como devem obedecer aos mandamentos que lhes vem do Senhor: não passivamente, *abstendo-se* de cometer as faltas indicadas, *pelo temor do castigo,* mas praticando todas as virtudes que lhes são opostas demonstrando *amor, reconhecimento, submissão àquele que nos traçou a todos uma linha de conduta* para chegarmos *a ele. Bem*-aventurados os que a sabem seguir sem desvio algum.

Raca, - o juízo, - o conselho, - o fogo da geena - são expressões simbólicas. Deus julga o homem pelos seus atos. Se o homem não trata com indulgência, com brandura, o seu próximo, se o insulta, será punido por aquele que quer que todos se tratem como irmãos. As palavras - *conselho, geena* - são termos emblemáticos, destinados a tornar compreensível aos homens que as suas ações serão submetidas a um julgamento, que eles terão de sofrer o castigo que houverem merecido, castigo esse apropriado e proporcionado *à* falta cometida e acorde com a natureza e o grau da culpabilidade.

As palavras de Jesus constantes do v. 22 de Mateus são aplicáveis a todos os tempos e a todos os que infringirem a lei de amor universal. Certamente o espírita que a infringir será punido com maior severidade do que outro que ainda não viu a luz ou que, tendo-a visto, não ousou aceitá-la por escrúpulos de consciência, o que não constitui falta punível, ocasionando *apenas* um retardamento no progresso do Espírito, que aliás se verá suficientemente castigado pelo pesar que isso lhe causará.

As dos v. 23 e 24 de Mateus indicam, *primeiramente,* ao homem que deve usar de indulgência para com aquele que o ofendeu, indo estender-lhe a mão, a fim de o chamar a si. Indicam, *em seguida,* ao que cometeu *uma* falta, o dever de imediatamente procurar repará-la.

Fazei, portanto, o que o divino Mestre fez e faz todos os dias. Efetivamente, ele não vem a vós sem cessar, ele que em tudo é tão gravemente ofendido? Não estende continuamente os braços para vos receber? Não vos convida ao arrependimento por todos os meios possíveis? E não vedes muitas vezes multiplicarem-se seus benefícios a um que vos parece o mais indigno deles, unicamente com o fim de despertar o reconhecimento num coração ingrato e conquistá-lo?

Quanto às palavras do v. 25 do mesmo Evangelista, elas compõem imagens materiais destinadas a fazer que o homem compreenda a maneira por que deve proceder com seus irmãos, tendo em vista o juízo de Deus. Dai-vos pressa em perdoar aos vossos inimigos, em vos reconciliar com o vosso adversário, enquanto juntos percorreis, vós e ele, o caminho da vida, pois ignorais quando a morte vos virá deter os passos, para levar-vos à presença do soberano juiz, que lê nos corações e muitas vezes encontra aí o fermento de paixões más que não procurais descobrir. Reconciliai-vos, pois, com todos a quem houverdes ofendido e perdoai-lhes, como quereis, como precisais que o Pai celestial vos perdoe.

Disse Jesus: *"Daí não sairás, enquanto não tiveres pago até o último ceitil".* Deveis compreender bem estas palavras. O homem é o devedor de Deus, que lhe outorgou todas as coisas, para que delas fizesse bom uso. Ora, se o homem não pratica as virtudes que lhe são ensinadas, se repele seus irmãos, também será repelido. É uma conseqüência da lei de justiça e de amor na obra da eterna harmonia.

LUCAS, Cap. XIII, v. 1-5

Fazer penitência

V. 1. Por esse mesmo tempo vieram dizer a Jesus o que sucedera a uns Galileus cujo sangue Pilatos misturara com o do sacrifício que eles faziam. - 2. Jesus, em resposta, disse: Pensais acaso que esses Galileus, por terem sido tratados assim, fossem os maiores pecadores da Galiléia? - 3. Declaro-vos que não e que, se não fizerdes penitência, perecereis todos do mesmo modo. - 4. Acreditais igualmente que os dezoito homens sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou fossem mais devedores do que todos os habitantes de Jerusalém? - 5. Declaro-vos que não e que, se não fizerdes penitência, perecereis todos do mesmo modo.

N. 79. Para os JuDeus, as calamidades, as dores *morais,* os males físicos eram outras tantas provas de que a cólera de Deus pesava sobre a vítima e concluíam daí que esta era culpada. Jesus cuidou de destruir esse erro, sem entrar em explicações concernentes às existências anteriores, porque, segundo a crença que, meio apagada, ainda existia a esse respeito, a reencarnação só a alguns privilegiados era concedida, isto é, só alguns enviados extraordinários, almas de escol, obtinham o favor de reencarnar.

Acreditando na repetição da existência, criam, entretanto, os JuDeus que isso só se dava com os grandes missionários, como Elias, que eles reconheceram no precursor João.

A lei natural da reencarnação, indicada por Jesus *veladamente* no colóquio com Nicodemos, não podia ser explicada senão pela nova revelação, na época do Espiritismo, quando os homens se houvessem tornado capazes de recebê-la.

Essa revelação levanta agora o véu sob que a palavra evangélica abrigara aquela lei.

Jesus lembra aos que o ouvem que eles, como os outros, estão na Terra para expiar suas faltas, não unicamente as que lhes são conhecidas, mas *também* as ignoradas; que nem só os atingidos pelas desgraças merecem o labéu de culpados; que todos devem fazer uma introspecção e verificar se não mereceriam a mesma provação, o mesmo castigo.

LUCAS. Cap. XIII, v. 6-9

Parábola da figueira estéril

V.6. Disse-lhes também esta parábola: Um homem havia plantado uma figueira na sua vinha, e, vindo colher-lhe os frutos, nenhum achou. - 7. Disse então ao seu vinhateiro: há três anos que venho buscar os frutos dessa figueira e não acho nenhum; corta-a; porque há de estar ela ocupando a terra? - 8. O vinhateiro retrucou: Senhor, deixa-a mais este ano, a fim de que eu lavre a terra em torno dela e lhe ponha estrume. - 9. Depois, se der fruto, muito bem; se não, cortá-la-ás.

N.80. Claro é o espírito desta parábola. Ela exprime, emblematicamente, a longanimidade do Senhor e a benévola e dedicada intervenção dos Espíritos prepostos à vossa guarda, ao vosso progresso.

Aquele que, natureza ingrata e árida, que nenhum esforço é capaz de abrandar, deixa, rebelde às inspirações do seu anjo de guarda, escoar-se-lhe a existência terrena fora das vias do Senhor, sem dar os frutos que deviam decorrer das provações que escolhera, é, como a figueira, uma árvore má. Nada produzindo, mau grado aos cuidados do agricultor, aos auxílios da cultura e do estrume, tem que ser cortada, isto é, afastada do meio onde a sua existência só nociva seria. Depois de sofrer a expiação na erraticidade, pecador empedernido, insensível, volta, reencarnando em planetas inferiores, a retomar, mediante novas provações, a via da reparação, da expiação e do progresso numa nova existência, trazendo consigo a pena secreta da encarnação precedente.

Aquele, porém, que, afinal, abre o coração às inspirações dos bons Espíritos que o cercam, é como a figueira que, tardiamente embora, tira proveito da

cultura *a* que a submeteram e começa a produzir bons frutos. Não *mais* a *cortarão;* será apenas *mondada* e sustentada amorosamente pelos que lhe fortaleceram a seiva entorpecida. Dissemos: "será apenas *mondada",* porque aquele que se compenetra de seus erros é submetido às expiações necessárias à reparação deles: porém, não mais será relegado para meios inferiores, como sucede ao culpado insensível a tudo.

LUCAS, Cap. XIII, v. 10-13

Mulher doente, curvada

V, 10 Certo sábado em que Jesus ensinava numa das sinagogas deles, - 11, veio aí ter uma mulher possessa de um espírito de enfermidade que a tornara doente, havia dezoito anos. Tão curvada era, que absolutamente não podia olhar para cima. -1 2. Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: "Mulher, estás livre da tua doença." - 13. E, impondo-lhe as mãos, ela se endireitou no mesmo instante e rendeu graças a Deus.

N. 81. Os JuDeus atribuíam *a satanás,* isto é, aos Espíritos, tudo o que não podiam compreender, nem explicar. Daí o empregarem o termo possessão, falando das curas feitas por Jesus, quando o Mestre diz simplesmente - *doença.*

Notai bem: ao passo que, segundo o modo de ver dos homens, de acordo com as crenças hebraicas, *se diz* que a mulher tinha consigo um espírito de *doença,* de *enfermidade* - spiritum *infirmitatis,* Jesus o que lhe disse foi: "Estás livre da tua doença, da tua enfermidade - *ab infirmitate* tua" e lhe impôs as mãos, o que só fazia nos casos de curas *materiais,* em vez de intimar *ao Espírito* que se *afastasse,* como costumava fazer no caso de "possessão", isto é, de obsessão, de subjugação.

A mulher sofria de um amolecimento da medula espinhal e, portanto, de um enfraquecimento da coluna vertebral, onde a impossibilidade de empertigar-se.

A ação espírito-magnética exercida por Jesus restituiu ao órgão enfraquecido a força de que carecia e a mulher se endireitou.

Não pergunteis qual *a natureza dos* fluidos de que se serviu o Mestre para operar aquela cura, nem *quais eram as propriedades atuantes* desses fluidos. Para

que pudésseis perceber uma explicação a este respeito, fora mister conhecêsseis *a natureza* dos fluidos que vos cercam e seus efeitos e longe estais desse conhecimento.

Vem fora de propósito qualquer explanação sobre este ponto. Contentai-vos com o saber que houve ação espírito-magnética, isto é, ação do magnetismo espiritual que se alia à dos vossos próprios fluidos.

Todas as vezes que empregais com fé o magnetismo e visando *exclusivamente* obter alívio para a humanidade, vossos guias vos auxiliam, pela ação do magnetismo espiritual, *imperceptível para vós. E* esta ação mais se desenvolve, se lhes pedis com fervor a assistência.

Praticai com ardor, com perseverança e desinteresse esta ciência celeste que o Senhor vos confiou e também vós fareis, se vos dominarem a fraternidade e a abnegação, que se empertiguem os que se acham curvados, que os surdos ouçam e que os cegos vejam; também vós podereis cauterizar as chagas, sustar as perdas de sangue, fortalecer os fracos e endireitar os coxos. Não vos dizemos que a vossa vontade baste. Ainda vos não desprendestes suficientemente da matéria para que seja assim. Mas, a vossa perseverança, auxiliada pela assistência e pela intervenção ocultas de vossos guias, obterá *com o tempo* o que unicamente a vontade do Mestre conseguia *num instante.* Repetimos: não desprezeis o tesouro que o Senhor vos confiou. A prática *séria* e *perseverante* desenvolverá os vossos poderes. Praticai, pois, *com fé* e o Senhor abençoará os vossos esforços.

LUCAS. Cap. XIII, v. 14-17

O dia de sábado. - Culto do sábado

V. 14. O chefe da sinagoga, indignado por haver Jesus feito uma cura em dia de sábado, tomou a palavra e disse ao povo: "Há seis dias destinados ao trabalho, vinde num desses dias para serdes curados e não nos de sábado." - 15. O Senhor, respondendo, disse-lhe: "Hipócritas, qual de vós deixa de soltar o seu boi ou o seu jumento em dia de sábado, de o tirar do estábulo para lhe dar de beber? - 16. Porque então não se devia libertar em dia de sábado esta filha de Abraão dos laços com que satanás a teve presa durante dezoito anos?" - 17. Ouvindo-lhe estas palavras, seus adversários ficaram envergonhados e todo o povo se regozijava de o ver praticar gloriosamente tantas coisas.

N. 82. 0 sábado fora instituído por Moisés como medida contra os abusos do poder e o arbítrio.

Para que aqueles povos de coração endurecido o escutassem, preciso lhe era bater com violência. Essa a razão por que lhes impôs uma lei que os protegia contra si mesmos. Se assim não fora, os escravos teriam sucumbido ao jugo que suportavam. Nem sequer os animais houveram resistido a esse jugo.

Repetimos: aquela lei sábia e necessária tinha por objetivo evitar os abusos do poder, evitar que o mais forte, pelas exações, sacrificasse o mais fraco e mesmo os animais. O dia de sábado era, por isso, de repouso forçado, obrigatoriamente imposto até à avareza, à cupidez, que desse modo descansavam, dando tempo às suas vítimas de recobrarem alento.

Ao homem *material* - leis *materiais;* ao homem *inteligente* - leis *inteligentes.*

Disse Jesus: "0 sábado foi feito *para o homem* e não o homem *para o sábado"* (Marcos, cap. II, v. 27),

isto é, o sábado foi instituído para facilitar o repouso ao homem, para pôr freio aos seus excessos contra si mesmo e, principalmente, contra os outros. Era, pois, uma medida de proteção em seu próprio benefício. O sábado, conseguintemente, estava submetido *às necessidades* do homem e não este a uma observância *insensata* do sábado.

Repousai os vossos corpos dos trabalhos que os fatigam; mas, que os vossos corações nunca repousem, deixando de praticar o bem que lhes cumpre fazer.

Não vos admireis de que Jesus, operando *naquela mulher* uma cura *material,* a cura, como ele o declarou, *da sua doença, da sua enfermidade,* tenha dito, respondendo ao chefe da sinagoga: *"Porque não se devia libertar* em dia de sábado esta filha *de Abraão* dos laços com que satanás a teve presa durante dezoito anos?"

O Mestre, como sabeis, apropriava sempre sua linguagem às inteligências, às tradições, às crenças, aos preconceitos dos homens a quem falava, *afim* de ser compreendido e sobretudo escutado, reservando, todavia, *para o futuro,* a compreensão, *pelo espírito,* do verdadeiro sentido da *letra* de suas palavras.

Se Jesus dissera que apenas havia curado uma *enfermidade,* ninguém o acreditara. Daí vem que, dirigindo-se ao chefe da sinagoga e aos que o cercavam, emprega estas locuções habituais - "filha *de Abraã*o" e *"satanás".* Para não ferir as crenças, os preconceitos e para que o fato que acabava de se produzir fosse aceito, *disse-lhes:* "Porque não se devia libertar esta filha *de Abraão* dos laços com que *satanás* (significando aqui - *espírito de doença, de enfermidade) a* tinha presa havia dezoito anos?" Mas, ao mesmo tempo, *disse à* mulher: "Estás livre *da tua doença, da tua enfermidade".*

MATEUS, Cap. V, v. 27-30

Adultério no coração. - Extirpação de todos os maus pensamentos

V. 27. Aprendestes que aos antigos foi dito: Não cometerás adultério. - 28. E eu te digo que quem quer que olhe para uma mulher, cobiçando-a, já cometeu adultério no seu coração. - 29. Se o teu olho direito te for motivo de escândalo - arranca-o e atira-o longe de ti, porquanto melhor te é que pereça um dos membros do teu corpo do que ser todo este lançado na geena. - 30. Se a tua mão direita te for motivo de escândalo - corta-a e atira-a longe de ti, porquanto melhor te é que pereça um dos membros do teu corpo do que ir todo este para a geena.

N. 83. São simbólicas as palavras de Jesus constantes destes versículos; não devem ser tomadas no sentido que lhes é próprio. Têm uma acepção geral, visando fazer que os homens compreendam o dever que lhes corre de se absterem, não só de todas as más palavras, de todas as ações más, senão também de todos os maus pensamentos.

No que ele diz "do olho direito", "da mão direita", que forem para o homem "motivo de escândalo e de queda", só há imagens inteiramente materiais, adequadas aos espíritos da época, destinadas a impressionar fortemente a homens materiais.

Essas palavras do Mestre são o seguimento do que explicamos no n. 78. Não basta ao homem abster-se do mal, cumpre-lhe praticar o bem. Ora, para chegar a isso, é-lhe preciso destruir no seu eu tudo o que é mau e não olhar a sacrifício algum para purificar o seu coração. A falta cometida por pensamento, embora não exista para os seus semelhantes, é fal-

ta aos olhos puríssimos do Senhor que, no homem, só vê o *Espírito* e que dele se desvia se lhe descobre uma mancha.

A cobiça foi comparada ao adultério, por isso que é uma falta que o *Espírito* comete.

MATEUS, Cap. V, v. 31-37

- LUCAS, Cap. XVI, v. 18

Casamento. Juramento

MATEUS: V. 31. Também foi dito: Quem abandonar sua mulher dê-lhe carta de repúdio. - 32. Eu, porém, vos digo que quem repudiar sua mulher, a não ser por causa de adultério, a torna adúltera; e aquele que tomar a mulher repudiada por outro comete adultério. - 33. Ouvistes ainda que aos antigos foi dito: Não jurarás falso; mas cumprirás para com o Senhor os teus juramentos. - 34. Eu vos digo que não jureis de forma alguma: nem pelo céu, porque é o trono de Deus; - 35, nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei. - 36. Não jureis tampouco pela vossa cabeça, porque não podeis tornar branco ou preto um só de seus cabelos. -37. "Limitai-vos a dizer: sim, sim; não, não; pois o que passar disto procede do mal.

LUCAS: V. 18. Quem quer que deixe sua mulher e tome outra comete adultério; e quem quer que despose a que o marido abandonou comete adultério.

N. *84. 0* ensino de Jesus acerca do divórcio tinha por objetivo impedir que os homens multiplicassem, divorciando-se, o número de mulheres abandonadas sob os menores pretextos. Não é em vão que, embora *figuradamente,* as escrituras disseram ter feito Deus, no começo, um homem e uma mulher para origem da humanidade.

O homem não se deve nivelar ao bruto, considerando a mulher como - um meio. Deve compreender que, sendo também a mulher um Espirito criado pelo Senhor, Espírito em tudo igual ao seu, cumpre-lhe a ele suportar com ela todas as dores e alegrias da vida humana.

Se a mulher, pela sua constituição física, se mostra mais fraca e necessitada de uma certa proteção do homem, é que, no seio da humanidade, se faz mister haver sempre um motivo de caridade, de amparo do fraco pelo forte.

Por ser o homem levado muitas vezes a deixar a companheira que escolheu, não inculpeis as leis da Natureza, atribuí o fato às leis humanas, à vossa civilização que faz da união do homem e da mulher uma operação mercantil, quando devera ser a aproximação de dois Espíritos simpáticos, felizes de suportarem juntos as provações da humanidade.

Quando o homem se houver despojado dos maus instintos, quando compreender o *fim* exato da sua existência, não mais quererá a lei do divórcio.

Aguardai, pelo que toca as questões de que acabamos de falar, para terdes mais amplos esclarecimentos acerca do casamento, do adultério e do divórcio, as explicações que vos daremos mais tarde, incumbidos como estamos pelo Mestre de vo-las transmitir, quando tratarmos dos v. 1-9 do cap. XIX de Mateus e dos v. 1-12 do cap. X de Marcos.

Quanto às palavras de Jesus *relativas ao juramen*to, tinham por fim pôr termo ao abuso que dele faziam os Hebreus. O juramento é inútil para o homem de coração puro, pois nunca lhe virá o pensamento de negar ou faltar à sua palavra e Jesus falava aos que queriam e deviam caminhar nas sendas do Senhor. Mas, para o homem, tal como ainda é hoje, o juramento constitui um freio que a civilização lhe impõe. Todavia, quão poucos são os que o respeitam!

A obrigação do juramento desaparecerá das leis humanas, quando na Terra reinar o Espiritismo. Sim, quando os homens se tiverem despido das suas paixões más, quando estiver morto o *homem velho,* o homem novo, o homem nascido de Deus não precisará dizer mais do que: Sim, sim; não, não.

Ainda vos achais, porém, muito longe desses tempos felizes.

MATEUS, Cap. V, v. 38-42

- LUCAS, Cap. VI, v. 29-30

Paciência. - Abnegação, caridade moral e material.

MATEUS: V. 38. Sabeis que foi dito: *olho por olho e dente por dente. - 39.* Eu, porém, vos digo que não oponhais resistência ao que vos queira fazer mal; que, ao contrário, se alguém vos bater na face direita, lhe apresenteis a outra; - 40, e, àquele que quiser demandar convosco em juízo para vos tomar a túnica, entregai também a vossa capa. - 41. E se algum vos forçar a caminhar mil passos, caminhai com ele mais dois mil. - 42. Dai a quem vos pedir e não volteis as costas a quem vos queira solicitar um empréstimo.

LUCAS: V. 29. Se alguém te bater numa face, apresenta-lhe a outra; se alguém te tirar a capa, não o impeças de levar também a túnica. - 30. Dá a todo o que pedir; e ao que te tomar os teus bens não os reclames.

N. 85. O sentido destas palavras, apreciadas *segundo o espírito* e não *segundo a letra,* se torna claro, desde que, de *um lado,* nos reportemos à época em que o Mestre desempenhava a sua missão e tenhamos em conta os homens a quem falava; e, *de outro lado,* consideremos o objetivo daquela missão, toda de abnegação, de devotamento, de caridade e de amor, objetivo que consistia em espalhar ele, como espalhou, doutrinando e exemplificando, as sementes que haviam de frutificar no momento e no futuro.

Os preceitos da lei antiga eram de molde a *atemorizar* homens que se não deixavam conduzir senão *pelo temor,* homens cujas naturezas violentas não podiam submeter-se a uma lei cheia de doçura.

Para que os direitos individuais fossem respeitados, era indispensável que cada um estivesse bem convencido de que, como castigo, sofreria tanto ou mais do que fizera sofrer a seu irmão.

A lei do Cristo, contrariamente, põe em relevo o amor e a abnegação que todo homem deve confessar, não só para com os seus, para com os que lhe são parentes ou amigos, mas até para com os que lhe querem mal e procuram prejudicá-lo. Obedecei a essa lei admirável. Tudo se resume nisso.

O ensinamento contido nestas palavras: "Sabeis que aos antigos foi dito - *olho por olho e dente por dente;* eu, porém, vos digo que não oponhais resistência ao mal que vos queiram fazer; que, ao contrário, se alguém vos bater numa face lhe apresenteis a outra", *se resume* em que o homem deve pregar pelo exemplo a doçura e a resignação; que deve, antes de se revoltar contra a injúria, lançar mão de todos os meios para atrair a si aquele que o injuria; que deve mesmo pôr de parte todo o orgulho e humilhar-se, sendo preciso, para reconduzir ao caminho do amor aquele que do amor se afasta; que não deve fazer justiça nunca por si mesmo, qualquer que seja a gravidade da injúria ou da ofensa. O orgulho humano se revolta contra isso, mas Jesus vos deu um sublime exemplo de humildade, ele que em consciência *não podia dizer:* "O mal que experimento, eu o pratiquei ou poderia praticar". Puro e inocente no mais alto grau, suportou o ultraje, cuidando de esclarecer os que o ultrajavam. Eis ai a lição que deveis tirar daquelas palavras.

Convindo que tudo seja apropriado aos tempos e às inteligências, conservai as leis que vos regem, as quais, embora ainda imperfeitas, espiritualmente falando, são necessárias à manutenção da vossa segurança.

Deixai que as leis sejam executadas, quando houverdes inutilmente empregado os meios que a caridade vos faculta para encaminhar os que se tenham afastado dela e do amor, injuriando-vos ou prejudicando os vossos interesses humanos.

Dizendo: "Aquele que quiser demandar convosco em juízo para vos tomar a túnica, entregai também a vossa capa; se alguém vos tirar a capa, não o impeçais de levar também a vossa túnica", procura Jesus mostrar aos homens que a boa vontade demonstrada a um irmão culpado pode servir para a sua correção.

Certamente, ninguém imaginará que Jesus tenha pretendido animar o roubo ou a violência, prescrevendo que o homem ceda a um ou a outra, que vá mesmo ao encontro das extorsões. Mas, bem sabeis que, para atingir inteligências obtusas, é preciso bater violentamente. Assim, o Mestre teve de figurar exemplos *tais* de amor e de abnegação que, procurando seguir-lhe, ainda que de longe, os preceitos, os que o ouviam enveredassem pelo caminho do bem.

Bastante compreensível vos deve ser o sentido receber e destas palavras:

"Com aquele que vos forçar a caminhar mil passos, caminhai mais dois mil".

Não recuseis nunca atender a um desejo do vosso irmão, em vos sendo possível. Não só não lho recuseis, como ainda adiantai-vos e ultrapassai, cativando-o, os limites por ele próprio traçados à vossa bondade ou à vossa obsequiosidade. Não vos contenteis com o prestar o serviço pedido, tratai de ver se não há uma necessidade maior por detrás do que se vos pede. Estudai os desejos do vosso irmão, suas precisões e prestai-lhe os favores que quereríeis ele vos prestasse, se estivésseis no seu lugar. Compreendei toda a delicadeza do obséquio feito, quando se não ousou vo-lo solicitar.

Não menos compreensível vos deve ser o sentido caridoso, moral e materialmente falando, destas outras palavras do Mestre: "Dai a quem vos pedir e não volteis as costas a quem vos queira solicitar um empréstimo".

Não negueis a esmola da vossa bolsa, do vosso coração, ou da vossa inteligência, na medida da vossa capacidade.

Não cuideis de despojar os que de vós hajam obtido alguma coisa, ainda quando tenham, para obtê-la, usado de meios vergonhosos, mesmo da violência. Tratai, ao contrário, de fazer com que o que vos foi tirado redunde em proveito de quem o tirou, em proveito do seu adiantamento moral, testemunhando-lhe vós doçura, boa vontade, propósito de lhe ser útil, apesar dos maus processos adotados, sempre, porém, dentro dos limites que vos traçarem a inteligência e o coração. Jamais alenteis o vício: antes esforçai-vos por desviar dele o vosso irmão, utilizando-vos dos meios que o Cristo indicou.

No estado atual da sociedade humana, no ponto em que ela se acha de adiantamento moral, inegáveis são, em bem da segurança da ordem pública e social, o dever, a necessidade da resistência, pelos meios legais, pelos que as leis e a justiça humana prescrevem, à injustiça, ao ultraje e à espoliação, a fim de impedir que um irmão, por atos criminosos, delituosos, pratique o mal, sucumbindo nas suas provas, ou a fim de trazer um irmão, que desse modo pratica o mal, à condição de não mais falir futuramente. *Da parte dos homens,* porém, o castigo e a pena devem *ter por fim,* como têm da parte de Deus, a *melhoria moral do culpado e seu progresso.*

Cristãos, espíritas de naturezas privilegiadas, seguindo os exemplos dados pelo divino Mestre e esforçando-se por lhe palmilharem as pegadas, podem, individualmente e excepcionalmente, pôr em prática, desde agora, como lições e exemplos que, através dos séculos, frutificarão no futuro, esses preceitos evangélicos de humildade, de abnegação, de renúncia, de caridade e de amor, com o fim e a esperança de

melhorar os bons, de obrigar os maus a refletirem envergonhados.

Compreendei, oh! homens! a lei divina e compreendereis o valor de tais preceitos. Ainda não vos é dado pô-los em prática, vossas leis são apropriadas às necessidades da sociedade humana. Dia, porém, virá em que Deus será o único juiz digno de sentenciar nas contendas entre os homens, em que o tribunal de Deus será o único ao qual tudo se achará sujeito.

Sim, dia virá em que a consciência do homem estará nas condições que lhe permitam apreciar o seu próprio proceder e os seus sentimentos, vendo claro dentro de si. Deus, seu único guia, lhe falará e o julgará. Ele ouvirá então essa voz sublime, tantas vezes desatendida, a da consciência, e não praticará mais nenhum ato sem a consultar previamente. Mas, ainda vos encontrais muito distantes desses tempos felizes, nos quais caminhareis, *em verdade e em amor,* sob as vistas do vosso Pai.

Não chegastes ainda à época da execução dos Evangelhos como Moisés não chegara, do mesmo modo que os profetas de Israel, à do cumprimento da moral que lei de Deus. Esperai a revolução moral que começa pelo advento da era predita do Espiritismo, a qual se inicia com a nova revelação. Aguardai-lhe os efeitos. Se não os puderdes observar com os olhos do corpo, ser-vos-á dado acompanhá-los em espírito e trabalhar com mais eficácia pela realização de todas as palavras de Jesus.

N. 86. A época da execução dos Evangelhos, de todas as palavras de Jesus, será aquela em que, com o tempo e as reencarnações sucessivas dos Espíritos culpados, com o concurso dos Espíritos encarnados em missão e mediante a influência oculta e incessante dos Espíritos do Senhor, a Terra se encontrará iluminada totalmente pelo Espiritismo e pela ação sempre progressiva da

nova revelação; em que o nosso mundo se *terá tornado,* feita a separação dos maus e dos bons, dos *bodes* e das *ovelhas,* retirados para planetas inferiores os Espíritos até *então* culpados e rebeldes, morada *exclusiva* de Espíritos bons, morada de paz e de felicidade?

Sim, será ao tempo em que o homem houver despido suas *vestes impuras* e revestido a túnica da inocência que amorosamente lhe tecemos.

N.87. Para que se executem os Evangelhos e todas as palavras de Jesus, a revolução moral, lenta e sempre progressiva, será acompanhada de uma revolução física, também lenta e sempre progressiva, que atinja a humanidade pelo surto de novas raças trazendo corpos diferentes dos nossos, cada vez menos materiais e depois fluídicos, e que atinja igualmente todos os reinos da Natureza e a constituição do nosso globo?

A revolução física que se há de operar *acordemente* com a revolução moral (mostrá-lo-emos *e* explicaremos quando chegar a ocasião) foi predita por Jesus durante a sua missão terrena. Essa predição se encontra velada na sua palavra evangélica e na revelação feita a João na ilha de Patmos.

O progresso físico se realizará ao mesmo tempo que o progresso moral. As necessidades da Natureza mudarão, quando as da alma se houverem depurado. E pouco a pouco, por uma transição que vos será difícil apreciar, a constituição física do planeta, que já se modificou e transformou progressivamente, como o atestam as fases geológicas já percorridas, se irá apurando, melhorando gradualmente, tornando-o asilo *apropriado* a Espíritos libertos de todos os vícios, de todas as fraquezas.

Do mesmo passo que o homem, também se empenharão nessa marcha ascendente pela via do progresso os animais, os vegetais, os seres de todos os reinos da Natureza, a fim de que a harmonia se mantenha no planeta.

Já podeis verificar que os animais tidos por ferozes ou indomáveis começam a submeter-se ao jugo do homem. É um encaminhamento. Tudo tem que tomar parte nessa ascensão para o bem, que, todavia, será longa e penosa. Poupai, portanto, as vossas forças. Concentrai-as, a fim de atingirdes a meta e poderdes repousar felizes no seio amoroso do Senhor, isto é, concorrer, na medida da vossa elevação moral e intelectual, para a execução de suas vontades e de suas obras, na vida e na harmonia universais.

N.88. Estas palavras da lei antiga - "olho *por olho, dente por dente"* - não se aplicam, *despojado da letra* o *espírito,* entendidas em espírito e verdade, à justiça de Deus, da qual *veladamente* fala o Antigo Testamento, como a se exercer segundo a lei de talião sobre o Espírito culpado, para sua purificação e seu progresso, *primeiro,* mediante a expiação na erraticidade, por sofrimentos ou torturas morais apropriados e proporcionados às faltas ou crimes cometidos, *depois,* mediante a reencarnação, para novas provações?

Sim, certamente. Todos os fatos referidos no Antigo Testamento têm um caráter alegórico, que reconhecereis adiantando-vos na ciência espirita.

MATEUS, Cap. V, v. 43-48. -LUCAS, Cap. VI, v. 27-28 e 32-36

Amar os inimigos. - Amor e caridade para com todos. - Via da perfeição

MATEUS: V. 43. Tendes ouvido que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarias o teu inimigo. - 44. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; orai pelos que vos perseguem e caluniam, - 45, a fim de serdes filhos de vosso Pai - que está nos céus - que faz nascer seu sol sobre os bons e sobre os maus - e faz chover sobre os justos e sobre os injustos. - 46. Porque, se só amardes os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem o mesmo os publicanos? - 47. Se somente saudardes os vossos irmãos, que é o que com isso fazeis mais do que os outros? Não fazem o mesmo os gentios? - 48. Sede, pois, perfeitos como é perfeito vosso Pai Celestial.

LUCAS: V. 27. Mas, digo eu a todos vós que me escutais: amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; - 28, abençoai os que vos amaldiçoam; orai pelos que vos caluniam. -32. Se não amardes senão os que vos amam, que mérito tereis, uma vez que os pecadores também amam os que os amam? - 33. Se só fizerdes o bem aos que bem vos fazem, que mérito tereis, uma vez que os pecadores procedem do mesmo modo? - 34. Se só emprestardes àqueles de quem esperais receber, que mérito tereis, uma vez que os pecadores também emprestam a pecadores, contando receber outro tanto? - 35. Amai, portanto, os vossos inimigos; fazei bem a todos e emprestai sem esperar pagamento. Vossa recompensa então será muito grande e sereis filhos do Altíssimo, que é benevolente para com os ingratos e os maus. - 36. Sede, pois, misericordiosos como vosso Pai é misericordioso.

N. 89. Praticai a lei do amor e da caridade, sempre e em toda parte, para com todos, conhecidos e desconhecidos, amigos e inimigos.

Nisto se resume o ensinamento acima, porquanto a observância da lei de amor e caridade implica a prática de todas as virtudes e de todos os deveres.

Pois que Deus concede os benefícios da Natureza à humanidade toda, porque há de o homem negar-se a dividir com seus irmãos o que recebe do pai comum?

Julgar - só a Deus cabe, porque só o seu julgamento é íntegro e isento das preocupações interesseiras que tantas vezes poluem os vossos. Sede, conseguintemente, bons para com todos os vossos irmãos e deixai a Deus o encargo de julgar os que de suas mãos saíram e cujos corações e pensamentos só ele sonda.

Nada façais nunca tendo em vista *apenas* a recompensa. Vossas ações, quaisquer que sejam, devem subordinar-se tão-somente ao amor do dever, ao amor e ao reconhecimento a Deus. Se elas não forem mais do que um empréstimo feito a Deus, objetivando *unicamente* a recompensa que ele vos queira dar, estareis, oh! homens que podeis tão pouco, praticando *a usura* com a eternidade. E, enquanto vos mantiverdes sob a influência desse sentimento e egoísmo, não sereis *filhos do Altíssimo.* A *recompensa,* ele não a defere senão aos atos que, pelo coração e pelo pensamento, são fruto do desinteresse e do amor.

A vossa fraqueza se assusta e o vosso orgulho se revolta ante estas palavras do Mestre: *Amai os vossos inimigos".*

Para se praticar este amor não basta a isenção de ódio, de rancor, de desejo de vingança contra os inimigos, não basta a abstenção de *palavras,* de atos, de tudo o que lhes possa ser nocivo ou desagradável, não basta perdoar-lhes e esquecer o mal que fizeram ou fazem. É preciso pagar-lhes, em tudo, por toda parte e sempre, o mal com o bem, por todos os meios, sob todas as formas e em todas as circunstâncias, *com sinceridade* no pensamento e no coração. É preciso trabalhar assim sem cessar por conquistá-los. É

preciso que, *sinceramente* e possuídos do *sentimento do amor universal,* que deve de continuo crescer no coração do homem, que o aproxima cada vez mais de Deus, façais o bem aos que vos odeiam. É preciso que, não com os lábios, mas com o coração, abençoeis os que vos amaldiçoam, oreis pelos que vos perseguem ou caluniam.

Aquele que, *desse modo,* faz o bem, abençoa e ora, esse tem o sentimento e está na posse do amor aos inimigos.

Tratai, pois, de vos libertar das influências da matéria pela prática da lei do amor e da caridade, pela prece, e vereis cada vez mais desenvolver-se em vós, sob a influência e a ação da vossa depuração moral, a bondade, a misericórdia, a beneficência de que usa o vosso pai para com os ingratos, os justos e os injustos, os bons e os maus.

Jesus disse: *Sede perfeitos como o vosso pai celestial é perfeito.* Quer isto dizer: exercei, praticai *com sinceridade* todas as virtudes que vos são ensinadas para vos conduzirem àquele que é perfeito.

O Espiritismo, pela nova revelação, pela *revelação da revelação,* terceira e última explosão da bondade de Deus para com os homens, é a luz que vos deve clarear a marcha, que dará vista aos cegos. Não a repilais. Submetendo-vos *cordialmente* à prática dos ensinos que vos traz essa nova revelação, por intermédio dos Espíritos do Senhor, os quais vos vêm explicar e tornar compreensíveis as palavras evangélicas de Jesus e inspirar a prática *sincera, esclarecida e completa* delas, alcançareis o objetivo que se vos propõe. O caminho será longo, tortuoso, cheio de escolhos e dificuldades, mas finaliza num sítio pleno de delícias e claridades.

MATEUS, Cap. VI, v. 1-4

Humildade e desinteresse. - Segredo na prática das boas obras

V. 1. Tende cuidado em não praticar as boas obras diante dos homens para que vos vejam; do contrário, recompensa não recebereis do vosso Pai que está nos céus. - 2. Quando, pois, derdes a esmola, não mandeis tocar trombeta à vossa frente, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas praças públicas para serem honrados pelos outros homens. Em verdade vos digo: esses já receberam a sua recompensa. - 3. Quando derdes a esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a direita, - 4, a fim de que a esmola fique secreta; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará.

N. 90. De nenhuma explicação precisam estas palavras. Todos deveis compreendê-las.

Praticai o bem pelo dever de praticá-lo e não visando os elogios humanos. Não procureis sequer o proveito espiritual que possais tirar das vossas obras. Esforçai-vos por seguir os passos de Jesus, que nada tinha a ganhar dedicando-se aos homens, que foi bom e caridoso no máximo grau, objetivando unicamente ser bom e útil a homens que tampouco o mereciam!

Procedei sempre assim. Evitai os elogios humanos. Eles *quase* sempre *trazem um veneno sutil que,* cedo ou tarde, *produz devastações no coração de quem os recebeu com prazer.*

Buscai *somente* os aplausos da vossa consciência e, quando ela vos disser no intimo - está bem, ide, cheios de alegria, agradecer ao pai celestial o ter-vos concedido meios de obter a sua aprovação. Quanto à recompensa, esperai-a do seu amor. Os Espíritos bem-aventurados vos dirão o que ela é.

Que nunca a vossa mão esquerda saiba o que faz a direita, isto é, praticai *em segredo* tanto a caridade *material* como a caridade *moral,* com todas as habilidades da inteligência e todas as delicadezas do coração, tendo por sentimentos exclusivos o *desinteresse,* a *sinceridade,* a *humildade,* o *devotamento* e o *amor.*

Segundo o espírito, no pensamento de Jesus, essa palavra esmola, que entre vós tem um sentido humilhante, significa caridade *material* e caridade *moral.*

MATEUS, Cap. VI, v. 5-15.

- LUCAS, Cap. XI, v. 1-4

Prece - O Pai Nosso

MATEUS: V.5. Do mesmo modo, quando orardes, não façais como os hipócritas que gostam de orar de pé nas sinagogas e nos cantos das praças públicas para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. 6. Quando quiserdes orar, *entrai para* o vosso *aposento e, fechada* a porta, orai a vosso pai *em segredo;* e vosso Pai, que vê o que se passa *em segredo,* vos recompensará. - 7. Quando orardes, não faleis muito como fazem os gentios, imaginando que serão escutados por muito falarem. 8. Não vos assemelheis a eles, porquanto vosso Pai sabe do que precisais antes de lho pedirdes. - 9. Orai assim: Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome; - 10, venha a nós o teu reino; - faça-se a tua vontade, tanto na terra como no céu; -11. dá-nos hoje o nosso pão que está acima de qualquer substância; - 12, perdoa as nossas dívidas, como perdoamos aos nossos devedores; - 13, e não nos abandones à tentação; mas, livra-nos do mal, assim seja. 14. Porque, se perdoardes aos homens as faltas que cometam contra vós, também o Pai celestial perdoará as vossas. - 15. Se, porém, não perdoardes aos homens, vosso Pai não vos perdoará os pecados.

LUCAS: V. 1. E sucedeu que, tendo estado a orar em certo lugar, quando acabou, um de seus discípulos lhe disse: Senhor, ensina-nos a orar, assim como João ensinou a seus discípulos. - 2. Disse-lhes ele então: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o teu nome, que o teu reino venha; - 3, dá-nos hoje o pão de cada dia - 4, perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos devem e não nos deixes entregues à tentação.

N. 91. As explicações quanto à prece são idênticas como deve ser às que demos sobre a esmola: nada nunca façais *tendo em vista* obter a aprovação dos homens; tudo fazei *procurando* unicamente render ao Senhor as home-

nagens que lhe são devidas e que consistem simplesmente na observância *sincera e desinteressada* das leis do amor e da caridade, que ele vos impôs.

Prescrevendo o *segredo,* o silêncio e o recolhimento para a prece como para a esmola, proibindo a multiplicação das palavras, Jesus proscrevia, de então e de futuro, as pompas e as cerimônias exteriores e as orações longas, pronunciadas pelos lábios, mas não saídas do coração.

Repitamos juntos, oh! bem-amados, a prece que o Mestre formulou para os homens, a fim de vos fazermos compreender, *em espírito,* o sentido e o alcance que ela tem.

Pai nosso: - nosso Criador, de quem todos provimos; - *que estás nos céus:* - que estás tão acima de todas as criaturas humanas, tão elevado, que tens por morada o infinito, dentro do qual não te podem descobrir os nossos olhos impuros.

Santificado seja o teu nome: - que cada uma das tuas criaturas te bendiga o nome; - que, por seus atos e pensamentos, todas demonstrem até que ponto honram a poderosa fonte donde provieram; - que em seus corações nada exista capaz de ofender aquele que é a pureza absoluta.

Venha o teu reino: - que todos os homens se submetam à tua lei; - que todos conheçam e abençoem o manancial donde tiraram a existência.

A tua vontade seja feita assim na terra como no céu: - que todos os homens, submissos às leis imutáveis que lhes impuseste, as pratiquem com amor, com reconhecimento, tendo por escopo honrar-te e glorificar-te, do mesmo modo que os Espíritos bem-aventurados se submetem às tuas vontades sublimes, felizes por serem delas humildes instrumentos e executores.

Dá-nos hoje o pão de cada dia, pão que está acima de qualquer substância: - concede-nos,

Senhor, cada dia, os alimentos necessários à existência material que nos deste; - que esses alimentos não nos proporcionem mais do que o sustento preciso, sem contribuírem de maneira alguma para alentar os nossos apetites grosseiros; - faze, Senhor, que, sustentados por esse alimento passageiro, possamos implorar eficazmente e receber o pão de vida, único que nos levará aos pés da tua eternidade.

Perdoa as nossas dívidas como perdoamos aos nossos devedores: - que a tua bondade se estenda por sobre nós, criaturas ínfimas, sempre rebeladas contra as tuas sublimes vontades; - perdoa-nos a nós que tantas vezes temos falido e falimos a cada segundo da nossa vida; - que a tua misericórdia se derrame sobre nós, Senhor. Mas, como o amor e o perdão são lei na nossa existência, se deixarmos de a praticar, que a tua justiça se exerça sobre nós, pois nos disseste, pela boca do teu celeste enviado, nosso Mestre, governador e protetor do nosso planeta: *"Amai os vossos inimigos; fazei bem aos que vos odeiam; abençoai os que vos amaldiçoam". É* atentando nestas palavras que te pedimos, pai de justiça, uses de represálias conosco e nos perdoes se também perdoarmos aos nossos irmãos suas faltas.

E não nos deixeis entregues à tentação: - dá-nos, bom Deus, força para resistirmos aos maus instintos da nossa natureza tão má; - fortalece-nos a coragem, revigora-nos as energias tantas vezes abatidas; - que o teu pensamento erga permanente e intransponível barreira entre o pecado que tanto te desagrada e os teus servos indignos, mas desejosos de merecerem as tuas graças, a fim de que possamos levar a cabo as nossas provações terrenas, sem fraquezas nem des-falecimentos.

Livra-nos do espírito do mal: - permite, Senhor, que, cercados pelos bons Espíritos, submissos a seus

conselhos, inspirações e ensinamentos, consigamos, pela pureza dos nossos corações, afastar os maus Espíritos, que tentam incessantemente apoderar-se de nós e que tão frequentemente nos arrastam para o mau caminho; - livra-nos, Senhor, das suas perniciosas influências e concede-nos a graça de os reconduzirmos a ti, por meio dos nossos conselhos, pelo exemplo moral que colherem dos nossos atos e pensamentos e por nossas preces.

Assim seja, pois que te pertencem o *reinado, o poder e a glória:* - só tu, Senhor, és grande, pois que estás acima de tudo; és o único criador de tudo que se move no espaço infinito, és onipotente na imensidade, és nosso juiz supremo, nosso soberano, nosso rei bem-amado; - a ti as homenagens dos nossos corações, a ti os nossos cânticos eternos; - faze, Senhor, que bem cedo nos seja dado unir nossas vozes ás dos Espíritos bem-aventurados que celebram a tua glória, a tua grandeza e, sobretudo, a tua bondade infinita; - é este, oh! pai nosso, o voto que ousa exprimir aos teus pés o mais humilde dos teus filhos.

Meditai, amados irmãos, sobre este ensinamento que, em nome e da parte do Cristo, Espírito da Verdade, vos acabamos de dar acerca da oração dominical. Estudai com o coração tudo quanto esta sublime prece inspira ao homem para se manter no bom caminho, desenvolvendo e fortificando os verdadeiros sentimentos do dever para com Deus, para com os seus irmãos e para consigo mesmo. Estudai com o coração tudo que ela encerra de amor, de reconhecimento e de submissão àquele que, desde toda a eternidade, foi, é e será Deus de bondade, de perfeições absolutas e infinitas. Que ele, o Deus de amor, vos abençoe.

Mateus, Marcos, Lucas e João

Assistidos pelos Apóstolos.

MATEUS: Cap. VI, v. 16-18

Jejum

V. 16. Quando jejuardes, não vos ponhais tristes como os hipócritas, que desfiguram o semblante para que os homens vejam que eles estão jejuando. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. - 17. Vós, quando jejuardes, perfumai a cabeça e lavai o rosto, - 18, a fim de que o vosso jejum não seja visível aos olhos dos homens e Sim aos do vosso Pai, que tem presente a si o que haja de mais secreto; e vosso Pai, que vê o que se passa em segredo, vos recompensará.

N. 92. 0 jejum era, entre os Hebreus, um costume material e físico. As palavras de Jesus tinham por fim evitar que esse jejum constituísse, para os que o praticavam, meio e ocasião de hipocrisia ou de orgulho, pois o que é feito *com o intuito* de chamar a atenção e obter a aprovação dos homens perde, aos olhos de Deus, o mérito que uma intenção pura lhe houvera dado.

Não tomeis aqui o termo *jejum* em sentido material, *segundo a letra,* e sim em sentido simbólico, *segundo* o *espírito.*

Quando praticardes um ato qualquer, *tendo em vista* agradar a Deus, prestar a homenagem que lhe é devida - quando vos sujeitardes a uma privação qualquer, capaz de mortificar os vossos instintos animais, não o façais de maneira que os homens vejam e vos louvem. Qual seria, do contrário, o vosso merecimento perante Deus?

Compreendei bem o sentido das nossas palavras, quando falamos *de uma privação qualquer capaz de mortificar os vossos instintos animais e a que* vos submetêsseis tendo em vista *agradar a Deus.*

Não dizemos que vos imponhais privações e macerações atentatórias da vida animal, mas que não destroem nada do que há de mau no *Espírito.*

Na medida do que lhe é necessário, deve o homem, com frugalidade, temperança e sobriedade, usar da alimentação humana e de tudo o que for higiênico para conservar a saúde e as forças precisas ao cumprimento da lei do trabalho e de todos os seus deveres.

Não vos inflijais, portanto, privações, que serão totalmente *inúteis,* pois que não servirão *nem* a vos purificar o Espírito, *nem* a aliviar os vossos irmãos. Aos olhos de Deus, só são *úteis* e *sérias* as privações que aproveitem aos vossos semelhantes.

Se vos privardes de alguma coisa, que seja em proveito dos outros, por sentimento e propósito de caridade. Tirai do que vos é necessário, mas para dá-lo aos que precisam. Mortificai os vossos instintos animais, privando-vos de todos os gozos *inúteis* ou *supérfluos;* não vos entregando a excessos de espécie alguma.

Vossa alma, eis o que tendes de salvar, o que tendes de purificar. Limpai-a, pois, de suas faltas; cobri-a com um cilício mortífero; depurai-a por todos os meios que a razão vos indicar. Ocupai-vos com ela e que as privações corporais que vos impuserdes sejam apenas um modo de deter as vossas tendências para os excessos, ou de dar o necessário aos que o não têm.

Sois Espíritos ainda muito decaídos. Cuidai do vosso Espírito para que, da herança, ele *reconquiste a* parte *de que se haja privado.* Convirjam todos os vossos esforços para libertá-lo, desde a atual existência humana, dos laços que o prendem ao bruto. Nada, porém. de excessos, quer se trate *do Espírito,* quer *do corpo*

MATEUS, Cap. VI, v. 19-23

- LUCAS, Cap. XII, v. 32-34

Desprendimento das coisas terrenas. - Não procureis senão o que, pela caridade, vos aproxima de Deus. - Coração puro, único e verdadeiro tesouro

MATEUS: V. 19. Não queirais acumular tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças os destroem, onde os ladrões os desenterram e roubam. - 20. Preparai-vos tesouros no céu, onde não há ferrugem nem traças que os possam destruir, onde não há ladrões que os desenterrem e roubem. - 21. Porquanto, onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. - 22. Vosso olho é a lâmpada do vosso corpo; se vosso olho for simples, todo o vosso corpo será luminoso. -23. Mas, se vosso olho for mau, todo o vosso corpo é tenebroso. Se, pois, a luz que está em vós não for senão trevas, quão grandes não serão essas mesmas trevas!

LUCAS: V. 32. Pequenino rebanho, não temais, porquanto aprouve ao Pai dar-vos o seu reino. - 33. Vendei o que possuís e distribuí-o em esmolas. Provei-vos de bolsas que o tempo não estrague; amontoai, no céu, um tesouro que não se esgota nunca, do qual o ladrão não se aproxima e que as traças não roem. - 34. Pois que, onde estiver o vosso tesouro, ai estará também o vosso coração.

N. 93. Aqui tendes novas imagens materiais. Buscai-lhes *o espírito* e encontrareis o sentido verdadeiro e todo o alcance do pensamento de Jesus.

Não procureis o que possa fazer a felicidade do homem na Terra, quando isso estiver em oposição à felicidade do Espírito na imensidade. Não procureis com ardor senão o que vos possa aproximar de Deus. A todos os vossos atos humanos deve presidir a idéia

de que não sois deste mundo, de que, estando nele apenas como viajantes transviados, tendes que suportar da melhor maneira possível as provações que vos tocaram, que desempenhar a missão de que fostes incumbidos, a fim de regressardes à vossa pátria e poderdes prestar boas contas de vossos atos àquele que vos enviou.

Não vos deixeis deslumbrar pelos bens perecíveis. Qualquer que seja a luz que os cerque, eles são uma fonte de trevas para o vosso Espírito. Aquela luz desaparecerá com eles e vos achareis perdidos na escuridão de uma existência balda das vaidades terrenas e sem abrigo diante do Senhor.

Vosso tesouro se encontra junto de Deus, detentor de todas as graças, não o esqueçais. Compenetrando-vos desta idéia, vossos sentimentos se inclinarão sempre para ele, todas as vossas ações irão ter a seus pés, todos os vossos pensamentos se elevarão ao seu trono e o vosso coração estará perto do vosso tesouro, estando perto do vosso Deus, fonte de todos os bens.

Estas palavras

"Pequenino rebanho, nada temais, porquanto aprouve ao vosso pai dar-vos o seu reino"

eram endereçadas *aos primeiros discípulos,* poucos em número, *atenta a tarefa a desempenhar,* mas Espíritos devotados e que marchavam segundo os desígnios do Senhor.

Dirigem-se também aos primeiros espíritas, cujo número é igualmente diminuto para a tarefa a desempenhar, mas, como aqueles, *Espíritos devotados e que marcham segundo os desígnios do Senhor.*

Essas palavras vos concitam, como concitavam os primeiros discípulos, a ter confiança em Deus, a esperar o cumprimento de suas promessas.

Estas outras palavras do Mestre

"Vendei o que possuis e distribui-o em esmolas; provei-vos de

bolsas que o tempo não estrague; amontoai no céu um tesouro que uso não se esgota nunca, do qual não se aproxima o ladrão e que as devem ser traças não roem”

não significam que devais despojar-vos de todos os bens humanos e que só assim podereis chegar a Deus, não. Tal interpretação, *conforme* à *letra,* mas não *conforme ao espírito,* levaria a conseqüências absurdas, ao mesmo tempo que contrárias a todos os ensinamentos do Mestre.

Elas significam que a posse e uso, pelo homem, dos bens terrenos devem ser isentos *de egoísmo* e santificados *pela caridade;* que as boas obras de ordem material, de ordem moral e intelectual, assim praticadas, constituem as *únicas* riquezas imperecíveis, isto é, que as riquezas espirituais são as *únicas* que, como elementos de progresso moral e caminho para a perfeição, aproximam de Deus o homem.

LUCAS, Cap. XII, v 13-21

A avareza. - Rico exclusivamente preocupado com as coisas da terra. - Rico em Deus

V. 13. Disse-lhe então um homem, do meio da multidão: Mestre, dize a meu irmão que divida comigo a herança. - 14. Jesus, porém, respondeu: Homem, quem me constituiu vosso juiz ou partidor? - 15. Depois acrescentou: Cuidado, preservai-vos de toda a avareza, porque a vida de cada um não está na abundância dos bens que possua. - 16. Em seguida, disse-lhes esta parábola: Havia um homem riquíssimo cujas terras produziram abundantes frutos; - 17. e que pensava consigo mesmo: que hei de fazer, não tendo onde guardar o que colhi? - 18. Disse afinal: farei isto: demolirei os meus celeiros, construirei outros maiores e aí amontoarei toda a minha colheita e os meus bens; - 19, e direi à minh'alma: alma, tens de reserva para longos anos muitos bens; repousa, come, bebe, regala-te. - 20. Mas, Deus disse a esse homem: Insensato, esta noite mesma virão demandar tua alma e as coisas que entesouraste de quem serão? - 21. Assim acontece àquele que entesoura para si e que não é rico em Deus.

N.94. Jesus não viera para reinar sobre o mundo perecível, nem para promulgar leis materiais.

Qual era o fim da sua missão? - desprender *da matéria* homens *materiais,* quebrar-lhes os ídolos carnais, para lhes elevar os Espíritos. Cumpria-lhe, portanto, bater com força, pois que suas pancadas ainda não repercutiam senão muito fracamente.

Tais o sentido, *segundo o espírito,* e o objetivo desta parábola.

Estais hoje mais adiantados e, no entanto, quantas vezes nos vemos obrigados a repetir com Jesus: amontoai vosso tesouro lá onde a ferrugem não corrói,

onde os vermes não devoram, onde os ladrões não roubam!

Quantos dentre vós, apesar de todos os nossos cuidados, apesar de lhes ser pregado todos os dias o Evangelho, só em suas riquezas confiam, amontoando tesouros de lama e enterrando-se neles até aos olhos!

Pensai na vossa alma, porquanto esta noite mesma a morte pode vir surpreender-vos. Sede, no momento que a alma vos for arrebatada, ricos em Deus pela prática constante do amor e da caridade, esforçando-vos, a todas as horas, a todos os instantes, por vos libertardes das influências da matéria, dos desejos e apetites materiais com que vos tentam a sensualidade, o orgulho, o egoísmo, a avareza, na conformidade das vossas tendências naturais.

MATEUS, Cap. VI, v. 24-34.

- *LUCAS,* Cap. XVI, v. 13-15, e Cap. XII, v. 22-31

Servir a Deus e não a Mamon. - Nada de preocupação exclusiva com as coisas materiais. - Confiar em Deus, procurando os caminhos que levam a ele.

MATEUS: V. 24. Ninguém pode servir a dois senhores, porque, ou odiará a um e amará o outro, ou se submeterá a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamon. - 25. Eis porque vos digo: não vos inquieteis pelo que comereis para o sustento da vossa vida, nem com que vestireis o vosso corpo. A vida não é muito mais do que o alimento e o corpo muito mais do que as roupas? - 26. Vede as aves do céu: não semeiam, não ceifam, não enchem celeiros e, entretanto, vosso Pai celestial as alimenta. Não sois muito mais do que elas? - 27. E qual de vós pode, pelo seu engenho, acrescentar um côvado à sua estatura? - 28. E com as vestes, porque vos inquietais? Considerai como crescem os lírios do campo: não trabalham, nem fiam. - 29. E eu vos digo que, no entanto, nem Salomão em toda a sua glória jamais vestiu como um deles. - 30. Se, pois, Deus cuida de vestir assim o feno dos campos, que hoje existe e amanhã será lançado ao forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé! - 31. Não vos inquieteis, pois, dizendo: que comeremos? - ou: que beberemos? ou: como nos vestiremos? -32, à semelhança dos gentios que se azafamam por essas coisas, porquanto vosso Pai sabe que delas precisais. - 33. Procurai primeiramente o reino de Deus e sua justiça e todas aquelas coisas vos serão dadas de acréscimo. - 34. Assim, não vos inquieteis pelo dia de amanhã, pois o dia de amanhã cuidara de si mesmo. Basta a cada dia a sua própria aflição.

LUCAS: V. 13. Nenhum servo pode servir a dois senhores, porque ou odiara a um e amará a outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamon.-14. Os fariseus, que eram avarentos, ouvindo-lhe todas estas coisas, zom-

bavam dele. - 15. Jesus lhes disse: Pondes grande cuidado em parecer justos aos homens; mas, Deus conhece os vossos corações; pois, o que é elevado aos olhos dos homens é abominação aos olhos de Deus.

XII, v. 22. E disse a seus discípulos: Portanto, eu vos digo: não vos inquieteis pela vossa vida, cuidando do que comereis, nem pelo vosso corpo, procurando com que o cubrais. - 23. A vida é mais do que o alimento e o corpo mais do que a roupa. - 24. Considerai os corvos: não semeiam, nem ceifam, não têm dispensa nem celeiro e Deus os sustenta. Não valeis mais do que eles? - 25. Mas, qual de vós o que, pelo seu engenho, possa aumentar um côvado à sua estatura? - 26. Se as menores coisas estão acima do vosso poder, porque vos haveis de inquietar pelas outras? - 27. Vede como crescem os lírios; não trabalham, nem fiam e, entretanto, eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, jamais vestiu como qualquer deles. - 28. Ora, se Deus veste dessa maneira o feno que hoje está nos campos e amanha será lançado no forno, quanto mais a vós, homens de pouquíssima fé! - 29. Não vos atribuleis, pois, pelo que haveis de comer ou de beber; não fique em suspenso o vosso espírito. - 30. As gentes do mundo é que procuram todas essas coisas; vosso Pai sabe que delas tendes necessidade. - 31. Procurai, portanto, primeiramente. o reino de Deus e a sua justiça e todas aquelas coisas vos serão dadas de acréscimo.

N. 95. Têm estas palavras de Jesus por objetivo afastar da matéria o homem, obrigá-lo a encarar frente o escopo que lhe cumpre atingir e que ele deve colocar acima de tudo: a vida eterna, isto é, a vida do Espirito puro, do Espírito que, tendo concluído todas as suas provas, chegou ao supremo grau de pureza, donde começa a compreender quem é Deus e a gozar, na eternidade, a vida espiritual, a vida espírita, aproximando-se cada vez mais do foco da onipotência, sem que, entretanto, como já o dissemos, chegue *jamais* a igualar-se à divindade.

Jesus falava a homens maculados por instintos grosseiros, tinha que combater naturezas rebeldes. Era, pois, obrigado a vibrar golpes que, só sendo muito violentos, lhes repercutiriam, ainda assim fracamente, nas almas endurecidas.

Ninguém deduza das suas palavras que o homem deva entregar inteiramente sua existência e seu futuro humanos aos cuidados exclusivos de Deus. Trabalhador que é, corre-lhe o dever de dar conta da sua tarefa. Sujeito, na sua qualidade de homem, às necessidades do gênero humano, está na obrigação de angariar pelo trabalho os meios de manter a sua existência humana, lembrando-se de que dia virá em que as forças faltarão ao operário.

Aquele, portanto, que puder armazenar *lealmente, sem quebra da sua integridade moral aos olhos do Senhor, os* grãos com que na velhice fabrique o seu pão, deve fazê-lo sem temor, enquanto a idade lho permita; fazê-lo com cuidado, sem desperdiçar a menor parcela, pois terá que prestar contas aos irmãos que não conseguiram mais do que catar algumas espigas para o sustento diuturno e que necessitarão de uma parte dos grãos que o Senhor lhe permitiu colher abundantemente.

Trabalhai de acordo com as vossas forças e os vossos meios e pensai sempre nos que não puderam ou não podem mais fazê-lo. Deus abençoa os corações puros e as boas intenções.

Não podeis servir a Deus e a Mamon. Mamon era uma divindade que os povos antigos adoravam, feita de prata ou de ouro, principalmente de ouro, representando mais ou menos o que representava o Júpiter dos romanos, isto é, os vícios da humanidade com todo o seu cortejo, o que explica o pensamento de Jesus: “Não *podeis servir* a *dois senhores ao mesmo tempo”.*

Não podeis viver a vida que agrada a Deus, praticando os desregramentos a que vos arrasta a vida mundana. Não podeis ter ao mesmo tempo em vossa alma - o amor e o egoísmo; a caridade e a avareza; o desprendimento e a cólera; a mansidão, a humildade de espírito, a simplicidade do coração e o orgulho; a atividade pelo trabalho material e a preguiça; a bondade para todos e o gosto do assassínio e das violências. Ou amareis a um e odiareis a outro, ou servireis a este e desprezareis aquele.

Quem *se consagra* aos bens terrenos não pode praticar o desprendimento que o progresso espiritual exige.

Aos fariseus dos vossos dias, luxuosos, orgulhosos, avarentos, que zombam das nossas palavras, dizemos, como disse Jesus aos fariseus de outrora: *Pondes muito cuidado em* parecer *justos perante os homens, mas Deus vos conhece os corações; e* o *que é grande aos olhos dos homens é abominável aos olhos de Deus".* Quer dizer: geralmente, a riqueza, a glória, o orgulho, por eles divinizados, são o que os homens consideram elevado e vós sabeis que o Senhor ama os de espírito humilde, os de coração simples e bondoso.

As palavras de Jesus, constantes dos v. 25-26 e 28-34 de Mateus e dos v. 22-24 e 28-30 de Lucas, na linguagem oriental apropriada às inteligências da época, eram particularmente dirigidas aos que, totalmente preocupados com as riquezas materiais, nada vêem além delas e nada fazem que não seja o que lhes possa melhorar o bem-estar e aumentar a fortuna; aos que cultivam o corpo como planta preciosa e descuram da alma, único bem que deveram vigiar atentamente. Jesus falava a homens materiais cúpidos. Precisava ser enérgico para que alguma coisa ficasse do que dizia. Seus ensinamentos atingiam sempre a chaga que ele queria cauterizar.

Por aquelas palavras, o Mestre reconduz o ho-

mem ao seu ponto de partida - Deus, que, criador de todas as coisas, vela, com igual solicitude, por tudo o que lhe saiu das mãos, dando a cada um o que lhe é necessário. Assim é que dá *à matéria* o alimento *material, ao Espírito* o alimento *espiritual.* Releva, porém, acentuar bastante aqui, tal a disposição constante no homem para ultrapassar a meta que se lhe indica, que Jesus não aconselha aos seres dotados de razão que esperem inativos praza ao Senhor alimentá-los, como alimenta os pássaros e vesti-los como veste os lírios.

É dever do homem confiar no Senhor, certo de que ele proverá ao que lhe for preciso, ao que for para seu bem; mas, cumpre, do mesmo passo, que empregue *suas faculdades, sua atividade, sua energia,* em alcançar, pelo trabalho, a proteção de Deus.

O lírio aguarda no seio da terra que o Senhor, desenvolvendo-o, lhe prepare a roupagem que o fará brilhar aos olhos dos humanos e lhe outorgará o cetro de rei das flores dos campos. O homem deve esperar que a vontade de Deus desenvolva nele as virtudes que o farão brilhar aos olhos de seus irmãos, mas deve esperá-lo *em atividade.* Deus ajuda a quem trabalha. Não procureis, pois, nas palavras de Jesus um pretexto para *a fatalidade,* ou para *a incúria.*

Apreendei igualmente bem o sentido destas outras palavras:

"Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porquanto o dia de amanhã cuidará de si mesmo; - a *cada dia basta* a *sua própria aflição.*

O que se deve deduzir delas, *conforme ao espírito que vivifica* e não *conforme à letra que mata, é* que Jesus condena o excesso de cuidados com a vida e não

a necessidade. Importa que o homem cuide de manter a sua existência. Ele não pode e não deve ser menos previdente do que certos animais no tocante ao futuro, mas, também, não deve concentrar todos os seus pensamentos, todos os seus desejos na acumulação dos bens mundanos. Cumpre-lhe ser previdente, porém, nunca, ambicioso. Se, mau grado à sua previdência, o futuro lhe falha, confie no Senhor, que sabe o que convém a cada um e permite que *a provação purifique a criatura e assim a torne digna do Criador.*

"Qual de vós, disse Jesus, pode, com toda a sua inteligência, com todos os seus cuidados, aumentar de uma polegada a altura do seu talhe? Se, pois, as menores coisas estão acima do vosso poder, porque vos haveis de inquietar pelas outras?"

Eis, *em espírito e verdade,* o sentido e o alcance destas palavras: O homem não deve pretender *à* viva força mudar a face aos acontecimentos que Deus prepara. Deve, ao contrário, fazer tudo o que estiver ao seu alcance para torná-los úteis à sua salvação e glorificadores de Deus. Nunca deverá tentar desnaturá-los. Uma vez realizados, não tem que dizer: "Se eu houvera procedido desta ou daquela maneira, isto não sucederia". E mister veja no fato ocorrido *uma conseqüência da sua posição na terra, um efeito das suas provações,* ou *um corolário das suas fraquezas que ocasionaram a falta, a imprudência ou a negligência,* e reconheça que Deus tudo dirige e governa sempre visando o bem *futuro* do Espírito encarnado.

"Buscai", disse ainda o Mestre, "primeiramente" o *reino de Deus e a sua justiça e* o *resto será dado de acréscimo."*

O dever primordial do homem é viver segundo as vontades do Senhor, por isso que, uma vez que en-

verede pela senda da pureza, atrairá sobre si as bênçãos do pai celestial, bênçãos que receberá na sua significação real. Não se trata de bênçãos materiais, úteis unicamente ao que há de perecível em vós, ao que mais vos inquieta e sim de bênçãos abundantes que concorrerão para vos purificardes mais e mais, fazendo-vos compreender que os sofrimentos, as dores corporais são outras tantas bençãos do Senhor, pois que vos depuram o Espírito, rompem os laços que o encadeiam à Terra e lhe permitem, mesmo durante a miserável existência terrena, encaminhar-se para as regiões da felicidade eterna.

Quando a humanidade tiver chegado ao grau de pureza moral que há de adquirir, *as questões relativas, às* leis morais conforme vo-las explicam os Espíritos do Senhor, às leis de *adoração, trabalho, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade, justiça, amor e caridade,* se resolverão facilmente, porque os bens, tanto materiais, como morais e intelectuais, não mais pertencerão a *este ou àquele,* visto que cada um será por todos e todos serão por um. Quer isto dizer que os filhos do pai celestial viverão como membros de uma grande família, unidos pelo desejo de se auxiliarem mutuamente e auxiliando-se de modo eficaz. Longe, porém, ainda muito longe vêm esses tempos! Assim, não tenteis introduzir prematuramente, em vossos costumes e leis, mudanças que hão de ser fruto da que se operará nos vossos corações, trazendo consigo, pela prática da solidariedade e da fraternidade, o desenvolvimento das inteligências, da instrução, da ciência e do amor, o bem-estar moral e, conseguintemente, o bem-estar material.

Disse também Jesus: *"A cada dia basta a sua aflição, o seu labor".*

Lavradores de almas, conduzis a charrua por ingratos terrenos. Nós preparamos a semente e somos obrigados a escolhê-la com cuidado, porquanto em bem poucos lugares pode germinar.

Esperai, porém, que a hora da colheita soe. O Senhor chamará então seus trabalhadores operosos. Dos quatro cantos do vento retumbará a trombeta e os obreiros diligentes poderão admirar as numerosas espigas que semearam nos sulcos feitos pelo arado. Coragem! coragem! os tempos chegarão!

Sim, que Jesus disse: *"O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão".* Nenhuma só das palavras que de seus lábios saíram deixará de cumprir-se; mas, para o Senhor, o tempo não tem limites, como não tem mesmo para vós. Quando houverdes transposto a barreira que vos detém; quando, transpondo-a, vos afastardes da morada da matéria, de regresso à vossa verdadeira pátria, apreciareis os progressos da humanidade, tendo debaixo da vista, de um lado, a revelação do Cristo e, de outro, o cumprimento integral dessa revelação.

LUCAS Cap. XVI, v. 19-31

Parábola do mau rico e do pobre paciente e resignado

V. 19. Havia um homem rico que se vestia de púrpura e finíssimo linho e se banqueteava magnificamente todos os dias. -20. Havia também um pobre mendigo chamado Lázaro, que jazia coberto de úlceras à porta do rico, - 21, e que bem quisera saciar-se com as migalhas que caíam da mesa deste, mas ninguém lhas dava: e os cães vinham lamber-lhe as chagas. - 22. Ora, aconteceu que o mendigo morreu e foi transportado pelos anjos ao seio de Abraão. O rico morreu também e teve o interno por sepultura. - 23. Quando este, dentre os seus tormentos, levantou os olhos e ao longe viu Lázaro no seio de Abraão, - 24, disse em gritos estas palavras: Pai Abraão, tem piedade de mim e manda-me Lázaro para que, molhando n',gua a ponta do dedo, me refresque a língua. pois sofro tormentos nestas chamas. - 25. Mas, Abraão lhe respondeu: Meu filho, lembra-te de que recebeste bens em tua vida e de que Lázaro só teve males; por isso ele agora é consolado e tu és atormentado. - 26. Demais, grande abismo existe entre nós e vós; de modo que os que querem passar daqui para lá não o podem, como também não se pede passar de lá para cá. - 27. Disse o rico: Eu então te suplico, pai Abraão, que o mandes a casa de meu pai, -28, onde tenho cinco irmãos, para lhes dar testemunho destas coisas, a fim de que eles não venham a cair neste lugar de tormentos. - 29. Abraão lhe retrucou: Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem. - 30. Não, pai Abraão, disse o rico, se algum dos mortos lhes for falar, eles farão penitência. - 31. Abraão respondeu: Se não escutam nem a Moisés, nem aos profetas, não acreditariam do mesmo modo, ainda que algum dos mortos ressuscitasse.

N. 96. O rico, de coração duro e egoísta, sofre o castigo de suas faltas, tem *assim* por sepultura o inferno, ao passo que o desgraçado, resignado e paciente, recebe a recompensa de suas dores.

O castigo há que seguir seu curso. Só o arrependimento lhe pode abreviar a duração.

Por mais esforços que faça, não logra o justo deter a justiça do Senhor, enquanto o culpado não se houver arrependido. E, no caso, o rico sofria, mas não se arrependera.

A solicitude que manifestava para com os irmãos provinha do desejo de que estes evitassem a causa daqueles sofrimentos; não era fruto do arrependimento. No apelo que faz, há um pedido, não há pesar. Lázaro, no seio de Abraão, continua a ser para ele o pobre, o homem do povo, servo nato do rico, *mesmo no inferno,* isto *é, mesmo quando o rico está sofrendo o castigo.*

Repassado de infantil simplicidade, apropriado aos tempos, composto em termos imaginosos, de natureza a ferir e impressionar as inteligências da época, aquele diálogo visava os que se achavam em condições de compreendê-lo; mas, *é* também dirigido a vós outros que julgais a vossa inteligência muito acima de tal linguagem.

Por ele se vos diz: Homens, não caveis um abismo entre vós e o pobre a quem repelis, porquanto, se ele suportar o vosso desprezo resignadamente, com fé e coragem, terá a sua recompensa, ao passo que tereis de pagar a dureza e a secura do vosso coração. E, enquanto perseverardes nesse endurecimento, intransponível será para ambos o abismo que vos separe. Só o arrependimento lançará sobre este uma ponte pela qual vos podereis reunir.

Qual, *conforme* ao *espírito,* a explicação dos versículos 27-31?

A linguagem do rico na parábola (v. 27, 28 e 30) *é* a prova e, ao mesmo tempo, a sanção da crença

dos JuDeus na comunicação dos homens com as almas dos mortos, com os Espíritos.

As duas respostas de Abraão ao rico mostram ser absolutamente inútil, para demover os sistematicamente incrédulos, toda e qualquer comunicação de além-túmulo. Efetivamente, que valor a aparição do pobre teria para os irmãos daquele rico, imbuídos das mesmas opiniões e do mesmo egoísmo que ele, como se depreende da parábola? Acusá-lo-iam de continuar a importuná-los, até depois de morto. Varreriam do pensamento a aparição, do mesmo modo que da vista repeliam o homem, sobretudo sendo aquela ainda mais aborrecida.

Acresce que, de par com a incredulidade sistemática, também a incredulidade filha do endurecimento leva o homem a negar as comunicações de além-túmulo, por isso que estas lhe trazem revelações ameaçadoras da segurança que ele se empenha em manter e lhe impõem reformas urgentes, quando o que lhe apraz é seguir o curso das suas paixões.

Que esses procurem primeiro aplicar a si próprios a lei, a fim de se submeterem a ela.

Em nome do Catolicismo se diz: Tendes o Evangelho e a Igreja, porque procurar outra coisa?

Os que falam *assim parodiam* o que disse Jesus (v. 29 e 31 da parábola). Quando punha na boca de Abraão estas palavras: *"Eles têm Moisés e os profetas: que os escutem"* - o que o Mestre dizia era: "Tendes *a lei e os profetas"* isto é, "tendes o amor universal para vos guardar; tendes, para vos guiar, o exemplo dos que o praticaram". Os que vos concitam a reportar-vos aos Evangelhos fizeram destes *letra morta.* Eles deixaram de ser a lei, porquanto, da prática a que os submeteram os que assim falam,

desapareceu o amor imenso que se estende por sobre todos indistintamente, que a ninguém repele, que dá alento a todos os fracos e arrebanha todas as ovelhas desgarradas, sem se preocupar com o caminho por onde venham.

O amor - eis a lei, os Evangelhos; a prática do amor - eis os profetas, os intérpretes dos Evangelhos. Os que do amor se afastam não obedecem à lei que pretendem impor aos outros.

Por terem, os que vos apontam os Evangelhos, feito deles *letra morta, é* que, nos tempos preditos, quando a abominável desolação impera no lugar santo, exatamente onde não devera existir, o Senhor envia o Espírito da Verdade para, por uma difusão geral *do espírito* reconduzir os homens à prática do amor, *à* pureza e *à* simplicidade da sublime moral do Mestre, para os conduzir à verdade, pois que o progresso é lei da Natureza.

Tomando a parábola *ao pé da letra,* dizem: "Todo o pensamento desta parábola está no v. 15 do capítulo XVI: *"Pois* o *que* é *elevado aos olhos dos homens,* é *abominável para Deus".* Com efeito, o rico tem o inferno por sepulcro (v. 22); Deus o abomina unicamente por ser ele grande perante o mundo; e o pobre é agradável a Deus, "está no seio de Abraão", unicamente por ser pequeno perante o mundo. Não se diz ali que o rico usou mal das suas riquezas, nem que o pobre fez bom uso da sua pobreza, mas que o rico recebeu os seus bens em vida e que a Lázaro só males couberam. É o que implicitamente se nos depara nestas palavras de Lucas, no começo do sermão do monte: *"Ai de vós, ricos, que tendes a vossa consolação* neste mundo; - *ai de vós, que estais saciados, pois que tereis fome: - ai de vós, que agora rides, pois que sereis condenados ao pranto e às lágrimas".* (LUCAS, VI, v. 24-25).

Este sentimento de animosidade contra a riqueza, essa reprovação do rico se desenvolveu no Cristianismo, ao mesmo tempo que se alargou sua luta contra o mundo, mas o *pensamento mesmo* do

seu fundador é *diferente: "Buscai* primeiramente o *reino de Deus e a sua justiça* e todas as coisas vos serão dadas de acréscimo." (Mateus, VI, v.33).

Os que usam desta linguagem, tendo razão do ponto de vista das falsas interpretações dadas às palavras do Mestre, se enganam redondamente quanto ao sentido e ao objetivo, *segundo o espírito,* segundo *o pensamento* de Jesus, intencionalmente velado *pela letra,* quer da parábola, quer dos textos que citam e que já vos explicamos *em espírito e verdade.*

A falsa interpretação das palavras do Mestre produziu bons frutos a seu tempo. A violência mesma dessa interpretação concorreu para que os prevaricadores, os avaros e os egoístas se despojassem de seus bens, com o propósito de evitarem o castigo e de darem *exemplos* de desprendimento, que *mais tarde seriam mais bem compreendidos.*

Quando se tem que abater uma árvore secular, não é de um canivete que se lança mão, mas de um machado manejado por vigoroso pulso. Quando se tem de destruir paixões más, fundamente enraizadas, não é com palavras brandas e sem alcance que se há de consegui-lo. Será preciso vibrar golpes violentos que repercutam no coração. As palavras de Jesus eram sempre medidas para o efeito de produzirem frutos imediatos e *prepararem* as colheitas vindouras. Mesmo o que considerais desvios resultantes de falsas interpretações não foi mais do que o trabalho profundo da charrua em terras duras, forçando-as a produzir, a fim de que a cultura as possa, ao cabo de certo tempo, amolecer, destorroar e tornar férteis em frutos mais doces e mais saborosos.

Reportem-se os que formulam aquelas objeções à explicação, *conforme ao espírito,* que vimos de dar da parábola em questão; atendam a que "a *letra* mata e o *espírito* vivifica", a que as palavras de Jesus são *"espírito e vida"* e que se encadeiam formando um conjunto harmonioso - e compreenderão.

Qual é, *segundo* o *espírito,* o sentido do v. 26?

Alusão à impossibilidade que há, para o Espírito, de deter o curso da justiça divina.

As palavras desse v. 26, veladas pela *imagem material* e pela *letra,* significarão, de acordo com a ciência e a verdade espíritas, que os bons Espíritos não se podem acercar dos Espíritos culpados, enquanto não há, da parte destes, arrependimento - e, reciprocamente que os Espíritos culpados não se podem elevar às regiões em que se acham os bons Espíritos e acercar-se destes?

Não; os Espíritos superiores não entram em contacto com os Espíritos inferiores que sofrem punição, mas os bons Espíritos, de menor elevação, os cercam, conservando-se, *entretanto,* invisíveis. Quanto aos Espíritos inferiores, esses nunca podem elevar-se às regiões ocupadas pelos bons Espíritos, sem que um arrependimento sincero os ponha em condições de experimentarem a influência direta de seus protetores e sem que lhes tenha sido permitido acompanhar os bons Espíritos com o propósito de se instruírem e progredirem.

MATEUS, Cap. VII, v. 1-6.

MARCOS, Cap. IV, v. 24.

LUCAS, Cap. VI, v. 37-38, 41-42

Não julgar os outros. - O argueiro e a trave. - Não dar aos cães as coisas santas

MATEUS: V. 1. Não julgueis, a fim de não serdes julgados; - 2, porquanto sereis julgados conforme houverdes julgado os outros; com a medida com que medirdes sereis medidos, - 3, Como é que vês um argueiro no olho do teu irmão e não percebes a trave no teu? - 4, Ou como é que dizes a teu irmão: - 5, Deixa-me tirar um argueiro do teu olho, quando tens no teu uma trave? - 6. Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então verás como podes tirar o argueiro do olho do teu irmão. - 6. Não deis aos cães as coisas santas, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não suceda que as pisem, se voltem contra vós e vos estraçalhem.

MARCOS:V, 24. Dizia-lhes: Atentai no que ides ouvir: Sereis medido com a mesma medida com que medirdes os outros e ainda se vos acrescentará.

LUCAS: V. 37, Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados, perdoai e sereis perdoados; - 38, dai e se vos dará e no vosso regaço será derramada uma boa medida, cheia, atestada, a extravasar; porquanto, para vos medir servirá a mesma medida com que houverdes medido os outros, - 41. Como é que vês o argueiro que está no olho do teu irmão e não percebes a trave que está no teu olho? - 42. Ou, como é que podes disser a teu irmão: Meu irmão, deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho, tu que não vês a trave que está no teu? Hipócrita, tira primeiramente a trave que está no teu olho e então verás como tirar o argueiro que está no olho do teu irmão.

N. 97. O ensino que resulta destas palavras de Jesus facilmente se apreende e não demanda desenvolvidos comentários.

Penetre o homem no seu íntimo, antes de proferir juízo sobre seus irmãos; faça exame de consciência;

compenetre-se do seu próprio valor; inquira de si mesmo o que responderia se houvesse de ir à presença do juiz; e a sua indignidade lhe mostrará a indulgência de que deve usar com seus irmãos. Lembre-se destas palavras e as ponha em prática. *"Perdoai-nos como nós perdoamos".*

"ATENTAI *no que ides ouvir. Sereis medidos com a mesma medida com que medirdes os outros. E ainda se vos acrescentará".*

Jesus, dirigindo estas palavras a seus discípulos e a todos os homens, os exortava a se instruírem, a não julgarem levianamente. Quem for ignorante e quiser julgar seus irmãos procederá sempre com severidade, por não compreender *a causa* dos atos destes e não ser capaz de *os* pesar. Ora, aquele que julgar com severidade, do mesmo modo será julgado.

"E ainda se vos acrescentará" querem dizer: quanto mais esforços fizerdes para vos aproximar do Mestre, tanto mais o Mestre se dignará de descer até vós. Elas não se ligam às que as precedem. Não se ligam significando que aquele que houvesse julgado severamente seus irmãos seria por sua vez julgado com severidade maior do que a de que usara, não. Não foi para exprimir esse pensamento que Jesus as pronunciou. Sereis medidos, isto é, julgados, pela maneira por que houverdes julgado os vossos irmãos, mas também graças vos serão concedidas em relação com os esforços que houverdes feito para merecê-las. Elas só se referem às graças que o homem pode merecer ou não, conforme aos esforços que faça para alcançá-las, ou à negligência que ponha em progredir.

Deveis ser caridosos; deveis perdoar aos vossos irmãos as ofensas que vos tenham feito, como pedis que sejam perdoadas as vossas.

Se, pois, não perdoardes, se não usardes de indulgência para com os vossos irmãos, como podeis esperar que vosso pai que está nos céus use de indulgência para convosco? Tê-la-eis merecido? Não tereis transgredido suas leis? Não vos terá faltado a caridade e o amor que sem cessar vos pregamos e que constituem a base *única* sobre que podeis edificar?

Perdoai, portanto, se quiserdes ser perdoados; não julgueis os vossos irmãos, porque também haveis de ser julgados por um juiz íntegro que lê no fundo dos corações e vê todas as paixões miseráveis que aí se agitam. Não julgueis o vosso irmão, vós que não vedes mais que a superfície, porquanto, se a superfície nele vos parece turbada, o fundo pode estar puro aos olhos de Deus, ao passo que, em vós, talvez esteja impuro.

Tira primeiramente a trave do teu olho e então verás como tirar o *argueiro do olho de teu irmão."*

Começai por expurgar as vossas almas de todos os vícios, de todos os maus instintos que as devoram; tomai os vossos corações puros aos olhos de Deus. *Depois então,* quando fordes perfeitos, podereis censurar. Podereis, mas não o fareis, porque a perfeição das vossas almas vos terá aproximado daquele que, perfeição completa, disse: *"Atire a primeira pedra o que dentre vós estiver sem pecado"* e que, isento de qualquer pecado, acrescentou: "*Vai e não peques mais".*

"Não deis aos cães as coisas santas e não *lanceis vossas pérolas aos porcos, para que não aconteça que, depois de as pisarem, vos estraçalhem".*

Compenetrai-vos bastante, *em espírito e verdade,* dessas palavras que Jesus dirigiu aos que então eram seus discípulos e aos que seriam no futuro e da

aplicação que deveriam ter, no tocante ao ensino e à propagação da palavra evangélica, e que devem ter na época presente da nova revelação.

As circunstâncias em que vos achardes, o meio em que falardes é que vos deverão inspirar a conduta a seguir. Sondai o terreno, preparai-o e, se descobrirdes um sinal de fertilidade, por menor que seja, lançai a semente com prudência e precaução. Depois, cultivai-a cuidadosamente, auxiliando-lhe o desenvolvimento. Se, ao contrário, o terreno vos parecer árido e ingrato, encerrai-vos no silêncio. Dai a compreender que não quereis falar. A recusa, em tal caso, excita a curiosidade em certas naturezas e pode desenvolver o *desejo* de saber. *Se isto suceder,* devotai-vos à obra e consagrai-vos aos que a princípio vos repeliram. Estendei os braços às ovelhas desgarradas, ide em socorro das que estiverem perdidas, reconduzi ao Senhor o pequeno rebanho que conseguirdes reunir. O Mestre recompensa generosamente os obreiros vigilantes. A fortuna de haverdes salvo irmãos vossos da incredulidade, do desânimo, da negação, vos recompensará para entrar nas alegrias da eternidade.